



**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin)**  
**Mestrado em Estudos da Linguagem (MEL)**

**ANA ELITA ANDRADE MANSO**

**ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO DISCURSO CRISTÃO: A**  
**INTERDISCURSIVIDADE EM PREGAÇÕES CATÓLICAS E EVANGÉLICAS**

**ACARAPE**

**2026**

ANA ELITA ANDRADE MANSO

**ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO DISCURSO CRISTÃO: A  
INTERDISCURSIVIDADE EM PREGAÇÕES CATÓLICAS E EVANGÉLICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito à obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Linha: Linguagem: práticas textual-discursivas.

Orientadora: Profa. Dra. Otávia Marques de Farias

ACARAPE

2026

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Sistema de  
Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Manso, Ana Elita Andrade. M249a

Ansiedade e depressão no discurso cristão: a interdiscursividade em  
pregações católicas e evangélicas / Ana Elita Andrade Manso. - Acarape,  
2026.

196f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de  
Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2026.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Otávia Marques de Farias.

1. Saúde mental - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2.  
Pregação. 3. Análise do discurso. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.41

---

ANA ELITA ANDRADE MANSO

ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO DISCURSO CRISTÃO: A INTERDISCURSIVIDADE  
EM PREGAÇÕES CATÓLICAS E EVANGÉLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito à obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem. Linha: Linguagem: práticas textual-discursivas.

Aprovada em: 29/04/2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Otávia Marques de Farias (Orientadora)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Profa. Dra. Patrícia Aparecida de Aquino  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria de Andrade Manso (*in memoriam*), professora que me ensinou a valorizar o aprender; que me incentivou a crescer e a reconhecer o meu próprio valor; que me orientou nos caminhos da humildade e do respeito; que iluminou minha vida com princípios e sentimentos voltados para o bem; e que plantou em mim a semente da fé em Deus, o que me sustenta e me fortalece na vida.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma construção de muitas vozes e perspectivas que se atravessam em torno do fazer acadêmico.

Neste texto encontra-se a contribuição especial de minha orientadora, a professora Dra. Otávia Marques de Farias, a quem agradeço por todo suporte, compreensão e aprendizado.

Ao professor Dr. Kennedy Cabral Nobre agradeço pelo olhar acurado e generoso, pelos pareceres tão preciosos e pela condução serena que ensina e acolhe.

Às professoras Dra. Patrícia Aparecida de Aquino e Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas, muito obrigada pelas valiosas contribuições que ampliaram os horizontes desta pesquisa a partir de uma visão mais crítica e atenta.

Ao meu esposo Wedney, companheiro em tudo, minha gratidão por sempre acreditar que eu seria capaz, pelo incentivo constante em meu progresso e, sobretudo, pela compreensão com minhas limitações, sendo suporte essencial nesse processo.

À minha família, em nome do meu irmão Carlos, aquele que abriu caminhos e é exemplo da jornada acadêmica, agradeço a torcida na conclusão de cada etapa e por serem lugar de acolhimento e afeto.

Aos colegas de mestrado, obrigada pelo compartilhamento de aprendizados, inseguranças e alegrias nesse caminho tão desafiador para todos nós. Em especial, agradeço a Deborah, companheira das idas e vindas entre Baturité e Acarape e das comemorações pós-qualificações, nossas conversas sempre traziam alívio e ânimo para prosseguir.

A Angela, amiga preciosa, minha gratidão pela escuta carinhosa, por tantas palavras de incentivo, por acreditar e vibrar a cada momento superado.

À Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, agradeço pelo apoio e incentivo à pesquisa, e pela concessão do afastamento de minhas atividades como servidora da instituição, fundamentais para a efetivação desta pesquisa.

Meus agradecimentos ainda ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, por meio de seus servidores técnicos e docentes, por todo suporte administrativo e pelas contribuições acadêmicas significativas nessa trajetória.

A todos aqueles que, citados aqui ou não, se alegram por mim e comigo, muito obrigada!

Por fim, agradeço a Deus pela fé que me sustenta e me ajuda a prosseguir.

## RESUMO

Considerando o aumento da incidência dos transtornos mentais, a relevância social do discurso religioso no contexto brasileiro e a lacuna existente nos estudos linguísticos que articulem saúde mental e religião, esta pesquisa tem como objetivo compreender como os discursos sobre ansiedade e depressão são construídos em pregações religiosas cristãs e investigar quais efeitos de sentido emergem ali. Para tanto, analisamos o espaço constituído pelos discursos católico e evangélico, com foco nas relações interdiscursivas que atravessam esses dizeres. O *corpus* é composto por oito pregações cristãs, selecionadas de modo a garantir proporcionalidade entre as temáticas da ansiedade e da depressão e entre os segmentos católico e evangélico, publicadas em canais dessas vertentes na plataforma YouTube. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, fundamentada teoricamente na Análise do Discurso de linha francesa, com base nas contribuições de Dominique Maingueneau (1995, 1997, 2000, 2007, 2008, 2010, 2015), com destaque nas noções de primado do interdiscurso e de discursos constituintes. Parte-se do pressuposto de que os discursos religiosos sobre saúde mental não se constituem de forma isolada, mas se inscrevem em uma complexa rede interdiscursiva, na qual o discurso religioso se articula a outros discursos, tal como o médico-psicológico, produzindo, nessa interação, efeitos de sentido específicos sobre o sofrimento psíquico. Para a compreensão do funcionamento desses enunciados, foram caracterizados o gênero discursivo e a cena enunciativa, identificadas e descritas as regularidades linguístico-discursivas mais recorrentes, mapeadas as marcas de outros discursos e examinadas as modalidades pelas quais as relações interdiscursivas se estabelecem, seja por aliança, neutralidade aparente ou oposição. Os resultados revelam que o discurso religioso atua como instância de legitimação dos sentidos na abordagem da ansiedade e da depressão, ancorando-se na autoridade bíblica desde a abertura da cena enunciativa, compondo a cenografia de ambos os segmentos religiosos e produzindo efeitos de verdade e prescrição. A análise do *corpus* evidencia que o discurso outro é mobilizado de forma seletiva, subordinada ao enquadramento religioso. Também revela diferenças de cenografia e de tom enunciativo entre os segmentos católico e evangélico, embora, em ambos, se preservem elementos como a assimetria entre pregadores e público. Observa-se, nas análises, que a depressão é mais frequentemente significada como doença, enquanto a ansiedade tende a ser mais associada a problemas espirituais. As relações interdiscursivas evidenciam que o discurso religioso ressignifica vozes oriundas de posicionamentos médico-psicológicos, científicos e neoliberal segundo seu próprio fechamento semântico. Essa articulação assume caráter ambivalente, ora de aliança, mas principalmente de oposição, diante dos saberes clínico-científicos, bem como revela um alinhamento à racionalidade neoliberal, como quando o sofrimento emocional é associado à produtividade, ao trabalho, ao dinheiro, ao consumo, à estabilidade financeira e à responsabilização individual. Nessas interações discursivas é demonstrada a centralidade do discurso religioso, como um discurso constituinte, na regulação dos sentidos atribuídos à ansiedade e à depressão.

**Palavras-chave:** interdiscurso; saúde mental; pregações cristãs; discurso religioso; discursos constituintes.

## ABSTRACT

Considering the increasing incidence of mental disorders, the social relevance of religious discourse in the Brazilian context, and the existing gap in linguistic studies that articulate mental health and religion, this research aims to understand how discourses on anxiety and depression are constructed in Christian religious sermons and to investigate which effects of meaning emerge there. To this end, we analyzed the discursive space constituted by Catholic and Evangelical discourses, focusing on the interdiscursive relations that traverse these utterances. The *corpus* consists of eight Christian sermons, selected so as to ensure proportionality between the themes of anxiety and depression and between the Catholic and Evangelical segments, published on YouTube channels affiliated with these religious traditions. The research adopts a qualitative, descriptive-interpretative approach, theoretically grounded in the French tradition of Discourse Analysis, based on the contributions of Dominique Maingueneau (1995, 1997, 2000, 2007, 2008, 2010, 2015), with particular emphasis on the notions of the primacy of interdiscursivity and constitutive discourses. It is assumed that religious discourses on mental health are not constituted in isolation, but are inscribed within a complex interdiscursive network in which religious discourse articulates itself with other discourses, such as the medical-psychological one, thereby producing specific effects of meaning regarding psychological suffering. To understand how these utterances function, the discursive genre and the enunciative scene were characterized; the most recurrent linguistic-discursive regularities were identified and described; the marks of other discourses were mapped; and the ways in which interdiscursive relations are established were examined, whether through alliance, apparent neutrality, or opposition. The findings reveal that religious discourse acts as an instance of legitimation of meanings in approaches to anxiety and depression, grounding itself in biblical authority from the very opening of the enunciative scene, shaping the scenography of both religious segments and producing effects of truth and prescription. The analysis of the *corpus* shows that the other discourse is mobilized selectively, subordinated to the religious framing. It also reveals differences in scenography and enunciative tone between the Catholic and Evangelical segments, although, in both, elements such as the asymmetry between preachers and audience are preserved. The analyses show that depression is more frequently signified as an illness, whereas anxiety tends to be more closely associated with spiritual problems. The interdiscursive relations show that religious discourse resignifies voices derived from medical-psychological, scientific, and neoliberal positions according to its own semantic closure. This articulation takes on an ambivalent character, at times establishing alliances, but mainly opposition, in relation to clinical-scientific knowledge. It also reveals an alignment with neoliberal rationality, as when emotional suffering is associated with productivity, work, money, consumption, financial stability, and individual responsibility. In these discursive interactions, the centrality of religious discourse is demonstrated, as a constitutive discourse, in regulating the meanings attributed to anxiety and depression.

**Keywords:** interdiscourse; mental health; christian sermons; religious discourse; constituent discourses.

## LISTA DE QUADROS

|                                                                        |    |
|------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Identificação do <i>corpus</i> .....                        | 66 |
| Quadro 2 – Explicitação das marcas de transcrições aplicadas .....     | 68 |
| Quadro 3 – Síntese dos dados referentes aos vídeos das pregações ..... | 76 |
| Quadro 4 – Procedimentos de análise.....                               | 79 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Tela do perfil do canal Padre Adriano Zandoná .....             | 69 |
| Figura 2 – Tela da PCA1 .....                                              | 70 |
| Figura 3 – Tela da PCD1 .....                                              | 71 |
| Figura 4 – Tela do perfil do canal Padre Chrystian Shankar.....            | 71 |
| Figura 5 – Tela da PCA2 .....                                              | 72 |
| Figura 6 – Tela da PCD2 .....                                              | 72 |
| Figura 7 – Tela do perfil do canal Igreja Presbiteriana de Pinheiros ..... | 73 |
| Figura 8 – Tela da PEA1 .....                                              | 74 |
| Figura 9 – Tela da PED1 .....                                              | 74 |
| Figura 10 – Tela do perfil do canal Silas Malafaia Oficial .....           | 75 |
| Figura 11 – Tela da PEA2 .....                                             | 76 |
| Figura 12 – Tela da PED2 .....                                             | 76 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AD** – Análise do discurso

**CAPS** – Centros de Atenção Psicossocial

**CID** – Classificação Internacional de Doenças

**DiTeD** – Diálogos em Texto e Discurso

**DSM** – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (tradução para Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders)

**IPB** – Igreja Presbiteriana do Brasil

**IPP** – Igreja Presbiteriana de Pinheiros

**IPUSP** – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

**MEL** – Mestrado em Estudos da Linguagem

**OMS** – Organização Mundial da Saúde

**PCA1** – Pregação Católica Ansiedade enunciador 1

**PCA2** – Pregação Católica Ansiedade enunciador 2

**PCD1** – Pregação Católica Depressão enunciador 1

**PCD2** – Pregação Católica Depressão enunciador 2

**PEA1** – Pregação Evangélica Ansiedade enunciador 1

**PEA2** – Pregação Evangélica Ansiedade enunciador 2

**PED1** – Pregação Evangélica Depressão enunciador 1

**PED2** – Pregação Evangélica Depressão enunciador 2

**PPGLin** – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem

**SAMEDI** – Saúde Mental em Discurso

**SUS** – Sistema Único de Saúde

**UNILAB** – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

**TDDH** – Transtorno disruptivo da desregulação do humor

**TPM** – Transtorno disfórico pré-menstrual

## SUMÁRIO

|                                                                                                  |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                          | <b>14</b> |
| <b>1 DISCURSOS SOBRE SAÚDE MENTAL: ENTRE NORMALIDADE E PATOLOGIA .....</b>                       | <b>19</b> |
| 1.1 A CONSTITUIÇÃO DA PSIQUIATRIA E DA DOENÇA MENTAL COMO REGIME DE VERDADE .....                | 19        |
| 1.2 CLASSIFICAÇÕES PSIQUIÁTRICAS E DISPUTAS DE SENTIDO .....                                     | 25        |
| 1.3 CLASSIFICAÇÕES PARA OS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E DE DEPRESSÃO .....                         | 27        |
| 1.4 A LEGITIMAÇÃO ESTATÍSTICA: NÚMEROS, DIAGNÓSTICOS E DISCURSOS INSTITUCIONAIS .....            | 31        |
| <b>2. DISCURSO RELIGIOSO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO .....</b>                                       | <b>34</b> |
| 2.1 A RELIGIÃO NA DINÂMICA SOCIAL BRASILEIRA: CENÁRIO DE CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS CRISTÃOS ..... | 34        |
| 2.2 O ESPAÇO DISCURSIVO: DISCURSO CATÓLICO E DISCURSO EVANGÉLICO .....                           | 37        |
| 2.3 SOFRIMENTO PSÍQUICO NA BÍBLIA: SENTIDOS DE FÉ, PECADO E CURA .....                           | 40        |
| 2.4 O DISCURSO RELIGIOSO COMO PRÁTICA DISCURSIVA .....                                           | 43        |
| <b>3. CONCEITOS DE ANÁLISE DO DISCURSO .....</b>                                                 | <b>48</b> |
| 3.1 A CONSTITUIÇÃO DOS SENTIDOS – PRIMAZIA DO INTERDISCURSO.....                                 | 50        |
| 3.2 O INTERDISCURSO E SUA ORGANIZAÇÃO – AS INSTÂNCIAS DISCURSIVAS .....                          | 54        |
| 3.3 OS DISCURSOS CONSTITUINTES .....                                                             | 57        |
| <b>4 QUADRO METODOLÓGICO .....</b>                                                               | <b>62</b> |
| 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....                                                             | 62        |
| 4.2 GÊNERO DISCURSIVO .....                                                                      | 62        |
| 4.3 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....                                                          | 63        |
| 4.3.1 Pré-seleção e refinamento .....                                                            | 65        |
| 4.3.2 Codificação .....                                                                          | 66        |
| 4.3.3 Heterogeneidade das denominações religiosas cristãs .....                                  | 66        |
| 4.3.4 Procedimentos de transcrição.....                                                          | 67        |
| 4.3.5 Observação sobre as métricas de engajamento .....                                          | 68        |

|              |                                                              |            |
|--------------|--------------------------------------------------------------|------------|
| <b>4.3.6</b> | <b>Os canais católicos .....</b>                             | <b>69</b>  |
| 4.3.6.1      | <i>Canal Padre Adriano Zandoná .....</i>                     | 69         |
| 4.3.6.2      | <i>Canal Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar .....</i>      | 71         |
| <b>4.3.7</b> | <b>Os canais evangélicos .....</b>                           | <b>73</b>  |
| 4.3.7.1      | <i>Canal Igreja Presbiteriana de Pinheiros .....</i>         | 73         |
| 4.3.7.2      | <i>Canal Silas Malafaia Oficial .....</i>                    | 75         |
| 4.4          | PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....                               | 77         |
| <b>5</b>     | <b>“VENCENDO” OS TRANSTORNOS – A ANÁLISE DISCURSIVA.....</b> | <b>80</b>  |
| 5.1          | CONDIÇÕES DE ENUNCIÇÃO .....                                 | 80         |
| 5.1.1        | Cenas da enunciação .....                                    | 80         |
| 5.1.2        | As coerções do gênero pregação .....                         | 86         |
| 5.2          | AS REGULARIDADES DISCURSIVAS .....                           | 94         |
| 5.3          | A PRESENÇA DO OUTRO E DOS OUTROS .....                       | 122        |
| 5.4          | AS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS .....                           | 131        |
|              | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                             | <b>139</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                     | <b>145</b> |
|              | <b>APÊNDICES .....</b>                                       | <b>151</b> |

## INTRODUÇÃO

Questões relacionadas à saúde mental tornaram-se cada vez mais presentes na vida das pessoas, aparecendo de forma recorrente nas discussões cotidianas, nas políticas públicas, na mídia e nos serviços de saúde. Ansiedade e depressão, em especial, deixaram de ser temas restritos ao campo médico-psicológico e passaram a integrar o vocabulário comum, mobilizando diferentes explicações sobre suas causas, seus efeitos, suas formas de tratamento, bem como sobre o quanto esses transtornos impactam no bem-estar dos indivíduos.

Nesse contexto, além de sintomas, diagnósticos e formas de tratar, também são discutidos valores, comportamentos, expectativas e limites que são decorrentes de conhecimentos construídos, histórica e socialmente, em torno do sofrimento psíquico. Ao estabelecer fronteiras entre o que é considerado normal ou patológico, esses modos de dizer produzem sentidos que ultrapassam uma dimensão clínica, constituindo a saúde/doença mental como um objeto discursivo, regulado por saberes que disputam legitimidade para definir o que essas experiências são, por que surgem e como devem ser enfrentadas.

Com esses sentidos circulando para além do âmbito médico-psicológico, temos, no contexto brasileiro, a religião, sobretudo a cristã, ocupando um lugar significativo na sociedade como uma das instâncias que produzem sentidos sobre o sofrimento humano, seja ele de ordem orgânica, social ou emocional. Sobre as dores emocionais, as igrejas cristãs constituem espaços nos quais essas experiências são frequentemente acolhidas e interpretadas, por meio de valores religiosos, com base em referências bíblicas e orientações morais.

Desse modo, ao tratar de temas como ansiedade e depressão, o discurso religioso passa a oferecer leituras específicas sobre os transtornos, indicando caminhos de cuidado, responsabilização ou superação que dialogam, se cruzam ou entram em tensão com outros modos de compreender a saúde mental. Assim, atentar para esses dizeres permite reconhecer a importância da religião na constituição dos sentidos sobre o sofrimento psíquico e refletir que as interpretações sobre saúde mental se inscrevem em uma ampla rede interdiscursiva.

É a partir desse quadro de circulação e disputa de sentidos sobre a saúde mental que esta pesquisa se constitui, resultando, primeiramente, do interesse suscitado pelos estudos desenvolvidos no âmbito da linha Saúde Mental em Discurso (SAMEDI), vinculada ao Grupo de Pesquisa Diálogos em Texto e Discurso (DiTeD), grupo integrado à Linha 2 - Linguagem: Práticas textual-discursivas do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Unilab (PPGLin). A esse percurso soma-se um interesse particular, também movido pelas observações de Maingueneau (2008) acerca desse tipo discursivo, voltado à análise, tendo em

conta um recorte específico, do funcionamento dos discursos religiosos na sociedade. Portanto, constituem o objeto de estudo deste trabalho os discursos religiosos sobre saúde mental, delimitados a pregações cristãs católicas e evangélicas que abordam os transtornos de ansiedade e de depressão, veiculadas na plataforma YouTube, entendidas como espaços privilegiados de circulação, legitimação e disputa de sentidos sobre essa temática.

A partir desse recorte, este estudo tem como objetivo principal analisar a construção discursiva da ansiedade e da depressão em pregações religiosas, em perspectiva contrastiva entre os discursos católico e evangélico, considerando os efeitos de sentido produzidos pelas relações interdiscursivas que atravessam esses dizeres.

Para o desenvolvimento dessa análise, a pesquisa orienta-se por objetivos específicos, que compreendem: caracterizar as condições de enunciação das pregações, considerando a cena enunciativa, o gênero e suas coerções discursivas; identificar as regularidades linguístico-discursivas mais recorrentes nos modos como os sujeitos abordam a ansiedade e/ou a depressão; investigar os discursos mais mobilizados, para além do religioso, na abordagem dessas temáticas; e examinar as formas de articulação entre esses discursos, a fim de identificar relações de aliança, neutralidade aparente ou oposição, tendo como perspectiva analítica a contraposição entre os discursos católico e evangélico. Esses objetivos serão retomados e detalhados no capítulo metodológico, em articulação com a apresentação do *corpus* e dos procedimentos de análise.

O trabalho apoia-se nas formulações de Dominique Maingueneau (1995, 1997, 2000, 2007, 2008, 2010, 2015) desenvolvidas no âmbito da Análise do discurso de linha francesa, com ênfase na primazia do interdiscurso e na noção de discursos constituintes. Partimos assim do pressuposto de que nenhum discurso se constitui isoladamente, mas que todo enunciado está inserido em uma complexa rede interdiscursiva, em que outros posicionamentos discursivos o antecedem e o atravessam. Assim, os discursos religiosos sobre ansiedade e depressão se constroem em diálogo com outros discursos em circulação, apropriando-se de noções, moldando sentidos e instaurando conflitos. Analisar essas pregações implica, portanto, em compreender como o discurso religioso, enquanto discurso constituinte, organiza seus sentidos a partir dessa rede interdiscursiva e produz modos próprios de interpretar e enfrentar o sofrimento psíquico.

Para essa demarcação, na revisão da literatura, encontramos poucos trabalhos que, desenvolvidos nos estudos da linguagem e fundamentados pela Análise do Discurso, relacionassem o discurso religioso a temas de saúde mental. Grande parte das pesquisas com essas temáticas concentrava-se nas áreas de Psicologia e de Ciências da Religião. De todo

modo, em conjunto, esses estudos ofereceram uma oportunidade de ampliar a compreensão sobre outras abordagens teórico-metodológicas e de aprofundar o entendimento sobre os discursos religiosos e os transtornos mentais, bem como contribuíram para a delimitação e a construção desta pesquisa.

No campo dos estudos linguísticos, elencamos investigações relacionadas ao funcionamento discursivo. A tese de Silva (2006), focada nas noções de semântica global e das relações interdiscursivas, aponta que a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica, apesar de pertencerem ao mesmo contexto religioso, constroem sentidos distintos, resultando em uma relação tensa e complexa entre os discursos. Também fundamentada na noção de semântica global, a dissertação de Oliveira (2012) analisa o discurso batista sobre o feminino na revista *Visão Missionária*, demonstrando que o sistema de restrições Batista exerce um papel fundamental na moldagem dos discursos e práticas institucionais da Igreja e na representação do feminino na publicação. O artigo de Fernandes de Oliveira (2021) investiga discursos midiáticos sobre ansiedade no contexto da pandemia de Covid-19, mostrando reconfigurações de sentido e relações de poder na abordagem desse sofrimento. Sousa e Farias (2024), em artigo mais recente, aplicam a semântica global na análise de cartilhas sobre saúde mental que mobilizam os discursos científico e religioso. As autoras evidenciam que esses discursos se organizam a partir de eixos distintos e que a relação entre eles é marcada pela interincompreensão, decorrente de sistemas próprios de restrições semânticas.

Ressaltamos ainda estudos de outras áreas, como a dissertação de Bettencourt (2016), da área de Comunicação, que analisa os sentidos atribuídos à saúde mental feminina na revista *Cláudia* ao longo de cinco décadas, com atenção especial aos termos “depressão”, “ansiedade” e “estresse”, e revela deslocamentos históricos na forma de representar esses transtornos; e o artigo de pesquisadoras da área de Psicologia (França, Brazil e Elias, 2022), publicado em uma revista de estudos da religião, que analisa pregações evangélicas sobre ansiedade e aponta uma abordagem predominantemente religiosa, pouco articulada ao discurso científico.

Para além desses aportes, algumas pesquisas contribuíram de modo mais direto com o recorte adotado neste estudo. Assim, destacamos a dissertação de Henriques (2012), que analisa o vocabulário religioso mobilizado por usuários evangélicos em contextos de saúde mental, evidenciando como a interpretação bíblica funciona como eixo central na produção de sentidos sobre sofrimento, cura e enfrentamento; a dissertação de Dias (2021), que discute os diferentes modos de relação com o texto bíblico nas tradições católica e evangélica,

mostrando como essas distinções impactam as formas de autoridade e de interpretação da Palavra no interior do campo cristão; e, por fim, a tese de Franco (2018), que demonstra que, embora católicos e evangélicos compartilhem a mesma matriz religiosa, seus discursos se organizam a partir de regramentos semânticos distintos, produzindo aproximações e distanciamentos no interior desse campo.

Como dito, essas pesquisas, embora partam de objetos e recortes distintos, contribuíram teórica e metodologicamente para este trabalho ao explorarem redes interdiscursivas e ao demonstrarem como sentidos sobre religião e saúde mental são produzidos em diferentes espaços sociais. Contudo, ainda que sejam estudos relevantes, observam-se ainda poucos trabalhos em Análise do Discurso que articulem linguagem, saúde mental e religião, o que configura um espaço profícuo de investigação.

É nesse lugar ainda pouco explorado que esta pesquisa se insere, ao analisar, sob uma perspectiva discursiva, a construção dos discursos sobre ansiedade e depressão nas pregações cristãs e os efeitos de sentido produzidos pelas relações interdiscursivas que as atravessam. Dessa forma, a principal contribuição desta pesquisa consiste no preenchimento de uma lacuna, ao abordar um tema ainda pouco empreendido nos estudos da linguagem.

Nesse sentido, como mencionado, o estudo vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Unilab (PPGLin), dialogando e contribuindo com as pesquisas ali desenvolvidas, o que reafirma seu alinhamento teórico-metodológico e sua pertinência acadêmica. Adicionalmente, os efeitos de sentido apreendidos na inter-relação desses discursos poderão ser úteis tanto para profissionais da saúde como para o segmento religioso, assim como para pesquisadores e demais interessados na temática, de forma a promover o diálogo interdisciplinar e a construção de novos conhecimentos, e, principalmente, de maneira a fomentar os estudos da Análise do Discurso.

Desse modo, ao explicitar os modos de articulação entre os discursos que sustentam os enunciados observados, o estudo propõe-se a ampliar a compreensão da rede interdiscursiva do campo religioso, evidenciando a constituição de diferentes posicionamentos na abordagem da saúde mental. Para esse intuito, além desta introdução, a dissertação organiza-se em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, discutimos a historicidade dos discursos sobre saúde mental, com foco nos processos de construção das fronteiras entre normalidade e patologia. Nesse percurso, abordamos a emergência das classificações diagnósticas, os modos de definição e categorização dos transtornos mentais e os mecanismos de legitimação institucional desses

saberes, apontando como tais discursos produzem efeitos de sentido sobre o sofrimento psíquico.

No segundo capítulo, dedicamo-nos à contextualização do discurso religioso cristão, considerando sua inserção na sociedade brasileira e seu papel na produção de sentidos sobre a saúde mental. Discorremos a respeito da configuração do espaço discursivo formado pelos discursos católico e evangélico, do estatuto atribuído ao texto bíblico como instância de autoridade e legitimação, bem como das características do discurso religioso enquanto prática discursiva.

No terceiro capítulo, desenvolvemos o referencial teórico da Análise do Discurso de tradição francesa, com destaque para as contribuições de Maingueneau (1995, 1997, 2000, 2007, 2008, 2010, 2015). São explicadas as noções de interdiscurso, de sua organização em instâncias discursivas e de discursos constituintes, formulações que sustentam a perspectiva analítica adotada e orientam a leitura das relações estabelecidas entre os diferentes discursos mobilizados nas pregações.

No quarto capítulo, descrevemos o percurso metodológico da pesquisa, apresentando a sua caracterização, os procedimentos de constituição do *corpus*, os critérios de seleção das pregações, o detalhamento do material selecionado e as etapas da análise. Assim, esse capítulo se propõe a esclarecer as escolhas metodológicas feitas, buscando manter a consistência entre os objetivos propostos e o percurso realizado.

O quinto capítulo é destinado à análise discursiva do *corpus*, na qual descrevemos e discutimos a cena enunciativa, os padrões do gênero discursivo, as regularidades enunciativas, os discursos mais mobilizados e a natureza das relações interdiscursivas presentes nas pregações cristãs sobre ansiedade e depressão. As análises buscam evidenciar os efeitos de sentido produzidos por esses discursos. Por fim, são tecidas as considerações finais, nas quais retomamos os principais resultados da investigação e apontamos possíveis desdobramentos.

*“A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que seja um continente.”*

(Machado de Assis, *O Alienista*, 2010, p. 26)

## **1 DISCURSOS SOBRE SAÚDE MENTAL: ENTRE NORMALIDADE E PATOLOGIA**

Considerando que esta pesquisa objetiva a análise dos discursos sobre ansiedade e depressão no discurso religioso, este capítulo apresenta um panorama histórico e conceitual que permita uma compreensão de como se constituíram determinados modos de dizer sobre a saúde mental, especialmente no que concerne às fronteiras entre normalidade e patologia. Não se pretende, contudo, uma revisão exaustiva das abordagens ou dos conceitos psiquiátricos, mas delinear como se deu a construção de concepções que envolvem a doença mental e o seu surgimento, situando a historicidade dos discursos que atravessam o sofrimento psíquico. Esse percurso possibilita compreender a formação de certos elementos discursivos para, mais adiante neste trabalho, mostrar como eles entram em relação com o discurso religioso cristão.

Para isso, o capítulo está assim estruturado: no primeiro tópico, tomando Foucault (1975) como principal referência, abordamos a formação da psiquiatria e da doença mental como regime de verdade; no segundo tópico, tratamos das categorias dos sistemas de classificação psiquiátricos e das disputas de sentido que as atravessam, trazendo para reflexão Berrios (2008) e Silva (2020), autores que problematizam em seus estudos a limitação classificatória; no terceiro tópico, apresentamos, conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e estudos da área da Saúde, como os de Del Porto (1999) e Castillo *et al.* (2020), as tipificações referentes aos transtornos de ansiedade e de depressão; e, finalmente, no quarto tópico, refletimos, mencionando Dória (2014), como números, diagnósticos e discursos institucionais participam da produção de sentidos e da consolidação de certas formas de compreender o sofrimento psíquico.

### **1.1 A constituição da psiquiatria e da doença mental como regime de verdade**

As reflexões de Michel Foucault (1975) sobre as engrenagens que sustentam e movimentam as várias práticas sociais incluem ponderações fundamentais para a compreensão da constituição e da historicidade da doença mental e da psiquiatria. Considerando que essas questões são pertinentes à apreensão do discurso sobre saúde mental,

tomamos inicialmente os estudos do autor como base para sedimentar o caminho aqui proposto.

Foucault (1975) nos mostra que, para se afirmar como ciência, a psiquiatria tentou seguir o mesmo caminho da medicina que tratava das doenças do corpo, tendo sido a loucura considerada como se fosse uma doença orgânica, com descrição de causas, sintomas e classificações. Esse modo de pensar, no entanto, deixava de lado a dimensão histórica e social da experiência da loucura, reduzindo-a a descrições objetivas de sintomas, o que resultava em um discurso que se apresentava como científico, mas que pouco explicava sobre a complexidade do sofrimento mental.

Ao investigar, portanto, a constituição histórica da doença mental, o autor (1975) explica que a loucura nem sempre foi vista como doença, mas assumiu esse *status* apenas no século XIX, quando a “medicina positiva”, baseada em fatos observáveis, experimentos e classificação sistemática, categorizou-a como patologia. Antes disso, conforme Foucault, a loucura no Ocidente era vista como “polimorfa”, ou seja, assumia diferentes formas e sentidos, mudando conforme as épocas e as práticas culturais. Em certos momentos, ela podia circular livremente nas festas, no teatro e na literatura; em outros, no entanto, era contida em hospitais e espaços de reclusão.

Foucault (1975) questiona então a narrativa que descrevia o louco medieval e renascentista como um “possuído”, ignorado pela ciência até o advento da medicina moderna. Para ele, essa leitura seria equivocada, já que a posseção pertenceria mais à história das ideias religiosas do que à da loucura, e a intervenção médica nesse campo era eventual, convocada ora pela Igreja, ora pelo Estado, “num preconceito inexato” (p. 52), para controlar surtos de misticismo ou heresia. Nas palavras do autor (p. 52):

Foi numa época relativamente recente que o Ocidente concedeu a loucura um status de doença mental. Afirmou-se, afirmou-se até demais que o louco era considerado até o advento de uma medicina positiva como um “possuído”. E todas as histórias da psiquiatria até então quiseram mostrar no louco da Idade Média e do Renascimento um doente ignorado, preso no interior da rede rigorosa de significações religiosas e mágicas. Assim, teria sido necessário esperar a objetividade de um olhar médico sereno e finalmente científico para descobrir a deterioração da natureza lá onde se decifravam apenas perversões sobrenaturais. Interpretação que repousa num erro de fato: que os loucos eram considerados possuídos; num preconceito inexato: que as pessoas definidas como possuídas eram doentes mentais; finalmente, num erro de raciocínio: deduz-se que se os possuídos eram na verdade loucos, os loucos eram tratados realmente como possuídos. De fato, o complexo problema da posseção não releva diretamente de uma história da loucura, mas de uma história das ideias religiosas.

A verdadeira mudança ocorre a partir do século XVII, com o grande movimento de internamento em hospitais gerais, onde não apenas loucos, mas pobres, libertinos, desempregados e outros indivíduos tidos como inadequados para o padrão social passam a ser recolhidos. Essas instituições tinham o caráter de exclusão social e ali, Foucault (1975) relata, ocorriam trabalho forçado e intenso controle moral e social.

Nesse processo, a loucura vai perdendo sua linguagem própria. Aquilo que antes se manifestava publicamente nos discursos culturais e artísticos passa a ser silenciado pelo internamento. Mais tarde, no final do século XVIII e início do XIX, figuras como Pinel e Tuke<sup>1</sup> são reputadas como fundadores de uma psiquiatria humanista, mas Foucault (1975) pondera que o que se constituiu foi um regime moral ainda mais rigoroso, em que o louco foi infantilizado, culpabilizado e submetido ao controle do médico. No asilo, o médico era “encarregado mais de um controle ético que de uma intervenção terapêutica” (p. 57), estabelecendo ali uma vigilância moral permanente, como um “agente das sínteses morais” (p. 57).

Observamos que, para o autor (1975), a constituição da psiquiatria não reflete um avanço progressivo do saber científico, sendo assim resultado de vários deslocamentos: da experiência cultural da loucura à sua exclusão social, da exclusão à “confusão no interior de um regime moral único cujas técnicas tinham algumas um caráter de precaução social e outras um caráter de estratégia médica” (p. 58), e desta à sua psicologização. A psicologia, como ele destaca, nasce desse processo histórico, de onde ela só pôde surgir como ciência positiva porque a loucura foi inscrita em um regime moral de culpa e erro. Para o autor, a psicologia carrega, portanto, a marca dessa origem e “nunca [...] poderá dizer a verdade sobre a loucura, já que é esta que detém a verdade da psicologia” (p. 60).

A loucura, para Foucault (1975), é mais histórica do que normalmente se reconhece e também mais recente, no sentido de que a noção de “doença mental” só surgiu na modernidade.

Nesse sentido, De Tilio (2007), ao sistematizar algumas concepções historicamente situadas sobre a loucura, mostra que ela foi compreendida de modos distintos ao longo do tempo. Na Antiguidade, ela era vista como resultado da ação dos deuses ou das paixões

---

<sup>1</sup> Philippe Pinel e William Tuke são pioneiros da psiquiatria moderna e adotavam o *tratamento moral* em seus pacientes. Este consistia em uma abordagem mais humanizada, na qual os castigos e os isolamentos eram substituídos por um cuidado mais voltado ao diálogo e a oferecer um ambiente estável, com rotina e tranquilidade, para os pacientes. Contudo, na prática, alguns procedimentos ainda restringiam direitos e mantinham formas de controle menos visíveis, bem como havia situações em que a desigualdade de classe se destacava, como quando alguns pacientes recebiam cuidados mais privilegiados que outros em razão de seu status social e financeiro (Pearce, 2020, Tradução automática da página realizada pelo navegador, disponível em: <https://hekint.org/2020/06/04/the-beginnings-of-humane-psychiatry-pinel-and-the-tukes/>).

humanas, sem que o indivíduo fosse responsabilizado por seus atos. Com Hipócrates e Galeno<sup>2</sup>, ocorre “a grande virada de concepções” (p. 196), surgindo uma visão “organicista”, e a loucura passa a ser entendida como um problema do corpo e do cérebro. Contudo, como apontado por Foucault, na Idade Média, ela é associada à possessão demoníaca, sendo tratada no campo religioso, “situando o indivíduo numa posição passiva frente ao acometimento” (p. 197). A partir do século XVII, consolida-se a noção de loucura como perda da razão e desvio moral, o que fundamenta o surgimento dos asilos e do modelo manicomial, voltado mais para a exclusão e o controle social do que para o cuidado terapêutico. Depois disso, os séculos XVIII e XIX marcam a “medicalização da loucura (tornar médico um problema que na origem era social) [...] A loucura neste contexto era entendida como lesão orgânica que levaria a desadaptação funcional do sujeito na sociedade” (p. 197).

Essa trajetória indica que a concepção de loucura foi sendo deslocada de explicações religiosas e morais para abordagens médicas e institucionais, culminando na consolidação do modelo manicomial, cuja prática de exclusão e controle viria a ser questionada pelas propostas de reforma psiquiátrica a partir da segunda metade do século XX.

Sobre a reforma, De Tilio (2007) destaca que ela surgiu a partir do fim da década de 1960 com críticas acerca das práticas do hospital psiquiátrico como forma principal de tratamento. Reivindicou-se nesse movimento a redução das internações, o cuidado fora do manicômio e a valorização da vida em comunidade. Entre as principais propostas reformistas estão a psicoterapia institucional francesa, a psiquiatria comunitária e, sobretudo, a experiência italiana da psiquiatria democrática, ligada a Franco Basaglia. Essas ideias contribuíram para a reforma psiquiátrica brasileira, que teve início nos anos 1970, com a criação de serviços substitutivos e a defesa dos direitos das pessoas em sofrimento psíquico, embora, segundo o autor, ainda existam conflitos entre essas propostas e a legislação civil e penal vigente.

Desse modo, retomando Foucault (1975), entendemos que o que hoje chamamos de “doença mental” resulta de contextos históricos de exclusões, moralizações e medicalizações que acabaram por constituir a psiquiatria como discurso de verdade. Os estudos do autor nos mostram que essa “verdade” não está fora da história, mas é produzida nos discursos e nas práticas sociais, relacionando-se às relações de poder que atravessam uma sociedade. Logo, cada época constrói seus próprios regimes de verdade, que definem o que é normal,

---

<sup>2</sup> Hipócrates foi um médico da Grécia antiga, considerado o fundador da medicina ocidental; Galeno foi um médico e filósofo também grego que desenvolveu e sistematizou as práticas e os estudos médicos iniciados por Hipócrates.

patológico, aceitável ou inaceitável. O regime de verdade seria assim como um sistema que organiza a produção da verdade em uma sociedade em um momento determinado da história.

Nesse sentido, a compreensão de Foucault acerca da “doença mental e da psiquiatria”, conforme explicada por Benini (2010), mostra que a psiquiatria não se instituiu de maneira isolada ou apenas em consequência de descobertas científicas, e sim a partir de um processo de confronto e deslocamento entre diferentes discursos. Antes do domínio médico, a loucura era explicada pela religião como possessão espiritual, pela moral era interpretada como falta de conduta, e pela política era vista como ameaça à ordem social, como um problema a ser solucionado. Nesse entrecruzamento, o discurso médico ganha força como autoridade quando se apoia e, ao mesmo tempo, disputa espaço com esses outros modos de definir e controlar a loucura.

Nesse processo, a medicina assume o papel de autoridade ao se constituir do que Foucault<sup>3</sup> chamou de “olhar médico”, isto é, um modo de observar, classificar e controlar corpos e mentes. Assim, esse olhar não estava voltado somente ao cuidado, mas, ainda, à vigilância e à correção, formando, desse modo, uma nova forma de poder que substituiu as antigas práticas religiosas e morais. De acordo com Benini (2010, p. 23-29), Foucault entende que a constituição da psiquiatria se articula às práticas disciplinares e ao modo como, posteriormente, o positivismo, ao classificar, normatizar e excluir, acabou por legitimar esse campo como regime de verdade sobre a normalidade e a patologia.

Ao compararem como a Psiquiatria e a Saúde Mental entendem a loucura, Costa Júnior e Medeiros (2007) mostram que a Psiquiatria a percebe primordialmente como uma doença orgânica, que estaria associada principalmente à psicose e à esquizofrenia, de origem biológica ou genética e que deveria ser diagnosticada e tratada com remédios. Essa visão tem o apoio de classificações como o DSM<sup>4</sup> e o CID<sup>5</sup>, que sustentam uma ideia naturalista do ser humano. Por esse ponto de vista, acredita-se que, ao tratar os sintomas, também se diminuiria a exclusão social sofrida pelos chamados “loucos”.

Já a Saúde Mental, ligada à reforma psiquiátrica, vai entender a loucura de forma mais ampla e crítica, como um fenômeno que também é social e histórico, marcado por estigmas e exclusão, muitas vezes reforçados pelas internações compulsórias. Nesse campo, diferentes abordagens interpretam a loucura como experiência subjetiva ou como resultado de relações sociais, e não apenas de causas orgânicas.

---

<sup>3</sup> Na obra *O nascimento da clínica* (1977).

<sup>4</sup> Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, publicado pela Associação Psiquiátrica Americana.

<sup>5</sup> Manual de Classificação Internacional de Doenças, que recebe o apoio da Organização Mundial de Saúde.

Os autores explicam que, embora existam pontos de diálogo entre as áreas, elas se orientam por perspectivas distintas, em que as divergências se concentram no fato de que, enquanto a Psiquiatria foca nos aspectos biológicos, a Saúde Mental privilegia dimensões sociais e culturais. Para esclarecer melhor o uso do termo “Saúde Mental”, apresentam-se, a seguir, as palavras dos autores (p. 58):

O mais correto seria chamarmos o que aqui estamos designando genericamente como Saúde Mental de Atenção Psicossocial em Saúde Mental, conforme o que está sendo estruturado pela reforma psiquiátrica brasileira e teorizado principalmente pela Enfermagem, a Psicologia, a Terapia Ocupacional e por algumas dissidências da Psiquiatria biológica, hegemônica na atualidade – já que Saúde Mental pode ter uma abrangência difusa, a depender do país em que se formula e da orientação política, ideológica e profissional de quem a descreve.

Em outros termos, “Saúde Mental” não se limita a uma única disciplina, ela se constitui de práticas e de saberes coletivos que se articulam em diferentes áreas no enfrentamento do sofrimento psíquico. Foi a partir da Reforma Psiquiátrica, especialmente, que esse campo se consolidou ao propor práticas de cuidado psicossocial que superassem o modelo exclusivamente hospitalar e médico-biológico (Costa Júnior; Medeiros, 2007).

Especificamente a respeito da Psicologia, no artigo “Epistemologia pluralizada e história da psicologia”, Abib (2009) mostra que a disciplina começou a se organizar enquanto ciência no fim do século XIX, com as ideias de Wilhelm Wundt e William James. Ambos queriam afastar a Psicologia da metafísica, mas Wundt propôs uma psicologia baseada na experiência, que se situasse entre as ciências da natureza e da cultura, enquanto James a via como uma ciência natural, voltada a estudar os processos mentais e a contribuir para resolver problemas da vida cotidiana. Observamos assim, já nesse início, a disciplina dividida em posições distintas, o que resultou em uma diversidade de correntes no século XX, como o funcionalismo psicológico, o behaviorismo, o construtivismo e a Gestalt.

Abib (2009) também observa que, se a Psicologia fosse vista como uma ciência única, com base em uma “epistemologia unitária”, ela não teria se consolidado como tal, já que não alcançou uma unidade teórica. Já a partir da “epistemologia pluralizada”, sua história pode ser entendida como parte da própria cultura, formada por ideias da psicologia e da filosofia em diferentes tempos e contextos. De acordo com essa perspectiva, não existe uma “pré-história” da Psicologia, pois ela começa sempre que o ser humano reflete sobre si mesmo. Assim, sua força estaria justamente nessa diversidade de ideias e perspectivas que ajudaram em sua construção.

Observamos até aqui que a constituição histórica dos saberes que se debruçam a conhecer e se apropriar dos problemas da mente só pode ser compreendida na rede interdiscursiva, não como evolução linear do saber científico, mas como resultado de um processo em que diferentes discursos se inter-relacionam. Essa perspectiva é especialmente relevante para esta pesquisa, pois permite reconhecer que os discursos religiosos sobre ansiedade e depressão não estão isolados, eles dialogam e disputam sentidos com as classificações médicas e psicológicas, assim como com outros discursos que circulam na sociedade, reproduzindo a mesma dinâmica histórica que está na origem desses conhecimentos. Tudo isso continua a se refletir na constituição de saberes contemporâneos sobre os distúrbios psíquicos, os quais sustentam os discursos acerca dessa temática.

Diante desse recorte histórico da origem dos conhecimentos produzidos e que legitimam as práticas sobre o que seja saúde/doença mental e psiquiatria/psicologia, bem como considerando o que será apresentado nas próximas seções, chamamos neste trabalho de “discurso médico-psicológico” a articulação dos enunciados que remetam a saberes das áreas da Medicina (conhecimentos vinculados em maior parte à Psiquiatria) e da Psicologia (que entendemos, aqui, estar mais associada ao campo da Saúde Mental). Pensamos nessa categorização, ainda, por perceber relações, às vezes de aproximação, outras de afastamento, entre essas áreas, que se entrelaçam nos dizeres acerca dos transtornos mentais, o que foi observado na análise do *corpus*. Desse modo, a junção desses saberes distintos em uma só categoria considera a tradução realizada pelo próprio discurso religioso cristão, que, em geral, nos enunciados analisados, tende a apresentar Medicina/Psiquiatria e Saúde Mental/Psicologia como áreas homogêneas, apagando ou atenuando suas diferenças epistemológicas e institucionais.

Falamos em seguida sobre as classificações das doenças mentais na atualidade e como elas seguem mobilizando formas de legitimação nos discursos que circulam socialmente sobre saúde mental.

## **1.2 Classificações psiquiátricas e disputas de sentido**

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana desde 1952, tornou-se a principal referência mundial para classificar os transtornos mentais. Atualizado ao longo do tempo, o manual encontra-se, até o momento do desenvolvimento desta pesquisa, em sua quinta edição revisada (2023) e reúne sintomas em categorias diagnósticas, com o objetivo de padronizar os critérios usados na

clínica, na pesquisa e nas políticas de saúde (DSM-5-TR, 2023). Sua influência vai além do campo médico e alcança também outros meios, como o acadêmico, o jurídico e o midiático, o que explica o intenso debate que acompanha cada atualização de suas categorias, uma vez que as classificações em psiquiatria não são neutras nem meramente orgânicas. Elas foram construídas historicamente e refletem escolhas culturais, sociais e científicas, que são atravessadas por disputas conceituais. Como destaca Berrios (2008, p. 119):

A história conceitual se baseia na idéia de que os sintomas mentais sejam atos de fala ou de comunicação que levam um sinal biológico fortemente moldado por códigos pessoais, sociais e culturais; quando estão sendo pronunciados, esses atos são adicionalmente conceitualizados por intérpretes profissionais. Portanto, a natureza da ‘realidade’ psiquiátrica não é nem pura biologia, nem um construto social vazio, mas uma complexa combinação de ambos.

Isso significa dizer que classificar doenças mentais se trata de organizar fenômenos complexos a partir de critérios biológicos e sociais que variam conforme a época e o contexto. Por isso, a aplicação direta de modelos das ciências naturais à psiquiatria torna-se controversa, na medida em que, como sugere Berrios (2008), os transtornos mentais não se comportam como objetos fixos, mas como realidades complexas, cuja constituição envolve dimensões biológicas, sociais e semânticas, mediadas por processos de interpretação. Assim, classificações como as do DSM têm a função de organizar sintomas e promover uma melhor comunicação entre os profissionais, mas mostram limitações quando se trata de explicar ou de prever os fenômenos que descrevem.

Berrios (2008) afirma, ao apontar para esses limites, que é difícil encontrar bases biológicas realmente estáveis para os diagnósticos, pois até as chamadas “invariantes neurobiológicas” mudam com o tempo. O mesmo se aplica às tentativas de fundamentar essas classificações em fatores sociais ou psicológicos, que também variam e não oferecem estabilidade suficiente. O autor sugere, então, que, em vez de pensar em abandonar as classificações, devemos entendê-las como um “jogo de xadrez”, em que cada movimento depende de regras e circunstâncias específicas.

Essa discussão também aparece em pesquisas mais recentes. Silva (2020), ao analisar a história do DSM, mostra que o livro se tornou a principal referência da psiquiatria moderna, contudo é, também, alvo de muitas críticas. A autora destaca que, a partir do DSM-III, publicado em 1980, as explicações psicanalíticas foram deixadas de lado e adotou-se um modelo mais descritivo e atóxico, “com uma linguagem universal que veio se tornar a Bíblia da Psiquiatria” (p. 31). Construído a partir de listas de sintomas e critérios numéricos, o manual se constituiu em um tom de maior objetividade científica (que sabemos ser efeito de

objetividade apenas, uma vez que a ciência, enquanto discurso, não escapa à opacidade). Na prática, porém, isso resultou em grande aumento no número de diagnósticos. Traços que antes eram vistos como normais, como a timidez, a agitação infantil ou o luto prolongado, passaram a ser classificados como transtornos (Silva, 2020, p. 44):

As classificações diagnósticas do DSM-4 apresentam “sintomas” que fazem parte do cotidiano sendo comum encontra-los na população em geral. Nenhuma classificação diagnóstica apresenta “uma definição precisa o suficiente para evitar que muita gente hoje, considerada normal, seja mal rotulada.” (FRANCES, 2016, p.212). Os efeitos causados pelo baixo limiar entre o normal e o patológico são: a inflação diagnóstica, o estigma desnecessário e os tratamentos medicamentosos excessivos. (FRANCES, 2016). De acordo com Amarante (2017), a racionalidade diagnóstica do DSM-4 rompeu “as fronteiras do normal e do patológico.” (AMARANTE, 2017, p.23). Com o seu discurso homogeneizante a Psiquiatria passa a controlar “experiências de vida até então consideradas normais” como o envelhecimento, a menstruação ou o luto. (AMARANTE, 2017, p.24)

Silva (2020, p. 63) ainda alerta para o fato de que esse processo pode estar relacionado a interesses econômicos e institucionais, pois a indústria farmacêutica e os sistemas de saúde se beneficiam desse modelo, o qual estimula o consumo de medicamentos e a gestão burocrática do sofrimento:

Embora a medicalização seja um fenômeno que vai além dos limites da Psiquiatria, observa-se que a Psiquiatria, a cada nova edição dos seus manuais, classifica problemas cotidianos como transtornos mentais. Amarante (2017) afirma que é no “campo da saúde mental que a aliança entre Medicina e Indústria Farmacêutica pode ser mais bem evidenciada como medicalização da nossa existência.” (AMARANTE, 2017, p.34). Essa aliança se torna perigosa na medida em que experiências humanas estão sendo transformadas em doenças mentais passíveis de medicamentos. O casamento entre os que prescrevem os medicamentos e os que fabricam os medicamentos reforça o monopólio da Psiquiatria no tratamento das doenças mentais e promove a visão corporativa da “doença mental” que “passa a ser resultante dos interesses corporativos da Medicina Mental e da Indústria Farmacêutica.” (AMARANTE, 2017, p.77).

Isso mostra que, longe de ser um campo homogêneo, esse é um espaço marcado por diferentes interesses e forças sociais, históricas e institucionais, que se cruzam e produzem sentidos diversos e, muitas vezes, contraditórios. Nesse movimento, surgem disputas por legitimidade e tensões entre diferentes saberes que, ao se sobreporem ou entrarem em confronto, ajudam a formar os discursos sobre saúde e doença mental.

### **1.3 Classificações para os transtornos de ansiedade e de depressão**

Apresentadas as discussões que envolvem sistemas como o DSM, é possível entendê-lo como um instrumento de uso prático e temporário, que é atravessado por disputas de sentido e sujeito a mudanças ao longo da história. Entretanto, por mais que seja uma

ferramenta suscetível a diversas críticas, o DSM permanece como o principal parâmetro de classificação utilizado internacionalmente e, portanto, não pode ser ignorado. Assim, no âmbito desta pesquisa, tomaremos as definições do manual sobre os transtornos de ansiedade e de depressão como ponto de partida, ainda que consideradas com a devida cautela crítica, funcionando como um preceito necessário, embora limitado, para situar os discursos que as mobilizam.

Desse modo, segundo o DSM-5-TR (2023), os transtornos de ansiedade referem-se a medo e ansiedade excessivos, muitas vezes acompanhados de comportamentos de fuga e de sintomas físicos. O medo está relacionado às ameaças iminentes, já a ansiedade refere-se ao sofrimento por problemas futuros.

Os transtornos de ansiedade se diferenciam pelos objetos ou pelas situações que causam medo, pela duração e intensidade dos sintomas e pelo impacto que causam no cotidiano do indivíduo. Dentre os tipos e sintomas classificados, podemos citar o transtorno de ansiedade generalizada (preocupação persistente e sintomas físicos como tensão muscular), fobia específica (medo intenso de determinados objetos ou situações), ansiedade social (medo da avaliação negativa em interações sociais) e transtorno de pânico (ataques repentinos e intensos de medo). A ansiedade também pode ser desencadeada por substância química ou condição de saúde. A maioria desses transtornos pode surgir na infância e, sem o tratamento devido, tem a tendência de persistir na vida adulta.

É importante notar, contudo, que essas definições, ainda que pareçam objetivas, decorrem de escolhas classificatórias e de um vocabulário clínico padronizado, o qual não esgota as múltiplas formas de vivenciar a ansiedade. A adoção de critérios rígidos acaba por reduzir a complexidade das especificações, apagando as singularidades das experiências subjetivas. O próprio manual, em seu prefácio, reconhece “que transtornos mentais nem sempre se encaixam totalmente dentro dos limites de um único transtorno”. Usando os transtornos que são objetos desta análise como exemplos, eles completam: “alguns domínios de sintomas, como depressão e ansiedade, envolvem múltiplas categorias diagnósticas e podem refletir vulnerabilidades subjacentes comuns a um grupo maior de transtornos” (DSM-5-TR, 2023, p. 37).

Pesquisadoras da área de Psicologia, Lenhardtk e Calvetti (2017) ponderam que a ansiedade surge como uma resposta fisiológica natural, inclusive necessária ao ser humano, sendo fundamental para sua sobrevivência e adaptação social. Ela é a responsável por mobilizar recursos físicos e mentais, preparando os indivíduos para que eles tenham reações de defesa ou de enfrentamento diante de situações ameaçadoras ou desafiadoras, funcionando,

assim, como um alerta sobre perigos iminentes e tornando o sujeito capaz de tomar as decisões necessárias para lidar com eles.

Segundo as autoras, a ansiedade que é tida como patológica se manifesta quando o indivíduo sente agitação e preocupação exageradas, excedendo o que a situação ou a ameaça exigem. São assim sentimentos geralmente intensos e persistentes, e que podem ocasionar sofrimento ao comprometer o desempenho organizacional, social e funcional da pessoa.

Em artigo publicado pela Associação Brasileira de Psiquiatria, Castillo *et al.* (2020) afirmam que os distúrbios de ansiedade são os transtornos psiquiátricos mais frequentes, com uma prevalência ao longo da vida estimada em 9% para crianças e em 14% para adultos. A ansiedade e o medo, que são sensações naturais das experiências vivenciadas pelo ser humano, passam a ser compreendidos como patologias psíquicas quando são “exagerados, desproporcionais em relação ao estímulo, ou qualitativamente diversos do que se observa como norma naquela faixa etária e interferem com a qualidade de vida, o conforto emocional ou o desempenho diário do indivíduo” (p. 20).

Desse modo, percebemos a passagem do que poderia ser visto como uma reação humana natural, comum, para o estatuto de doença, processo que depende da delimitação do que se considera como “normal” e “anormal”. Essa fronteira, inclusive, como já falado, não é algo natural, ela é construída historicamente e atravessada por valores sociais, culturais e científicos.

Já sobre os transtornos depressivos, ainda segundo o DSM-5-TR, eles englobam uma variedade de condições e categorias, tais como: transtorno depressivo maior, transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disfórico pré-menstrual e transtorno depressivo induzido por uso de substâncias ou devido a certas condições de saúde. Todos esses tipos compartilham de uma característica comum que é “a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo” (DSM-5-TR, 2023, p. 315).

O transtorno depressivo maior é o tipo mais frequente e é caracterizado pela ocorrência de sintomas por pelo menos duas semanas, que provoquem alterações no afeto, na cognição e no funcionamento das estruturas nervosas. O DSM-5-TR também menciona o transtorno disruptivo da desregulação do humor (TDDH) para crianças com irritabilidade persistente e frequente descontrole, e o já citado transtorno disfórico pré-menstrual (TPM), que é descrito como singular e tratável. Além do mais, o uso de medicamentos e de substâncias químicas, bem como a ocorrência de outros problemas de saúde, também podem desencadear sintomas depressivos.

De acordo com Del Porto (1999), do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, em artigo publicado no *Brazilian Journal of Psychiatry*, os transtornos depressivos não se restringem à tristeza. Mesmo na ausência desse sintoma, outras queixas são frequentemente relatadas pelos pacientes, como a perda de prazer em atividades cotidianas, fadiga excessiva e alterações psicomotoras. Para Jardim (2011), doutora em Psiquiatria, no artigo publicado na Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, os quadros mais graves envolvem “sentimento de vazio, de falta de sentido na vida e de esgotamento” (p. 86), com risco e pensamentos de suicídio. A psiquiatra aponta ainda o “silêncio” como outro fator acentuado na pessoa com depressão, pois ela geralmente tem dificuldades em externar seus sentimentos.

O diagnóstico da depressão envolve uma avaliação abrangente desses e de outros sintomas psicológicos, fisiológicos e comportamentais. Rodrigues (2000), em seu artigo publicado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), afirma que esse diagnóstico é feito pela psiquiatria com base em sintomas específicos que aparecem numa determinada “duração, frequência e intensidade”, conforme detalhadamente descrito e recomendado nos manuais psiquiátricos vigentes, como o DSM.

Tal como ocorre com a ansiedade, também no caso da depressão a definição clínica é resultado de um recorte, de uma tentativa de homogeneizar experiências diversas sob a forma de categorias diagnósticas. Isso seria de utilidade prática para a medicina, mas pode reduzir e até mesmo ocultar outras dimensões do sofrimento.

Nesse sentido, Rodrigues (2000, p. 184) pondera que as manifestações depressivas, considerando suas origens e suas formas de manifestação, são complexas:

[...] a depressão, no singular, não existe, o que não significa que não se reconheçam os fenômenos depressivos, para os quais a psicanálise mostra o seu alcance terapêutico. A diversidade desses fenômenos no que tange sua causa e o caráter universal dos mesmos, torna inconsistente a unificação em torno de um conceito que poderia recobrir uma realidade clínica específica.

Ao afirmar que “a depressão, no singular, não existe”, o autor ressalta a limitação que existe no diagnóstico das manifestações depressivas, considerando que cada uma delas tem origens, causas e nuances próprias. Assim, tentar uniformizar o distúrbio em critérios fixos leva ao risco de ignorar a complexidade do fenômeno e das experiências subjetivas. Ter esse entendimento, portanto, possibilita uma abertura para a psicanálise pensar em formas de tratamento mais voltadas às particularidades de cada caso.

Observamos neste tópico que, apesar das críticas, o manual é tomado como hegemônico, servindo de referência central para a prática médica e para a forma como esses

sofrimentos são reconhecidos socialmente, e segue alimentando discursos e moldando os modos de nomear e de significar o sofrimento psíquico. No entanto, é importante reconhecer que ele é resultado de uma construção histórica e, desse modo, não deve ser tomado como uma “verdade absoluta” sobre a mente humana.

A partir das definições apresentadas até aqui, é possível perceber ainda que, enquanto transtornos de saúde mental, tanto a ansiedade quanto a depressão configuram-se como categorias clínicas complexas. Essas classificações são descritas e categorizadas pelo DSM e pela literatura a partir de sintomas e critérios específicos, diagnosticadas pela psiquiatria e tratadas por meio de abordagens médicas e psicoterapêuticas diversas, e, importante ressaltar, são atravessadas por diferentes fatores, interpretações e interesses.

Com isso, passamos ao último tópico deste capítulo, em que será apresentada uma reflexão sobre a maneira como os dados estatísticos relativos à situação e aos diagnósticos sobre saúde e doença mental contribuem para legitimar determinadas classificações e ampliam seus efeitos nos discursos institucionais e sociais, os quais reforçam modos específicos de compreensão do sofrimento psíquico.

#### **1.4 A legitimação estatística: números, diagnósticos e discursos institucionais**

Para retomar as discussões que relacionam as catalogações das doenças psíquicas e o alto número de diagnósticos, trazemos o exame de Dória (2014) sobre a expansão do que ele chama de “epidemia de classificações” na saúde mental. De acordo com o autor, o DSM e outros sistemas de categorização criam rótulos diagnósticos que transformam indivíduos em identidades clínicas, tais como “depressivo”, “ansioso” ou “bipolar”. Essas “etiquetas” ultrapassam o campo médico e passam a funcionar como formas de normatizar modos de ser e de se constituir na sociedade. Muitas vezes, esses rótulos são incorporados pelos próprios sujeitos como um meio de serem reconhecidos e de pertencerem a um grupo, ocasionando a geração de comunidades e discursos, centrados na própria patologia.

O autor chama a atenção para o fato de que esse movimento, assim como oferece nome e visibilidade, pode também aprisionar as pessoas em categorias universais, simplificando suas histórias e narrativas. Portanto, a proliferação de diagnósticos é, para além de um fenômeno clínico, um processo social e discursivo que atravessa os sujeitos e os espaços sociais, e que pode instituir novas formas de controle e de subjetivação.

Desse modo, podemos observar na prática, nos discursos que circulam na mídia, que o aumento na incidência dos transtornos mentais tem sido chamado por especialistas e

instituições de saúde de “epidemia (ou pandemia) silenciosa”<sup>6</sup>. Essa expressão refere-se ao crescimento expressivo das doenças emocionais na população e considera que muitas pessoas, por não terem conhecimento ou recursos para buscar ajuda, sofrem em silêncio e, por isso, não entram nas estatísticas oficiais, podendo o número de pessoas afetadas ser ainda maior do que o registrado.

Dentre as instituições que mais legitimam os discursos sobre saúde mental, em forma de pareceres, relatórios, diretrizes, planos e estratégias de enfrentamento etc., e que certamente ocupa, em autoridade, o topo dessa hierarquia, está a Organização Mundial da Saúde (OMS). A instituição é responsável por validar e divulgar dados de estudos, como o que sinaliza os transtornos mentais como uma das principais causas de incapacidade laboral, e por produzir estimativas, tal como a que alerta que, até 2030<sup>7</sup>, a depressão será a doença com maior ocorrência no mundo. Essas informações advertem tanto para o impacto devastador do problema, como buscam reivindicar ações interventivas, não apenas por parte dos órgãos de saúde, mas que envolvam diversas organizações sociais.

Os números que indicam a situação dos transtornos de ansiedade e de depressão no Brasil mostram um cenário ainda mais preocupante: o país está no topo dos índices mundiais de ansiedade, com aproximadamente 10% da população afetada (Brasil, 2023); e, em 2019, cerca de 10% da população adulta afirmou ter recebido um diagnóstico de depressão feito por um profissional de saúde mental (Brasil, 2022). Além disso, segundo o Ministério da Saúde, com base em dados da OMS, a prevalência de depressão na rede de atenção primária à saúde é de 10,4%, isoladamente ou associada a transtornos físicos (Brasil, [20--]).

Em pesquisa<sup>8</sup> divulgada mais recentemente, em outubro de 2025, o instituto Ipsos<sup>9</sup> mostra que “quando avaliada a maior preocupação de saúde dos brasileiros, a saúde mental, declarada por 52% dos entrevistados, aparece em primeiro lugar (em 2018 era 18%)”. A pesquisa revela ainda que “o Brasil está na quinta posição entre os países que no ano passado as pessoas se sentiram estressadas a ponto de acharem que não conseguiam lidar com as situações: 31% dos entrevistados se sentiram dessa forma e 39% se sentiam assim várias

<sup>6</sup> Essa expressão foi observada em vários *sites* de notícias, como, por exemplo, em <https://www.sbcm.org.br/v2/index.php/not%C3%ADcias/1317-sp-142707802>; <https://www.cnnbrasil.com.br/colunas/miguel-nicolelis/tecnologia/a-nova-pandemia-silenciosa/>; e <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude-mental/veja-12-transtornos-mentais-ligados-ao-excesso-de-tecnologia-e-quase-uma-pandemia-silenciosa,27eb0015e738647bfb84338c13a3c882cjb99a.html>, geralmente em referência a citações de especialistas da área da Saúde.

<sup>7</sup> Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS. BBC News Brasil, 2009. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090902\\_depressao\\_oms\\_cq](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090902_depressao_oms_cq).

<sup>8</sup> Melhora avaliação da qualidade da saúde entre brasileiros. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/avaliacao-da-qualidade-da-saude-entre-brasileiros>.

<sup>9</sup> Acrônimo para Institut Public de Sondage d'Opinion Secteur

vezes” (Ipsos, 2025). Esses e outros estudos sinalizam para o aumento dos diagnósticos e contribuem para a reflexão sobre como os contextos atuais, com as mudanças sociais, ambientais, econômicas, culturais e tecnológicas têm impactado no nível de estresse das pessoas.

Portanto, é possível entender os números e os diagnósticos não apenas como indicadores da realidade da saúde mental, mas também como instrumentos que ajudam a produzi-la. Ao transformar o sofrimento em dados e classificações, eles constroem sentidos e legitimam modos de compreender e agir diante do problema, e assim influenciam as políticas institucionais, as percepções sociais e até o modo como as pessoas compreendem a si mesmas. Essa legitimação estatística, respaldada por instituições autorizadas, portanto, não se restringe à esfera científica, ela atravessa os discursos que circulam na sociedade e impacta as formas de cuidado e de intervenção, abrindo espaço para que diferentes instâncias também se posicionem e participem desse debate.

Como já dito, organizações como a OMS, além de identificarem os principais desafios ligados à saúde mental, também pensam em estratégias para enfrentá-los. A expansão dos serviços e dos profissionais envolvidos é, por exemplo, uma das ações recomendadas no relatório sobre saúde mental divulgado pelo órgão. O fortalecimento de redes comunitárias de atendimento integrado e a diversificação das opções de cuidado são apontados como medidas essenciais para garantir um suporte mais eficaz e acessível (OMS, 2022b).

Vimos que uma das medidas sugere a necessidade de um maior envolvimento entre as diversas organizações sociais, tais como as instituições voltadas à saúde, à assistência social e à religiosa, entidades que geralmente se dedicam a atividades que promovem o bem-estar social e mantêm uma relação de proximidade com as comunidades.

Especialmente sobre o papel social das instâncias religiosas, pode-se dizer que ele é exercido de diversas formas na cultura brasileira, transitando em variadas práticas sociais, dada a relevância que, de forma geral, a religião detém nessa sociedade, questão que será explorada de maneira mais ampla no capítulo a seguir.

Julgamos assim ser significativa a busca por um maior entendimento de como os diferentes lugares discursivos, tais como ciência e religião, relacionam-se sobre uma questão tão séria e inestimável para o bem-estar das pessoas. Foi com o objetivo de compreender como são produzidos os discursos acerca dos transtornos mentais que este trabalho se propôs a abordar os discursos que fazem parte do campo religioso, mais especificamente, dentro do espaço cristão composto pelos discursos católico e evangélico.

*“A borboleta pousada  
ou é Deus  
ou é nada.”*

(Adélia Prado, poema Artefato nipônico, 2014)

## **2. DISCURSO RELIGIOSO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO**

Este segundo capítulo parte do percurso traçado anteriormente sobre a constituição histórica dos discursos sobre saúde mental e das estruturas que ali se formam para legitimarem esses dizeres, para voltar-se à contextualização do campo religioso cristão, com a finalidade de ampliar a compreensão das condições de produção dos enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Constituído de quatro tópicos, o capítulo segue assim organizado: no primeiro tópico situamos a religião na dinâmica da sociedade, destacando sua presença e sua influência no dia a dia das pessoas, a partir de autores como Reimer *et al.* (2018), que discutem o papel da instituição sob uma perspectiva sociológica, e dos estudos de Murakami e Campos (2012) e de Baltazar e Silva (2014), os quais articulam religiosidade e saúde mental. Em seguida, nos valem do trabalho de Franco (2018) para caracterizar o espaço discursivo composto pelos discursos católico e evangélico, e assim observamos como cada um organiza suas próprias formas de legitimação e como eles se aproximam ou se afastam no interior do campo cristão. No terceiro tópico, destacamos o texto bíblico como componente essencial do campo discursivo cristão na construção dos sentidos de fé, pecado, cura e sofrimento, e de como eles se relacionam às experiências psíquicas, dialogando aqui com os estudos de Dias (2021), Henriques (2012) e Mariano (2014). Por fim, no quarto tópico, mobilizando as reflexões de Maingueneau (2000, 2010) sobre discursos constituintes e de Orlandi (2023) acerca dos discursos autoritários, apresentamos o discurso religioso como prática discursiva, ressaltando como as características desse tipo discursivo se impõem e orientam interpretações.

### **2.1 A religião na dinâmica social brasileira: cenário de circulação dos discursos cristãos**

A igreja é uma instituição que ocupa um papel significativo, e até estratégico, na dinâmica social, inclusive no Brasil, onde a religiosidade, especialmente a cristã, é enraizada na cultura e no cotidiano da população. Ou seja, dado o seu desempenho no contexto histórico e cultural, ao atuar como ponto de apoio não somente religioso, mas também social e

emocional, a igreja tem sido referencial para além do aspecto espiritual, estando presente também em outras condições da experiência humana.

Encontramos nas discussões e relatos sobre fatos históricos relevantes o registro do posicionamento religioso em quase todos os eventos marcantes. Recentemente, por exemplo, foi observado no Brasil o discurso cristão, principalmente o de vertente evangélica, interferindo de maneira expressiva nas duas últimas eleições para presidente<sup>10</sup>, assim como foi igualmente determinante nos pleitos estaduais e municipais. Esse engajamento político demonstra o poder de alcance da igreja na orientação de opiniões e escolhas da população.

No entanto, essa influência da igreja não começou agora nem se limita à esfera política. Ao longo da história, ela tem ocupado um lugar importante na sociedade e atuado em diferentes áreas, como na educação, na assistência social e na saúde. Reimer *et al.* (2018), ao analisarem as principais perspectivas sociológicas sobre a religião, mostram como a instituição já foi interpretada sob vários aspectos. Segundo os autores, para Marx, a religião é alienação; para Durkheim, é coesão; para Weber, é valor que orienta a ação; para Bourdieu, é um sistema simbólico que ordena as relações sociais. Apesar de diferentes, em todos esses enfoques notamos uma forte conexão entre religião e dinâmica social.

Entre os mais variados assuntos presentes no cotidiano das igrejas cristãs encontram-se questões de saúde, sejam elas de ordem física, espiritual ou emocional. Embora não se apresente como um tema novo nesses espaços, mais recentemente se pode afirmar que ali houve um aumento do debate sobre saúde mental, que pode ser explicado em razão da tendência mundial de discussão a respeito dessa pauta, especialmente após a pandemia de Covid-19 (OMS, 2022a). Além disso, muitas lideranças desse segmento, como padres e pastores, compartilharam abertamente na mídia<sup>11</sup> suas experiências pessoais com os transtornos psíquicos, o que demonstra uma disposição crescente para discutir questões de saúde mental, mesmo em contextos de fé.

A igreja, em seus diversos espaços e atividades, costuma ser vista como um ponto de apoio espiritual e também como um lugar de acolhimento para quem enfrenta dificuldades

---

<sup>10</sup> Eleições 2018: os valores e 'boatos' que conduzem evangélicos a Bolsonaro. Portal BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829796> ; Eleições 2022: pastores fazem pressão por voto e ameaçam fiéis com punição divina e medidas disciplinares. Disponível em: [Portal BBC News Brasil, 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209750](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209750)

<sup>11</sup> Padre Marcelo Rossi desabafa sobre depressão: “Não foi fácil”. Metrôpoles, 2018. Disponível em: <https://www.metrolopes.com/celebridades/padre-marcelo-rossi-desabafa-sobre-depressao-nao-foi-facil> ; Não me viam como uma pessoa deprimida, diz pastor sobre estigma da saúde mental nas igrejas. Folha de São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2025/09/nao-me-viam-como-uma-pessoa-deprimida-diz-pastor-sobre-estigma-da-saude-mental-nas-igrejas.shtml> ; Padre Fábio de Melo sofre crise de pânico antes de show no Ceará. Estadão, 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/padre-fabio-de-melo-sofre-crise-de-panico-antes-de-show-no-ceara/> .

emocionais ou psicológicas. Diante do estigma que ainda cerca o sofrimento psíquico, esse papel de acolhimento ganha ainda mais relevância, tornando importante observar como se constroem os discursos que circulam nesse ambiente. Isso importa ainda mais em um país como o Brasil, onde muitas vezes as redes públicas de saúde mental se mostram insuficientes para atender à demanda crescente. Uma informação curiosa que chama a atenção para a importância da religiosidade nas interações, decisões e práticas sociais brasileiras é que, segundo dados apresentados pelo Censo de 2022, há no país mais templos religiosos do que a soma do número de escolas e hospitais<sup>12</sup>.

Acerca do papel exercido pelas instituições religiosas no suporte a sujeitos em sofrimento psíquico, no artigo de revisão integrativa de literatura de Murakami e Campos (2012) é demonstrado que a religião representa uma esfera que pode favorecer o tratamento de pacientes com transtornos mentais, funcionando como suporte emocional e social e incentivo a hábitos que estimulam uma vida mais saudável. A pesquisa enfatiza a importância de os profissionais de saúde estarem preparados para abordar a questão religiosa dos pacientes, pois assim como as crenças podem influenciar de forma positiva as decisões sobre os tratamentos e cuidados, essa religiosidade também pode contribuir para a piora do quadro de doença mental, como quando resulta na recusa a tratamentos, incentivada por crenças rígidas que dificultam a busca por ajuda. Dessa forma, é preciso ponderar que essa influência positiva da igreja não se dá de forma irrestrita.

Ainda acerca da relação entre religião e saúde mental, Baltazar e Silva (2014), ao investigarem a relação entre a religiosidade dos pacientes e as conduções de processos terapêuticos de saúde mental, mostram que, embora a fé apareça de forma recorrente no discurso dos pacientes, ela nem sempre é reconhecida pelos profissionais como uma possibilidade legítima de interpretar o sofrimento. Por outro lado, para os próprios pacientes, a prática religiosa funciona como uma resposta diante das adversidades, bem como se configura como um modo de encontrar sentido e orientar as ações cotidianas. Muitos desses pacientes, inclusive, fazem questão de separar o espaço religioso do terapêutico, seja por respeito aos profissionais, seja por perceberem que suas crenças poderiam não ser validadas ou compreendidas. As autoras concluem que essa distinção evidencia a fé como um recurso simbólico e social que ajuda os pacientes a lidar com o sofrimento, mas, ao mesmo tempo,

---

<sup>12</sup> Brasil tem mais templos religiosos do que hospitais e escolas juntos; Região Norte lidera com 459 para cada 100 mil habitantes. Portal G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2024/02/02/brasil-tem-mais-templos-religiosos-do-que-hospitais-e-escolas-juntos-regiao-norte-lidera-com-459-para-cada-100-mil-habitantes.ghtml>.

mostra as tensões que aparecem quando essa dimensão não é considerada nos projetos de cuidado.

Ao refletir sobre a seriedade com que devem ser tratadas as questões que envolvem os distúrbios mentais, ratificamos a importância de compreender como são construídos e como significam os discursos sobre saúde mental nos espaços religiosos. Mais especificamente, como buscou esta pesquisa, investigar como se mobilizam e se inter-relacionam os diferentes discursos sobre os transtornos de ansiedade e de depressão enunciados nas pregações cristãs. Isto é, como foram constituídas essas falas e quais efeitos de sentido são postos em circulação, considerando o espaço discursivo composto pelos discursos católico e evangélico, espaço sobre o qual falaremos no tópico a seguir.

## 2.2 O espaço discursivo: discurso católico e discurso evangélico

Como demonstrado, partir de um campo discursivo religioso cristão permite observar o funcionamento de discursos que ocupam posição central na dinâmica social brasileira, especialmente em um país em que mais de 80% da população se diz cristã, com cerca de 40% católicos e aproximadamente 30% evangélicos<sup>13</sup>. Além disso, acredita-se que os pregadores religiosos, enquanto sujeitos constituídos e legitimados por um discurso fundador<sup>14</sup>, exercem certa autoridade sobre aqueles que se submetem às orientações e ensinamentos transmitidos, sustentando assim uma relação de confiança, poder e controle entre os líderes e suas comunidades.

Considerando o poder dessa influência, este estudo se propôs a investigar como o discurso religioso trata dos transtornos mentais, especificamente de ansiedade e de depressão, já que esses são os distúrbios com mais ocorrências registradas<sup>15</sup> e, consequentemente, os mais amplamente mencionados nas pregações cristãs sobre a temática de saúde mental. De forma mais detalhada, no espaço discursivo composto pelos discursos católico e evangélico, procuramos descrever a cena enunciativa, identificar as regularidades linguístico-discursivas nos modos como os sujeitos abordam a ansiedade e/ou a depressão em suas pregações,

---

<sup>13</sup> 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. Portal G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>

<sup>14</sup> Discurso fundador, de fundação ou constituinte refere-se a uma categoria proposta por Maingueneau (2000) para designar um tipo de discurso que legitima a si próprio enquanto origem e autoridade, instaurando uma comunidade de sentido e definindo os princípios que a regem. Esse conceito será mais bem explorado no capítulo seguinte.

<sup>15</sup> Saúde mental no Brasil: dados e panorama. Futuro da Saúde, 2024. Disponível em: <https://futurodasaude.com.br/saude-mental-no-brasil/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

investigamos com quais outros discursos o discurso religioso mais regularmente dialoga, e analisamos como eles se inter-relacionam, o que permitiu chegar aos efeitos de sentido que emergiram desses contextos.

O espaço discursivo formado pelos discursos católico e evangélico tem sido explorado por pesquisas que examinam esses lugares no cristianismo brasileiro. Franco<sup>16</sup> (2018), por exemplo, ao analisar em sua tese de doutoramento jornais dessas tradições religiosas, mostra que, mesmo partilhando a mesma matriz cristã, os discursos se organizam de formas distintas. Cada um escolhe temas próprios, se apropria de outros discursos de maneira singular e cria estratégias específicas de legitimação. O estudo deixa claro que se trata de práticas que reforçam tanto aproximações quanto diferenças e, desse modo, constituem identidades discursivas próprias, em vez de simples variações dentro de um único discurso.

Seguindo essa linha, a análise de pregações católicas e evangélicas sobre saúde mental no YouTube integra esse campo de observação. Esses dois discursos, embora se inscrevam no campo cristão, configuram-se de práticas discursivas diferentes e merecem ser observados em sua singularidade. O trabalho de Franco (2018) confirma que essa separação é válida e produtiva, e aqui ela é tratada sob outra perspectiva, uma vez que o foco não é o discurso impresso, mas o oral, disponibilizado digitalmente. O tema central também não é a mídia em si, mas a forma como os transtornos de ansiedade e de depressão aparecem e se relacionam nesse espaço interdiscursivo que envolve religião e saúde mental, ou, mais especificamente, que se constitui do discurso religioso, do discurso que aqui nomeamos como “médico-psicológico”, considerando, como já mencionado, os deslocamentos apresentados no percurso histórico, e de outros discursos mobilizados nessa rede.

É importante deixar claro, contudo, que, em termos de espaço discursivo, o recorte em foco neste estudo envolve os discursos católico e evangélico. O discurso “médico-psicológico” não ocupa o mesmo patamar nesse espaço, pois aparece de forma transversal, assim como outros, sendo apropriado e reinterpretado pelo discurso religioso quando temas ligados à saúde mental e ao adoecimento psíquico são mobilizados.

Ainda recorrendo ao estudo de Franco (2018), trazemos algumas distinções entre os discursos católico e evangélico, as quais são marcadas pelos diferentes modos como cada um se relaciona com a Bíblia, com a doutrina e com a própria organização institucional, o que significa dizer que esses discursos estão submetidos, segundo os termos de Maingueneau

---

<sup>16</sup> Franco (2018) delimitou a análise evangélica à Assembleia de Deus (Jornal Mensageiro da Paz) e à Igreja Universal do Reino de Deus (Jornal Folha Universal), justificando a escolha pela representatividade dessas igrejas como polos do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil.

(2008), a regramentos semânticos distintos<sup>17</sup>. Franco (2018, p. 47) observa, por exemplo, que os evangélicos costumam acusar os católicos de não lerem a Bíblia, já os católicos criticam os evangélicos de fazerem uma leitura ao “pé da letra”. Para o autor, essa diferença revela, além de práticas de leitura distintas, modos diversos de legitimar a autoridade religiosa. Teríamos o catolicismo de um lado, sustentado por ritos, santos e sacramentos<sup>18</sup>, e do outro o evangelismo centrado na vivência pessoal de fé e em um contato mais direto com as Escrituras.

A tese de Franco (2018) aponta ainda contraste no aspecto relacionado às heranças da Reforma, o que fez com que o protestantismo rejeitasse práticas católicas como a adoração à Maria e a “intercessão” de santos. Para o autor, o campo evangélico busca “encurtar o caminho da salvação” (p. 47) ao incentivar uma relação direta entre os fiéis e Deus, assim mais cristocêntrica. Também são percebidas distinções na forma de organização. A Igreja Católica, por exemplo, possui uma estrutura centralizada e hierárquica; o campo evangélico, por sua vez, é marcado pela variedade de suas denominações, cada uma com suas práticas e dinâmicas próprias.

Além disso, o autor mostra que, principalmente no contexto do neopentecostalismo<sup>19</sup>, há prioridade nas soluções imediatas, como promessas de cura, de libertação e de prosperidade, refletindo o ritmo acelerado da sociedade atual. Esse traço se opõe à tradição católica, mais caracterizada pela tradição dos ritos centenários e pela mediação de sacramentos. Observamos, desse modo, que, mesmo pertencendo ao mesmo campo cristão, católicos e evangélicos produzem práticas e discursos diferentes, organizando modos próprios de compreender e de legitimar a experiência religiosa.

Entretanto, apesar das diferenças, Franco (2018, p. 46; 56) mostra que católicos e evangélicos também se aproximam em alguns pontos. Atualmente, eles defendem o mesmo posicionamento moral e político em pautas como a da família tradicional, opõem-se ao que para eles significa uma “ideologia de gênero”, bem como estão unidos em campanhas

<sup>17</sup> Maingueneau (2008) afirma que todo discurso é regido por um sistema de restrições globais, sobre o qual explica: “um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (p. 74). Isso significa que todos os planos do discurso estariam submetidos a esse sistema, como um todo, e que ele definiria o que pode ou não ser dito em um dado discurso.

<sup>18</sup> No catolicismo os sacramentos são sinais sagrados instituídos por Jesus Cristo, pelos quais os fiéis recebem a graça divina. Os sete sacramentos dividem-se em iniciação cristã (Batismo, Eucaristia, Crisma), cura (Penitência ou Reconciliação, Unção dos Enfermos) e serviço (Matrimônio, Ordem), sendo todos celebrados liturgicamente e requerendo preparação prévia. Os sacramentos. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/os-sacramentos/>.

<sup>19</sup> O neopentecostalismo é entendido como uma nova etapa do pentecostalismo brasileiro, que se caracteriza pela ênfase na Teologia da Prosperidade, na guerra espiritual e por adotar uma postura mais flexível diante do mundo material e dos costumes tradicionais (Mariano, 2014, p. 107).

humanitárias e ações sociais. Essas convergências reforçam que, mesmo ocupando espaços discursivos distintos, é possível haver um alinhamento em causas comuns.

Falar sobre caminhos de cura para os males do corpo, do espírito e da mente corrobora para o sentido de uma igreja atenta e voltada ao cuidado com o outro e parece se configurar como um desses propósitos comuns de ambas as vertentes cristãs, mas, nos enunciados das pregações, cada uma pode apresentar especificidades próprias, o que será examinado em nossa análise. Antes disso, no tópico a seguir, procuramos mostrar algumas relações de sentidos entre distúrbios mentais, crenças e práticas religiosas que emergem do texto bíblico.

### 2.3 Sofrimento psíquico na Bíblia: sentidos de fé, pecado e cura

Neste tópico, chamamos a atenção para a relevância das escrituras sagradas para os cristãos e, portanto, para este estudo, uma vez que consideramos que os enunciados analisados se apoiam com frequência em trechos da bíblia, a fim de guiar e sustentar valores e comportamentos. A Bíblia é o livro que reúne os textos sagrados, escritos, de acordo com aqueles que nela creem, por meio de inspiração divina ao longo de aproximadamente mil anos. Livro mais traduzido no mundo, com seus textos escritos originalmente em hebraico, aramaico e grego helênico, ele é composto pelo Antigo Testamento, de tradição judaica, e pelo Novo Testamento, conhecido por Bíblia Cristã. As tradições católica e evangélica fazem uso de versões distintas e a principal diferença entre elas está na constituição do cânon<sup>20</sup>: a Bíblia protestante totaliza 66 livros; e a Bíblia católica registra 73 livros. Essa última manteve os chamados deuterocanônicos<sup>21</sup>, rejeitados na Reforma Protestante, que não compõem as versões que costumam ser usadas pelos cristãos evangélicos.

Além disso, considerando a premissa de que a língua não é neutra, outras distinções de ordem semântica e ideológica podem ser encontradas no texto bíblico entre as versões católicas e evangélicas, perceptíveis em diferentes traduções, notas explicativas, bem como, e principalmente, nas orientações interpretativas. Dias (2021) observa que essa diferença diz respeito a modos distintos de compreender a própria autoridade do texto sagrado. Ele mostra que, entre os evangélicos, especialmente os do campo reformado, há um predomínio da doutrina do *sola scriptura*<sup>22</sup>, a qual defende a Bíblia como única autoridade de fé. No

<sup>20</sup> Coleção de livros que compõem a Bíblia, inspirados e autorizados pela própria divindade.

<sup>21</sup> Referente aos sete livros que foram canonizados posteriormente e aceitos pela tradição católica, mas rejeitados pelo protestantismo, o qual considera esses textos apócrifos, com valor histórico e literário, mas desprovidos de inspiração divina, não devendo, portanto, compor o cânon bíblico.

<sup>22</sup> Significa “somente a Escritura” – “[...] coloca a Bíblia em um patamar mais alto do que qualquer outra revelação e faz dela uma hierofania (manifestação do sagrado)” (Dias, 2016, p. 16).

catolicismo, por outro lado, a interpretação da Palavra está associada também à Tradição e ao Magistério da Igreja. Assim, além das diferenças de composição, há também diferenças de sentido e de leitura que atravessam o texto bíblico nas duas tradições. Embora partam do mesmo texto fundante, esses dois discursos se definem por posições ideológicas próprias e se relacionam de forma polêmica dentro do campo religioso, cada um buscando afirmar sua visão e preservar sua identidade de fé.

Ainda que de modo diferente para católicos e para evangélicos, de forma geral, a Bíblia ocupa lugar central como texto-fonte do discurso religioso cristão, assumindo, nos termos de Maingueneau (2000), um estatuto de “arquitexto”, isto é, de inscrição última que organiza e legitima uma hierarquia de enunciados e interpretações. Sobre esse conceito, que está relacionado à hierarquia de gêneros dos discursos constituintes, assim explica o autor (p. 9):

A inscrição que procede de um discurso constituinte se insere inevitavelmente no interior de uma hierarquia de gêneros de discurso. Esta é, aliás, uma propriedade essencial dessa categoria de discurso: há enunciados mais “prestigiados” que outros, por estarem mais próximos da Fonte legitimante. Uma hierarquia se instaura entre os textos que se supõem autoconstituintes e aqueles que se debruçam sobre eles para comentá-los, resumi-los, interpretá-los... Certos textos adquirem um estatuto de inscrições últimas, eles se tornam o que se poderia chamar de arquitextos.

Segundo a noção de discurso constituinte, o texto bíblico pretende “fundar e não ser fundado por um outro discurso” (Maingueneau, 2000, p. 6), e isso lhe confere uma autoridade singular. Dessa forma, a Bíblia vai além da reunião e do relato de narrativas históricas ou espirituais, ao estabelecer bases interpretativas que regulam tanto a teologia quanto as mais variadas práticas do universo cristão.

Assim, ao tomarmos a Bíblia como arquitexto do discurso religioso cristão, aqui tratando sobre questões psíquicas, é possível compreender que os relatos ali presentes além de registrarem experiências de sofrimento humano, também oferecem quadros interpretativos ao longo do tempo. É a partir dessa matriz que os problemas emocionais ganham lugar e sentidos no ambiente cristão, como veremos mais adiante nas passagens bíblicas que tratam de ansiedade, inquietação, angústia, tristeza e depressão.

É dentro dessa perspectiva que observamos, no estudo de Henriques (2012), o qual investigou o vocabulário religioso mobilizado por usuários evangélicos de um CAPS<sup>23</sup>, a “interpretação bíblica” aparecer como uma das principais estruturas que regem as práticas discursivas e dão sentido às vivências de sofrimento. Os participantes da pesquisa

<sup>23</sup> CAPS é a sigla para Centro de Atenção Psicossocial, um serviço público oferecido por meio do Sistema Único de Saúde (SUS).

frequentemente recorreram a trechos do livro sagrado como referências para a luta contra o mal e para a busca da cura, a qual, em alguns momentos, é descrita “como libertação, saúde, merecimento e força de vontade” (p. 103). Percebemos nessa pesquisa as Escrituras atuando sob o estatuto de arquiteito, ou seja, como o principal e mais importante recurso interpretativo que conduz valores, comportamentos e modos de compreender o mundo, afetando tanto o indivíduo quanto as relações no espaço comunitário.

Como já discutido no capítulo anterior, os problemas emocionais não são um tema exclusivo do campo médico-psicológico, mas também permeiam o imaginário e as práticas culturais e espirituais ao longo da história. Inclusive essas questões, antes de serem classificadas como doenças, eram de domínio do sobrenatural. Na tradição cristã, por exemplo, eles estão presentes em alguns textos bíblicos, muitas vezes tratados ou como um medo excessivo em relação ao futuro e às incertezas e inquietações<sup>24</sup> da vida, que podem ser relacionados à ansiedade<sup>25</sup>, ou ainda como um estado de tristeza, opressão, desânimo e angústia, que seriam correspondentes à depressão<sup>26</sup>.

Pauta recorrente em pregações religiosas cristãs, os distúrbios emocionais, como a ansiedade e a depressão, têm acometido desde personagens das sagradas escrituras até líderes cristãos da contemporaneidade, o que demonstra como essas experiências humanas são atemporais. Personagens bíblicos como Davi, Elias e o apóstolo Paulo enfrentaram momentos de angústia, medo, tristeza e preocupação, expressando sentimentos que se assemelham ao que hoje podem ser entendidos como transtornos de ansiedade e depressão.

Essas narrativas bíblicas ilustram a presença dos problemas emocionais nas experiências humanas ao longo dos séculos, assim como oferecem caminhos de reflexão sobre como lidar com eles. Muitos desses textos se associam a problemas emocionais, tais como ansiedade e depressão, e constituirão com frequência os enunciados das pregações analisadas,

<sup>24</sup> Termo encontrado em algumas versões da Bíblia, como “Quando as minhas **inquietações** aumentavam no meu íntimo, o teu consolo trouxe alívio à minha alma.” (Salmos 94, 19, NVI), ou ainda como a expressão “**multidão dos meus pensamentos** dentro de mim” (Salmos 94, 19, ACF), ambos podendo ser relacionados à ansiedade.

<sup>25</sup> Alguns versículos bíblicos que podem ser relacionados à ansiedade, (Nova Versão Internacional, 2001): “Quando a **ansiedade** já me dominava no íntimo, o teu consolo trouxe alívio à minha alma” (Bíblia, Sl, 94, 19, grifo nosso); “Não andem **ansiosos** por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus” (Bíblia, Fl, 4, 6, grifo nosso); Lancem sobre ele toda a sua **ansiedade**, porque ele tem cuidado de vocês (Bíblia, 1Pe, 5, 7, grifo nosso). “O coração **ansioso** deprime o homem, mas uma palavra bondosa o anima” (Bíblia, Pv, 12, 25, grifo nosso).

<sup>26</sup> Alguns versículos bíblicos que podem ser relacionados à depressão, (Nova Versão Internacional, 2001): “Venham a mim, todos os que estão **cansados e sobrecarregados**, e eu lhes darei descanso.” (Bíblia, Mt, 11, 28, grifo nosso); “A minha alma se consome de **tristeza**; fortalece-me conforme a tua promessa.” (Bíblia, Sl, 119, 28, grifo nosso); “Pois vejam! Criei novos céus e nova terra, e as coisas passadas não serão lembradas. Jamais virão à mente!” (Bíblia, Is, 65, 17); “Por que você está assim tão **triste**, ó minha alma? Por que está assim tão **perturbada** dentro de mim?” Ponha a sua esperança em Deus! Pois ainda o louvarei; ele é o meu Salvador (Bíblia, Sl, 42, 11, grifo nosso); Tu és o meu abrigo; tu me preservarás das **angústias** e me cercarás de canções de livramento. (Bíblia, Sl, 32, 7, grifo nosso).

razão pela qual apresentamos este breve cenário. Em geral, esses textos sugerem a busca por conforto e segurança na fé e na confiança em Deus como uma forma de aliviar as tensões emocionais e os medos existenciais. O personagem do Rei Davi, por exemplo, no livro de Salmos, clama diversas vezes por socorro e encontra alívio e esperança no seu encontro com o divino. Veremos ainda no novo testamento passagens como “Não andeis ansiosos por coisa alguma” (Filipenses 4:6), que sugerem o caminho da fé como um meio para enfrentar as preocupações do dia a dia.

Sem desconsiderar a importância do amparo reconfortante da fé para os momentos de enfermidades, sejam elas físicas ou emocionais, às quais todas as pessoas estão sujeitas a vivenciar, pode ser observada nos discursos religiosos a tendência em relativizar os distúrbios psicológicos apenas como problemas espirituais. Isso é mais agravante quando ocorre, sobretudo, por meio da fala de lideranças religiosas<sup>27</sup> que, em seus enunciados, se dirigem a um número expressivo de destinatários. A “falta de Deus”, a “pouca fé” e a “possessão do inimigo” ainda parecem se configurar como máximas nos discursos cristãos que buscam a compreensão dos distúrbios da mente.

Para Mariano (2014, p. 109-110), que analisou o movimento do novo pentecostalismo no Brasil, a disputa entre o bem e o mal dentro do cristianismo é central, “pastores e fiéis enxergam a ação divina e demoníaca nos acontecimentos mais insignificantes do cotidiano. Para eles, não há acaso. Tudo é prenhe de sentido, e a Bíblia contém todas as respostas de que precisam”. Assim, observamos que essa perspectiva contribui para reforçar interpretações que espiritualizam experiências psíquicas complexas, reinserindo-as no campo da batalha espiritual, já que retomam saberes anteriores à consolidação da doença mental e da psiquiatria.

## 2.4 O discurso religioso como prática discursiva

Compreender o discurso religioso a partir da Análise do Discurso francesa é reconhecê-lo como uma prática social e simbólica que ultrapassa o campo espiritual. Maingueneau (2008, p. 13) observa que, embora ainda seja pouco explorado na área, esse tipo

<sup>27</sup> Hernandes Dias Lopes: ‘Ansiedade é falta de fé’; “A ansiedade tem o poder de tirar os nossos olhos de Deus e colocá-los nas circunstâncias”. Portal Comunhão, 2021. Disponível em <https://comunhao.com.br/hernandes-dias-lobes-ansiedade-e-falta-de-fe/>. Como Ana Paula Valadão: religiosas têm fé questionada por fazerem terapia. Portal UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/28/fe-abalada-religiosas-sao-criticadas-por-tratarem-depressao-fora-da-igreja.htm>. No Encontro, cantor gospel causa revolta ao associar depressão a falta de Jesus. Portal UOL, 2023. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/no-encontro-cantor-gospel-causa-revolta-ao-associar-depressao-falta-de-jesus-104389>.

de discurso remete a questões particularmente presentes no mundo contemporâneo, o que reforça sua importância analítica. O dizer religioso se constitui em uma maneira de interpretar o mundo e de intervir na vida social, não se restringindo à transmissão de crenças ou ensinamentos. A força desse discurso está na forma pela qual ele se apresenta como portador de uma verdade superior, que é sustentada pela tradição e pela autoridade das instituições religiosas. No contexto cristão, essa função discursiva aparece em diferentes práticas, como nas Escrituras, nas celebrações e nas pregações, nas quais a linguagem religiosa se atualiza, na busca por uma aproximação com as vivências cotidianas, como, por exemplo, quando aborda temas relacionados ao sofrimento psíquico.

Entre essas práticas, a pregação, ou sermão, ocupa um lugar importante. Embora até aqui tenhamos nos referido ao termo “pregação”, bem como o faremos na designação do *corpus* estudado, aqui, o vocábulo “sermão” será utilizado como equivalente, uma vez que é dessa forma que Maingueneau (2010) o emprega em seu estudo que nos serve de suporte. Assim, neste ponto do trabalho, assumimos ambos os termos como referentes ao mesmo gênero discursivo religioso, contudo, no capítulo metodológico, trataremos da questão de modo mais detido, estabelecendo as diferenciações necessárias. Para Maingueneau (2010, p. 104), o sermão é uma prática discursiva que:

[...] entra na categoria das enunciações monológicas orais, apoiadas em geral em um texto prévia e cuidadosamente escrito. Seu objetivo é ao mesmo tempo melhorar a compreensão da doutrina e incitar os fiéis a levar uma vida mais de acordo com as exigências religiosas.

Além de transmitir ensinamentos, o sermão funciona como uma forma de mediação que coloca o dizer religioso entre a tradição e o presente. Ou seja, é nesse gênero que a mensagem bíblica vai sendo reinterpretada e atualizada para dialogar com os temas de hoje. Questões como família, trabalho, saúde ou sofrimento emocional entram nas pautas religiosas para serem interpretadas à luz da fé. Ainda que seja parte de uma tradição antiga, o sermão se atualiza e se ajusta, para continuar tendo um papel importante dentro das comunidades religiosas.

Ao mesmo tempo, o sermão organiza posições de dizer e de escuta que estruturam a relação entre pregador e fiéis. A fala de quem prega é reconhecida como legítima porque vem de alguém que representa uma autoridade religiosa, tanto institucional quanto simbólica. Já quem escuta é convidado a aceitar e compartilhar os sentidos ali construídos.

Neste trabalho, interessa observar como, dentro desse gênero discursivo, aparecem sentidos sobre ansiedade e depressão que se relacionam com outros discursos, formando um

espaço de cruzamento e diálogo entre diferentes vozes. Entendemos assim que o sermão se configura como um gênero de mediação entre os saberes religiosos (constituídos pela Palavra, pelos textos doutrinários etc.) e as experiências do cotidiano, tornando possível, por exemplo, que temas ligados ao sofrimento psíquico sejam interpretados e ressignificados a partir de um enquadramento religioso. Acerca da importância de análises discursivas a partir de gêneros diversos, Maingueneau (2010, p. 101) afirma:

O discurso religioso, enquanto “discurso constituinte”, faz parte desses discursos que são radicalmente heterogêneos, que associam gêneros de discurso muito fechados, produzidos por e para especialistas, que pretendem enunciar em nome da Fonte que os funda, e gêneros mais próximos da vida cotidiana. É o conjunto de interações entre gêneros bastante diversos que é preciso estudar, em vez de considerar que o essencial está localizado nas arquiteturas doutrinárias ou, ao contrário, nos gêneros do cotidiano.

Como vimos, Maingueneau (2000, 2010) entende o discurso religioso como um discurso constituinte, ou seja, como um modo de enunciação que se afirma a partir de uma origem divina e de uma autoridade própria, que não provém de outros discursos, e que busca instaurar sentidos e afirmar sua própria legitimidade a partir de uma fonte divina. Por meio, principalmente, da referência à “palavra divina”, a qual se encontra, como já mencionado no tópico anterior, em lugar privilegiado de inscrição como um “arquitrato”, o locutor religioso ocupa uma posição de autoridade, cuja fala é reconhecida como expressão da vontade de uma instância superior.

Esse tipo de autoridade se faz presente tanto nos textos sagrados como nas falas de líderes e instituições religiosas, que se colocam como mediadores entre Deus e as pessoas. A partir desse lugar de legitimidade, os discursos constituintes não apenas falam sobre a realidade, mas também dizem o que tem valor, definem modos de agir, reforçam instituições e influenciam a forma como as pessoas se veem e se conduzem (Maingueneau, 2000). Isso explica, por exemplo, porque o discurso religioso exerce forte influência sobre a forma pela qual as pessoas interpretam o sofrimento emocional e as questões existenciais.

Enquanto Maingueneau (2000, 2010) entende o discurso religioso pela sua natureza constituinte, Orlandi (2023) o classifica na categoria dos discursos autoritários. Para ela, a relação de autoridade desse tipo de discurso é sustentada por uma “ilusão de reversibilidade”. A autora ainda esclarece que a noção de reversibilidade seria “a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui” (p. 287). Assim, nos discursos autoritários, mais especificamente no discurso religioso, o que o configuraria seria “a não-reversibilidade

entre os planos temporal e espiritual, [...] a voz de Deus é que fala em seu representante” (p. 308).

Isso significa que esse tipo de discurso cria a impressão de diálogo entre o fiel e o divino, embora a relação seja unidirecional, pois é a voz de Deus que se manifesta por meio do representante religioso. Essa configuração estabelece uma espécie de voz do absoluto, incontestável, e coloca o fiel na posição de quem escuta e obedece. O fiel acredita que se comunica diretamente com o divino, quando esse diálogo vai ser mediado, na verdade, pelo discurso religioso e controlado pela instituição (Orlandi, 2023). A “ilusão” busca garantir a estabilidade dos sentidos e o controle das interpretações, por isso, em muitos contextos, assuntos como a saúde mental são frequentemente abordados a partir de uma perspectiva religiosa, que pode ser associada à fé, ou à falta dela, à culpa ou à salvação, em detrimento de outras abordagens, como a clínica.

Orlandi (2023, p. 291) afirma ainda que o discurso religioso se trata do discurso “em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”, isto é, refere-se aos enunciados em que o sujeito, autorizado pela Igreja (Fonte legitimadora) e regido pelas escrituras sagradas (palavra de Deus), representa a autoridade incontestável do próprio Deus. Contudo, ela pondera que “do ponto de vista da Análise do Discurso, pode-se dizer que Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar para colocar (instituir) uma sua fala específica” (1987, p. 7). Ainda segundo a autora (1987), os discursos religiosos, em sua pluralidade, estabelecem relações complexas entre si e com outros discursos, moldando-se e sendo moldados por essas interações.

Observamos até aqui que, de acordo com Maingueneau (2000; 2010) e Orlandi (2023), o discurso religioso pode ser compreendido como um espaço de produção e regulação de sentidos, onde se definem valores, sujeitos e formas de entender o mundo. Quando líderes cristãos falam sobre sofrimento psíquico, eles podem mobilizar crenças e interpretações que articulariam fé, moral, cura e salvação, oferecendo formas específicas de compreender e de lidar com a dor. Esse conjunto de práticas mostra o papel social que o discurso religioso ocupa e as relações que estabelece com outros campos de saber, compondo a rede interdiscursiva que será explorada nas análises.

Reconhecer essa dimensão discursiva nos dá uma ideia do alcance e do poder do discurso religioso na constituição dos sentidos acerca da saúde mental e do sujeito contemporâneo. Todo esse esforço reflexivo buscou delinear um quadro contextual e preparar o terreno para o capítulo seguinte, onde serão trazidas concepções da AD, em que será

possível aprofundar a noção de discurso constituinte e apresentar categorias como o interdiscurso e sua organização em instâncias discursivas, dispositivos importantes propostos por Dominique Maingueneau, que servirão de base para a análise das pregações cristãs sobre ansiedade e depressão.

*“De minha parte, eu distinguirei três maneiras de praticar a AD, dessas, somente a última é a que me interessa. A primeira consiste em utilizar a AD para perguntar de maneira indireta questões filosóficas; nesse caso, a dimensão da análise empírica de discurso é secundária. A segunda consiste em ver na AD um conjunto de “métodos qualitativos” à disposição das ciências humanas e sociais; a AD não passa então de uma espécie de caixa de ferramentas que permite construir interpretações em outras disciplinas. A terceira maneira consiste em ver na AD um espaço de pleno direito dentro das ciências humanas e sociais, um conjunto de abordagens que pretende elaborar os conceitos e os métodos fundados sobre as propriedades empíricas das atividades discursivas. Isso não quer dizer que a AD se reduz a uma disciplina empírica, mas ela deve se organizar tendo as pesquisas empíricas em vista”.*

(Maingueneau, 2006)

### 3. CONCEITOS DE ANÁLISE DO DISCURSO

O referencial teórico que sustenta este trabalho tem como base a Análise do Discurso de tradição francesa, com ênfase nas contribuições de Dominique Maingueneau (1995, 1997, 2000, 2007, 2008, 2010, 2015). Ao refletir sobre o processo de construção da Gênese dos discursos (2008), o autor fala sobre a importância da relação entre a prática e a teoria na pesquisa em análise do discurso. Assim, ele afirma que é fundamental que o analista do discurso esteja em contato “de maneira assídua com um terreno para alimentar sua reflexão teórica” (2008, p.11). Ou seja, o confronto com os discursos que circulam na sociedade e outras pesquisas é essencial, pois permite que a teoria seja constantemente revisada e aprimorada.

A Análise do Discurso (AD), embora seja relativamente nova como disciplina, engloba uma variedade de teorias, que resultam, “ao mesmo tempo, da *convergência* de correntes recentes e da *renovação* da prática de estudos muito antigos de textos” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 43), cada uma com suas próprias abordagens discursivas e orientações teórico-metodológicas.

No entanto, de modo geral, pode-se dizer que a AD concentra-se na investigação da “relação entre texto e contexto” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 44), ou seja, na produção de significados, considerando os contextos sócio-históricos em que ocorrem as práticas discursivas, sendo de grande relevância para a compreensão da relação entre linguagem, ideologia e identidade.

A respeito da interação entre discurso e língua, Pêcheux e Fuchs (2010, p. 172) refletem:

De fato, que relação existe entre os processos discursivos e a língua, do ponto de vista da teoria do discurso? A perspectiva de conjunto é a seguinte: estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentido.

Para esses autores, a construção do sentido é uma questão de natureza discursiva e não linguística. Eles separam língua e discurso em objetos de naturezas distintas e tomam como ideológica a natureza do objeto discursivo. A relação entre língua e discurso se estabelece então por ser a língua o lugar material onde os efeitos de sentidos se realizam nos processos discursivos.

Ao analisar diversas correntes da AD, Melo (2009) destaca as várias perspectivas sobre o conceito de “discurso” nessas abordagens. O autor explica (p. 3) que, na visão estruturalista, o discurso é entendido apenas como um conjunto de frases, e que o sujeito aparece como alguém que apenas repete as regras do sistema linguístico. Em Pêcheux, por outro lado, o discurso é considerado como uma forma de concretização da ideologia, em que o sujeito é atravessado por ela, sem ter plena consciência daquilo que diz. Fairclough, por sua vez, vê o discurso como uma prática social que tanto reproduz como altera a realidade. Maingueneau o define como uma variedade de textos marcada por determinadas regularidades históricas e enunciativas. Apesar das diferenças entre essas abordagens, Melo (2009, p. 3) observa que, com exceção das perspectivas estruturalistas, as correntes de AD compartilham a compreensão de que a linguagem não é neutra, pois é por meio dela que se constroem os sentidos e se constituem os sujeitos nas relações sociais e históricas em que estão inseridos.

Como já destacado, Maingueneau (2008) entende o discurso como “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (p. 14). Isso significa que essa rede de textos, inserida em dados contextos históricos, possui padrões de linguagem e formas de dizer características, que permitem identificar e analisar cada discurso como um espaço discursivo com suas próprias regras e convenções. Ao estabelecer os discursos como “integralmente linguísticos e integralmente históricos” (p. 16), o autor defende que para compreendê-los é preciso considerar não apenas os enunciados, mas também o contexto social, cultural e histórico em que esses dizeres são produzidos e interpretados.

Ao discorrer sobre a AD, Maingueneau (2007) adverte que “não podemos mais ignorar que esse rótulo se aplica a trabalhos de inspirações muito diferentes em todo o mundo” (p. 15). Para ele, as tentativas de esclarecimento sobre a AD são em vão, pois esse campo de estudo continua marcado por uma grande variabilidade. Ou seja, é amplo o alcance e a aplicabilidade da AD nas várias áreas de estudo, com destaque para o vínculo umbilical que esta tem com os estudos da linguagem, mas também a encontraremos na Sociologia, na Antropologia, na Comunicação, na História, na Psicologia e nos mais diversos estudos sociais

e culturais. Sobre o lugar da AD e seu emprego multidisciplinar, Maingueneau (2007, p. 16) reflete ainda:

Para nós, a análise do discurso não veio simplesmente preencher um vazio na linguística do sistema, como se a Saussure tivéssemos adicionado Bakhtin, ou ainda como se a uma linguística da «língua» acrescentássemos uma linguística da «fala». É verdade que ela mantém um elo privilegiado com as ciências da linguagem, domínio ao qual pertence – pelo menos na concepção que prevalece em geral, e particularmente na França; todavia, seu desenvolvimento implica não apenas uma extensão da linguística, mas também uma reconfiguração do conjunto dos saberes. Podemos observar, aliás, que apenas uma parte daqueles que foram seus grandes inspiradores nos anos 60 é constituída por linguistas, estando presentes ainda antropólogos (Hymes), sociólogos (Garfinkel, Sacks) e também filósofos preocupados com a linguística (Pêcheux) ou não (Foucault).

Entretanto, a despeito desse entendimento, Maingueneau (2000) defende que a AD, apesar de transitar entre diferentes áreas do conhecimento, deve preservar seu vínculo essencial com as ciências da linguagem. Ele aponta que, ao estudar discursos militantes, por exemplo, é comum que pesquisadores priorizem o acesso rápido às representações e acabem deixando de lado a materialidade da linguagem. Ou ainda que estudiosos “em literatura, política, filosofia ou publicidade analisam textos *a seu modo*, que é certamente bastante impressionista, mas, para eles, bem adequado a seus objetivos” (p. 4, grifo nosso), e enfatiza que “seus métodos dependem de um conhecimento científico sobre a linguagem” (p. 4).

Pode-se entender que, no entremeio entre sujeito, língua e história, interessa à AD a relação entre a linguagem e a ideologia, tendo essa disciplina nascido da interação entre Linguística, Marxismo e Psicanálise. A AD busca assim desvelar como os discursos, enquanto efeitos de sentido entre interlocutores, são construídos e mobilizados para promover e reproduzir relações de poder e de dominação, revelando as dinâmicas ideológicas que permeiam a linguagem e influenciam a formação de identidades individuais e coletivas.

### **3.1 A constituição dos sentidos – primazia do interdiscurso**

Entre os conceitos da AD que orientam esta pesquisa, voltada a compreender os sentidos que emergem das relações entre diferentes discursos religiosos cristãos sobre saúde mental, especialmente aqueles que falam de ansiedade e depressão no contexto do cristianismo brasileiro, e outros discursos ali mobilizados, destacamos o da *primazia do interdiscurso sobre o discurso*. Nas palavras de Maingueneau (2008, p. 20), isso “significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos”.

Possenti (2003) afirma que o interdiscurso aparece sob diferentes termos – polifonia, dialogismo, heterogeneidade ou intertextualidade – e, ainda que cada um aponte para especificidades diversas, tais termos indicam que nenhum discurso se constitui sozinho, ele sempre se apoia em outros dizeres. Mesmo que pareça uma noção já consolidada, o autor enfatiza que, no campo da AD, as questões não são encerradas ou superadas como em modelos teóricos cumulativos, ao contrário, “não há propriamente, no campo da AD, questões vencidas” (p. 140). Assim, o interdiscurso permanece como um objeto aberto à problematização e a novas interpretações.

Ao discorrer sobre “certos aspectos das definições” de interdiscurso formuladas “em Pêcheux (1975) e em Courtine (1981), de um lado, e em Maingueneau, de outro”, Possenti (2003, p. 140-146) observa que, apesar das diferenças, os autores concordam em um ponto: o interdiscurso implica sempre relação entre discursos, podendo ser entendido de maneira mais restrita – como discursos que se delimitam no mesmo campo – ou mais ampla, como “o conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita”. Assim, em Pêcheux, o interdiscurso aparece como o exterior que antecede o dizer e condiciona o que pode ser enunciado, definido como “o todo complexo com dominante das formações discursivas” (Pêcheux, 1975, p. 162 *apud* Possenti, 2003, p. 141). Essa base se mantém em Courtine, mas o foco é o confronto entre discursos: um dizer se organiza porque responde a outros que o antecedem ou o contradizem. Já Maingueneau vai propor uma concepção “menos pomposa, mas mais operacional e mais produtiva” (Possenti, 2003, p. 145), ao estabelecer as instâncias para organização do interdiscurso: o universo discursivo, o campo discursivo e o espaço discursivo; e mostrar que o Outro não está fora, mas “no próprio coração do intradiscurso” (Maingueneau, 1984, p. 30 *apud* Possenti, 2003, p. 145).

Nesse sentido, a concepção de interdiscurso parte do princípio de que nenhum discurso existe isolado, ele só ganha sentido dentro da ampla rede de outros dizeres com os quais se relaciona e a partir dos quais ele próprio se constitui. Assim, para esta pesquisa, partimos da premissa de que os discursos que versam sobre problemas mentais no contexto das pregações religiosas são constituídos de muitos dizeres e saberes, os quais estão em “concorrência”, que “deve ser entendida da maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc.” (Maingueneau, 2008, p. 34).

Portanto, temos em Maingueneau (2008) que o interdiscurso é considerado como anterior e constitutivo do discurso. Isso significa dizer que os discursos não surgem de forma isolada, mas são moldados e influenciados pela rede interdiscursiva na qual estão inseridos. Segundo o autor (2000, p. 4), “falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros

discursos, outras vozes. Portanto, a relação de um texto consigo mesmo e sua relação com outros, ou seja, do ‘intradiscurso’ com o ‘interdiscurso’, não podem ser dissociadas”.

Ainda nesse sentido, para o autor (2008), os discursos “se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso” (p. 21), o que significa que há regras de coerência e legitimação que sustentam essa estrutura, assim como “a relação interdiscursiva estruturaria a identidade” (p. 21). Essa identidade não é algo fixo, mas se constrói e se transforma com o tempo, podendo se reconfigurar conforme os discursos entram em contato e se confrontam entre si. E é exatamente essa relação interdiscursiva que movimenta o processo, fazendo com que as identidades se modifiquem a partir do encontro com outros modos de dizer. Assim, ao analisar as relações interdiscursivas, podemos compreender como as identidades são formadas e transformadas a depender dos contextos sócio-históricos.

Validando uma noção desenvolvida por Authier-Revuz (1982), a heterogeneidade do discurso, Maingueneau (1997) afirma se tratar de conhecer uma operação que se caracteriza por uma “relação radical de seu ‘interior’ com seu ‘exterior’” (p. 74). Embora em sua concepção as formações discursivas<sup>28</sup> não possuam duas dimensões, ele opta por considerar a heterogeneidade em dois planos diversos – a heterogeneidade mostrada e a constitutiva:

[...] a primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do *interdiscurso*, a propósito da constituição de uma formação discursiva. (p. 74, grifo nosso)

A esse respeito, tomando como base o dialogismo bakhtiniano e a concepção de sujeito de Lacan, Authier-Revuz (2012) apresenta a noção de heterogeneidade como sendo uma característica fundamental do discurso, indo além da simples multiplicidade de vozes para abarcar dentro de um texto contradições, ambiguidades e conflitos internos. Ela sugere então que o discurso é heterogêneo tanto no nível da forma, como também no nível do conteúdo e da significação.

Ao nível da cadeia do discurso, localizar um ponto de heterogeneidade é circunscrever este ponto, ou seja, opô-lo por diferença do resto da cadeia, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido etc.; corpo

<sup>28</sup> Outra ponderação que Maingueneau faz no prefácio da tradução brasileira da *Gênese dos discursos* (2008) é a respeito de uma utilização “frouxa” da noção de Formação discursiva, que ali parecia se tratar quase como sinônimo de “discurso”. Aqui o termo aparece citado na obra *Novas tendências em análise do discurso* (1997), usado de modo a designar um conjunto discursivo específico dentro do interdiscurso, que ainda pode ser vinculado à concepção herdada de Pêcheux e Foucault. Em suas obras mais recentes, contudo, o autor opta pelo uso de “posicionamento”, entendida como o modo pelo qual um discurso se situa e se diferencia dentro de um campo, noção que estaria mais de acordo com o caráter interdiscursivo de sua teoria.

estranho delimitado, o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de correção, reserva, hesitação... um caráter de particularidade acidental, de defeito local. Ao mesmo tempo, remete a um alhures, a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar, determina automaticamente pela diferença um interior, aquele do discurso; ou seja, a designação de um exterior específico é, através de cada marca de distância, uma operação de constituição de identidade para o discurso (Authier-Revuz, 2012, p. 31).

Ao refletir sobre a identidade das formações discursivas tratada por Jean-Jacques Courtine (2014), Maingueneau (1997) explica que elas apresentam uma natureza heterogênea, não sendo “como um bloco compacto que se oporia a outros” (p. 112), mas que se constituem de um mosaico de elementos diversos e inter-relacionados, cujas fronteiras se movem a depender dos conflitos ideológicos. Assim, ele conclui que “Em um dado momento, uma formação discursiva é associada a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e isso faz parte integrante de sua especificidade” (p. 118).

De fato, Courtine (2014), ao examinar o sentido de formação discursiva em sua análise, a partir, principalmente, dos trabalhos de Michel Pêcheux, entende que o interdiscurso torna evidente que todo discurso é sempre atravessado por outros discursos preexistentes, servindo como “matéria-prima representacional” (Pêcheux; Fuchs, 2010, p. 168), para novas formulações e dissimulando, na aparente transparência do sentido, a presença de enunciados anteriores que o sustentam e o orientam.

Nesse sentido, ao também discorrer sobre o interdiscurso, Orlandi (2012) afirma que ele “é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (p. 33). Para ela é vã a tentativa de indagar ao sujeito sobre o sentido de seu dizer, uma vez que ele não teria “controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (p. 32). Ou seja, nesse processo, o sujeito discursivo não tem controle sobre os sentidos que produz, pois eles se estabelecem a partir de uma memória discursiva compartilhada. Para a autora, o interdiscurso envolveria, assim, um jogo constante entre memória (o que foi dito e esquecido) e atualidade (o que está sendo formulado), permitindo que sentidos antigos se reatualizem e se inscrevam em novas formulações.

Isso mostra que os dizeres de um sujeito só fazem sentido porque já carregam, ainda que apagados na memória, sentidos já constituídos. Portanto, o discurso não seria instituído pelo sujeito, mas a partir de um espaço de significação atravessado por sentidos preexistentes. Orlandi (2012, p. 34) assim explica a razão de alguns desses sentidos afetarem mais os sujeitos do que outros: “[...] por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles”.

Desse modo, vimos que o primado do interdiscurso possibilita o entendimento de que nenhum discurso basta a si mesmo, mas que ele se constitui a partir de uma rede composta por outros dizeres que o antecedem, o sustentam e o desafiam. Em síntese, como vimos em Possenti (2003), essa concepção decorre de um percurso teórico construído ao longo do desenvolvimento da Análise do Discurso francesa. O termo interdiscurso é inicialmente formulado por Michel Pêcheux, na década de 1970, para designar o conjunto de dizeres anteriores que condiciona o que pode ser dito em uma formação discursiva. Posteriormente, por volta do início dos anos 1980, Jean-Jacques Courtine retoma essa noção, enfatizando o modo como os discursos se organizam em relação a outros, especialmente em situações de confronto, como no discurso político. Em meados dos anos 1980, o interdiscurso passa a ser tratado de forma mais sistemática, sendo organizado por Dominique Maingueneau em instâncias como o universo discursivo, o campo discursivo e o espaço discursivo, e a partir de então o primado do interdiscurso consolida-se como princípio estruturante da constituição dos discursos.

Pensando nos discursos cristãos sobre saúde mental, objetos desta pesquisa, podemos dizer que essa constituição se dá na interlocução, que nem sempre é harmoniosa, entre os enunciados religiosos, morais, médicos e psicológicos, entre outros, que se entrecruzam na construção de sentidos sobre o sofrimento psíquico e suas formas de superação.

Faz-se necessário, a partir da concepção apresentada aqui, examinar como essa rede interdiscursiva se organiza. Assim, no tópico seguinte, mostraremos como Maingueneau (1997, 2008) identifica as instâncias que estruturam o funcionamento dos discursos, e como elas são essenciais para uma compreensão mais analítica de como eles se situam, circulam e se diferenciam dentro de uma mesma comunidade de sentido.

### **3.2 O interdiscurso e sua organização – as instâncias discursivas**

Segundo a proposta teórica de Maingueneau para a AD de que seu objeto de análise não seria propriamente o discurso, mas a inter-relação entre os discursos, o autor oferece, para a organização dessa rede interdiscursiva, um importante instrumento de análise ao propor que as instâncias discursivas correspondem a estruturas que podem ser abordadas sob três perspectivas: universo discursivo, campos discursivos e espaços discursivos.

O teórico (1997, p. 116) entende por *universo discursivo* “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura”. Para ele esse seria um conceito mais teórico e abrangente, difícil de delimitar em sua totalidade,

mas que funcionaria como referência para as outras duas instâncias. Maingueneau (2008, p. 33) considera ainda que essa instância seria “de pouca utilidade para o analista”, e a define como “o horizonte a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de ser estudados, os ‘campos discursivos’”.

Dessa forma, para Maingueneau (2008) os *campos discursivos* seriam o conjunto de discursos que estão em “concorrência”, disputam sentidos e que se delimitam mutuamente dentro de uma dada região do universo discursivo. Para o autor (2008, p. 34):

“Concorrência” deve ser entendida da maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc..... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida.

O autor adverte que “esse recorte em ‘campos’ não define zonas insulares; é apenas uma abstração necessária, que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas” (Maingueneau, 2008, p. 34). Isto é, essa divisão em “campos” não significa criar áreas fechadas e isoladas umas das outras, como se fossem territórios separados. Essa divisão seria apenas um recurso teórico, pensado para permitir que se identifiquem nas análises as interações entre os diferentes discursos. Sobre as trocas entre os campos, ele considera (1997, p. 117):

Este estudo das trocas entre campos desemboca imediatamente sobre a questão da *eficácia* dos discursos, sobre sua aptidão em suscitar a adesão de um conjunto de sujeitos. Essa rede de remissões de um campo para outro (citações explícitas, esquemas tácitos ou captações...) contribui bastante para essa eficácia: confrontado com um discurso de certo campo, um sujeito encontra elementos elaborados em outro lugar, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência.

Ao considerar que é “no interior do campo discursivo que se constitui um discurso” (2008, p. 34), Maingueneau lembra, contudo, que não é possível prever, de forma rígida, como os discursos dentro de um campo vão se relacionar entre si, porque essas interações são heterogêneas. O que o analista pode fazer é identificar subconjuntos de formações discursivas relevantes para sua análise, estabelecendo hipóteses baseadas no seu conhecimento dos textos e do contexto histórico.

Esses subconjuntos são chamados de *espaços discursivos* e funcionam como recortes analíticos, escolhidos pelo analista em razão dos objetivos de investigação, que ajudam a compreender a inter-relação entre os discursos. O espaço discursivo “delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm

relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (Maingueneau, 1997, p. 117). É ali em que um dado discurso, o “Mesmo”, se estabelecerá na sua relação com o que ele não é, isto é, com o discurso “Outro”. Atentemos para as palavras do autor (2008, p. 36-37):

Assim, o Outro não deve ser pensado como uma espécie de “invólucro” do discurso, ele mesmo considerado como o invólucro de citações tomadas em seu fechamento. No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa; não é necessário que ele seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. Ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade. Disso decorre o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo.

Vimos que, ao discutir o funcionamento do espaço discursivo, Maingueneau (2008) destaca que o discurso é, por natureza, dialógico e que não há separação possível entre a interação com outros discursos e sua própria organização interna. O autor explica que a coerência de um discurso não é sustentada por uma estabilidade, mas pelo movimento de tensão e de negociação que ele mantém com o seu exterior.

Portanto, compreender as instâncias discursivas formuladas por Maingueneau (1997, 2008) permite perceber como os discursos se organizam e se relacionam dentro do interdiscurso. Entre essas esferas, o espaço discursivo parece ser o de maior utilidade a este estudo, pois, resultado de uma escolha entre outras possíveis, e já justificada anteriormente, é nesse recorte composto pelos discursos católico e evangélico que observamos a construção dos sentidos a partir da inter-relação entre os dois e entre eles e outros diferentes discursos.

Ressaltamos que, nesse espaço, opera-se ainda uma especificação de ordem temática, de modo que o foco analítico incida sobre os enunciados que dizem respeito à saúde e ao sofrimento mental. É por essa perspectiva que se torna possível observar a construção dos sentidos, tanto na inter-relação entre os dois discursos do campo cristão, como também nas interações que eles estabelecem com outros discursos que atravessam esse domínio.

Com isso, passaremos a discutir no próximo tópico a respeito dos discursos constituintes, mais uma categoria fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Refletiremos, principalmente, sobre os discursos que são centrais na rede interdiscursiva aqui estudada, pois é a partir deles que se instituem e se legitimam os sentidos que sustentam as demais formas de dizer.

### 3.3 Os discursos constituintes

Como já dito, este trabalho toma como objeto o discurso religioso, especificamente os discursos católico e evangélico, ao tratar da temática saúde/ doença mental, delimitado aos transtornos de ansiedade e depressão. A escolha por essa temática faz com que, no espaço discursivo delimitado para o estudo, o discurso religioso se relacione de modo privilegiado com o discurso científico, uma vez que os sentidos sobre sofrimento psíquico são socialmente produzidos e legitimados ao atravessar esse campo. É nesse ponto que se insere o que estamos chamando de “discurso médico-psicológico”, entendido como um discurso que se ancora, de forma recorrente, na ciência como instância de referência. Nesse sentido, outra noção essencial para nossa análise diz respeito aos discursos constituintes ou de fundação, desenvolvida inicialmente por Maingueneau e Cossutta (1995), conceito que já abordamos anteriormente ao falarmos do discurso religioso, mas que aqui trataremos de modo mais detido.

No prefácio da tradução brasileira de *Gênese dos discursos* (2008, p. 12), datado de novembro de 2004, Maingueneau faz uma importante autocrítica sobre os caminhos teóricos que o levaram a formular suas concepções sobre a discursividade. Ele reconhece que, ao elaborar sua tese a partir de um *corpus* composto por discursos religiosos do século XVII, no caso textos do humanismo devoto e do jansenismo<sup>29</sup>, não atentou suficientemente para a especificidade desse tipo de enunciado. O autor acrescenta que a noção de “discurso constituinte”, desenvolvida posteriormente<sup>30</sup>, foi uma forma de responder a essa lacuna.

A problemática dos discursos constituintes parte da observação de que certos discursos, como o religioso, o filosófico, o literário ou o científico, fundam seus próprios regimes de enunciação e autoridade. Particularmente sobre o discurso religioso, que deu origem às reflexões do autor, Maingueneau (2000, 2008, 2010) destaca seu poder de instituir universos de sentido, de fundar comunidades e de legitimar formas de enunciação como características fundamentais presentes nesse tipo de discurso. O autor passa assim a compreender que esses discursos vão além de uma forma de descrever a realidade, eles buscam definir os próprios critérios de verdade, autoridade e pertencimento que o sustentam.

Dessa forma, ao se estabelecerem a partir de um caráter autoconstitutivo, “não tendo eles mesmos discursos que os validem” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 126), vimos que esses discursos se caracterizam por se autolegitimarem, apoiando-se diretamente em

---

<sup>29</sup> Correntes religiosas de destaque na França, no século XVII (Maingueneau, 2008).

<sup>30</sup> Especialmente em *L'analyse des discours constitutants*, 1995.

princípios fundadores ou valores transcendentais que conferem autoridade e sentido à sua existência. Outro lado desse atributo é o da heteroconstituição, ele “é ao mesmo tempo auto e heteroconstituente, duas faces que se supõem reciprocamente” (Maingueneau, 2000, p. 6), isto é, os discursos constituintes “não podem servir de fiadores dos *outros* discursos a não ser construindo mediante sua enunciação as condições de sua *própria* validade” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 126).

Dessa forma, eles refletem sobre sua própria formação para garantir legitimidade (autoconstituição), organizam hierarquias discursivas e atribuem sentido às ações coletivas, buscando assim influenciar comportamentos e prevalecer sobre outros discursos (heteroconstituição). Maingueneau (2000, p. 10) assim explica a respeito do discurso constituinte:

O discurso constituinte não é um simples vetor de idéias, ele articula, através do dispositivo enunciativo, textualidade e espaço institucional. Ele investe na instituição que o torna possível legitimando (ou deslegitimando) o universo social onde ele se inscreve. Há constituição precisamente na medida em que o dispositivo enunciativo funda, de maneira, por assim dizer, performativa, sua própria possibilidade, fazendo o possível para parecer que ele extrai essa legitimidade de uma Fonte da qual ele seria a encarnação (o Verbo revelado, a Natureza, a Razão, a Lei...).

Maingueneau e Cossutta (1995, p. 112) ressaltam que, embora apresentem essas características, os discursos constituintes se relacionam de forma constante com diversos outros modos de enunciação, inclusive com outros discursos constituintes. Entretanto, apesar dessa troca permanente, é próprio desses discursos negar essa interação ou afirmar que tais influências estão subordinadas aos seus próprios princípios, reforçando a aparência de autonomia que os caracteriza.

Nesse sentido, para Maingueneau (2000, p. 11), a posição dentro do interdiscurso seria a principal característica dos discursos constituintes. Como servem de base para os discursos mais “ordinários”, eles próprios devem se fundamentar diretamente em princípios “transcendentes”, que ele denomina de “*archéion*”, termo que deriva do grego e pode ser relacionado a significados como “arquivos públicos” e “sede da autoridade”. Integrando campos discursivos marcados por conflitos constantes, esses discursos apresentam uma hierarquia que varia conforme a proximidade deles com a “Fonte”, como a Lei, a Fé, o Conhecimento etc.

Retomamos o conceito de *arquitrato*, mencionado anteriormente quando tratamos do contexto bíblico, para trazer a explicação, conforme Maingueneau e Cossutta (1995), de que

os enunciados no interior dos discursos constituintes se distribuem em diferentes regimes e materialidades, e variam conforme se aproximam da Fonte legitimante. Dessa maneira, é estabelecida uma hierarquia em que certos textos funcionam como matrizes interpretativas, enquanto outros se restringem a tecer comentários sobre eles, ou ainda a resumi-los ou mediá-los. Considerando essa organização, determinadas inscrições podem adquirir o estatuto de *arquitextos*, como, por exemplo, a Bíblia o é no discurso religioso cristão, tornando-se referências privilegiadas para a constituição de sentidos e para a orientação das práticas discursivas.

Essa dinâmica diz respeito também ao papel das *comunidades discursivas*, que seriam responsáveis por gerir a continuidade e a legitimidade dos posicionamentos, assegurando o controle sobre modos de interpretação considerados pertinentes. Além disso, a cena de enunciação contribui para instituir o quadro dentro do qual esses enunciados devem ser compreendidos, ao articular a cenografia, o papel do enunciador e o espaço institucional em que se inscrevem (Maingueneau, 2000).

As cenas da enunciação (Maingueneau, 2015) designam o quadro enunciativo que orienta a interpretação do discurso, articulando o tipo de discurso (cena englobante), o gênero mobilizado (cena genérica) e a encenação singular criada pelo próprio texto (cenografia), por meio da qual o dizer se legitima durante a enunciação. O autor entende que essa noção concebe o discurso como uma encenação que articula, ao mesmo tempo, um quadro definido pelas restrições do gênero e um processo dinâmico de “ações verbais e não verbais”. Assim, o discurso se inscreve em um dispositivo prévio e o reconfigura continuamente por meio da própria encenação da enunciação. Maingueneau (2015) destaca, entretanto, que essa relação entre o quadro e a encenação é variável conforme os gêneros de discurso.

Entre esses níveis que organizam o dizer, a *cenografia* ajuda a entender como cada discurso constrói a situação a partir da qual pretende ser reconhecido. Em vez de aparecer apenas como um cenário já dado, ela vai se formando enquanto o texto avança, criando sentidos para o lugar de quem fala e para o papel de quem escuta. Como explica Maingueneau (2015, p. 123):

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso.

O autor observa que a *cenografia* apenas se estabelece de forma mais consistente quando o enunciador consegue controlar o desenvolvimento da fala. Por isso, as enunciações monológicas tendem a apresentar cenografias mais estáveis, já que permitem ao locutor dominar o processo discursivo. Em interações orais, ao contrário, esse controle seria mais difícil, pois os participantes precisam responder a situações inesperadas, ajustando continuamente a forma como encenam sua própria fala (2015, p. 123-124).

Nos discursos constituintes a *cenografia*, “a representação que ele constrói de sua própria situação de enunciação” (Maingueneau, 2000, p. 10), se destaca porque é uma das formas de constituição desses discursos. Ao instaurar uma situação de fala estável e controlada, a cenografia reforça a impressão de legitimidade e orienta o lugar do destinatário, favorecendo a adesão aos sentidos propostos.

Junto a esse registro, Maingueneau (1995, 2000) aponta outros dois: o *código de linguagem* que, mobilizado nesses discursos, costuma adotar escolhas que buscam estabilidade e valor exemplar, fazendo com que certas formulações sejam repetidas ou citadas; e o *ethos*, que corresponde à imagem do enunciador projetada no discurso. Para este último, Maingueneau (2000) destaca que as ideias são apresentadas a partir de “uma maneira de *dizer* que é também uma maneira de *ser*, associada a representações e normas de ‘postura’ do corpo em sociedade” (p. 11).

Assim, os textos relacionados aos discursos constituintes, ainda que obviamente apresentem diferenças, compartilham elementos comuns na forma como organizam seu universo e se inscrevem socialmente, e também no modo como estruturam suas cenas de enunciação e seus padrões de organização textual (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 126). É inclusive “pelo seu modo de organizar seu próprio discurso que eles podem mostrar e atestar sua legitimação – sua conformidade com o critério de Verdade” (Maingueneau, 2000, p. 11).

Vimos que entender o funcionamento dos discursos constituintes permite perceber como diferentes campos procuram afirmar sua autoridade na produção de sentidos. Como conclui Maingueneau (2000), tais discursos tendem a se apresentar como portadores de um saber último, sustentado por uma Fonte que lhes confere valor e estabilidade.

Desse modo, os conceitos ligados aos discursos constituintes configuram-se aportes importantes para esta pesquisa, pois permitem compreender como o discurso religioso se estrutura a partir de princípios que sustentam sua autoridade e legitimidade. Noções como arquiteito e cenografia orientam a leitura analítica das relações interdiscursivas ao mostrarem

como o discurso religioso reivindica um lugar específico na (re)interpretação e na regulação dos enunciados que envolvem ansiedade e depressão.

Entre os discursos constituintes, destacamos aqui o religioso e o científico por eles reivindicarem posições privilegiadas no espaço social, articulando-se a comunidades discursivas específicas e mobilizando estratégias particulares de enunciação, inscrição e legitimação. Ao mesmo tempo em que eles mantêm entre si zonas de diálogo, também produzem tensões e confrontos, sobretudo quando pretendem delimitar critérios de interpretação sobre questões relativas às experiências humanas subjetivas, como o sofrimento psíquico. É nesse ponto que apontamos a relevância em observar como esses discursos se relacionam, convergem ou se distanciam, pois sua interação, marcada ou não, desempenha papel central na construção e circulação dos sentidos que emergem nos enunciados a serem analisados.

*“Se, como tenho afirmado, não há sentido sem interpretação pois a língua se inscreve na história para significar e é aí que proponho apreender a questão da ideologia, do sujeito, a interpretação dá visibilidade ao mecanismo de funcionamento da ideologia e do sujeito. Articulada à descrição do que se apresenta como forma material. Abandona-se assim, pela análise de discurso, uma definição “conteudista” de ideologia (como ocultação), pensando-se o funcionamento lingüístico-histórico.”*

(Orlandi, 2003, p. 11)

## 4 QUADRO METODOLÓGICO

Neste capítulo traçamos o percurso metodológico construído para esta pesquisa, com o objetivo de explicitar as decisões tomadas e garantir a articulação entre os objetivos propostos e o caminho realizado. Assim, a princípio, indicamos a natureza da abordagem, os métodos adotados e os fundamentos teórico-metodológicos que orientam o quadro. Em seguida, descrevemos o processo de constituição do *corpus* e os critérios utilizados na seleção dos materiais (canais, pregações), bem como justificamos essas escolhas. Detalhamos ainda os canais e as pregações selecionadas e os recortes definidos para a investigação. Por fim, apresentamos as etapas da análise e os procedimentos utilizados na descrição e na interpretação dos enunciados.

### 4.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com uso de método descritivo-interpretativo, partindo do entendimento de que o sentido não é dado, mas produzido na relação entre língua, sujeito e história. A análise apoia-se na *primazia do interdiscurso* e na noção de *discurso constituinte*, conceitos desenvolvidos por Dominique Maingueneau (1995, 1997, 2000, 2007, 2008, 2010, 2015) no âmbito da AD de orientação francesa. Esse enfoque permite explorar as relações interdiscursivas que estruturam os enunciados cristãos sobre ansiedade e depressão que compõem o *corpus* de análise, dentro do campo religioso, no espaço discursivo constituído pelo discurso católico e pelo discurso evangélico, objetivando a compreensão dos efeitos de sentido ali gerados.

### 4.2 Gênero discursivo

Neste estudo, conforme discutido na seção sobre *o discurso religioso como prática discursiva*, em que citamos Maingueneau (2010), adotamos o termo “pregação” em lugar de “sermão”. Ambos têm significados semelhantes, mas ressaltamos que “pregação” se refere ao ato de transmitir ensinamentos ou mensagens religiosas de forma oral e inspirada, e com contato direto com os interlocutores.

Esse sentido foi encontrado no Dicionário Popular de Teologia, onde o termo é apresentado como “declaração da verdade das Escrituras para uma plateia” (Erickson, 2011, p. 147). Já em Andrade (1998), o vocábulo refere-se à “proclamação da Palavra de Deus, visando a divulgação do conhecimento divino, a conversão dos pecadores e a consolação dos fiéis” (p. 243). Esse último autor também destaca que a pregação precisa ter fundamento bíblico, devendo citar “a obra salvífica de Cristo”.

“Sermão”, por sua vez, refere-se a uma enunciação oral monológica, geralmente baseada em um texto previamente escrito, que busca esclarecer a doutrina e incentivar os fiéis a viver conforme os preceitos religiosos (Maingueneau, 2010). Andrade (1998, p. 264) o apresenta como “discurso religioso”, cujo objetivo de promover o arrependimento e a conversão dos indivíduos se assemelha ao da “pregação”. Ali o termo também está relacionado à submissão de uma base cristã: uma “oratória Cristã” cuja finalidade é “edificar a Igreja de Cristo”.

No contexto prático, depreende-se que as pregações parecem ser mais fluidas, interativas e adaptadas ao momento, características especialmente comuns em cultos evangélicos. Os sermões, por sua vez, parecem apresentar conteúdos de estrutura mais rígida, podendo ser relacionados a tradições litúrgicas mais formais, tais como as que são praticadas na igreja católica.

Contudo, tendo em vista que ambos os vocábulos podem significar “discurso religioso pronunciado no púlpito<sup>31</sup>”, e considerando, sobretudo, o caráter oral das pregações, ratificamos que esse termo será o mais utilizado para referenciar os discursos/enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa.

#### 4.3 Constituição do *corpus*

O *corpus* de pesquisa é composto por 8 (oito) pregações disponibilizadas em vídeos do YouTube, publicadas em canais institucionais religiosos vinculados a denominações cristãs, cuja temática aborda os transtornos de ansiedade ou de depressão. Considerando a extensão média das pregações, em torno de 48 minutos, julgamos que o conjunto selecionado configura um material discursivo amplo e representativo, adequado aos objetivos analíticos da pesquisa.

Para a seleção dos canais e dos vídeos, foram definidos como parâmetros:

---

<sup>31</sup> Foram consultados os termos “sermão” e “pregação” no Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis (Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>) e no Dicionário da página “Bibliatodo” (Disponível em <https://www.bibliatodo.com/pt/dicionario-biblico>). Ambos acessados em 12 fev. 2025.

- i) expressividade no número de inscritos no canal – mínimo de 100 mil inscrições<sup>32</sup>;
- ii) composição proporcional dos segmentos religiosos cristãos – metade *católica*, metade *evangélica*;
- iii) equilíbrio temático – metade sobre *depressão*, metade sobre *ansiedade*;
- iv) inclusão apenas de enunciadores que abordem ambas as temáticas – *ansiedade* e *depressão* – em pregações distintas.

Os critérios *ii*, *iii* e *iv* procuram garantir uma proporcionalidade entre as vertentes cristãs e os transtornos abordados, tendo em vista que isso se mostra relevante para os propósitos desta pesquisa.

A escolha pelo YouTube deve-se ao fato de a plataforma permitir o acesso às pregações na íntegra e oferecer ferramentas de busca. Com mais de 120 milhões de usuários ativos por mês no Brasil<sup>33</sup>, trata-se hoje de um dos principais meios de comunicação e entretenimento. Além disso, recursos como transmissões ao vivo, integração com outras redes sociais e programas de monetização<sup>34</sup> fazem dele um espaço fecundo para a circulação de discursos e a construção de identidades. Essa escolha dialoga com o que Maingueneau (2007, p. 15) destaca sobre as mudanças nos modos de comunicação e sobre como elas ampliam as possibilidades de realização da pesquisa, reforçando a importância de se analisar práticas discursivas em diferentes suportes.

Primeiramente, identificamos canais populares por buscas gerais na *web* (combinando termos como “líderes religiosos cristãos brasileiros no YouTube”, “igrejas cristãs brasileiras no YouTube”, “canais cristãos no Youtube”, variando por vertente). Em seguida, acessamos cada canal e utilizamos a ferramenta interna de busca para localizar vídeos com títulos ligados aos temas de interesse. Os termos “ansiedade” e “depressão” foram prioritários; quando essas buscas não retornavam resultados pertinentes ao recorte da pesquisa, ampliamos a procura para termos semanticamente próximos, como “preocupação”, “tristeza” e “inquietação”.

---

<sup>32</sup> A definição desse número mínimo se justifica por ser esse é o patamar reconhecido pelo próprio YouTube para o Prêmio Prata para Criadores, indicando que o canal possui audiência consolidada e relevância pública. Disponível em: [https://www.youtube.com/intl/pt-BR\\_ALL/creators/how-things-work/get-involved/awards/](https://www.youtube.com/intl/pt-BR_ALL/creators/how-things-work/get-involved/awards/). Acesso em: 19 nov. 2025.

<sup>33</sup> Do celular à TV Conectada, o YouTube é a plataforma preferida pelos brasileiros. YouTube Official Blog, 2023. Disponível em: <https://blog.youtube/intl/pt-br/news-and-events/do-celular-a-tv-conectada-o-youtube-e-a-plataforma-preferida-pelos-brasileiros/>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://about.youtube/>

#### 4.3.1 Pré-seleção e refinamento

Coletamos inicialmente 22 vídeos (Apêndice A) de 12 pregadores diferentes, sem verificação prévia de todos os parâmetros. Como mais um requisito para seleção do *corpus*, essas pregações deveriam ter sido realizadas para um público presencial (como seção de missas/cultos/celebrações), com a presunção de que as gravações ocorreram sem pausa, sem cortes, ou com intervenções mínimas de edição, de forma a garantir uma maior probabilidade de que se trate de enunciações contínuas.

Após verificação do atendimento aos critérios estabelecidos, dentre os vídeos pré-coletados, selecionamos oito pregações para composição do *corpus* de análise, sendo quatro oriundas de dois canais católicos e quatro de dois canais evangélicos. Esses canais apresentavam mais de uma pregação para cada transtorno e que atendiam aos parâmetros. Diante das opções disponíveis e considerando que se tratava de gravações extensas, cuja escuta demandaria tempo, a seleção dos vídeos em cada canal ocorreu entre os primeiros resultados a serem mostrados na busca, entendendo assim o destaque dado pela própria plataforma no período da seleção, a qual ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2025. Ressaltamos ainda que os resultados da busca interna dos canais não apresentavam uma ordem identificável, como “os mais visualizados” ou “os mais recentes”. Portanto, a ausência de uma ferramenta que permitisse filtrar automaticamente esses vídeos contribuiu para que a escolha se desse dessa maneira.

Cabe explicitar, contudo, que entendemos que a ordem de aparição dos vídeos na plataforma não é aleatória nem neutra, uma vez que envolve vieses de visibilidade e aspectos algorítmicos associados a critérios e variáveis como engajamento, datas, usuários, localização, tendências e interesses diversos. Nesse sentido, a plataforma tende a capturar pregações com alta visibilidade digital, recortando discursos cristãos que circulam mais amplamente na lógica da própria plataforma. Entretanto, considerando os demais critérios estabelecidos para a escolha do material, compreendemos que isso não compromete a pesquisa, uma vez que nosso recorte foi delimitado sem a pretensão de representar toda a diversidade do campo religioso nem de contemplar formas menos visibilizadas de abordar o sofrimento psíquico.

Desse modo, nosso *corpus* ficou constituído por oito pregações. No tópico a seguir detalhamos os canais e os vídeos selecionados.

### 4.3.2 Codificação

Para facilitar a referência nas análises, adotamos a seguinte codificação para as pregações, composta por três letras e por um número: “P” (pregação); “C” (católica) / “E” (evangélica); “A” (ansiedade) / “D” (depressão); e um número (de 1 a 2) que identifica cada um dos dois enunciadores de cada segmento. Assim, cada pregador enuncia tanto sobre ansiedade como sobre depressão. Como já dito, isso possibilita uma regularidade importante para o objetivo da pesquisa, que é identificar as relações interdiscursivas e os sentidos que se aproximam e os que se distanciam nos enunciados sobre essas temáticas, no interior do espaço discursivo formado pelos posicionamentos católico e evangélico. O Quadro 1 traz os códigos e outros dados importantes para a identificação do *corpus* (nome do canal, título do vídeo, *link* de acesso e transtorno abordado):

Quadro 1 – identificação do *corpus*

| Código da pregação | Canal Youtube                        | Vertente religiosa | Título do vídeo                                | Link para o vídeo                                                                                                                           | Transtorno abordado |
|--------------------|--------------------------------------|--------------------|------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| PCA1               | Padre Adriano Zandoná                | Católica           | Use a estratégia certa para vencer a ansiedade | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=qSn3JqjzWP4&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=qSn3JqjzWP4&amp;t=0s</a>                     | Ansiedade           |
| PCD1               | Padre Adriano Zandoná                | Católica           | Passos para VENCER a depressão                 | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=90vhMyZsfD8&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=90vhMyZsfD8&amp;t=0s</a>                     | Depressão           |
| PCA2               | Luz e vida – Padre Chrystian Shankar | Católica           | Como vencer a ansiedade                        | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=GZ7YPyyWZpQ&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=GZ7YPyyWZpQ&amp;t=0s</a>                     | Ansiedade           |
| PCD2               | Luz e vida – Padre Chrystian Shankar | Católica           | DEPRESSÃO: COMO LIVRAR-SE DELA?                | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=yKzHAB8bCf0&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=yKzHAB8bCf0&amp;t=0s</a>                     | Depressão           |
| PEA1               | Igreja Presbiteriana de Pinheiros    | Evangélica         | Ansiedade                                      | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=hRQxNVnHNN8&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=hRQxNVnHNN8&amp;t=0s</a>                     | Ansiedade           |
| PED1               | Igreja Presbiteriana de Pinheiros    | Evangélica         | DEPRESSÃO: COMO DEVEMOS ENFRENTAR ESTE MAL?    | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=kX-nKtZpKP0&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=kX-nKtZpKP0&amp;t=0s</a>                     | Depressão           |
| PEA2               | Silas Malafaia Oficial               | Evangélica         | Rejeite a preocupação e viva em paz            | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=jJBwEt04x5U&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=jJBwEt04x5U&amp;t=0s</a>                     | Ansiedade           |
| PED2               | Silas Malafaia Oficial               | Evangélica         | Como Vencer a Depressão                        | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=wkF9BoLIAog&amp;rco=1&amp;t=0s">https://www.youtube.com/watch?v=wkF9BoLIAog&amp;rco=1&amp;t=0s</a> | Depressão           |

Elaboração própria

### 4.3.3 Heterogeneidade das denominações religiosas cristãs

Um ponto a ser destacado é que atentamos para a possibilidade de coexistência de posicionamentos diversos em cada segmento religioso, especialmente no evangélico, que abrange vertentes desde as mais tradicionais, como a Igreja Presbiteriana e a Igreja Batista, passando pelas pentecostais, como a Igreja Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil, até as neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja

Internacional da Graça de Deus. Contudo, assim como na tese de Franco (2018), essa heterogeneidade não parece comprometer o objetivo desta pesquisa, pois não foram observadas distinções importantes de posicionamento concernentes aos temas investigados, entre as denominações escolhidas em cada vertente, que colocassem em questão o recorte do espaço discursivo, o que confirmamos na análise. Entre os canais religiosos que compõem essa investigação, os católicos, representados pelos padres Adriano Zandoná e Chrystian Shankar, estão alinhados à Renovação Carismática Católica; já entre os evangélicos, a igreja à qual está vinculado Silas Malafaia faz parte do movimento neopentecostal, enquanto a Igreja Presbiteriana de Pinheiros (Reverendo Hernandes Dias Lopes) integra a tradição reformada.

#### 4.3.4 Procedimentos de transcrição

Os vídeos das pregações variam entre 23 e 74 minutos, tendo, em média, 48 minutos de duração. No que concerne ao momento em que essas pregações foram enunciadas, somente temos conhecimento das datas referentes à disponibilização dos vídeos na plataforma YouTube, compreendidas entre abril de 2014 e julho de 2025.

Após a coleta do material, todas as gravações foram assistidas e transcritas na íntegra. Inicialmente, utilizamos a ferramenta de transcrição automática do próprio YouTube. Em seguida, para os vídeos em que esse recurso não estava disponível ou se mostrou insuficiente, recorremos à ferramenta Evernote, que oferece recurso de transcrição on-line. Além disso, em três transcrições, utilizamos o ChatGPT (OpenAI) como apoio para a inserção de pontuação em textos já transcritos. O uso dessas ferramentas teve caráter auxiliar e não substituiu a revisão humana. Todas as transcrições foram revisadas manualmente a partir de nova escuta atenta dos vídeos, com o objetivo de corrigir eventuais incorreções, verificar supressões, ajustar pontuação e inserir marcações necessárias à análise.

A transcrição adotada é simples e objetiva, voltada aos aspectos semânticos e discursivos pertinentes à investigação. Sua finalidade é facilitar a exposição dos movimentos analíticos e favorecer a compreensão do leitor, sem que seja necessário recorrer continuamente aos vídeos disponíveis no YouTube. Ressaltamos, contudo, que o *corpus* da pesquisa é constituído pelos próprios vídeos, isto é, pelo texto oral das pregações, e não pelas transcrições. Elementos do material audiovisual não capturados pela transposição para a linguagem verbal foram mencionados apenas quando pertinentes à análise, não sendo objetivo deste trabalho proceder a uma sistematização desses aspectos.

Com as pregações já transcritas, foi possível identificar os enunciados pertinentes aos objetivos da pesquisa. Para facilitar a compreensão dos excertos, apresentamos a seguir um exemplo, acompanhado da explicitação (Quadro 2) do significado das marcações utilizadas nas transcrições:

Excerto:

**PCD2** - Nós temos, na Bíblia, **repita comigo**: “a depressão é destrutiva”. Está na Bíblia, provérbios 18:14, uma pessoa que tem depressão ela sente, e é verdade, que a sua vida está sendo destruída aos poucos, e tem alguns sinais de depressão. **Primeiro sinal**: é a tristeza que não passa, e aqui eu quero só abrir um parêntese bem breve, **tristeza não é depressão, ok?** Tristeza não é depressão. [...] **Mas qual é a diferença então de tristeza e depressão?** (PERGUNTA RETÓRICA) Tristeza tem início, meio e fim, ela passa. A tristeza, ela passa. E o que é depressão? É a tristeza que não passa. [17:31-19:13]

Quadro 2 – explicitação das marcas de transcrições aplicadas

| Marcações                          | Significação                                                                        |
|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PCD2</b>                        | <i>link</i> <sup>35</sup> que, no YouTube, leva diretamente ao início do fragmento. |
| Palavras em <b>negrito</b>         | destaque atribuído por nós aos pontos analisados                                    |
| [...]                              | supressões de fala                                                                  |
| [17:31-19:13]                      | indicação do tempo correspondente ao trecho no vídeo                                |
| (ENTRE PARÊNTESES E EM CAIXA ALTA) | comentários e observações analíticas                                                |
| “palavras entre aspas”             | citações e outras marcas de heterogeneidade presentes na fala do enunciador         |

Elaboração própria

#### 4.3.5 Observação sobre as métricas de engajamento

Em razão da abrangência temporal das interações e da diversidade de audiência nos formatos presencial e remoto, o número de visualizações e comentários nos vídeos não constituiu critério de escolha, nem foi considerado para a análise, a qual foi centrada no “fio do discurso”, ou seja, “no efeito do interdiscurso sobre si mesmo” (Pêcheux, 1995, p. 167).

Contudo, enfatizamos novamente a ciência de que as questões sociais e algorítmicas que circundam o ambiente digital, as plataformas de vídeos e as redes sociais são mecanismos que operam como filtros de visibilidade que hierarquizam os discursos segundo lógicas de mercado e engajamento. Ao não adotar as métricas como critério de análise, buscamos

<sup>35</sup> Importante observar que os *links* das pregações e dos fragmentos aqui selecionados e identificados podem apresentar instabilidade de acesso, uma vez que sua disponibilização depende da plataforma.

justamente evitar que essa lógica quantificadora reduza o exame do funcionamento discursivo, uma vez que o movimento dos sentidos nas redes de memória não se reduz à popularidade ou ao alcance numérico.

Não obstante, reconhecemos o valor desses dados como elementos contextuais, razão pela qual eles serão apresentados no próximo tópico, em que descrevemos os canais e os sujeitos enunciadores, como informações complementares, de forma a compor uma visão mais ampla do contexto da pesquisa.

#### 4.3.6 Os canais católicos

Apresentamos, neste tópico, os canais católicos que compõem o *corpus*, considerando sua presença no YouTube, a atuação dos sacerdotes responsáveis e os vídeos selecionados para análise. Essas informações contribuem para contextualizar a circulação dos discursos religiosos sobre ansiedade e depressão, mantendo seu caráter complementar em relação à análise. Ressaltamos que os dados numéricos (número de inscritos no canal, visualizações e comentários), concernentes a ambos os segmentos religiosos, se referem a métricas congeladas no momento da coleta, que ocorreu nos dias 05 e 06 de novembro de 2025.

##### 4.3.6.1 Canal Padre Adriano Zandoná

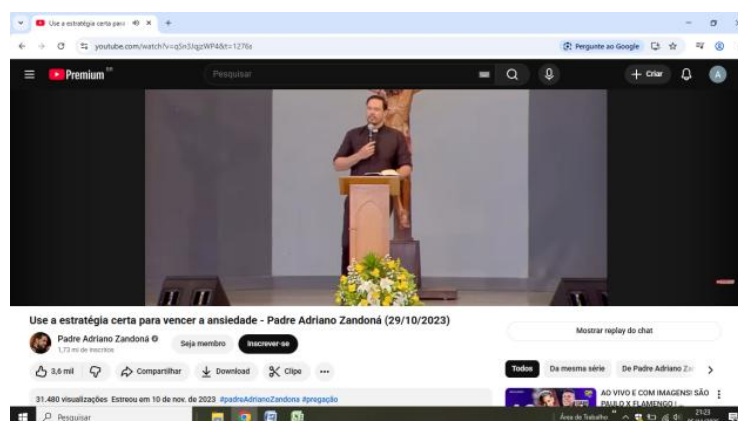
Figura 1 – Tela do perfil do canal Padre Adriano Zandoná



Fonte: <https://www.youtube.com/c/PadreAdrianoZandon%C3%A1>

Contando com 1,73 milhão de inscritos em seu canal (figura 1), o Padre Adriano Zandoná se descreve ali como um “sacerdote católico, membro da comunidade Canção Nova”, que utiliza a plataforma para disponibilizar suas pregações, homilias, canções e outros conteúdos. Alguns de seus vídeos também são publicados no Canal da Canção Nova, comunidade carismática católica da qual ele é missionário, tendo assim amplo alcance. Além da presença no YouTube, ele apresenta o programa *Pra Ser Feliz* na TV Canção Nova e é autor de diversos livros de espiritualidade e autoajuda cristã, como *Curar-se para Ser Feliz* e *Como Controlar e Vencer a Ansiedade*<sup>36</sup>. Essas produções refletem a amplitude de sua atuação midiática e a diversidade de suportes por meio dos quais ele enuncia. As pregações em que o sacerdote aborda os temas da ansiedade (PCA1 – figura 2) e da depressão (PCD1 – figura 3), que fazem parte do *corpus* de pesquisa, registravam, até o momento já mencionado, aproximadamente 31 mil e 11 mil visualizações, com 186 e 85 comentários, respectivamente.

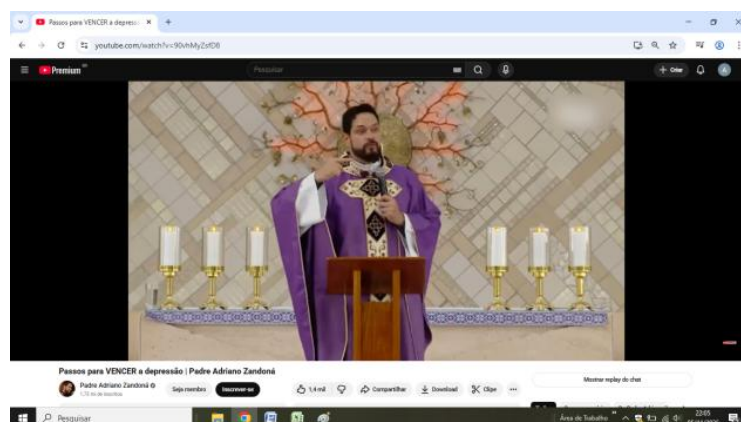
Figura 2 - Tela da PCA1



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qSn3JqjzWP4&t=0s>

<sup>36</sup> Padre Adriano Zandoná. Canção Nova. Disponível em: <https://musica.cancaonova.com/artista/padre-adriano-zandona/>. Acesso em 05 nov. 2025.

Figura 3- Tela da PCD1



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=90vhMyZsfD8&t=0s>

#### 4.3.6.2 Canal Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar

Figura 4 - Tela do perfil do canal Padre Chrystian Shankar

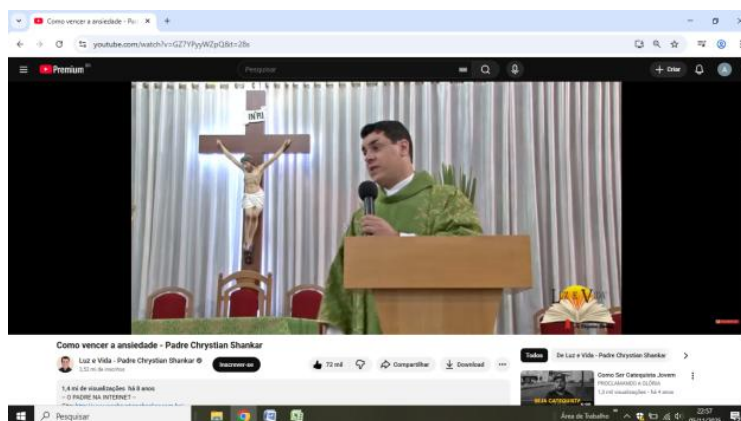


Fonte: <https://www.youtube.com/@PadreChrystianShankar>

Havia 2,52 milhões de inscritos no canal do Padre Chrystian Shankar (figura 4). Nesse lugar, o sacerdote, conhecido por seu perfil carismático e bem-humorado, compartilha homilias, pregações e séries temáticas que mesclam orientação e reflexões espirituais, bem como aconselhamento sobre a vida cristã e familiar. Na introdução dos vídeos selecionados ele se autointitula “pregador das famílias & palestrante motivacional”. De acordo com

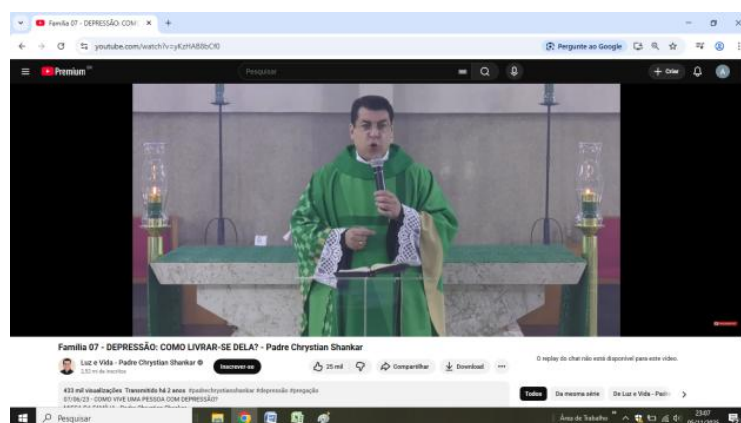
informações disponíveis em seu *site* oficial<sup>37</sup>, o padre, que é mineiro, foi ordenado no ano de 2005 e, no período de realização da pesquisa, exercia a função de reitor do Santuário Diocesano de Frei Galvão, em Divinópolis (MG). Além da atuação eclesial e midiática, ele também escreve livros e dá palestras, o que permite a expansão de seus enunciados e posições para diversos formatos e espaços. As pregações que integram o *corpus* de pesquisa, em que trata da ansiedade (PCA2 – figura 5) e da depressão (PCD2 – figura 6), contavam, respectivamente, com aproximadamente 1,4 milhão e 433 mil visualizações, e 1203 e 1015 comentários.

Figura 5- Tela da PCA2



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GZ7YPyWZpQ&t=0s>

Figura 6- Tela da PCD2



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yKzHAB8bCf0&t=0s>

<sup>37</sup> Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar. Disponível em: <https://www.pechrystianshankar.com.br/sobre>. Acesso em 05 nov. 2025.

### 4.3.7 Os canais evangélicos

Assim como no tópico anterior, apresentamos a seguir informações contextuais sobre os canais evangélicos que integram o corpus, destacando os sujeitos enunciadoreis responsáveis, a presença no YouTube e os vídeos selecionados para análise.

#### 4.3.7.1 Canal Igreja Presbiteriana de Pinheiros

Figura 7 – Tela do perfil do canal Igreja Presbiteriana de Pinheiros



Fonte: <https://www.youtube.com/@ippinheiros>

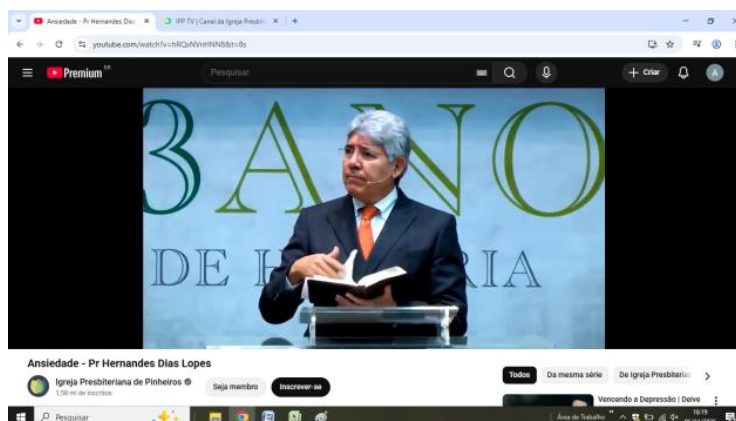
A Igreja Presbiteriana de Pinheiros (IPP), ligada à Igreja Presbiteriana no Brasil (IPB), pertence ao ramo do protestantismo histórico, sendo considerada uma igreja reformada tradicional. Seu canal no Youtube (IPPtV; figura 7) é descrito como o “maior canal cristão reformado do Brasil”, e ali é transmitida uma programação 24 horas por dia, dentro de um conteúdo com visão cristocêntrica, que incluem cultos, estudos bíblicos e debates sobre temas da vida cotidiana, em vídeo ou *podcast*<sup>38</sup>. O canal contava com 1,58 milhão de inscritos, enquanto o canal da IPB (@ipboficial) tem somente 138 mil, e as pregações disponibilizadas são geralmente conduzidas pelo Reverendo<sup>39</sup> Arival Dias Casimiro ou pelo Reverendo Hernandes Dias Lopes. Este último, enunciadoreis das duas pregações coletadas para análise, encontra-se entre os nomes mais conhecidos do contexto evangélico brasileiro. Havia cerca de

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.ipp.tv.br/>. Acesso em 06 nov. 2025.

<sup>39</sup> O pronome *reverendo* é tradicionalmente empregado nas igrejas protestantes históricas, especialmente na Presbiteriana, como uma forma de tratamento eclesiástico, uma designação formal que expressa respeito ao ministério pastoral. Disponível em: <https://www.ipbsli.com.br/2017/07/o-uso-do-termo-reverendo.html>. Acesso em 6 nov. 2025.

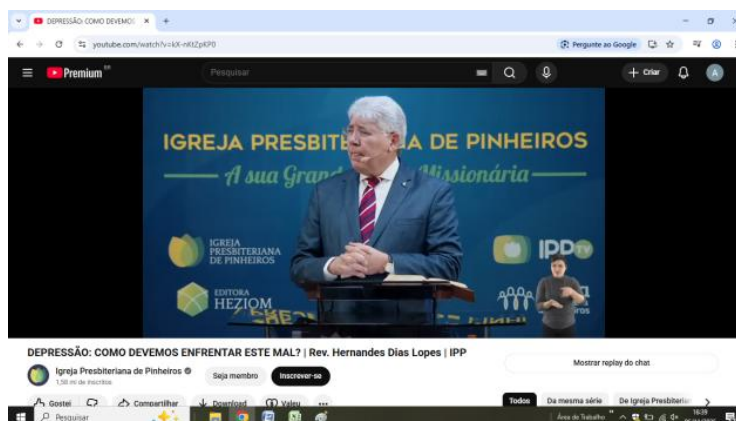
1,6 milhão de inscritos em seu canal pessoal (@HernandesDiasLopesOficial), mas os vídeos escolhidos estão ancorados no canal institucional da igreja em que ele é pastor colaborador. Assim, parte do *corpus* desta pesquisa, escolhemos duas pregações por ele ministradas na IPP, uma abordando a ansiedade (PEA1 – figura 8) e outra a depressão (PED1 – figura 9), com registros, respectivamente, de aproximadamente 1,1 milhão e 4 mil visualizações, e 1448 e 10 comentários. O baixo engajamento do vídeo que fala sobre depressão pode ser justificado devido ao fato de que ele somente foi disponibilizado na plataforma em data próxima à coleta dos dados, em 26/07/2025. Se compararmos, por exemplo, ao tempo em que foi publicada a pregação sobre ansiedade, em 25/08/2019, são quase seis anos de diferença.

Figura 8 - Tela da PEA1



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hRQxNVnHNN8&t=0s>

Figura 9 - Tela da PED1



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kX-nKtZpKP0&t=0s>

#### 4.3.7.2 Canal Silas Malafaia Oficial

Figura 10 - Tela do perfil do canal Silas Malafaia Oficial



Fonte: <https://www.youtube.com/@SilasMalafaiaOficial>

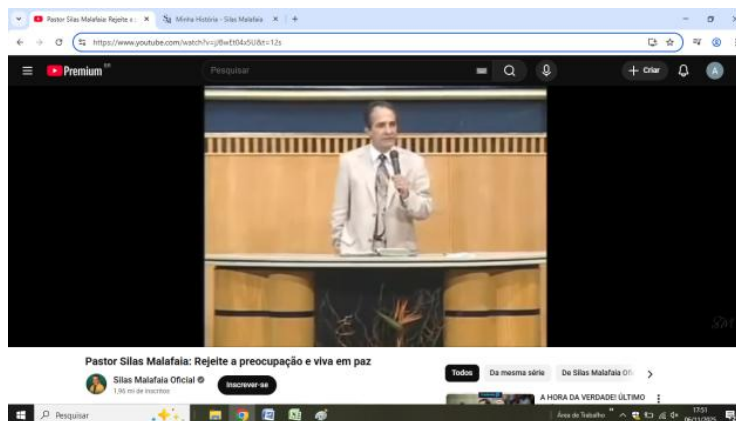
Figura proeminente no contexto evangélico-neopentecostal brasileiro, Silas Malafaia é pastor e líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Advec), denominação que dirige desde 2010, após uma longa trajetória como membro da Assembleia de Deus no Brasil. Em seu *site* oficial<sup>40</sup>, ele se apresenta como pastor, conferencista e escritor, com mais de quarenta anos de ministério, e destaca que sua missão é a de “levar a Palavra de Deus e abençoar vidas” por meio de diversas frentes de atuação. Seu canal (figura 10) funciona como um dos meios de difusão de suas mensagens, já que ele também é bem presente em outras mídias, como no X e no Instagram. No YouTube, com 1,96 milhão de inscritos, ele tanto utiliza o canal para comentar passagens bíblicas e abordar temas da vida cristã e do cotidiano, como também para se posicionar sobre questões morais e políticas do país. A mídia jornalística<sup>41</sup> o descreve como um dos pastores mais conhecidos do Brasil, associando-o frequentemente ao segmento neopentecostal e à defesa e adesão a pautas conservadoras. A imprensa ainda sugere que a movimentação do pastor nas redes sociais e na mídia mostra que sua forma de evangelização une discurso religioso com opinião política, sempre com tom combativo e polêmico, visando exercer assim uma influência pública. Duas de suas pregações constituem o *corpus* de pesquisa, uma em que aborda a ansiedade (PEA2 – figura 11), cujo título faz

<sup>40</sup> Silas Malafaia. Minha história. Disponível em: <https://www.silasmalafaia.com/minha-historia/>. Acesso em 6 nov. 2025.

<sup>41</sup> Quem é o pastor Silas Malafaia. G1 Rio. Portal G1, agosto/2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/08/20/quem-e-o-pastor-silas-malafaia.ghtml>. Acesso em: 6 nov. 2025.

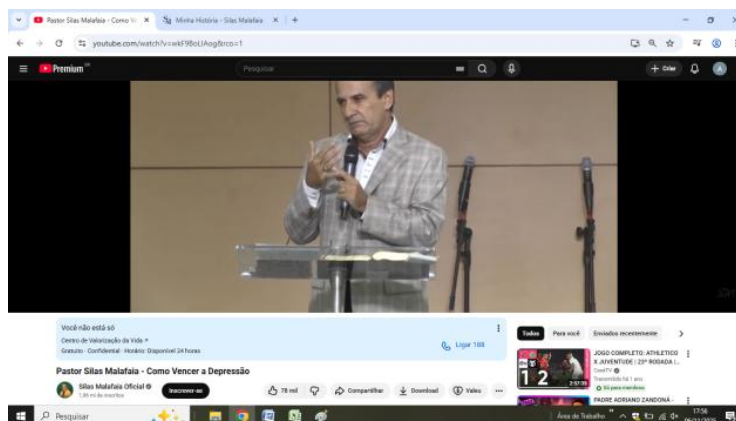
referência à “preocupação”, com aproximadas 268 mil visualizações e 211 comentários; e outra em que ele trata da depressão (PED2 – figura 12), contando o vídeo com 2,1 milhões de visualizações e 4012 comentários.

Figura 11 - Tela da PEA2



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jJBwEt04x5U&t=0s>

Figura 12 - Tela da PED2



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wkF9BoLIAog&rco=1&t=0s>

Para uma melhor visualização, o quadro abaixo traz a síntese dos principais dados contextuais dos vídeos das pregações, apresentados nas últimas seções:

Quadro 3 – síntese dos dados referentes aos vídeos das pregações

| Canal Youtube                        | Código/link pregação | Data da publicação | Tempo de duração | Número de visualizações | Número de comentários |
|--------------------------------------|----------------------|--------------------|------------------|-------------------------|-----------------------|
| Padre Adriano Zandoná                | <u>PCA1</u>          | 09/10/2023         | 00:56:22         | 31 mil                  | 186                   |
| Padre Adriano Zandoná                | <u>PCD1</u>          | 06/03/2023         | 00:41:00         | 10.907                  | 85                    |
| Luz e vida - Padre Chrystian Shankar | <u>PCA2</u>          | 14/06/2017         | 00:23:09         | 1,4 milhão              | 1188                  |
| Luz e vida - Padre Chrystian Shankar | <u>PCD2</u>          | 07/06/2023         | 01:14:16         | 409 mil                 | 987                   |
| Igreja Presbiteriana de Pinheiros    | <u>PEA1</u>          | 25/08/2019         | 00:45:09         | 1,1 milhão              | 1410                  |
| Igreja Presbiteriana de Pinheiros    | <u>PED1</u>          | 26/07/2025         | 00:36:13         | 3711                    | 10                    |
| Silas Malafaia Oficial               | <u>PEA2</u>          | 02/04/2014         | 00:53:26         | 264 mil                 | 207                   |
| Silas Malafaia Oficial               | <u>PED2</u>          | 24/01/2018         | 00:59:57         | 2,1 milhões             | 4013                  |

Elaboração própria

#### 4.4 Procedimentos de análise

Para avançarmos no objetivo de analisar os enunciados sobre ansiedade e depressão em pregações cristãs – tomando como referência o espaço discursivo formado pelo catolicismo e pelo evangelicalismo – e de observar os efeitos de sentido gerados pela interação desses discursos com outros, principalmente com os do campo de saúde mental, é importante lembrar que Maingueneau (2008, p. 100) afirma que nenhum discurso “pode interpretar-se a si mesmo”. Logo, não há discurso que seja autossuficiente do ponto de vista interpretativo, ele consegue apenas reafirmar-se ou comentar-se dentro dos limites de sua própria competência discursiva. A “interpretação” vem de fora, de outro discurso, que o traduz segundo as suas próprias regras semânticas. Esse entendimento é fundamental porque ratifica a ideia de que os efeitos de sentido aqui investigados somente se constituem na relação entre discursos.

Diante disso, o percurso analítico é sustentado pela concepção de que o discurso é inseparável de seu interdiscurso, isto é, do conjunto de outros dizeres que o atravessam. Na perspectiva de Maingueneau (2008), analisar o discurso significa perceber como ele, submetido a determinadas coerções de gênero, de instituição e de posicionamento, se constitui na relação com outros.

O exame discursivo é feito com base nas teorias, requerendo o desenvolvimento de abordagens analíticas apropriadas para cada objeto. Para esta pesquisa, como já dito, os procedimentos de análise foram fundamentados nas estruturas propostas por Maingueneau (1995, 1997, 2000, 2007, 2008, 2010, 2015), com ênfase no primado do interdiscurso e suas implicações. Assim, partimos do pressuposto de que os discursos religiosos sobre ansiedade e depressão não existem isoladamente, mas se encontram inseridos em uma complexa rede interdiscursiva.

No que concerne ao interdiscurso (Maingueneau, 2008), a análise buscou compreender como as pregações se organizam do ponto de vista discursivo de forma a identificar regularidades. Foi considerada então a forma como os diferentes discursos, a exemplo do religioso cristão e do médico-psicológico, estão em aliança ou se opõem nessas enunciações. Para isso, rastreamos as marcas de heterogeneidade discursiva (Authier-Revuz, 1982, 2012; Maingueneau, 1997), tais como discurso relatado, paráfrase, metáfora, pressuposição, retomada, ironia, pausas e silenciamentos, isto é, indícios linguístico-discursivos de outros dizeres. A partir dessas ocorrências, observamos a circulação de vozes no discurso religioso

sobre saúde mental, presentes, por exemplo, nas citações/menções a especialistas ou instituições, bem como nas formas implícitas, o que permitiu compreender a construção de posicionamentos e a autoridade do discurso religioso nos contextos analisados.

A noção de discurso constituinte (Maingueneau, 1995, 2000; Charaudeau; Maingueneau, 2008), articulada, de modo complementar, a de discurso autoritário proposta por Orlandi (2023), serviram de elo para a compreensão das especificidades dos enunciados, uma vez que ambas as concepções reivindicam uma autoridade que se pretende incontestável e que é fundada em princípios tidos como absolutos. No escopo desta pesquisa, o discurso religioso e o discurso científico, que compreendemos estabelecer relação privilegiada com o religioso, são compreendidos como constituintes, pois buscam se legitimar a partir de fontes consideradas superiores, como a revelação divina ou como um saber institucionalizado, e tendem a negar ou atenuar a presença de outras vozes que confrontam seus dizeres.

Desse modo, ao alternar entre descrição e interpretação, sob orientação teórica contínua, essencial para os procedimentos da AD (Orlandi, 2012), buscou-se que a análise fosse conduzida de forma a dar respostas às questões de pesquisa: a) Quais são as condições de enunciação que caracterizam as pregações cristãs analisadas, considerando a cena enunciativa, o gênero pregação e as coerções discursivas que o constituem? b) Quais as regularidades discursivas existentes nos modos como os sujeitos abordam a ansiedade e a depressão nas pregações cristãs sobre essas temáticas? c) Quais discursos, além do religioso, são mais mobilizados nas pregações sobre ansiedade e depressão? d) Quais relações são estabelecidas com os discursos mobilizados nas pregações, tanto pelo discurso católico quanto pelo discurso evangélico, considerando-se que é possível haver aliança, oposição ou neutralidade aparente?

Com isso, dentro da delimitação do estudo, procuramos responder à questão central: como se constroem os discursos sobre ansiedade e depressão nas pregações cristãs, no espaço discursivo constituído pelos discursos católico e evangélico, e que efeitos de sentido sobre essas temáticas de saúde mental emergem da relação interdiscursiva entre esses e outros discursos?

Retomamos agora (Quadro 4) os objetivos específicos que orientam este trabalho para assim detalharmos o percurso analítico adotado. Antes dele, contudo, ressaltamos dois passos que dão direcionamento aos procedimentos em geral, considerando o objetivo de contrapor o discurso católico ao discurso evangélico: 1) separamos as transcrições (e os fragmentos) das pregações em blocos, primeiramente por vertente religiosa, depois por canal (enunciador) e, quando necessário ao objetivo específico, por transtorno (ansiedade e

depressão), possibilitando assim comparar os discursos entre as diferentes vertentes e os transtornos distintos; 2) procedemos, em cada ponto, com a análise da construção dos efeitos de sentido nos discursos de cada vertente religiosa, ao abordar cada transtorno, identificando o que os aproximam e o que os distanciam.

Quadro 4 – procedimentos de análise

| Objetivos específicos                                                                                                                                                                                                                                                               | Procedimentos analíticos                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| a) Caracterizar as condições de enunciação das pregações, considerando a cena enunciativa, o gênero e suas coerções discursivas;                                                                                                                                                    | 1) descrever a cena enunciativa, segundo Maingueneau (2010, 2015);<br>2) identificar traços do gênero discursivo nas pregações;<br>3) selecionar fragmentos representativos das coerções discursivas a que estão submetidos os enunciados;                 |
| b) Buscar as regularidades linguístico-discursivas mais recorrentes nos modos como os sujeitos abordam a ansiedade e/ou a depressão nas pregações;                                                                                                                                  | 4) identificar enunciados frequentes;<br>5) definir/nomear esses padrões discursivos;<br>6) selecionar fragmentos representativos que remetam aos padrões identificados;                                                                                   |
| c) Investigar quais discursos são mais mobilizados nas pregações, além do religioso, para falar sobre ansiedade e/ou depressão;                                                                                                                                                     | 7) buscar a presença do discurso outro nos enunciados, por meio de marcas explícitas ou implícitas (citações, apagamentos, reinterpretações);<br>8) identificar os discursos mais mobilizados;<br>9) selecionar fragmentos representativos dessa presença; |
| d) Examinar como esses discursos mais mobilizados se inter-relacionam, de forma a identificar se há entre eles interações discursivas de aliança, neutralidade aparente ou oposição, tendo como perspectiva de análise a contraposição do discurso católico ao discurso evangélico. | 10) identificar as relações interdiscursivas mais frequentes;<br>11) verificar se essas interações se dão por confronto, aliança ou por neutralidade aparente;<br>12) selecionar fragmentos representativos dessas interações.                             |

Elaboração própria

Apresentados os procedimentos metodológicos adotados e os objetivos que orientam esta pesquisa, encerramos este capítulo em que detalhamos o *corpus*, explicitamos os critérios de seleção dos vídeos e as formas de organização dos dados. Também foram indicadas as condições de coleta e os caminhos analíticos que sustentam o exame dos enunciados que circulam no espaço religioso para falar sobre saúde mental. Com base nesse percurso, a análise será desenvolvida no capítulo seguinte.

*“Então passei a refletir na sabedoria, na loucura e na insensatez.  
O que pode fazer o sucessor do rei, a não ser repetir o que já foi feito?”*

(Eclesiastes 2:12)

## 5 “VENCENDO” OS TRANSTORNOS – A ANÁLISE DISCURSIVA

Para compreendermos as especificidades na constituição dos discursos das pregações religiosas ao tratar de ansiedade e de depressão e os sentidos que ali emergem, no presente capítulo, faremos a análise dos enunciados extraídos desses textos, seguindo os procedimentos de análise traçados e os objetivos a serem alcançados, explicitados ao final do capítulo anterior. Inicialmente, descrevemos e analisamos o quadro enunciativo das pregações, a partir das cenas de enunciação, da construção do *ethos*, da estrutura genérica e das imposições discursivas que atravessam o gênero. Em seguida, identificamos as regularidades discursivas mais frequentes nesses enunciados, com contraste dos discursos católico e evangélico, de modo a construir um entendimento sobre o que dizem, e como são enunciadas, essas recorrências a respeito dos transtornos abordados. Após isso, observamos a presença do discurso Outro por meio das marcas de heterogeneidade nos enunciados, investigando os posicionamentos mais mobilizados, para ao final identificar se as relações interdiscursivas se dão por aliança, oposição ou neutralidade aparente.

### 5.1 Condições de enunciação

Nesse primeiro movimento analítico, buscamos caracterizar as condições de enunciação das pregações, considerando a cena enunciativa, o gênero e suas coerções discursivas. Desse modo, atentamos para os elementos que configuram a situação de produção das pregações, considerando o espaço, os sujeitos envolvidos e os papéis discursivos que estruturam a relação entre o pregador e o público. A descrição dessas condições possibilita a análise e a apreensão de certas regulações impostas pelo gênero pregação, bem como permitem identificar de que modo esse regramento orienta os modos de agir dos sujeitos e a construção dos sentidos que circulam nessas enunciações.

#### 5.1.1 Cenas da enunciação

Como vimos no capítulo de articulação dos conceitos da AD, Maingueneau (2015) distingue três níveis de cena na enunciação que interagem: a cena englobante, ligada ao tipo

de discurso mais amplo em que o texto se inscreve; a cena genérica, relacionada ao gênero mobilizado e às expectativas que ele impõe aos participantes e ao dizer; e a cenografia, que corresponde à “encenação singular” construída pelo próprio texto, responsável por configurar a relação entre enunciador, coenunciador, tempo e espaço.

Neste trabalho, consideramos as cenas da enunciação de forma articulada, sem a intenção de classificá-las isoladamente, mas de analisá-las em seu conjunto, a partir dos aspectos do funcionamento discursivo que permitem compreender como o discurso se organiza e se legitima para produzir sentidos.

Desse modo, iniciamos pela descrição do espaço em que ocorre a cena enunciativa, o qual é composto, como podemos verificar nas figuras<sup>42</sup> do capítulo anterior, por elementos esperados para o gênero pregação. Esse gênero se caracteriza, entre outros aspectos, por constituir-se como uma enunciação monológica, na qual o enunciador detém o controle e a organização de seu discurso, com interações mínimas do público ouvinte, o qual “só responde por meio de manifestações paraverbais” (Maingueneau, 2010, p. 105).

A enunciação de uma pregação ocorre, em regra, como principal seção da celebração de uma missa ou de um culto. Nas cenas, observamos um altar de igreja, lugar em que se posiciona um pregador perante um púlpito para falar a um público<sup>43</sup>, geralmente proferindo sua mensagem de pé e fazendo uso de microfone, de forma a ser bem visto e escutado. Notamos, ainda, que o enunciador frequentemente recorre ao livro sagrado ou a anotações preparadas para aquele momento, escritas em papel ou em formato digital, ou ainda podendo ser projetadas em telões, prática particular às igrejas evangélicas. Os mensageiros católicos estão vestidos conforme a liturgia exige para cada ocasião, em que o tipo e a cor das vestes revelam simbolismos diferentes<sup>44</sup>; já os evangélicos se vestem de maneira mais comum, embora formal, geralmente trajando terno e gravata. Em algumas pregações, os enunciadores caminham e gesticulam durante certos momentos da transmissão da mensagem; em outros, contudo, mantêm-se mais próximos ao púlpito.

---

<sup>42</sup> Referimo-nos às figuras 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11 e 12.

<sup>43</sup> Esse público é constituído por membros da igreja e por visitantes presentes na denominação religiosa em questão, bem como pelos diversos espectadores virtuais que assistem às transmissões *on-line* gravadas e disponibilizadas posteriormente nos canais do YouTube. Alguns desses vídeos têm alcance indeterminado, uma vez que podem ser replicados por outros canais de divulgação religiosa. Essa ampliação do público, que extrapola a presença física e se estende a contextos digitais, evidencia que a circulação do discurso não se limita ao momento imediato de sua produção. Sobre isso, Maingueneau (2015) destaca que as condições de produção de um discurso não se restringem ao aqui e agora da enunciação, mas englobam os dispositivos e suportes que permitem sua difusão e reatualização, afetando assim o contexto enunciativo.

<sup>44</sup> Não detalhamos os tipos e os significados dessas vestimentas por julgarmos não ser uma informação relevante para o objetivo deste trabalho. Por ora, basta-nos atentar ao fato de que há um rito histórico e socialmente determinado que repercute na encenação da enunciação, conforme destaca Maingueneau (2015, p. 117-128).

Embora esse quadro descreva adequadamente as cenas das oito pregações que constituem o *corpus* desta pesquisa, ressaltamos que há pequenas distinções quanto a certos aspectos, como, por exemplo, as vestimentas usadas. Diferentemente dos demais, entre os católicos, um deles, na pregação sobre ansiedade (Figura 2), se veste com o *clergyman*, peça composta por uma camisa com gola contendo um colarinho branco removível, que o identifica perante a comunidade como um sacerdote, mas que tem um caráter mais informal e moderno. Tal uso pode ser relacionado ao fato de que essa pregação em particular está inserida, como o enunciador menciona, em uma programação de acampamento, e o espaço em que sua fala ocorre não é um templo formal de igreja, embora vejamos alguns acessórios como o Cristo crucificado, mas remete a um ambiente destinado a receber um grande público, como um ginásio. Conquanto não faça parte de uma missa, a transmissão dessa mensagem se constitui de traços que nos permitiram classificá-la como uma pregação religiosa e selecioná-la para constituir nosso *corpus*. Entre os evangélicos, um dos enunciadores está de terno escuro em ambas as pregações (Figuras 8 e 9); enquanto o outro pastor veste um terno claro em uma enunciação (Figura 11) e na outra pregação usa paletó quadriculado sem gravata (figura 12). Isso revela que, como já dito, as vestimentas usadas pelo segmento evangélico não seguem simbolismos e rituais como no catolicismo.

Tais aspectos revelam rotinas distintas dentro do que é esperado para o gênero pregação no campo cristão, mostrando que, conforme adverte Maingueneau (2015, p. 118), “a cena da enunciação de um gênero do discurso não é um bloco compacto”, e que os papéis ali desempenhados, embora submetidos a certo regramento, podem apresentar variações. Ao tratar especificamente do sermão, Maingueneau (2010, p. 107) ressalta que, neste século, a estrutura do gênero deixa de ser rigidamente codificada, ao mesmo tempo em que “os modelos de fala persuasiva são agora os impostos pelo universo midiático audiovisual”.

Desse modo, observamos que as cenas de enunciação das pregações, objeto destas considerações, apresentam semelhanças entre si, assim como se diferenciam, a depender do segmento religioso em questão, mas que isso também ocorre no interior de uma mesma vertente. Como afirma o autor, “um gênero de discurso mobiliza seus participantes por meio de um papel determinado, mas não em todas as suas determinações possíveis” (Maingueneau, 2015, p. 118).

Essas variações na realização do gênero também incidem sobre a construção do *ethos* dos enunciadores. Conforme Maingueneau (2025, p. 71): “Qualquer que seja a concepção que tenhamos do *ethos*, não podemos torná-lo autônomo. Ele não é senão uma dimensão da cena de enunciação”, operando assim na cena englobante, na cena genérica e na cenografia, bem

como se mostra no ato de dizer, sem se limitar ao que o locutor afirma sobre si. O autor propõe três dimensões para a noção de *ethos* – categorial, experiencial e ideológica – que se articulam na enunciação. A dimensão categorial relaciona-se aos papéis discursivos, em que ele menciona explicitamente o “pregador” como exemplo; a experiencial corresponde ao conjunto de “caracterizações sociopsicológicas estereotipadas”; e a ideológica refere-se a “posicionamentos em um campo” (p. 69).

Nesse sentido, tomando como base as dimensões do *ethos* propostas pelo autor, no exame das cenas enunciativas do *corpus*, podemos afirmar que a imagem de si projetada pelos enunciadores católicos e evangélicos se constrói na articulação entre o papel discursivo que assumem, os traços sociopsicológicos que mobilizam e os posicionamentos ideológicos que atravessam suas falas. Essas dimensões se manifestam, especialmente, no que dizem, mas também na vestimenta, na postura corporal, no uso do espaço e das ferramentas, no ritmo e no tom de voz e na forma como se dirigem ao público.

Embora católicos e evangélicos compartilhem, no interior do campo religioso cristão, o mesmo papel discursivo de pregador, esse papel se realiza de formas distintas conforme o segmento religioso, a cena institucional em que a pregação ocorre e o estilo enunciativo assumido por cada pregador. Entre os católicos, a cena tende a reforçar de modo mais visível a inscrição litúrgica e institucional do enunciador, projetando, de modo geral, uma imagem de maior estabilidade, formalidade e vinculação à tradição. Assim, ainda com base nas três dimensões do *ethos* desenvolvidas por Maingueneau (2025, p. 69-71), o pregador católico pode ser caracterizado, na dimensão categorial, como pregador; na dimensão experiencial, como um enunciador geralmente associado a uma postura mais moderada e ritualizada, embora também possa recorrer ao humor, à informalidade e à interpelação direta do público; e, na dimensão ideológica, como alguém inscrito em um posicionamento predominantemente conservador.

Já entre os evangélicos, a maior flexibilidade da cena enunciativa e do vestuário pode projetar uma imagem de menor formalidade institucional e de maior dinamismo discursivo. No entanto, essa caracterização também não se realiza de maneira homogênea. Nesses casos, o pregador evangélico, embora compartilhe a mesma dimensão categorial do pregador católico, tende a apresentar-se, na dimensão experiencial, de modo mais incisivo, enfático e diretivo e, na dimensão ideológica, também se vincula a um posicionamento conservador.

Embora os enunciadores de ambos os segmentos religiosos apresentem adesão geral a um posicionamento estruturalmente conservador, isso não significa que, nos enunciados analisados, essa incorporação se realize de modo rígido e linear, por meio de um dizer

necessariamente sério, polido ou contido. Em diversos momentos, por exemplo, os pregadores católicos procuram garantir a atenção dos interlocutores ao trazer para o discurso situações do cotidiano e relatos bem-humorados, encenando, assim, uma relação de proximidade com o público. Entre os evangélicos, o enunciador 1 é aquele que mais preserva, em seu modo de falar, uma linha conservadora mais formalizada, uma vez que recorre a longas pausas e a uma linguagem mais formal. Ainda que esse pregador também encene uma interação de maior proximidade com os ouvintes, inclusive pelo uso do humor, isso ocorre com menor frequência quando comparado aos demais. Já o enunciador 2 busca estabelecer proximidade com seu público por meio de uma linguagem mais popular e informal, valendo-se frequentemente do humor, ainda que este apareça atravessado por mensagens autoritárias e, por vezes, impolidas.

É, porém, na dimensão experiencial do *ethos* que a distinção entre esses enunciadores se mostra mais claramente, isto é, nos traços estereotípicos mobilizados na construção de suas imagens discursivas. Essas diferenças se inscrevem em um mesmo funcionamento do discurso religioso e evidenciam maneiras distintas de construir credibilidade, autoridade e adesão. Assim, as diferenças entre os segmentos não devem ser compreendidas como uma oposição rígida entre formalidade católica e informalidade evangélica, mas como modos variados de realização do *ethos* no interior de um mesmo campo religioso atravessado por posições conservadoras. Ao tratar da ênfase dada à dimensão experiencial em seus trabalhos, inclusive no estudo de corpora religiosos, Maingueneau (2025, p. 70) ressalta a força da relação entre a fala e um imaginário do corpo, bem como a noção de incorporação, segundo a qual “as ‘ideias’ suscitam adesão por parte do leitor porque o modo de dizer implica um modo de ser”.

Entre os muitos aspectos do *corpus* relacionados ao *ethos*, destacamos as diferentes tonalidades e modalizações de voz, uma vez que esses modos de enunciação variam de forma significativa entre os pregadores. Considerando que, nos enunciados, os procedimentos de vocalidade também contribuem para a construção de sentidos, recorreremos ao que Charaudeau (2011) organiza como “procedimentos expressivos”, isto é, recursos ligados à forma oral da enunciação. Segundo o autor, cada locutor possui uma maneira própria de falar, que também se relaciona a comportamentos e papéis sociais reconhecidos. Nesse sentido, aspectos como intensidade, ritmo, dicção, pausas, articulação e modulação da voz participam da construção do *ethos*. Ao distinguir formas como o “bem falar”, o “falar forte”, o “falar tranquilo” e o “falar regional”, Charaudeau mostra que a vocalidade contribui para projetar determinadas imagens do enunciador.

Valendo-nos dessas categorias, observamos que, no *corpus* analisado, além da imagem de “autoridade” comum a todos os enunciadores, o *ethos* dos pregadores católicos tende a se

vincular, de modo predominante, ao “falar tranquilo”, embora ocorram oscilações ao longo da enunciação, e ao “falar regional”. O primeiro pode ser relacionado a um modo de dizer mais compatível com a tradição pastoral e litúrgica católica, marcada, em geral, por maior cadência, sobriedade e controle vocal; o segundo pode ser associado à origem regional de ambos os padres, cujas marcas de sotaque são notáveis em suas pregações. Ainda que esse traço regional possa reduzir, em alguns momentos, o efeito de padronização associado ao “bem falar”, por outro lado, esses modos particulares de enunciar projetam, de modo geral, uma imagem de pertencimento à comunidade, acolhimento, naturalidade, proximidade e orientação paternal.

O *ethos* dos evangélicos, por sua vez, se constrói de modo distinto em cada enunciador. No caso de pregador 1, ligado à Igreja Presbiteriana, observa-se uma enunciação mais próxima do “falar tranquilo”, embora em alguns momentos ela se intensifique e se aproxime do “falar forte”, como quando ele enfatiza o que diz. Sua fala também se vincula ao “bem falar”, pela boa dicção, pela articulação cuidada e pelas pausas frequentes. Desses registros resulta a imagem de um enunciador seguro e calmo, mas que impõe respeito e conduz o público com firmeza e certo distanciamento. Já o pregador 2 apresenta um modo peculiar de falar, associado intensamente ao “falar forte”, o que contribui para projetar uma imagem de uma figura mais combativa, enfática e diretiva. Embora esse traço seja característico do modo de falar dos pastores de denominações pentecostais e neopentecostais, o pregador encena com mais intensidade vocal esse papel. Nesse sentido, Charaudeau (2011, p. 172) afirma que “os julgamentos sobre a vocalidade relacionam-se à cultura” e que esse falar forte pode ser entendido como coragem, o contrário de um “falar frouxo”. Soma-se a isso, no modo de enunciar do pregador evangélico 2 a presença de marcas de “falar regional”, como sotaque acentuado, uso frequente de gírias e expressões típicas dos falantes da cidade do Rio de Janeiro, que, em conjunto, produzem efeitos de pertencimento, ousadia, coragem, passionalidade e irreverência.

Esses registros vocais podem ser verificados por meio do acesso aos vídeos, cujos *links* estão disponíveis na identificação das pregações, nos fragmentos selecionados para análise.

Para recapitular, a análise das cenas de enunciação permitiu compreender que as pregações se organizam a partir de um quadro relativamente estável, mas se realizam de modo diverso conforme o segmento religioso e o modo de enunciar de cada pregador. Essas variações se manifestam na configuração do espaço, nas vestimentas, na postura corporal, na ocupação da cena e nos procedimentos de vocalidade, elementos que participam da

construção do *ethos* e da legitimação do dizer religioso cristão. Ao mesmo tempo, tais diferenças não apagam a unidade do gênero, uma vez que os enunciados permanecem submetidos a coerções relativamente comuns, próprias da pregação cristã. Desse modo, a análise da cena enunciativa fornece um ponto de partida para observar, no tópico seguinte, como essas regularidades do gênero se materializam na organização discursiva das pregações do *corpus*.

### 5.1.2 As coerções do gênero pregação

Como já explicitado, o *corpus* de pesquisa se constitui do gênero pregação, o que implica que os enunciados estão submetidos a coerções próprias dessa forma de enunciar, que se caracteriza principalmente pela exposição doutrinária, isto é, pela propagação de valores religiosos, pela frequente mobilização de referências bíblicas e pelo objetivo de direcionar o público ouvinte à afirmação de uma fé. É um gênero que pressupõe ainda a figura de alguém autorizado a ensinar e aconselhar, que organiza a fala de modo claro e didático para chamar a atenção do ouvinte, bem como para ganhar a adesão dessa audiência.

Esse enunciador pode ser um padre ou um pastor, ou ainda alguém cujo prestígio espiritual na comunidade garante a autoridade do dizer religioso, representando a voz divina, que torna o teor da mensagem legítimo, digno de ser respeitado e levado em consideração. Esse pregador representa para os fiéis a voz do próprio Deus, desempenhando um papel de mediador outorgado, como afirma Maingueneau (2010, p. 105), “ele é também um ator que faz uma ‘apresentação’ para um auditório”.

Desse modo, evidenciando a unidade do gênero discursivo, observamos nos enunciados investigados traços de uma estrutura comum da cenografia que legitima esses dizeres, presentes tanto no espaço católico quanto no evangélico. Essas circunscrições se constituem por elementos como uma introdução com oração ou leitura bíblica de referência, uma apresentação do tema (no caso, ansiedade ou depressão), pelo desenvolvimento de definições e explicações, em grande parte de ordem religiosa, mas é aqui onde encontramos mais marcas interdiscursivas (presença do discurso outro), e pelo encaminhamento de orientações ao público frente ao que fazer diante do problema em questão. Na prática, essa dinâmica é marcada por modos de enunciar que alternam comentários, interpretação bíblica, exemplos do cotidiano e apelos morais e espirituais.

Nesse sentido, selecionamos fragmentos das pregações para demonstrar como esses elementos que envolvem o gênero se compõem discursivamente, a partir de cada um desses três traços em comum observados:

#### **a) introdução com preces e orações ou leitura bíblica de referência**

Considerando os excertos, englobando nesse primeiro momento todo o *corpus*<sup>45</sup>, verificamos esse traço presente nas pregações de ambas as vertentes cristãs. Assim, as enunciações são geralmente iniciadas por oração e/ou leitura da Palavra, o que legitima o discurso religioso e prepara o público para a escuta.

**PCA1** - Senhor, nos conduza nesta pregação com a ação do teu Espírito. **Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.** Amém. Podemos nos sentar um momentinho, queridos irmãos e irmãs. **Quero saber: quem chegou hoje no nosso acampamento e não estava ontem? Levante a mão, por gentileza.** Vamos acolher com uma salva de palmas (PÚBLICO REAGE COM PALMAS). Deus abençoe! Seja muito bem-vindo, bem-vinda, você que não estava ontem e veio hoje participar. Que bom ter a sua presença aqui. [00:39-01:07]

**PCD1** - O senhor esteja convosco. Ele está no meio de nós. **Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.** Glória a vós senhor. (PROCLAMAÇÃO CANTADA) [00:00-00:17]

**PCA2** - **Vamos a Mateus 6, do Versículo 25 ao 34, depois leiam em casa: Mateus 6, 25 a 34.** Na minha Bíblia, hoje à tarde eu fui preparar essa pregação, eu tenho uma bíblia de estudo toda rabiscada, marcada, este pedaço, na minha Bíblia, está escrito assim, eu até copieei igual: o ensino de Jesus sobre ansiedade. [00:35-01:02]

**PCD2** - **Convido você que está aqui no santuário, você que está em casa,** principalmente as pessoas que sofrem com depressão, **vamos fazer uma pequena prece, entregar este momento da pregação, para que esta palavra possa cair no nosso coração**”. [00:00-00:17]

Nos fragmentos católicos acima, essa abertura aparece de forma mais ritualizada, por meio de fórmulas litúrgicas e de preces iniciais, como em PCA1 e PCD1, bem como na convocação explícita à leitura bíblica em PCA2, em que o pregador indica o trecho e em seguida o vincula ao tema da pregação. Em PCD2, ainda que num tom mais conversacional e interativo, a introdução também se organiza com uma prece inicial, a qual antecede a exposição. Em PCA1 também observamos um momento de interação, no qual o público é acionado a participar, contudo ressaltamos que essa participação é limitada, os interlocutores reagem com reações não-verbais e paraverbais (levantar a mão, aplaudir, rir, dizer “amém”).

<sup>45</sup> Nas análises que seguem após esse primeiro gesto analítico, selecionamos os trechos mais representativos para cada discussão, privilegiando fragmentos que caracterizam certas regularidades e especificidades, e que possibilitem um aprofundamento interpretativo. Entendemos que a menção de excertos de todas as pregações a cada ponto não traria ganho analítico proporcional e apenas resultaria em um texto demasiado extenso.

Em PCD2 notamos que o enunciador se dirige aos dois públicos, o presencial e o virtual, integrando-os na destinação da mensagem.

**PEA1** - **Convido você a abrir sua bíblia comigo na carta de Paulo aos Filipenses, Filipenses, capítulo 4.** Nós faremos a leitura dos versos 6 ao verso 9, Filipenses 4, 6 a 9. [00:14-00:37]

**PED1** - **Meus irmãos, vamos abrir então a palavra de Deus no primeiro livro dos Reis, capítulo 19.** Primeiro livro dos Reis, capítulo 19. Vamos ler até o verso 18. Lido o texto, **mantenha a sua Bíblia aberta comigo**, por favor, nesse texto. [00:07-00:34]

**PEA2** - **Nós estamos aqui no templo da Assembleia de Deus, na rua Montevideu, 1191.** Nós estamos aqui no culto da quinta-feira da... **(OS OUVINTES COMPLETAM “vitória”)**. E nós entendemos que vitória não é só pra pessoa vir aqui fazer uma campanha barata porque tá precisando de alguma coisa, porque quer uma porta aberta, quer uma resposta. **Mas a verdadeira vitória passa pela palavra de Deus.** Porque a palavra de Deus pode mudar o estilo da nossa vida e do nosso rumo. Você pode ter uma vitória que é momentânea, ela é focal, é de algum fato. Mas se você quer ter uma vida vitoriosa, ame a palavra de Deus. **E nós vamos aqui trazer a palavra de Deus.** [00:01-00:45]

**PED2** - Eu vou falar de um tema, aqui hoje, que é um dos piores males sobre a humanidade. Não respeita idade, não respeita raça, não respeita classe social, não respeita continente. Eu vou falar sobre depressão, como vencer a depressão. **Abra sua bíblia em Marcos, capítulo dois, versículos 17.** E vou falar de outras coisas muito importantes pra você. [00:00-00:50]

A instrução bíblica igualmente ocupa lugar central nas introduções das pregações evangélicas, como observamos nos fragmentos acima, nos quais o público ou é convidado a abrir a Bíblia e acompanhar o texto de referência, ou há ênfase na importância da palavra divina para aquele momento. Como se lê acima, em PEA1 e PED1 notamos um funcionamento mais próximo de uma formalidade ritual, quando como o pregador orienta a leitura contínua do texto e solicita que os ouvintes mantenham a bíblia aberta (PED2), aproximando-se assim de um gesto mais solene e organizado da cena enunciativa. Contudo, em PEA2 e PED2 percebemos um tom distinto, mais direto e conversacional, com interpelações ao público. Vimos em PEA2 o enunciador inscrever o local de onde ele fala, dirigindo-se provavelmente ao público virtual que assistirá a mensagem gravada.

Dessa forma, observamos nesses fragmentos ambas as vertentes iniciarem a pregação sob a autoridade da Palavra, não deixando para depois e já conferindo legitimação ao discurso logo no momento de abertura, confirmando assim o estatuto da bíblia como *arquitrato* – a fonte máxima e incontestável dos enunciados cristãos. Entretanto, a enunciação católica tende a ser encenada por meio dos preceitos e ritos institucionais, como pressupomos, embora haja uma mudança do tom solene após o cumprimento da formalidade. Já a evangélica oscila entre uma informalidade interpelativa e momentos de maior formalidade, como no caso de PEA1 e PED1. Interessante destacar que, mesmo o gênero não prevendo a participação direta do

público, essa expectativa nem sempre é atendida, conforme observou Maingueneau (2010, p. 105) a respeito das manifestações paraverbais. Assim, essas marcas de coenunciação paraverbais e não-verbais sinalizam adesão ao discurso, sem configurar interação discursiva propriamente dita e se concretizam em respostas ritualizadas como “amém”, “glória a Deus”, bem como em aplausos, risos e gestos de concordância.

## **b) Apresentação e explicações sobre o tema da pregação**

Cada pregação organiza-se em torno de uma temática central, isto é, de um mote que orienta tanto os argumentos quanto a progressão discursiva, conduzindo e compondo a cenografia da enunciação. De que forma os temas *depressão* e *ansiedade* são introduzidos e explicados nas enunciações católicas e evangélicas é o que veremos nesse segundo elemento característico do gênero pregação, não ainda como objeto de análise dos discursos ali constituídos, mas como ponto de partida discursivo que justifica o desenvolvimento da pregação e sustenta a adesão do público ao dizer religioso.

**PCA1** - E é um remédio, eu escrevi isso aqui **no livro que dá tema a esse acampamento**, que é o livro A Libertação da Mente Ansiosa, que é o **tema desse acampamento**. [39:03-39:11]

**PCD1** - Meus queridos irmãos e irmãs,  **você aqui no santuário do pai das misericórdias e a imensa multidão também que nos acompanha em casa. Nós estamos no “Kairós - A cura da depressão”, rezando, refletindo sobre como curar, né, a depressão**, e vale aqui ressaltar aquela distinção que depressão é diferente de tristeza, tá gente? [02:36-02:58]

**PCA2** - Vamos a Mateus 6, do Versículo 25 ao 34, depois leiam em casa: Mateus 6, 25 a 34. Na minha Bíblia, **hoje à tarde eu fui preparar essa pregação**, eu tenho uma bíblia de estudo toda rabiscada, marcada, **este pedaço, na minha Bíblia, está escrito assim**, eu até copiei igual: **“o ensino de Jesus sobre ansiedade”**. [00:35-01:02]

**PCD2** - Meus irmãos, eu não vou pedir pra você levantar a sua mão porque vai expor você de maneira desnecessária, mas eu **tenho certeza que pela divulgação da missa, há muitas pessoas aqui hoje que têm depressão, e você veio exatamente por isso. Talvez você viu a divulgação, talvez alguém falou pra você “olha, você que tem depressão, você que está fazendo esse tratamento, vai à missa quarta-feira, o tema será esse”**. Nós temos milhares de pessoas espalhadas pelo Brasil que estão conosco agora e destas uma grande porcentagem **sofre também com a depressão**. [02:14-02:52]

Como ilustram os fragmentos acima, a escolha pelo assunto a ser abordado é, no segmento católico, em geral, orientada pelas leituras bíblicas previamente estabelecidas no calendário litúrgico, as quais fundamentam a homilia e o planejamento de eventos, como acampamentos (caso da PCA1) e encontros temáticos (como em PCD1). Observamos, no entanto, que tanto em PCA1 quanto em PCD1 o enunciador articula essas temáticas às suas produções editoriais, estabelecendo uma vinculação explícita entre os livros de sua autoria e

os temas que motivaram a realização dos eventos nos quais as pregações são proferidas, o que reforça sua autoridade sobre o tema, bem como produz um efeito de sentido de promoção desse material. Em PCA2 e PCD2 notamos que houve uma prévia organização em torno dos temas, com fundamentação bíblica em PCA2 e uso de estratégia de convocação do público em PCD2. Vimos assim que a escolha do tema resulta de um planejamento discursivo que articula a autoridade religiosa (bíblica e do enunciador legitimado) e a construção de adesão do público. Público esse que é ampliado, já que é composto pelos presentes e por quem assiste remotamente, “em casa”, como destaca o pregador em PCD1.

**PEA1** - Hoje eu quero conversar com vocês sobre um tema, sobre um assunto, que atinge a todos nós. Se formos honestos com nós mesmos, teremos que admitir que, **num grau maior ou menor, todos nós enfrentamos esse problema chamado ansiedade.** [01:46-02:10]

**PED2** - Eu vou falar de um tema, aqui hoje, que é um dos piores males sobre a humanidade. Não respeita idade, não respeita raça, não respeita classe social, não respeita continente. Eu vou falar sobre depressão, como vencer a depressão. [00:00-00:37]

**PEA2** - Mas vamos aqui ao texto, aquilo que Deus colocou no meu coração. Eu vou pregar sobre o seguinte tema [...] **Rejeite a preocupação e viva em paz. [...] Preocupação é algo dos tempos da pós-modernidade, não é?** Esse tempo que nós estamos vivendo, dessas demandas da vida, deixam as pessoas ansiosas, preocupadas, que leva à ansiedade que é um sintoma de medo e uma preocupação excessiva. [01:47-02:30]

**PED1** - Primeiro livro dos Reis, capítulo 19. Vamos ler até o verso 18. Lido o texto, mantenha a sua Bíblia aberta comigo, por favor, nesse texto [...] **Eu vou tratar nesta manhã do tema como enfrentar a depressão, como enfrentar a depressão. A Bíblia é um livro honesto e, como tal, ela não esconde as fraquezas de seus heróis.** [00:16-00:34] ; [03:50-04:16]

Nas enunciações evangélicas, por sua vez, a seleção do tema, tendo em vista que as denominações se organizam de forma mais autônoma do que no segmento católico, apresenta uma origem mais diversa. Ainda que também possa atender a calendários ou a demandas institucionais, os temas são motivados por problemáticas contemporâneas percebidas no contexto social, como observamos nos fragmentos da PEA1 e PED2, ou ainda atribuídos à inspiração divina, como em PEA2. Entretanto, assim como nas enunciações católicas, observamos aqui a legitimação bíblica sendo considerada nesse momento de introdução temática, sustentando e tornando “honesto” o dizer do enunciador (PED1).

**PEA1(a)** - E muitas vezes, nós ficamos extremamente ansiosos, a ponto de **um dos mais expoentes representantes da psicologia, Rollo May, afirmar que a ansiedade é o mais urgente e o mais grave problema da nossa geração.** [02:39-02:59]

**PED2(a)** - Eu vou falar de um tema, aqui hoje, que é **um dos piores males sobre a humanidade.** [00:00-00:09]

**PED2(b)** - A depressão é a melancolia da alma, a tristeza da alma, uma exaustão física, mental e emocional. A depressão junto das doenças do coração são as doenças mais incidentes sobre a raça humana. [01:39-02:03]

**PCD1** - A depressão é uma doença e tem a ver com muitos fatores, sobretudo genético (né). Eu estava lendo um artigo hoje também que explicava e provava que quase 30% dos casos de depressão têm a ver com fatores genéticos, né, também a ansiedade, e a pessoa vive uma descompensação na química dos neurônios. [04:51-05:11]

**PEA1(b)** – [...] alguém já disse que a ansiedade é você ser crucificado entre dois ladrões, o ladrão do passado e o ladrão do futuro. O ladrão do passado é o remorso, o ladrão do futuro, a preocupação. [12:05-12:20]

Esse movimento de apresentação e explicação do tema em uma pregação delimita o objeto da enunciação e orienta o público quanto ao foco do discurso. Nos enunciados analisados, os temas da depressão e da ansiedade são introduzidos por certas estratégias discursivas, que variam entre a afirmação do problema como um mal que afeta amplamente a sociedade, como em PEA1(a) e PED2(a) acima; a formulação de definições diretas, como em PED2(b) e PCD1; o uso de metáforas explicativas, como em PEA1(b); e a mobilização de referências externas, como em PEA1(a), PED2(b) e PCD1.

Apesar do uso de mecanismos discursivos diversos, há nesse traço um funcionamento comum nos enunciados que é o tom didático, ou seja, os pregadores procuram tornar o tema compreensível e significativo para os ouvintes. E eles assim procedem ao apresentar uma interpretação à luz da palavra, relacionando os transtornos sempre que possível ao discurso religioso, buscando a adesão dos fiéis e assim preparando o público para as reflexões e encaminhamentos que serão propostos ao longo da pregação.

### **c) caráter instrucional e encaminhamento de orientações**

Maingueneau (2010, p. 107) destaca que é por meio da pregação que a Igreja “dispensa um ensinamento ao mesmo tempo dogmático e prático”. Essa característica se faz presente nos enunciados analisados no momento em que, após a apresentação e a explicação do tema, o pregador passa a indicar caminhos ao público sobre como agir diante do sofrimento psíquico enfrentado. A pregação assume, assim, um caráter instrucional, ao orientar comportamentos e atitudes, que sejam considerados adequados à luz da fé cristã, para “lidar” ou “vencer” o problema, como se pode observar nos excertos que seguem:

**PCA1** - E veja bem, esta pregação vai ser bem bíblica. Nós vamos descobrir, amado filho, amada filha, um itinerário bíblico pra lidar com a ansiedade, pra vencer a ansiedade. [02:24-02:37]

**PCA2** - Eu vou ler os versículos e **vou fazer a explicação contra ansiedade**, pra libertar você da ansiedade, **pra você aprender a lidar com a ansiedade**. [01:05-01:19]

**PED1** - Eu vou tratar nesta manhã do tema como enfrentar a depressão, como enfrentar a depressão. [03:50-04:02]

**PED2** - Eu vou falar sobre depressão, **como vencer a depressão**. Abra sua bíblia em Marcos, capítulo dois, versículos 17. [00:26-00:40]

Esse “itinerário” instrucional se concretiza por meio de conselhos, receitas e exortações que se apoiam na autoridade da Palavra, do enunciador e da instituição religiosa. Foi observado o uso frequente de construções injuntivas, com uso de verbos no imperativo, de formulações persuasivas, de enumerações, de repetições e de perguntas retóricas, como vemos nos fragmentos representativos abaixo, enunciados que reforçam ainda a posição assimétrica entre pregador e fiéis. Ao articular orientações espirituais, morais e até mesmo referentes ao cuidado pessoal, o pregador deixa de apenas explicar o problema para conduzir o fiel a uma solução.

**PCA1(a)** - **O que que é a Eucaristia?** É uma ação de graças a Deus. **E o que que é ação de graças?** É você... Na adoração, a gente reconhece quem Deus é. Na ação de graças, a gente reconhece o que Deus faz, o que Ele faz. Então, reconhecendo o que Deus faz, eu entoo o louvor a Deus, eu louvo a Deus. **Você tá entendendo? Então, pra você vencer a ansiedade e ter essa paz que São Paulo falou ali no versículo**, que guarda a sua mente, o seu coração, o seu entendimento em Cristo, **você precisa ser uma pessoa de louvor**. [35:47-36:21]

**PCA1(b)** - Então agora eu vou te fazer uma pergunta: de 2023, em 2023, de janeiro até agora, vou te dar alguns segundos, **pensa nas coisas positivas e bonitas que aconteceram na sua vida nesse ano**, pensa agora, três coisas positivas e bonitas pelas quais você quer louvar a Deus hoje. **Pensa aí! Eu tenho certeza que elas aconteceram. Eu tenho certeza que elas estão aí**. [37:41-38:08]

**PCD1** - [...] ele disse no evangelho hoje “levantai-vos”. **Isso é uma ordem para você que está me acompanhando agora** (DIRIGE-SE DIRETAMENTE AO PÚBLICO VIRTUAL), que tá deitado nesse quarto aí, tá deitado nessa cama com a janela fechada, **levanta dessa cama, abre essa janela, toma um banho, você mulher passa um batom nessa boca**. Reage, é preciso reagir. [34:39-34:59]

**PCD2(a)** - Meus irmãos, **pense comigo, pense comigo, mas tem que pensar “bíblia”**, Tobias triste, Sara triste, os dois angustiados, **os dois querendo morrer, mas quando eles lembram de orar**, eles ficavam antes pensando, mas quando eles se colocam na presença de Deus, **eles não falam de morte, eles não reclamam de nada, é uma oração cheia de... gratidão**. Eu vou ler a oração, olha onde que eles estão reclamando aqui: “tu és bendito Deus de misericórdia e é bendito eternamente o teu santo nome”. **Você que está em casa, anote! Anote isso aí você que está na igreja, grave na sua cabeça ou, se você tem celular, um bloco de nota, anote aí**. [12:46-13:39]

**PCD2(b)** - Nós temos, na Bíblia, **repita comigo**: “a depressão é destrutiva”. Está na Bíblia, provérbios 18:14, uma pessoa que tem depressão ela sente, e é verdade, que a sua vida está sendo destruída aos poucos, e tem alguns sinais de depressão. **Primeiro sinal**: é a tristeza que não passa, e aqui eu quero só abrir um parêntese bem breve, **tristeza não é depressão, ok? Tristeza não é depressão**. [17:31-18:17]

**PCD2(c)** - **Escute** primeiro a Deus, **escute** mais o seu coração, **busque** ajuda, e **faça** pequenas coisas todos os dias pra você se livrar da sua depressão. **Um conselho para as pessoas aposentadas e que sofrem com depressão: um trabalho voluntário**, voluntário. Aqui em Divinópolis, eu já indiquei para muitos, **a pessoa tem uma melhora rapidinha, viu? Parece até um milagre**. [39:07-39:40]

**PED1** - **Terceiro**: qual a causa da depressão dele? Afastamento de relacionamentos encorajadores. Versículo 3 nos diz que ali deixou o seu moço. **Preste atenção nisso**. Na hora que Elias mais precisava de companhia, ele quis ficar sozinho. **Eu quero dizer pra você, muito solenemente, que a solidão não é um bom remédio pra quem está deprimido**. Se gente precisa de Deus, gente precisa de gente. Na verdade, pessoas desencorajadas são pessoas solitárias. Quando a crise chega, a solidão é uma péssima companhia. **Não fique sozinho. É a hora que você mais precisa de ajuda, de um ombro amigo**. É o que Paulo sentiu lá na prisão de Roma. Ele escreve pra Timóteo e diz: “Timóteo, procura vir ter comigo depressa”. Eu preciso de um ombro. Eu preciso de um amigo, eu preciso de cuidado. Eu preciso de companhia. **Eu pergunto a você, quem são os seus amigos? Pra quem você tem coragem de ligar na hora da sua angústia?** [11:12-11:28]

**PEA2** - **Terceiro**: se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, **transfira a sua preocupação pra Jesus**, como diz o texto: “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, ele tem cuidado de vós”. E a palavra é forte, lançar. **O que é que é lançar?** Lançar... (JOGA UM OBJETO PARA ALGUÉM NO PALCO). Tu que não segurasse essa tralha, meu irmão (DIRIGE-SE A ESSA PESSOA E RETOMA O OBJETO). **Isso aqui é lançar, meu irmão. Isso aqui é lançar**. Lançar é atirar tudo em direção ao outro, confiando que o outro vai segurar. Eu não tava muito confiante, não, mas eu tinha que usar ele como exemplo (RISOS DA AUDIÊNCIA). Eu tava com medo dele deixar escapular. Mas tudo bem, isso aqui é lançar, tá aqui, toma! Ele segura. É isso que o Senhor tá falando com você. **Não fica aí com essa preocupação na tua mente**, no teu coração, não. **Lança pra Jesus!** (FALA DE MODO ENFÁTICO E EM VOLUME MAIS ALTO, PROVOCANDO ADESÃO DA AUDIÊNCIA) **Lança** sobre ele que ele vai cuidar de você. [16:58-17:57]

Assim como nos traços anteriores, vimos essa terceira marca aparecer tanto nas pregações católicas quanto nas evangélicas, porque essas são características que marcam o gênero como um todo, e apresentam distinções que podem ou não ser vinculadas ao espaço discursivo em que ocorrem. Uma dessas distinções encontra-se na oscilação de tom e de volume na voz das mensagens evangélicas cujo enunciador é pregador evangélico 2, que por vezes assume um caráter enfático, rápido e com volume alto, e em outros momentos adota um volume mais baixo e tom mais brando. Essa característica afervorada pode ser associada à forma de agir e de organizar o dizer religioso das igrejas evangélicas, principalmente as de denominação pentecostal e neopentecostal, mas também pode ser atribuída a um traço pessoal do enunciador, que é conhecido publicamente por seu discurso inflamado.

Em síntese, o registro, nesse primeiro tópico, das condições de enunciação mostra que as pregações católicas e evangélicas, apesar de diferenças institucionais e estilísticas, se organizam a partir de um mesmo conjunto de coerções próprias do gênero discursivo. Em ambos os segmentos, observam-se enunciações predominantemente monológicas, marcadas pela assimetria entre pregador e público e pela centralidade do texto bíblico como instância de legitimação do dizer. As aproximações entre as vertentes aparecem na forma de estruturar as

enunciações, as quais são articuladas por uma abertura ritualizada, seguida de apresentação do tema e se findam com encaminhamento instrucional, confirmando a pregação como um espaço de orientação das condutas dos fiéis. As distinções se concentram, sobretudo, no modo de encenação do dizer: no catolicismo, há maior aderência aos ritos e a uma cenografia institucionalmente estabilizada, enquanto no segmento evangélico predominam maior variação cenográfica e maior oscilação de tonalidade e volume de voz. Quanto aos temas da ansiedade e da depressão, neste ponto da análise, ambos funcionam de forma semelhante como motes da enunciação, ainda sem percepções de diferenças discursivas importantes, sendo o funcionamento do gênero e do posicionamento religioso os principais elementos a orientar a produção dos sentidos.

## 5.2 As regularidades discursivas

Como já mencionado, o discurso é formado por um conjunto de textos situados historicamente, que compartilham modos recorrentes de dizer (Maingueneau, 2008). Essas recorrências permitem compreender cada discurso como um espaço próprio, com certos regramentos e convenções.

À luz dessa perspectiva, o segundo passo analítico desta pesquisa consiste na identificação das regularidades linguístico-discursivas mais frequentes nos modos como os sujeitos abordam a ansiedade e/ou a depressão no discurso religioso, a partir das pregações católicas e evangélicas que compõem o *corpus*.

Conforme observado no item c do tópico 5.1.2, tais regularidades se manifestam, de modo geral, por meio do predomínio de estratégias discursivas de caráter injuntivo, marcadas pelo emprego de verbos no imperativo, por construções persuasivas, bem como pelo uso recorrente de enumerações, repetições e perguntas retóricas.

Para a sistematização desses padrões, selecionamos as cinco formulações discursivas mais recorrentes. Optamos por essa delimitação no número de regularidades para garantir uma maior clareza na análise, bem como um aprofundamento interpretativo.

Após a identificação, assim nomeamos esses padrões discursivos: (a) “a bíblia diz...”, que coloca a Escritura como base do dizer religioso; (b) “a ansiedade/depressão é... não é...”, que define o transtorno entre normalidade e patologia, em diálogo com os discursos médico-psicológico e científico; (c) “é um sinal de incredulidade”, que apresenta a leitura do sofrimento como problema espiritual, relacionado à falta de fé, ao pecado ou à ação demoníaca; (d) “dinheiro traz conforto, mas não traz felicidade...”, que faz a relação entre

bem-estar emocional, situação financeira, consumo e aspirações materiais, evidenciando marcas do discurso neoliberal; e (e) “reaja”, quando enfatiza a força, a iniciativa e a responsabilidade individual na superação dos problemas psíquicos, também em aproximação com a racionalidade neoliberal. Em cada item, utilizamos excertos representativos para sustentar a análise, procedendo, quando pertinente, a comparações entre os discursos católicos e evangélicos e entre as temáticas de ansiedade e depressão.

Antes de avançarmos para a análise dessas regularidades, cabe delimitar o que estamos chamando de discurso neoliberal e de racionalidade neoliberal, categorias mobilizadas neste trabalho para designar o conjunto de regularidades enunciativas que associa o sofrimento emocional a condições de pressão estrutural, lógica da produtividade, responsabilização individual, dinheiro, consumo, trabalho, garantia de emprego, estabilidade financeira e aspirações materiais. Essa denominação se justifica porque tais elementos apontam para uma racionalidade que organiza a vida a partir de critérios econômicos e produtivos. Nesse funcionamento, ansiedade e depressão passam a ser relacionadas à capacidade do sujeito de manter-se ativo, eficiente, estável, produtivo e responsável pelos próprios resultados. Salgado (2025) contribui para essa delimitação ao compreender o neoliberalismo como “expressão atual do capitalismo”, marcada por formas concorrenciais de sociabilidade que impactam a vida, o comportamento e a interação social dos sujeitos. Ribeiro (2024) também fundamenta essa escolha ao identificar, no discurso neoliberal, marcas como primazia da economia, eficiência, competitividade, liberdade individual, autonomia e redução da proteção social.

No *corpus* analisado, esses sentidos aparecem quando o sofrimento psíquico é interpretado em relação ao desempenho do sujeito diante do trabalho, do dinheiro, do consumo e da busca por segurança material. A presença desses elementos indica que o discurso religioso não mobiliza somente explicações espirituais ou médico-psicológicas para a ansiedade e a depressão; ele também se articula a uma racionalidade neoliberal que desloca para o indivíduo a tarefa de administrar sua vida emocional, financeira e produtiva.

Feita essa explicação, passamos à análise das cinco regularidades identificadas, iniciando pela fórmula “a Bíblia diz...”, por meio da qual o texto bíblico se apresenta como fundamento e instância de legitimação do dizer religioso.

#### **a) “A bíblia diz...” – Arquitexto do discurso religioso**

Como esperado, dadas as características do discurso religioso como um discurso constituinte (Maingueneau, 2000), encontramos com frequência o posicionamento cristão

operando em hegemonia nos enunciados, o que condiz com as coerções próprias do gênero e do ambiente discursivo analisado. Ao falar sobre depressão e ansiedade, o dizer religioso se sobrepõe aos outros posicionamentos, às vezes de forma categórica, em outras, entretanto, isso ocorre de maneira mais moderada; em comum às enunciações católicas e evangélicas, temos o texto bíblico como principal referência que direciona e delimita os diferentes efeitos de sentidos produzidos a partir das várias interpretações das Escrituras.

Nos enunciados católicos observamos o discurso religioso ocupar um lugar central tanto na abordagem da ansiedade como da depressão, com a Bíblia sendo a principal instância para legitimar o que está sendo dito e quem o pode dizer.

**PCA1(a)** – [...] “não andeis ansiosos com coisa alguma”, **é uma ordem de Deus, a palavra está no imperativo**. Mas o que vem depois no versículo é o caminho que a própria sagrada escritura nos dá pra que a gente coloque isso aqui em prática. “Não vos preocupeis com coisa alguma, mas”, segunda linha do versículo, “em toda ocasião”, toda ocasião quer dizer toda ocasião, “em toda ocasião, apresentai a Deus vossos pedidos”. **Presta atenção em cada palavra, que o padre vai esmiuçar isso aqui**, “mas em toda ocasião, apresentai a Deus vossos pedidos em orações, súplicas, acompanhadas de ação de graças”. **Veja bem, “não anda ansioso com coisa alguma” é uma ordem, mas como? Aí a Bíblia responde**: “antes, mas, apresentai a Deus os vossos pedidos em orações, súplicas e ação de graças” – tríplice dimensão da oração – **e o padre vai trazer** mais dois aspectos da oração. [05:14-06:25]

Nesse sentido, considerando o excerto acima, o enunciador da PCA1(a) destaca a autoridade do texto bíblico, ao ressaltar que a palavra é “uma ordem e está no imperativo”. Além disso, ele reforça o papel de mediador autorizado quando se autorreferencia em terceira pessoa para tecer comentários e explicações sobre o texto bíblico.

**PCA1(b)** – Então o que que a bíblia tá dizendo? **Que a vida de oração, que as dimensões profundas de oração, são um remédio, não é mágica, óbvio, é um comportamento, é uma atitude gradativa**, que você vai incorporando na estrutura do seu comportamento, mas elas são, **essa oração, é um remédio para administrarmos a ansiedade desequilibrada**, para administrarmos agitação e aceleração mental, **é um caminho bíblico, o padre vai aprofundar isso aqui**. [06:45-07:14]

**PCA1(c)** – Como que uma pessoa pode ter paz no meio de um transtorno do pânico, sofrendo o transtorno do pânico? **A pessoa pode, a Bíblia tá dizendo**. Porque **paz não é ausência do problema**, é algo que vem de Deus, **é um dom de Deus**, que vem de dentro pra fora, **que você adquiere se você seguir os passos da oração, que eu vou falar já, já, que eu já vou explicar**. [11:12-11:32]

Já pelo que se lê nesses fragmentos, em outros momentos dessa mesma pregação, em PCA1(b) e PCA1(c), a ansiedade é compreendida a partir daquilo que “a Bíblia tá dizendo”, sendo a oração apresentada como “remédio” e “caminho bíblico” para superar o sofrimento, e a obtenção de paz é condicionada a quem “seguir os passos da oração”.

**PCD2(a)** – E que, **através desta palavra**, que o Senhor nos ajude a superá-la, **a vencê-la e a nos abrirmos à graça e à cura que vem de Deus**. Deus eterno e todo poderoso nós o

louvamos e exaltamos e bendizemos porque nos *dás* mais uma vez a oportunidade de meditarmos a tua palavra. Fala ao nosso coração, senhor, fala ao nosso coração, principalmente das pessoas que sofrem com a depressão, pessoas que se sentem tristes, angustiadas, infelizes, solitárias, uma vida sem sentido, uma vontade de chorar o dia todo, não há lugar que esteja bom. **Fale de maneira especial a estas pessoas, senhor, mas fale não aquilo que nós queremos ouvir, mas o que precisamos escutar.** Tira-nos da nossa zona de conforto e leva-nos para águas mais profundas. Pedimos isso, ó pai, em nome de Jesus, amém! Amém? (O PADRE FAZ A ORAÇÃO COM OLHOS FECHADOS, BEM COMO OS FIÉIS SÃO MOSTRADOS REPETINDO O GESTO). [00:47-02:13]

**PCD2(b)** – [...] e eu **quero iniciar esta minha fala baseada na palavra, não é coisa da minha cabeça**, nós escutamos aqui a leitura do livro de Tobias e eu estou aqui, no capítulo 3, você de casa, se desejar, **marque depois na sua Bíblia esses versículos** da leitura e que você possa lê-los novamente. [04:18-04:42]

De modo semelhante, em PCD2(a) e PCD2(b), a superação e a cura da depressão virão por meio da Palavra divina. Nesses fragmentos o enunciador ressalta que sua fala não se baseia em uma opinião pessoal, mas que está justificada na “Palavra”, e convoca os ouvintes a acompanharem o texto bíblico e pede em oração que Deus fale, pela voz autorizada do pregador, não “aquilo que nós queremos ouvir, mas o que precisamos escutar”. O uso da primeira pessoa do plural nessa formulação remete a um efeito de sentido que reforça a aceitação ao que será dito, já que põe o enunciador como mediador de um discurso ao qual ele próprio mostra que se submete. Entretanto, o pregador alterna esse uso em alguns momentos e utiliza também a terceira pessoa, o que pode produzir um efeito de distanciamento pessoal em relação ao problema psíquico mencionado.

Nos enunciados, a autoridade do discurso religioso se constrói pela ancoragem no que diz a Escritura, que tende a se sobrepor a outros discursos que ali se constituem, como uma verdade incontestável que conduz a interpretação do sofrimento, autorizando quem pode comentá-la e legitimando as orientações dirigidas aos fiéis.

Essa centralidade da Bíblia e do discurso religioso também se mostra recorrente nas pregações evangélicas, embora com um tom mais rigoroso e enfático.

**PEA1** - Ô irmãos amados, a vitória ou a derrota está aqui (APONTA PARA A CABEÇA/MENTE). **Agora, pra você fazer isso você tem que ler bíblia, você tem que conhecer as promessas de Deus, você tem que se alimentar das verdades de Deus**, você tem que tomar posse das promessas de Deus, vai alimentando a sua mente, vai alimentando o seu coração das promessas que Deus faz, sabe por quê? **Porque Deus é fiel à sua própria palavra**, nenhuma das suas promessas jamais caiu por terra, e **quando você vai lendo a bíblia, vai conhecendo a bíblia, vai conhecendo a palavra, vai se alimentando das promessas de Deus**, isso vai entrando na sua mente, isso vai entrando em seu coração, você vai pensando bíblicamente, quando a luta chegar, quando o problema vier, quando a prova bater, quando a ansiedade bater à sua porta, você está cercado por uma estratégia divina, por uma a fortaleza divina, que protege a sua mente e o seu coração. [28:50-29:41]

Em PEA1 acima, o pregador associa, e até mesmo condiciona, o enfrentamento da ansiedade ao conhecimento e à interiorização das “promessas de Deus”, afirmando que a leitura da Bíblia fortalece a mente e o coração diante das lutas.

**PED1** - Então diz a Bíblia que ele teme e que ele foge. Quais são as causas da depressão de Elias? Primeiro: pensamento confuso, versos 1 a 3. A Bíblia diz que Jezabel manda um recado para ele: “Façam-me os deuses o que me aprouver, se amanhã, nesta mesma hora, eu não fizer com você, Elias, o que você fez com os profetas de Baal”. Agora Elias tá marcado pra morrer e ele foge. Vale destacar que Elias sempre até aqui, só andou debaixo da rigorosa instrução divina, como vocês podem atestar comigo no capítulo 17 versículo 2: “Veio-lhe a palavra do Senhor dizendo: ‘Retira-te daqui para a banda do Oriente’”; Versículo 5: “Foi, pois, e fez segundo a palavra do Senhor”; Capítulo 17, versículo 8: “Então lhe veio a palavra do Senhor dizendo: ‘Dispõe-te e vai a Sarepta’”; E versículo 10: “ele se levantou, se foi a Sarepta”; Capítulo 18, verso 1: “Muito tempo depois veio a palavra do Senhor a Elias, no terceiro ano, dizendo: ‘Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra’”; Versículo 2: “Partiu, pois, Elias a apresentar-se a Acabe”. Não tem nenhuma palavra de Deus pra ele: “fuja, fuja!” Não! Agora, a decisão é dele, só dele. Por quê? Porque ele fez uma leitura errada. Ele pensou que a vida dele estava nas mãos de Jezabel e não nas mãos de Deus. Toda vez que você pensa que a sua vida está exposta e na mão de homens, dos poderosos deste século, você teme, você foge, você se encaverna, você está sujeito a uma depressão. [08:08-09:49]

Como se observa acima em PED1, a depressão é abordada a partir da narrativa bíblica do personagem Elias, em que o enunciador escolhe explicá-la como resultado de uma decisão individual equivocada, associada ao afastamento da orientação divina, o que teria conduzido o personagem ao sofrimento. Esse movimento interpretativo se desdobra, ao final do trecho, quando ele troca o pronome “ele” por “você”, em um enfoque à audiência, realizada em tom de advertência.

**PED2** - E eu vou declarar pra alguns que estão aqui, a Bíblia diz que a gente tem que considerar a bondade e a severidade de Deus, duas coisas, bondade e severidade. Deus é bom, incomparável. Deus é amor, incomparável. Deus é compaixão, incomparável. Deus é misericordioso, incomparável. Mas Deus é justiça. E Deus tem uma régua certa de medir justiça. “É pastor, eu vivo fora da igreja, mas até agora não aconteceu nada” (COMO SE DIALOGANDO COM UM FIEL IMAGINÁRIO). Ah, é, e você pensa que isso é salvo conduto pra você pecar? Tô com pena de você. Deus te trouxe aqui pra você voltar pra Jesus, meu chapa. Se ele vai te dar uma outra oportunidade eu não sei. Eu só sei que ele está te dando agora e se eu fosse você não jogava ela fora (APONTA EM DIREÇÃO AO PÚBLICO PRESENTE). [53:28-54:30]

De modo semelhante, em PED2, a formulação “a Bíblia diz” introduz um discurso de caráter normativo, no qual a palavra bíblica fundamenta advertências ao público, com exortação à mudança de conduta (“voltar pra Jesus”) em tom incisivo e de ultimato.

Com distinção do tom contundente e inflamado adotado, assim como nas pregações católicas, os fragmentos evangélicos demonstram que a Bíblia ocupa o lugar de referência primeira na organização do dizer religioso, orientando a forma como a ansiedade e a

depressão são frequentemente explicadas no interior dessas enunciações e produzindo efeitos de sentido de autoridade, verdade, obediência e urgência.

De modo geral, este ponto da análise mostra como a recorrência da fórmula “a Bíblia diz” nas pregações confirma o texto bíblico como principal registro para sustentar e autorizar os enunciados religiosos sobre os transtornos mentais abordados, ratificando o discurso religioso como um discurso constituinte e a bíblia como seu arquitexto. Em ambos os segmentos religiosos, a Escritura funciona como fonte máxima de legitimação, sendo a partir dela que o sofrimento é interpretado, as orientações são autorizadas e o enunciador se estabelece como mediador outorgado da mensagem divina. Entre as distinções, elas ocorrem especialmente no modo de enunciação: nas pregações católicas, a centralidade bíblica assume um tom mais didático e explicativo, já nas evangélicas, aparece de forma mais direta, normativa e enfática, com advertências diretas e maior ênfase na responsabilidade individual do fiel.

**b) “A ansiedade/ depressão é/ não é...” – Definindo os distúrbios: entre normalidade e patologia**

Para tratar sobre os temas das pregações, os enunciadores recorrem a formulações que trazem definições do tipo “a ansiedade/depressão é/ não é...”. Esse padrão retoma uma preocupação em traçar limites entre o que é entendido como normalidade e o que é classificado como patologia, mobilizando elementos relacionados aos discursos médico-psicológico e científico. Esses saberes remetem à constituição histórica e social de noções como doença mental, psiquiatria e psicologia, bem como às classificações médicas sistematizadas por manuais psiquiátricos, questões discutidas no primeiro capítulo deste trabalho.

Assim, nos fragmentos a seguir, interessa observar como as pregações católicas e evangélicas constroem os dizeres ao definir os fenômenos psíquicos. As interpretações dos transtornos que remetem à espiritualidade, à vida financeira e à força individual, por constituírem padrões próprios no *corpus*, serão examinadas nos itens seguintes a esse, tendo em vista que o foco aqui se concentra mais nas definições da ansiedade/depressão do que nas explicações sobre essas temáticas.

Nas pregações católicas sobre ansiedade, ela é definida por meio de movimentos distintos de delimitação entre normalidade e patologia.

**PCA1(a)** - Veja bem, **ansiedade que é desordem, ansiedade que já se tornou transtorno**, não estou falando da **ansiedade boa**, mas da ansiedade que **se tornou transtornática**. [02:37-02:47]

**PCA1(b)** - Então isso vai libertando meu coração da **ansiedade excessiva**. Você pode dizer “padre, mas eu tô com transtorno, padre eu vim aqui pro Senhor me dar uma fórmula mágica, pra eu sair daqui bem”. Filho, escuta o que eu tô te falando, quando a gente tá na ansiedade, é difícil a gente processar as informações porque a gente quer tudo rápido, quer solução mágica, mas **o que leva a gente a um transtorno de ansiedade são pequenas coisas, pequenas compreensões equivocadas, pequenos comportamentos errados, que vão se juntando. Por exemplo, uma pessoa que morre de um infarto do miocárdio, ela não morreu daquele infarto porque ela comeu hambúrguer no sábado, mas é porque ela vem comendo aquele queijo amarelo, que é só gordura, a vida inteira. Imagina aquilo por 30 anos na veia do coração. Não é o hambúrguer do sábado não, é o hambúrguer dos 30 anos, e a gordura né, excessiva**. [22:50-23:45]

**PCA1(c)** - Eu respeito **o seu sofrimento, a patologia, sobretudo quando é transtornática**, mas eu digo: **ela não pode tá no centro da sua vida. Quem tem que tá no centro é Jesus Cristo**. Ele é Deus, ele venceu a morte e não os nossos problemas e doenças (APLAUSOS). [43:04-43:19]

Como vimos acima, em PCA1(a), o enunciador distingue “a ansiedade boa” daquela que “já se tornou transtorno”, qualificando-a como “desordem” e “*transtornática*”, o que aproxima o dizer de um saber médico-psicológico de gradação e de passagem de um estado de normalidade a um quadro patológico. Essa aproximação também é percebida em PCA1(b) quando o enunciador fala sobre “ansiedade excessiva”, “compreensões”, “comportamentos”, embora enfatizando erros e equívocos, e recorre a uma analogia biomédica para explicar a formação do transtorno, comparando-o ao “infarto do miocárdio” que não decorre de “um hambúrguer no sábado”, mas de um acúmulo de hábitos ao longo de “30 anos”. Em PCA1(c), entretanto, embora o padre afirme respeitar “o sofrimento, a patologia”, há um distanciamento de um enquadramento clínico, pois, ainda que reconheça a dimensão patológica, o pregador a subordina ao eixo religioso, afirmando que “ela não pode tá no centro da sua vida” e que “quem tem que tá no centro é Jesus Cristo”.

**PCA2** - Deus tem que estar em primeiro lugar. Toda ansiedade, ela é vencida quando você sabe nas mãos de quem você está. E **a gente consegue dominar a mente sim**, porque eu não me considero uma pessoa ansiosa, mas **quando eu tenho alguma coisa que me tira da minha zona de conforto, aí eu fico ansioso**. [15:11-15:34]

Em PCA2, como no excerto representativo acima, a ansiedade tende a ser menos compreendida como patologia, com um efeito de sentido que não se vincula a um transtorno. Assim, ela aparece como um estado situacional, como uma característica individual permanente ou ocasional: “quando eu tenho alguma coisa que me tira da minha zona de conforto, aí eu fico ansioso”. Associa-se ainda à ideia de controle, “a gente consegue dominar

a mente”, o que desloca a ênfase do transtorno para uma experiência comum, aproximando-se mais do campo da “normalidade” do que de uma definição de doença.

Já quando é a depressão abordada nas enunciações católicas, esse distúrbio é situado de forma mais explícita no eixo normalidade-patologia, com maior mobilização de repertórios médico-psicológicos.

**PCD1(a)** - Nós estamos no “Kairós - A cura da depressão”, rezando, refletindo sobre como curar, né, a depressão, e **vale aqui ressaltar aquela distinção que depressão é diferente de tristeza, tá gente?** Tristeza todos nós sentimos em algum momento da vida, né. **A gente corre o risco de patologizar a dor.** Ou seja, daqui uns dias tudo que causa dor vai ser visto como doença. **A depressão é uma doença, mas o luto não é uma doença, tristeza não é uma doença,** o sofrer depois de uma separação não é uma doença, não é? [02:44-03:19]

**PCD1(b)** - Eu lembro que na minha adolescência eu cresci de uma vez, né. Sabe aqueles adolescentes que... que é uma criança, de repente, no outro dia, já virou homem, né. E perdi muitas roupas na época, né, e minha mãe me levou no Ortopedista, e eu sentia muitas dores assim nas pernas, na coluna, e o ortopedista disse “mãe, é a dor do crescimento, né”. **O crescimento dói, você sabia? Fisiologicamente.** A minha mãe falou: “dor no crescimento?” “É, cê não tá vendo o tamanho desse brutamonte aí, né, esses ossos dentro dele se transformando, se tonificando com a musculatura, isso causa dor.” Mas **isso é sintomático de todo o processo de crescimento,** então você que está enfrentando um momento difícil, cuidado para você não cair na armadilha de ter dó de você. Porque, mais uma vez eu digo, quando é depressão, respeitemos e ajudemos. Mas às vezes **você não tá em depressão, você tá tendo um momento difícil, você precisa reagir.** [08:40-09:32]

**PCD1(c)** - A depressão é uma doença, né, um estado de tristeza contínuo, né, que ela não passa, vai roubando a motivação da gente, coisas que eram prazerosas vão perdendo o gosto, né. Ela nos coloca num limbo psicológico e emocional difícil mesmo, é uma situação muito complexa. Só que tem jeito gente. Do mesmo jeito que essa depressão entrou na sua vida, ela vai sair. [10:57-11:19]

Em PCD1(a), por exemplo, o padre estabelece uma distinção de definição ao afirmar que “depressão é diferente de tristeza”, alertando para o risco de “patologizar a dor” e delimitando que, embora a depressão seja uma doença, experiências como luto, tristeza ou sofrimento após uma separação não o são. Essa diferenciação é reforçada em PCD1(b) pela metáfora da “dor do crescimento”, utilizada para sugerir, em uma comparação entre a dor orgânica e a dor psíquica, que certos sofrimentos fazem parte de processos naturais da vida e exigem “reação”, e não necessariamente constituem uma doença. Ao mesmo tempo, em PCD1(c), ao descrever a depressão como um “estado de tristeza contínua”, o enunciador recorre a termos próximos ao vocabulário dos manuais psiquiátricos, em que aspectos como *frequência* e *intensidade* dos sintomas são considerados para delimitar a fronteira entre o que é patológico ou não. Assim, os enunciados combinam o reconhecimento da depressão como doença com a tentativa de diferenciá-la de dificuldades consideradas comuns da experiência humana.

**PCD2(a)** – Nós temos, na Bíblia, repita comigo: “a depressão é destrutiva”. Está na Bíblia, **provérbios 18:14**, uma pessoa que tem depressão ela sente, e é verdade, que a sua vida está sendo destruída aos poucos, e tem alguns sinais de depressão. **Primeiro sinal: é a tristeza que não passa**, e aqui eu quero só abrir um parêntese bem breve, **tristeza não é depressão, ok? Tristeza não é depressão**. Hoje nós estamos no mundo, um pouco louco, que as pessoas não aceitam que elas ficam tristes. Então toda tristeza, o que que as pessoas dizem “ai, eu estou com depressão”. Não, não! [17:31-18:32]

**PCD2(b)** – Mas qual é a diferença então de tristeza e depressão? Tristeza tem início, meio e fim, ela passa. **A tristeza, ela passa**. E o que é depressão? **É a tristeza que não passa**. Geralmente a tristeza, ela tem um porquê. Por que você está triste? “Eu estou triste por causa disso, disso e disso”. E a depressão, por que você está com depressão? A pessoa começa a chorar e ela diz pra ela mesma “eu não sei, o que eu sei é que tem uma tristeza dentro de mim, uma angústia, que nada tira e eu tenho vontade de chorar, é um nó na minha garganta o dia todo, eu não sei, aconteceram algumas coisas tristes, mas porque eu estou assim até hoje eu não sei”, é um sinal de depressão. Essa é a diferença. [18:56-19:54]

**PCD2(c)** – **Sentimentos excessivos de culpa**, pessoa deprimida fica se culpando, se culpando. **Baixa autoestima**, ah essa é terrível, a pessoa olha no espelho “nan, eu sou feio viu, Nossa Senhora, eu quero é morrer mesmo, tô feio demais, além de feio, eu tô burro mesmo”, baixa autoestima, a pessoa fica falando coisas negativas. **Pensamentos negativos**, só pensa coisa ruim. Vontade de se isolar da família e dos amigos, “não quero conversar com ninguém”, “não quero ver ninguém”. **Falta de concentração**, a pessoa não consegue trabalhar e estudar direito. **Dorme demais, ou não dorme nada [...]** E **pensamentos de suicídio**. Esses sinais é de uma **depressão severa**. [22:21-23:57]

Em PCD2(a), o pregador também traça a fronteira ao enfatizar que “tristeza não é depressão” e definir a depressão como “a tristeza que não passa” (PCD2(b)). Ele passa então a listar “sinais” de depressão como “sentimentos excessivos de culpa”, “baixa autoestima”, “falta de concentração”, alterações de sono e “pensamentos de suicídio”, culminando assim na categoria de “depressão severa” (PCD2(c)). Embora esses elementos remetam a uma descrição típica do discurso médico-psicológico, cabe destacar que em PCD2(a) o discurso já foi antecipadamente ancorado na autoridade religiosa quando o enunciador declara que “está na Bíblia” e ressalta que “a depressão é destrutiva”, revelando como a definição do fenômeno no dizer religioso circula entre uma linguagem clínica e a legitimação bíblica.

Nas pregações evangélicas, a ansiedade segue sendo apresentada por meio da articulação entre repertórios científicos, psicológicos e referências bíblicas.

**PEA1(a)** – Segundo a Organização Mundial de Saúde, mais de 50% das pessoas que passam pelos hospitais são vítimas dos chamados **problemas e doenças psicossomáticas**. **Os problemas da vida vão grudando em nós e nós vamos somatizando isso**. E muitas vezes nós ficamos extremamente ansiosos, a ponto de **um dos mais expoentes representantes da psicologia, Rollo May**, afirmar que **a ansiedade é o mais urgente e o mais grave problema da nossa geração**. **A ansiedade é democrática, ela atinge a todos**, até as crianças. [02:16-03:07]

**PEA1(b)** – Quais são os resultados da ansiedade? Primeiro, **a palavra ansiedade na língua grega é muito forte, sabe o que significa a palavra ansiedade na língua grega? Estrangulamento**. **É puxar você em direções opostas, é rasgar você pelo meio, é agredir você emocionalmente, é violentar você psicologicamente**. Então, que que a ansiedade faz?

Ela rouba as nossas forças. Por que rouba as nossas forças? **Porque ansiedade ou preocupação é quando você está sofrendo por algo que ainda não está acontecendo**, que tem potencial de acontecer, mas não está acontecendo, e **você antecipa o sofrimento e começa a sofrer**. O problema é que, estatisticamente falando, 70% dos assuntos que nos deixam ansiosos, nunca vão acontecer. O que que acontece? Você sofreu o que? Desnecessariamente. É por isso que a bíblia diz “basta ao dia o seu próprio mal”. [15:30-16:47]

**PEA1(c)** - Agora, deixa eu dizer uma coisa pra você, **a ansiedade é inútil**. Jesus Cristo perguntou assim, lá em Mateus 6:27, “qual de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado a sua existência”, um côvado, meus irmãos, é a distância do cotovelo à ponta do dedão, dá 45 centímetros. O que ele tá dizendo é o seguinte: você não estica a sua vida nem sequer meio metro pelo fato de você estar ansioso, é inútil, absolutamente inútil. Você não fica melhor porque está ansioso, você não fica mais sábio, mais forte, mais poderoso, porque está ansioso. A ansiedade é o contrário, ela **drena suas energias, ela tira seu foco, ela desvia sua atenção**, do Deus que está no controle *pro* problema, o problema que é maior que você. [19:56-21:01]

Considerando os trechos que acabamos de ler, em PEA1(a), o pregador afirma que a ansiedade “atinge a todos” e recorre a vozes de autoridade externas ao campo religioso, como a Organização Mundial da Saúde e o psicólogo Rollo May, além de trazer dados estatísticos, produzindo um efeito de legitimidade científica. Esse efeito de legitimação por saberes externos ao campo religioso também é observado em PEA1(b), quando o enunciador mobiliza conhecimentos linguísticos e explica o significado da palavra ansiedade em grego como “estrangulamento”, como uma violência emocional e psicológica. Já em PEA1(c), o argumento é conectado à referência bíblica, segundo a qual a ansiedade é “inútil”, pois não muda o curso da vida e apenas afasta o indivíduo da confiança em Deus. Nesse contexto, o pregador descreve o problema como um sofrimento antecipado que “drena as energias” e “tira o foco”, enfatizando, assim, seus impactos negativos.

**PEA2(a)** - Preocupação é algo dos tempos da pós-modernidade, não é? Esse tempo que nós estamos vivendo, dessas demandas da vida, deixam as pessoas ansiosas, preocupadas, que leva à **ansiedade que é um sintoma de medo e uma preocupação excessiva**. Eu quero deixar como texto base pra vocês,<sup>1</sup> Pedro, capítulo 5, versículo 7. Primeira epístola de Pedro, capítulo 5, versículo 7, que diz assim: **“lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós”** [02:08-02:53]

**PEA2(b)** - A preocupação benéfica é aquela que está em níveis normais, que faz o quê? Que faz com que você seja zeloso, cuidadoso, é a preocupação benéfica, produtivo, que faz você ser uma pessoa honrada, porque você tem preocupação com o seu nome e com a sua reputação. Olha aqui, essa preocupação é benéfica, níveis normais. Essa preocupação, ela promove, sabe, a sua imaginação, as suas ideias, a sua mente e ela te dá forças pra você superar obstáculos. Esta é uma preocupação em níveis normais, o que nós chamamos de uma ansiedade em nível normal, que ela é benéfica, estimula a imaginação, faz você lutar pela vida. Essa preocupação é benéfica. Agora, **a preocupação exacerbada**, que é sintoma de medo, **essa preocupação que produz uma sensação desconfortante de dor e apreensão ligada a um acontecimento que ainda não aconteceu, esta preocupação, esta é maléfica. A preocupação exacerbada que leva a uma ansiedade exacerbada, que é a preocupação exacerbada, esta, ela envenena o pensamento**, você só vê o que dá errado e nunca o que dá certo. Ela gera um impacto no cérebro, que pode produzir **deformações químicas e físicas**. Ela paralisa o teu potencial e inibe a tua capacidade de percepção e de ação. **E esta preocupação excessiva, ela pode produzir irritabilidade, perda do sono, insônias, gastrite, taquicardia, pressão alta, perda**

**da fome ou glotonaria.** Tem uns que quando estão preocupados demais, perdem a fome, sou eu. [07:15-09:27]

Em PEA2(a) e PEA2(b), a definição de ansiedade aproxima-se de forma mais estruturada de saberes médico-psicológicos e de classificações clínicas. Ao descrever níveis, efeitos e sintomas do problema psíquico, ele é relacionado ao medo e, principalmente, à preocupação “excessiva”. Sendo classificado pelo enunciador como preocupação “benéfica” e “exacerbada”, a primeira é apresentada como algo positivo, em “nível normal”, que estimula o cuidado e a capacidade de enfrentar desafios, já a segunda é descrita como prejudicial, pois “envenena o pensamento”, faz a pessoa focar apenas no que pode dar errado e pode gerar efeitos no corpo e acompanhada da descrição de seus efeitos cognitivos e fisiológicos, como impacto no “cérebro”, “deformações químicas e físicas” e sintomas como insônia, gastrite, taquicardia e pressão alta.

Nesse contexto, observamos um forte atravessamento de categorias clínicas nos dizeres sobre ansiedade, contudo, como em PEA2(a) e, como vimos anteriormente, em PEA1(b) e PEA1(c), a explicação perpassa a autoridade bíblica e as interpretações religiosas, mantendo o discurso religioso hegemônico enquanto incorpora elementos científicos e psicológicos para definir o fenômeno.

Nas enunciações evangélicas, a depressão é enquadrada de forma mais diretamente patológica, entretanto com disputas internas entre os saberes sobre sua natureza e causalidade.

**PED1** - Bom, primeiramente, antes de entrar nas causas, a questão da cura, me permita trazer um ponto aqui. **Depressão é uma palavra complexa, e eu sei que não bem entendida, e nem tem consenso no meio evangélico sobre o que é depressão.** Por exemplo, T. L. Osborn, um pregador muito famoso, pentecostal, pregador de grandes cruzadas, afirma nas suas obras que depressão é demônio. É um problema isso, porque a pessoa tá vivendo uma crise emocional, esgotamento físico, emocional, e aí você vai lá e bota mais uma tonelada de culpa nas costas dela. Você tá com demônio. Tem muita gente aí tratando depressão como demônio. Mas no outro lado da ponta, dentro da linha reformada calvinista, nós temos Jay Adams, que todo pastor já estudou as obras dele no seminário. E no seu livro Conselheiro Capaz, ele diz que depressão é pecado. E aí é outro problema. Porque a pergunta é: “E um crente cheio do Espírito Santo pode ficar deprimido?” Eu pregava, presbítero (INCOMPREENSÍVEL), em Belo Horizonte, certa feita, e eu falava sobre esse assunto, depressão. Aí levanta-se uma moça no auditório com dedo em riste e disse: “É um absurdo o que o Senhor tá falando. Como é que um crente cheio do Espírito Santo pode ficar deprimido?”. E eu me dirigi a ela com respeito, mas confirmei, disse: “Minha filha, e como é que um crente cheio do Espírito Santo pode ter miopia e usar óculos? Como é que um crente cheio do Espírito Santo para ter um problema cardíaco? Por que que daqui pra baixo é uma coisa, daqui para cima é outra? (SEPARA CABEÇA DO CORPO) Então, **depressão pode ser demônio? Pode ser. A causa, o gatilho? Pode ser, pode ser. Quem lida com esse assunto sabe disso. Pode ser pecado? Pode ser também. É só ler a Bíblia lá, Salmo 32, Salmo 51, Salmo 38, você vai ver a angústia, a depressão de Davi por causa do pecado não confessado. Mas é possível que um crente cheio do Espírito Santo possa enfrentar uma crise de depressão, e Elias era um homem de Deus e enfrentou, enfrentou.** [18:15-20:39]

Como vemos acima em PED1, o enunciador destaca que a depressão é uma “palavra complexa” e afirma que não há consenso, dentro do meio evangélico, sobre como defini-la. Para ilustrar essa disputa de sentidos, ele apresenta dois posicionamentos desse campo: a que entende a depressão como “demônio” e a que a interpreta como “pecado”, problematizando que essas leituras podem aumentar a culpa de quem já está em sofrimento. Para sustentar outra perspectiva, o pregador recorre a categorias médico-psicológicas quando faz analogias com doenças orgânicas, como “miopia” e “problema cardíaco”, e menciona experiências de “crise emocional” e “esgotamento físico e emocional”. Com isso, aproxima a depressão de uma condição legítima de sofrimento humano, que pode atingir inclusive “um crente cheio do Espírito Santo”, citando um personagem bíblico que enfrentou o problema. Contudo, ao final do trecho selecionado, a despeito da posição tomada anteriormente, o enunciador embaralha as possibilidades de causa e reincorpora as explicações espirituais ou morais, sugerindo que a depressão pode sim “ser pecado”, utilizando-se de fundamentação bíblica, ou ainda ser ação do “demônio”, apesar de poder ter também outras causas.

**PED2(a)** - Deixa eu te falar sobre a depressão. **A depressão é a melancolia da alma, a tristeza da alma, uma exaustão física, mental e emocional.** A depressão junto das doenças do coração são as doenças mais incidentes sobre a raça humana. É, a depressão, por incrível que pareça, a depressão está entre as doenças de maior incidência, mas é a menos diagnosticada. A maioria das pessoas que têm depressão não sabe, e as que sabem, elas **não querem aceitar a depressão como uma doença legítima**, e por causa disso vão ter uma vida de sofrimento, e por causa disso podem perder oportunidades na vida e estragar relacionamentos. [01:35-02:48]

**PED2(b)** - Pra poder ser bem simples com vocês, dois tipos de depressão, assim de uma maneira bem simples, **a depressão que a gente chama de endógena, isso é, origem interna, glândulas, hormônios, química do organismo, cargas elétricas do cérebro, são chamada a depressão de origem interna. E tem a depressão exógena, ou reativa, que é a depressão de origem externa**, tem a ver com as questões que envolve o ser humano nesse mundo, então tem a ver com relacionamentos, tem a ver com perdas, tem a ver com traumas, **tem até a ver com o pecado. Pessoas que carregam pecados, sabe?** [04:23-05:13]

**PED2(c)** - Agora eu vou dar pra você os sintomas da depressão, preste atenção pra ninguém sair daqui pensando que está depressivo. **Se a maioria dos sintomas**, que eu falei? **Se a maioria do que eu vou falar aqui, persistir por mais de duas semanas, depressão à vista, você vai ter que buscar ajuda.** Então, eu vou dar a lista, não é um, dois, três, quatro, cinco itens, porque os itens fazem parte da nossa vida, mas, se a maioria, do que eu falar estiver ocorrendo com você, depressão à vista. [06:26-07:05]

**PED2(d)** - Existem quadros de depressão que a psicoterapia não funciona sozinha, tem que ter terapia medicamentosa, e só um psiquiatra pode passar um remédio, porque o estágio da depressão, o grau da depressão, tá tão avançado, que não basta uma terapia. [15:59-16:24]

No conjunto de fragmentos acima, PED2(a-d), a depressão é definida de forma mais próxima da linguagem médico-psicológica. O pregador a descreve como “melancolia da

alma”, mas também como uma condição de “exaustão física, mental e emocional”, além de afirmar que se trata de uma “doença legítima” e pouco diagnosticada. Em seguida, apresenta uma classificação simples entre “depressão endógena”, associada a fatores internos como glândulas, hormônios, química do organismo e funcionamento do cérebro, e “depressão exógena” ou “reativa”, ligada a fatores externos como perdas, traumas, relacionamentos e, como o pregador reforça, até o pecado. Há presença de memória discursiva relacionada à fronteira entre o que é normal ou patológico quando o pastor enfatiza a necessidade de observação da frequência e do número de sintomas, para estabelecer se é ou não “depressão à vista”. O enunciador também menciona formas de tratamento como psicoterapia e terapia medicamentosa, destacando que esta somente pode ser prescrita por psiquiatra, distinguindo saberes da psiquiatria e da psicologia. Assim, o discurso se aproxima de uma definição de depressão como uma doença, mobilizando categorias do campo clínico, entretanto, mantém a possibilidade de causas morais ou espirituais para o problema.

Desse modo, enquanto PED1 evidencia a disputa de sentidos em torno do estatuto da depressão, PED2 a define de modo mais estabilizado como patologia, incorporando classificações e procedimentos típicos dos discursos médico-psicológico e científico.

Quando comparadas, percebemos que, nas pregações analisadas, católicos e evangélicos recorrem ao padrão de definição “é/não é” para delimitar a fronteira entre normalidade e patologia, mas com ênfases distintas. De modo geral, a depressão tende a ser mais estabilizada como doença, com maior aproximação dos saberes médico-psicológicos, com mobilização de termos relacionados a causas, sintomas e classificações, enquanto a ansiedade apresenta maior oscilação entre um estado comum e um quadro que configura um transtorno. Entre os católicos, observamos com mais frequência a subordinação da linguagem clínica à hierarquia religiosa do sentido, ao passo que, entre os evangélicos, é mais recorrente a incorporação de repertórios técnicos e classificatórios, ainda que também atravessados por considerações religiosas sobre o fenômeno. Portanto, os discursos de ambas as vertentes mantêm a autoridade religiosa, ainda que empreguem categorias médicas, psicológicas e científicas para apresentarem os transtornos como experiências que perpassam a fronteira entre normalidade e patologia.

**c) “é um sinal de incredulidade” – Os transtornos associados à falta de fé, ameaça do pecado, problema espiritual e ação demoníaca**

Esta terceira regularidade discursiva observada nas pregações, embora vinculada à anterior por também envolver definições e explicações, refere-se especialmente à frequente associação entre problemas psíquicos e causas espirituais. Nos enunciados, percebe-se um movimento contraditório quando, ao mesmo tempo em que os pregadores procuram afirmar que ansiedade ou depressão não são necessariamente problemas espirituais, o discurso frequentemente reintroduz essa possibilidade. Logo, o sofrimento psíquico aparece, com recorrência, relacionado ao pecado, à incredulidade ou à ação demoníaca.

Esse funcionamento revela um deslizamento entre diferentes posições discursivas. De um lado, mobilizam-se elementos que aproximam o problema de explicações psicológicas ou médicas; de outro, há uma memória discursiva religiosa que interpreta esses estados como parte de uma luta de origem espiritual. Assim, esses discursos mantêm, em algum momento nos enunciados, uma leitura do sofrimento psíquico a partir de um ponto de vista espiritual.

**PCA1** - Você teve coisas difíceis na sua vida até aqui, nesse ano. Mas você também teve coisas boas e muito boas. Só que o que que acontece? **A ansiedade e a depressão, elas tendem a roubar a nossa percepção de quem Deus é e do que Deus faz. Elas tendem a roubar a nossa capacidade de louvar, de agradecer.** Porque o louvor, a ação de graças, ele é um remédio extremamente eficaz contra ansiedade desequilibrada. [38:31-39:03]

**PCD1(a)** - Quem tem depressão, **todo mundo precisa rezar, mas quem tem depressão mais ainda. Sabe por quê? Você está sob ataque, sob ataque da sua mente, sob ataque do mal diretamente.** Então, você precisa rezar, todos os dias. [33:15-33:29]

**PCD1(b)** - **Liberta-nos dos espíritos malignos que oprimem nossa mente, nossas emoções, que querem nos encarcerar na depressão, na tristeza.** Vem espírito, no nome de Jesus, e nos liberta de todo mal de qualquer nome, espécie ou poder. **Liberta essa casa, liberta essa mente, esse coração faz a alegria e a esperança voltar,** Espírito de Deus. [40:36-40:56]

**PCD2** – Eu já atendi pessoas, até nós encaminhamos *prum* tratamento sério, além da bênção, pessoas que chegavam ao ouvir vozes “se mate, se mate”. **É uma tentação, claro que pode ser um distúrbio também, mas há muito de tentação.** [07:48-08:07]

Como observado acima, para além do que pode ocasioná-las, no excerto PCA1, a ansiedade e a depressão são mostradas como circunstâncias que “roubam a nossa percepção de quem Deus é”, comprometendo a capacidade do fiel de enxergar o que há de bom ao seu redor. Nesse enquadramento, inclusive, as práticas religiosas do “louvor” e da “ação de graças” aparecem como um “remédio” para o enfrentamento de um quadro desequilibrado de ansiedade. Já em PCD1(a), a depressão é situada no interior de uma lógica de combate espiritual, quando o pregador afirma que a pessoa que sofre está “sob ataque do mal diretamente”. Essa interpretação se explicita ainda mais em PCD1(b), quando a oração final invoca a libertação de “espíritos malignos” que oprimem a mente e procuram “encarcerar na depressão”. A possessão maligna também é mencionada em PCD2, em que o enunciador

reconhece que a situação pode se tratar de um “distúrbio”, mas enfatiza, sobretudo, a possibilidade de o problema psíquico ser fruto de uma “tentação”. Nesse contexto, o sofrimento mental é discursivamente associado à ação de forças espirituais, mantendo-se uma posição religiosa de classificar o problema como possessão demoníaca, que se estabeleceu na história em um período anterior à constituição da doença mental. Isso reforça a leitura de que tais experiências podem estar ligadas a uma dinâmica de luta espiritual que atravessa a vida do fiel.

**PEA1(a)** - Mas sabe o que a bíblia diz? Quando a bíblia diz assim “não andeis ansiosos de cousa alguma”, o Senhor Jesus Cristo vai além no sermão do monte, e diz que “os gentios que não conhecem a Deus é que se preocupam com todas essas coisas”. **Em outras palavras, quando Jesus trata do assunto ansiedade, ele tá dizendo que a ansiedade é um sinal de incredulidade.** Eu fico ansioso porque na verdade eu penso que Deus não é suficientemente bom, nem suficientemente amoroso, nem suficientemente poderoso pra cuidar da minha vida. Eu fico ansioso quando eu trago pra mim mesmo a solução dos meus problemas, **eu descreio da providência de Deus, eu descreio do cuidado de Deus, eu descreio do controle pleno de Deus** na minha vida, na minha história. E então, eu tomo nas minhas próprias mãos e como eu não sou suficientemente forte, ou sábio, ou poderoso pra resolver os meus problemas, eu fico ansioso. **É um ato de incredulidade.** [17:21-18:37]

**PEA1(b)** - Mas preste atenção, **a ansiedade é incompatível com a fé cristã**, portanto, disse o Senhor Jesus “não vos inquieteis dizendo o que comeremos, o que beberemos, com o que nos vestiremos”. George Muller, que foi um homem de fé, um homem de oração, diz o seguinte “**o começo da ansiedade é o fim da fé**”, começo da ansiedade é o fim da fé. Mas deixa eu dizer algo pra você, a ansiedade, de certa forma, é **uma falta de bom senso**, porque às vezes a gente tá sofrendo tanto agora por aquilo que vai ser até uma benção amanhã. [22:33-23:12]

**PEA2-** Aqui na minha introdução, vamos entender um pouquinho o ser humano. O ser humano com as suas fragilidades, não é? Você sabia que o homem já nasce morrendo? Você diz “**o pastor, tá amarrado, o sangue de Jesus tem poder, tem misericórdia**”. **O ser humano já nasce morrendo.** Quando ele nasce, já existem células em cadência degenerativa. Já existem até células mortas, em processo degenerativo. O camarada já nasce morrendo. Por isso que Davi diz no Salmo 51, versículo 5: “em iniquidade fui formado e em pecado concebeu a minha mãe”. **Já nascemos debaixo do pecado, e a lei do pecado, ela traz o quê? Fragilidade. A lei do pecado traz o quê? A doença, o mal.** Então, nós temos as nossas fragilidades. Isso é um dado importante pra a gente entender o ser humano. A outra questão é que o ser humano, ele tem as suas limitações. Pode ser inteligente, pode ser bilionário, pode ser o que for. Pode ser muito santo, cheio do poder, mas todo ser humano está limitado a tempo, espaço e circunstância. É a tríade da limitação humana, todo mundo, pode ser inteligente, cara fera, riquíssimo, tá **limitado a tempo, espaço e circunstância.** [02:56-04:33]

Nos fragmentos evangélicos acima, em PEA1(a), ao interpretar o texto bíblico, o enunciador afirma que, para Jesus, a ansiedade seria um “sinal de incredulidade”. Nessa leitura, o estado ansioso é associado à falta de confiança na providência divina, pois ao tentar assumir para si o controle das próprias dificuldades e não reconhecer sua limitação diante de Deus, o indivíduo passaria a duvidar do cuidado divino. A ansiedade é então apresentada (PEA1(b)) como “incompatível com a fé cristã” e compreendida como resultado de uma postura de descrença ou de confiança insuficiente em Deus, sendo também caracterizada

como “uma falta de bom senso”. Em PEA2, o enunciador apresenta uma compreensão da condição humana marcada por fragilidade, limitação e pela realidade da morte. Ao afirmar que o ser humano “já nasce morrendo”, ele associa essa circunstância à doutrina do pecado original, citando o texto bíblico para sustentar que a humanidade já nasce “debaixo do pecado” e está sujeita às limitações de tempo, espaço e circunstância. Nesse quadro, ao simular a reação de um fiel – “tá amarrado, o sangue de Jesus tem poder” – diante da fala de que “o homem já nasce morrendo”, o enunciador revela o desconforto humano em lidar diretamente com a realidade da morte. Percebemos que, além da relação do pecado com a doença, com “o mal”, a consciência da finitude nesse enunciado mostra-se como algo que pode gerar inquietação e sofrimento psíquico, e reforça a ideia dos fragmentos anteriores ao sugerir que, diante de tais limitações, o ser humano deveria reconhecer sua incapacidade de controlar a própria vida e confiar em Deus.

**PED2(a) - Por que é tão difícil tratar cristãos com depressão? Sabe por quê? Porque os cristãos têm uma explicação própria para os sintomas e também para a solução. Os cristãos pensam o seguinte: se tem sintoma espiritual, é porque a causa é espiritual e o remédio tem que ser espiritual.** Agora, o que os cristãos não sabem, preste atenção cuidadosamente o que eu vou te falar e te explico, **a depressão e algumas doenças mentais são as únicas condições clínicas com sintomas espirituais.** A depressão e algumas doenças mentais são as únicas condições clínicas com sintoma espiritual. Isso é, na depressão que eu estou falando, o cara não tem vontade de orar, não quer ler a bíblia, não quer vir pra igreja, que sintomas são esses? São espirituais, que não aparecem quando o cara tem problema no olho, problema no osso, problema no coração, problema no fígado. Não quer orar, não quer ler a bíblia, não tem prazer de interagir com os irmãos, não quer vir à casa de Deus. **Os sintomas são sintomas espirituais. Só que não é espiritual.** Só que o depressivo é um transtorno de humor, é a química do organismo. Não é porque ele tá em pecado, não é porque ele não quer orar, é porque há um transtorno químico no seu organismo que leva o cara pra baixo, que não dá a ele consistência. Por isso, é tão difícil tratar cristãos com depressão, porque você vê um cara desanimado, “ih, eu não...”, e até a própria pessoa, “eu não quero saber de horário, negócio de ler a bíblia, negócio de ir a igreja, não quero saber de igreja, negócio de irmão, de falar com irmão...”, “ih, rapaz, esse cara tá mal, hein?”, “tem que aceitar Jesus de novo, hein?”, “ihh rapaz, o negócio tá feio pro lado dele, hein?”, “hummmm”. Mas se ele não faz isso, aí vem o irmão “ah, então eu devo tá com depressão”. Sem vergonha, cara de pau, problema né depressão não, é relaxamento. **Muita gente não quer vir à igreja, não quer orar, não quer ler a bíblia, não é por causa da depressão não, eu estou falando da depressão, muita gente é assim porque é relaxado na vida espiritual,** mas eu tô falando que o depressivo apresenta esses sinais, que nenhuma outra condição clínica apresenta. [10:27-13:44]

**PED2(b) - Eu vou concluir a minha palavra dizendo algumas coisas pra vocês. Por que Satanás ataca com tanta força pessoas com depressão ou doenças mentais? Por quê? Eu te explico. Porque pessoas com depressão e doenças mentais, essas doenças produzem uma desorganização psíquica no ser humano, o que controla você é a tua mente.** Você pode tá com o braço machucado, vai pro trabalho, eu, um amigo meu tinha uma secretária com câncer em último estágio, ela falou pra ele eu morro aqui, mas não vou morrer em casa, careca, fazendo quimioterapia, a mulher tava trabalhando. **Quando uma pessoa tem depressão, ou algumas doenças mentais, no meu caso aqui é depressão, Satanás ataca porque ele sabe que a pessoa tá desorganizada emocional e mentalmente, ela está fragilizada, então ele ataca com força porque desregula todo o ser.** Escute o que eu vou falar, se você conhece, você não sabe nem se essa pessoa está com depressão, mas você sabe que essa pessoa vive angustiada, pra baixo, se você quer ajudar uma pessoa estando ou não em depressão, está num

vale ou passando por um momento de angústia e tristeza, a palavra chave é em encorajamento. Não vem aqui com espiritualidade imbecil perto de uma pessoa que tá pra baixo, “é, vai piorar, é só o começo”, “olha, eu já vi gente igual a você, mas isso aí é apenas o princípio das dores”, ah, vai pro raio que o parta, um miserável desses, “é meu irmão, é a mão de Deus, hein, vê aí o que que tem aí na tua vida, hein, é Jeová tá tratando com você”, você não tem nada pra dar, cala a boca (GRITA). [34:34-37:01]

**PED2(c) - Se você vem há tempos, ou por depressão ou não, talvez a sua questão depressiva é por culpa de pecado, você não consegue se perdoar ou não consegue liberar perdão pra quem te fez mal, não sei.** Eu não sei se você tem um quadro depressivo, diagnosticado ou não, eu não sei se isso não é depressão, é momentos da sua vida, desse tempo que você está vivendo e que tem levado você pra baixo, eu quero fazer uma oração por você. **Eu creio que Jesus cura, mas também sei que ele não cura tudo. Se ele não te curar aqui e você tem dúvidas se o que você tá é depressão ou não, procure ajuda, procure ajuda.** [44:24-45:24]

**PED2(d) - Deus trouxe você aqui sabe por quê? Porque Deus quer fazer uma coisa muito maior do que curar de uma depressão, ou de uma doença. Deus quer curar você de uma coisa,** e vou usar a linguagem da cura, que médico, nem pastor, nem religião, nem ninguém pode fazer, **perdoar teus pecados,** transformar tua vida. Deus trouxe pessoas aqui que estão afastadas do evangelho, **você está correndo perigo, tu sabe o que eu tô falando.** [...] E eu vou declarar pra alguns que estão aqui, a bíblia diz que a gente tem que considerar a bondade e a severidade de Deus, duas coisas, bondade e severidade. Deus é bom, incomparável. Deus é amor, incomparável. Deus é compaixão, incomparável. Deus é misericordioso, incomparável. **Mas Deus é justiça.** E Deus tem uma régua certa de medir justiça. “É pastor, eu vivo fora da igreja mas até agora não aconteceu nada”. Ah, é, e você pensa que isso é salvo conduto pra você pecar? Tô com pena de você. Deus te trouxe aqui pra você voltar pra Jesus, meu chapa. Se ele vai te dar uma outra oportunidade eu não sei. Eu só sei que ele está te dando agora e se eu fosse você não jogava ela fora. Você precisa voltar pra Jesus, **um monte de coisa tá acontecendo na tua vida porque você tá longe, porque você tá brincando de igreja, vive em pecado, na maior cara lavada dentro da igreja, mas tá vivendo em pecado.** [52:29-54:43]

Nos excertos acima de PED2(a-d), observamos a repetição de um movimento discursivo marcado pela oscilação entre a legitimação da depressão como problema clínico e sua reinscrição no campo religioso. Em PED2(a), o enunciador procura afastar a interpretação de que o depressivo estaria necessariamente “em pecado”, afirmando que se trata de “um transtorno de humor” ligado à “química do organismo”. No entanto, mesmo ao negar uma causa espiritual, ele afirma que a depressão produz “sintomas espirituais”, como não querer orar, ler a Bíblia ou ir à igreja. Assim, a depressão passa a ser identificada justamente por comportamentos que, na memória discursiva cristã, costumam ser associados ao afastamento espiritual ou ao relaxamento na vida de fé. Essa formulação produz uma contradição importante: a causa é apresentada como médica, mas os efeitos continuam sendo lidos por uma perspectiva religiosa. Além disso, ao distinguir a depressão do “relaxamento” espiritual, o enunciador não descarta a associação entre sofrimento psíquico e falha na fé, apenas desloca e relativiza essa fronteira.

Esse mesmo deslizamento aparece nos demais fragmentos, agora articulado também à ação demoníaca e ao pecado. Em PED2(b), a depressão é descrita como uma condição de

fragilidade psíquica que abriria espaço para um ataque mais intenso de Satanás, de modo que a doença não é definida como demoníaca em si, mas se torna um terreno privilegiado para a ação do mal. Já em PED2(c), o enunciador volta a oscilar ao sugerir que a questão depressiva “talvez” seja efeito de culpa ou falta de perdão, ao mesmo tempo em que admite a possibilidade de se tratar de depressão e recomenda procurar ajuda. Por fim, em PED2(d), o discurso desliza novamente para uma interpretação moral e espiritual do sofrimento, ao afirmar que muitos problemas na vida do fiel acontecem porque ele está “longe de Deus” ou “vivendo em pecado”. Com isso, o enunciado desloca para o próprio indivíduo a responsabilidade pelo mal que o acomete, reforçando uma leitura em que o sofrimento aparece como consequência de sua condição espiritual e de suas escolhas.

De modo geral, este item mostra que a ansiedade e a depressão são frequentemente interpretadas, nas pregações analisadas, a partir de um ângulo religioso, mesmo quando há referências aos discursos médico-psicológico e científico. Nos fragmentos católicos, essa relação se constrói principalmente pela ideia de combate espiritual, em que o sofrimento psíquico pode enfraquecer a relação com Deus e expor o fiel à ação do mal. Nesse caso, a doença mental aparece como uma possível causa do afastamento do fiel em relação à Igreja e à vida espiritual. Já nos enunciados evangélicos, essa associação surge de modo mais direto, quando a ansiedade é definida como “incredulidade”, a depressão é aproximada do pecado, da culpa, da falta de perdão ou da ação de Satanás. Aqui, diferentemente do que ocorre nas pregações católicas, o sofrimento mental tende a ser apresentado como efeito do afastamento de Deus, quase como uma consequência punitiva desse afastamento, o que é reforçado pela responsabilidade imputada ao próprio indivíduo.

Dessa forma, a regularidade que se destaca é o deslizamento entre diferentes posicionamentos para explicar o sofrimento psíquico. Ainda que os pregadores, em alguns momentos, reconheçam fatores emocionais ou biológicos, o discurso não abandona a memória religiosa que relaciona esses estados a questões de fé e de luta espiritual. A diferença principal é que, nas pregações católicas, essa leitura aparece de modo mais ligado à oração e à libertação, enquanto, nas evangélicas, assume um tom mais moralizador e mais centrado na responsabilização do fiel.

**d) “dinheiro traz conforto, mas não traz felicidade...” – Relação entre bem-estar emocional e situação financeira**

Observamos, nos enunciados, que, ao tratarem de ansiedade e depressão, os pregadores mobilizam com recorrência construções discursivas que incorporam marcas da racionalidade neoliberal, nas quais questões financeiras aparecem associadas a aspectos que incidem sobre os estados emocionais dos indivíduos e nos problemas psíquicos abordados. Assim, neste item, interessa-nos examinar como essa relação se constrói discursivamente, isto é, de que modo elementos como dinheiro, trabalho, consumo e condições materiais de vida se articulam, nesses dizeres, às experiências de sofrimentos emocionais dos sujeitos.

Desse modo, a articulação entre o sofrimento psíquico e as condições materiais de existência constitui uma regularidade nos enunciados analisados. Entretanto, essa correlação tende a ser sistematicamente reinterpretada pela matriz religiosa a partir de uma hierarquização de valores, de crítica ao consumismo e de valorização de bens simbólicos e espirituais, em uma abordagem que evidencia como o discurso religioso opera uma tradução de questões sociais e psicológicas para o seu próprio código.

**PCA2** - Vamos lá, vou até repetir um pedacinho da pregação da semana passada, mas com outro olhar, com outro prisma, “por isso eu vos digo, não andeis ansiosos”, já começou, “não andeis ansiosos quanto a vossa vida, bebida, comida, corpo, roupa. Não é a vida mais que a comida e o corpo mais que a roupa? **Repita alto: “a vida não é o que eu tenho, a vida é o que eu sou”. Toda pessoa ansiosa é porque quer algo que ainda não tem, ela fica ansiosa porque ainda não tem.** Então Jesus tá falando “para de ficar ansioso por causa de comida, de bebida, de viagem, de relógio, de conta, isso aí tudo vai se resolver”, só que você se destrói antes e depois que tudo se resolve você continua destruído. **A vida é melhor do que tudo que precisamos e não podemos deixar de viver por causa das coisas materiais. Eu vi um comercial, não sei se comercial, anúncio, tô criticando não, é porque é, de um clube não sei se é BH, se é Contagem, que abriu para o pessoal da região metropolitana, o pessoal que é gari. Aí lá na na chamada, falando pra eles irem com a família, tinha uma piscina, a piscina do tamanho assim de uma casa média, uma piscina assim pra umas 15 pessoas, tinha assim uns balancinhos, umas casinhas de madeira, uma coisa muito pequena, muito apertada e muito simples.** Mas quando a câmera filmou lá com gente, **tava menino subindo nos escorregador, a piscina que cabia 15 tinha 60, pessoal fazendo churrasco de carne moída (risadas dos ouvintes), eu brinquei pessoal falou assim “ô Padre, lá na roça a gente faz churrasco de carne moída”, até a pessoa não me chamou pra comer não, falou que existe. Aí a família mais humilde, o que que ela faz? Ela coloca uma batata, uma cebola, um pedacinho de carne, uma cenoura, uma batata, uma cebola, uma ponta de alho, um pedacinho de pele, meu filho. Você vai em churrasco de lasanha, churrasco de, perdão, de picanha, com lasanha, porque eu gosto de lasanha por isso que... picanha, você vai em certos lugar, o clima tá pesado, pesado. Você vai em certos lugares, meu filho, não tem muita coisa, pessoal tocando samba, pessoal sambando nas mesas, os meninos chutando cachorro, uma confusão danada. Você nota que o que faz a felicidade não é apenas o ter, mas é principalmente o ser.** Se você pudesse juntar as duas, aí nós vamos pra galera, né? [02:24-05:36]

Como observamos no excerto católico PCA2 acima, o pregador reitera o pensamento comum de que a felicidade não decorre da posse de bens ou de *status*, estabelecendo uma oposição importante entre o “ter” e o “ser” para explicar a ansiedade. Essa é então apresentada como decorrência direta do desejo por objetos que ainda não foram alcançados:

“Toda pessoa ansiosa é porque quer algo que ainda não tem”, o que desloca o sofrimento psíquico do campo social/econômico para o campo moral. O enunciador mobiliza a autoridade bíblica, “não andeis ansiosos quanto à vossa vida, comida, bebida”, para fundamentar uma crítica ao consumismo, entretanto faz isso sem relacionar essa crítica às condições sociais que produzem carências e inseguranças. Nesse cenário, a relação do sujeito com o consumo é moralizada, pois o problema não estaria na falta de acesso a bens, mas no desejo ou apego exagerado a eles.

Essa lógica aparece com mais clareza na narrativa sobre as famílias que frequentam um clube simples na periferia. Ao descrever a “piscina que cabia 15 e tinha 60”, o “churrasco de carne moída” e a “confusão danada” das crianças, o padre apresenta a felicidade da classe menos favorecida como espontânea e autêntica, em contraponto aos ambientes de maior poder aquisitivo, onde se tem “picanha com lasanha”, mas “o clima tá pesado”. É um discurso que, embora aparentemente valorize a alegria das pessoas que vivem com pouco, acaba por naturalizar sua precariedade ao transformar a carência material em virtude espiritual. A ideia implícita é que mudar a subjetividade, aprendendo a valorizar o “ser” em vez do “ter”, seria suficiente para superar o mal-estar, independentemente das condições objetivas de existência.

**PCD1** - Do mesmo jeito que você cometeu erros que talvez te levaram à depressão, porque desse artigo que eu li que falava do fator genético, né, 30% às vezes é um fator genético que leva a desenvolver a depressão, existem uma outra, existe uma outra porcentagem que não tem a ver com fator genético, mas **tem a ver com estilo de vida, né. Tem a ver com estilo de vida sobretudo no tempo de hoje, gente. Porque, infelizmente, o que manda no mundo de hoje se chama capital, é dinheiro. E os donos das empresas, eles não estão preocupados, das grandes corporações, os que compram e vendem ações, eles não estão preocupados com a sua saúde emocional, eles estão preocupados em ficar cada vez mais ricos. Por isso que em muitas empresas se manda embora cinco pessoas e contratam duas, contratam duas, quando não uma, então a gente tá fazendo mais do que o que a gente deve. Tem muitos fatores estressantes no nosso dia a dia, que muitas vezes correspondem para que nós entremos no estado depressivo. É o excesso de coisas que a gente está fazendo, é o excesso de informação, é o excesso de dificuldade pra lidar, como eu disse, com a dor, com aquilo que é humano.** [11:20-12:30]

Como lemos acima, a referência ao “capital” e às “grandes corporações”, em PCD1, introduz uma leitura do sofrimento psíquico mais diretamente relacionada a fatores sociais e econômicos, ao associá-lo à sobrecarga de trabalho e à precarização das condições de vida. Ao afirmar que “o que manda no mundo de hoje se chama capital, é dinheiro” e que as empresas “não estão preocupadas com a sua saúde emocional”, o enunciador reconhece que a lógica econômica contemporânea produz efeitos sobre a subjetividade e pode contribuir para a constituição do estado depressivo.

Essa interpretação é ampliada quando o pregador menciona “o excesso de coisas”, “o excesso de informação” e a dificuldade de lidar com a dor e com “aquilo que é humano”,

associando o sofrimento a pressões estruturais e a modos de vida atravessados pela lógica da produtividade. Diferentemente do excerto anterior, em que a relação entre mal-estar e materialidade é moralizada especialmente pela oposição entre “ter” e “ser”, aqui a dimensão econômica aparece mais como efeito das dinâmicas sociais de exploração do que como um problema individual relacionado ao consumo. Ainda assim, esse reconhecimento não rompe com a hegemonia do discurso religioso no interior da pregação. Embora os fatores sociais sejam admitidos, o sofrimento continua sendo explicado, repetidamente, a partir do campo espiritual e moral.

**PCD2** – Você que é adolescente e jovem, nós temos hoje no mundo, mas estou falando a nível de Brasil, **um alto índice de suicídio de adolescentes e jovens altamente depressivos.** Primeiro, **não tem outro caminho gente, é o caminho de Deus.** Segundo, **é se cercar de boa gente, se cercar de boa gente.** Não há nada melhor do que você estar cercado de boa gente, porque uma gente não boa ele te torna não bom. **E outra, fazer coisas que nos dão alegria e que o dinheiro não compra. Eu tenho visto muitos adolescentes e jovens cheio de coisas que o dinheiro compra, tênis caríssimos, roupas da moda, último celular, muito bem vestidos, muito bonitos, rapazes e moças, mas quando você olha no coração deles, o que que tem ali que o dinheiro não compra? Aí está vazio, estão vazios, não tem carinho, não tem amor, não tem presença, não se alegram com as coisas lindas e simples da vida, então é preciso buscar essas coisas.** [44:35-45:51]

Em PCD2, por sua vez, o “ter” reaparece como insuficiente para preencher o “coração”, em uma formulação que contrapõe bens de consumo a afeto, presença e vínculos. O pregador destaca que muitos jovens têm “tênis caríssimos, roupas da moda, último celular”, mas, quando se olha “no coração deles”, “aí está vazio”. A saída apresentada está no “caminho de Deus”, em “se cercar de boa gente” e em buscar “coisas que nos dão alegria e que o dinheiro não compra”, mas não na transformação das estruturas e condições sociais, havendo, nesse sentido, um silenciamento. Isso revela que o discurso religioso, até aqui, reconhece problemáticas psíquicas que envolvem estresse, consumo, dinheiro e trabalho, mas as reinterpreta de modo a manter a fé como resposta principal, deslocando para o plano subjetivo e espiritual possíveis questionamentos sobre a ordem econômica e social vigente.

Nas enunciações evangélicas, a relação entre bem-estar emocional e situação financeira também é construída por meio desse funcionamento discursivo recorrente, em que, embora se admita que o dinheiro e o consumo podem gerar preocupação, ansiedade ou depressão, esse reconhecimento segue sendo reorganizado por uma hierarquização de valores de ordem espiritual.

**PEA2(a)** - Número dois, **se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, você precisa saber corretamente o valor das coisas.** E eu te explico. Aqui está o motivo de preocupação. Olha o que Jesus falou em Mateus 6, 25 e 33, o início e o final de uma série de ensinamentos lindíssimos, Jesus disse: **“Não andeis ansiosos quanto a vossa vida, pelo que haveis de**

**comer e beber, nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, o corpo mais do que o vestido?”** E no 33, ele diz: “Mas, buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas vos serão acrescentadas”. **Aqui está um segredo, meu filho, pra você entender o valor correto das coisas. Vida mais do que mantimentos. Corpo mais do que vestido. Você mais do que qualquer coisa. Reino de Deus mais do que minhas prioridades. Você precisa saber a escala de valor, ok? A vida vale mais do que a comida. O corpo vale mais do que o vestido. As pessoas valem mais do que qualquer coisa. E o reino de Deus vale mais do que as minhas prioridades. Se você entender a posição correta do valor de cada coisa, você pode evitar um monte de preocupação.** [11:31-13:06]

Como se lê acima, em PEA2(a), o enunciador mobiliza a autoridade bíblica – “não andeis ansiosos quanto a vossa vida, pelo que haveis de comer e beber” – para estabelecer uma escala valorativa segundo a qual a “vida” e o “corpo” são mais importantes que o “mantimento” e o “vestido”, assim como as “pessoas” valem mais que os bens materiais. Percebemos que essa formulação se converte em uma orientação moral sobre o valor “correto” das coisas, havendo, como no discurso católico, uma omissão acerca da problematização das condições sociais e econômicas que produzem desigualdades e insegurança material. Nesse cenário, a ansiedade é interpretada como efeito de uma percepção desordenada da realidade, em que o sujeito prioriza indevidamente o que seria secundário.

**PEA1** - Quando Paulo vai pro capítulo 3, ele fala de um outro assunto que gera ansiedade, lá no capítulo 3, versículo 19, ele diz que existem algumas pessoas que **só se preocupam com coisas terrenas. Meus amados irmãos, vamos pensar bem nisso aqui, é... cês acham que dinheiro tem sido motivo de estresse hoje? Tem? Às vezes cê fica ansioso por causa de dinheiro também? É curioso como a nossa geração mudou o padrão, por isso tanta ansiedade.** Por exemplo, por exemplo, na década de 50, nós **consumimos cinco vezes menos do que consumimos hoje, e não estamos mais felizes por isso. O luxo do ontem tornou-se necessidade do hoje.** [09:47-10:43]

Esse funcionamento também se observa em PEA1, no trecho em que o enunciador afirma que “o luxo de ontem tornou-se necessidade do hoje”, formulando a ideia de que a ampliação do consumo não tornou as pessoas mais satisfeitas, mas contribuiu para o aumento da ansiedade.

**PEA2(b)** - É em tudo, dai graças. “Senhor, eu te dou graça, **o negócio tá feio, tá apertado. Não sei como é que vai ser, mas graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. Graças a Deus pelas vitórias do amanhã. Graças a Deus pelas portas que ainda vão se abrir. Graças a Deus por essas que estão fechadas. Graças a Deus por essa luta que tá me ensinando a temer o teu nome**”. Em tudo, dai graças. Abra a tua boca, meu irmão, e renda graças a Deus. [APLAUSOS] Querido, em quinto lugar. **Se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz: não ambicione algo acima da sua capacidade. Paulo diz em Romanos 12:16 que nós não devemos ter a ganância das coisas altas, mas devemos nos acomodar às humildes.** “Ah, pastor, quer dizer que eu não tenho direito a crescer?”. Não é nada disso que Paulo tá ensinando. **“Não ambicioneis as coisas altas, mas acomodai-vos às humildes”. Paulo tá dizendo “querido, não queira uma coisa maior do que a sua capacidade”.** Na parábola dos talentos de Mateus 25:15, diz que o Senhor entregou o talento a cada um conforme a sua capacidade. Meu Deus não é ilógico nem insensato. **Você tá querendo uma coisa que você não tem estrutura emocional, não tem estrutura física, não tem estrutura**

**mental pra suportar. Vai arrumar um monte de preocupação pra tua vida. Você quer uma coisa que você não pode! Para de querer aquilo que você não pode. Pessoa só vive em função da vida dos outros e não em função da vida deles. Você precisa aprender a viver em função da sua vida, sabe? E de não querer uma coisa que você não vai saber lidar e não vai ter a capacidade pra manter e depois o desastre vai ser pior. Isso traz muita preocupação quando a gente quer uma coisa que é maior do que nós mesmos. [23:15-25:29]**

De modo semelhante, essa lógica se evidencia em PEA2(b) quando o pregador adverte contra o desejo de alcançar “algo acima da sua capacidade”, valendo-se da “parábola dos talentos” para sustentar a ideia de que cada indivíduo deve reconhecer o que lhe cabe. Nessa perspectiva, o sofrimento relacionado às aspirações materiais ou à busca por ascensão social é deslocado para o plano da responsabilidade individual, como se o problema estivesse na inadequação entre desejo e capacidade pessoal. A exortação a “acomodar-se às humildes” aparece, assim, como uma virtude a ser cultivada, ao passo que a ambição por algo maior do que se pode sustentar é apresentada como fonte de preocupação que se deve evitar, para não “arrumar um monte de preocupação pra tua vida”. Com isso, o discurso tende a naturalizar certas restrições materiais, convertendo-as em questão de ajuste subjetivo e espiritual.

**PEA2(c) - Que fama, rapaz, vai fazer você feliz? Que dinheiro, rapaz? É a tua vida com Deus. É o teu relacionamento com Deus. É a tua vida com Deus. É a tua vida na igreja. Isso é a maior besteira, isso é um estigma de Satanás pra tua vida aí. Tu é pobre, tu é um ferrado, um mísero desgraçado, tá bombado, meu irmão, teu negócio é bala perdida (RISOS), teu negócio é... conversa fiada, meu irmão. Você tem que viver essa vida aí e não ficar preocupado porque tenho, porque não tenho, “ai, meu Deus, eu tenho que ter”. Tranquilamente, trabalhe, seja fiel, bota pra quebrar, viva a sua vida e te prepara porque tem vitória, tem porta aberta, tem bênção de Deus pra você. [32:51-33:32]**

Em PEA2(c), observamos o dinheiro ser reiteradamente desqualificado como fonte de felicidade, em oposição à “vida com Deus” e à “vida na igreja”. Nessa formulação, a busca por bens ou fama é desvalorizada, enquanto o trabalho, a fidelidade religiosa e a esperança na “vitória” e na “bênção de Deus” são apresentados como caminhos adequados para ter “porta aberta” e acabar com a preocupação.

Assim, o enunciador, em sua elaboração discursiva, desloca a possibilidade de superação da situação social para o plano da transformação interior e da promessa religiosa, pela qual se deve esperar com fé e ser antecipadamente grato, como vimos anteriormente no início do fragmento de PEA2(b): “Senhor, eu te dou graça, o negócio tá feio, tá apertado. Não sei como é que vai ser, mas graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. Graças a Deus pelas vitórias do amanhã. Graças a Deus pelas portas que ainda vão se abrir. Graças a Deus por essas que estão fechadas. Graças a Deus por essa luta que tá me ensinando a temer o teu nome”. O que se observa, portanto, é que o discurso religioso reinscreve a insatisfação

material em uma lógica espiritual, preservando a centralidade da fé como resposta principal diante dos sofrimentos suscitados pela ordem econômica contemporânea.

**PED1(a)** - Diz o texto, confirmam comigo, que ele chega até Berseba. Qual é a distância de onde ele estava para Berseba? 144 km. Ele corre, tá exausto. Quando ele chega lá em Berseba, ele deixa o seu moço. Caminha mais um dia inteiro pelos desertos causticante, com tantos riscos, com tantos perigos, **com falta de pão, com falta de água**. E quando ele chega, o que que acontece? Ele deita debaixo de um zimbro e diz: “Deus, eu quero morrer. Tira a minha alma. Eu não quero mais viver”. Medo. Medo. A Bíblia diz que quem teme foge. [10:24-11:10]

**PED1(b)** - Ele tá vindo de longos embates. Ele tá vivendo debaixo de forte tensão, 3 anos e meio. Ele é o camarada que... embates, esconderijos, aparições, ameaças, perigos, longas caminhadas, **escassez de pão. O cara tá com o tanque emocional vazio**. Ele está num **profundo esgotamento físico, emocional**. Ele está exausto, emocionalmente esfalfado, esgotado, debaixo de forte pressão, à beira de um colapso físico, emocional e espiritual. Agora, isso acontece com você e comigo ainda hoje. Quantas pessoas com *burnout*, quantas pessoas aí com crise de ansiedade, quantas pessoas aí com seus nervos a flor da pele? **Quantas pessoas que estão vivendo completamente desesperadas?** Porque estão esgotadas, fisicamente, emocionalmente, espiritualmente. [13:29-14:23]

Embora a relação entre bem-estar emocional e condições materiais apareça de forma mais recorrente nas pregações evangélicas sobre ansiedade, ligada à preocupação, em PED1(a) e PED1(b) acima, ao tratar da depressão, também são observados traços desse funcionamento discursivo. Ao mobilizar a narrativa bíblica de Elias, o enunciador associa o sofrimento do personagem ao acúmulo de pressões vividas, como, por exemplo, a escassez de recursos básicos, como pão e água. Expressões como “tanque emocional vazio” e “profundo esgotamento físico, emocional” produzem o efeito de sentido de que o colapso psíquico não decorre apenas de um conflito interior ou espiritual, como também de circunstâncias precárias de sobrevivência. Ainda que a dimensão financeira não seja nomeada diretamente nesses fragmentos, que dão ênfase ao “medo”, ao “colapso”, a referência à privação material permite aproximá-los da regularidade observada no *corpus*, segundo a qual o sofrimento emocional é também relacionado à estabilidade, ou à falta dela, nas condições de vida dos sujeitos.

**PED2** - **Eu vou contar uma história pra vocês, minha**, essa minha vida calma que eu tenho, tranquila, eu não brigo com ninguém, não falo nada, não falo contra o ativismo *gay*, não falo contra a esquerdopata, não tem nenhum processo contra mim, deixa eu ver o que mais, **dinheiro sobrando o tempo todo**, rapaz, eu vivo, eu vivo com pé fundo no acelerador, lógico, eu não sou Deus, **quem viver como eu vivo um dia aparece um sinal amarelo**. Eu vinha ó, no pau, lepo, lepo, lepo, lepo... **eu comecei a perder, o estresse, a perder sono**, dormir duas horas, parecia que eu tava ligado num interruptor, eu dormia duas horas, acordava, ficava de olho arregalado na cama e aquilo começou a perdurar. [16:25-17:28]

Enquanto, em PED1, a articulação entre sofrimento psíquico e privação material se apresenta de modo mais indireto, em PED2 ela emerge de forma mais explícita, quando o enunciador a formula a partir de sua própria experiência com o “estresse”. O pastor relata, em tom irônico, aspectos de sua própria trajetória para explicar o que o levou a ter problemas

emocionais, mencionando, entre outros fatores, os conflitos públicos em que se envolve, os processos que isso lhe teria ocasionado e o fato de não ter “dinheiro sobrando o tempo todo”. Essa construção faz emergir uma contradição em relação a outros momentos das pregações, nos quais dificuldades dessa ordem tendem a ser minimizadas e subordinadas à necessidade de confiar na provisão divina. Desse modo, o trecho revela uma oscilação no interior do discurso, pois, ao mesmo tempo em que exorta os fiéis a terem fé diante das adversidades, o pregador reconhece, pelo relato de sua própria experiência, o peso das questões financeiras na ocorrência do sofrimento psíquico.

Vimos, nas pregações que compõem o *corpus* de pesquisa, que a relação entre sofrimento mental e condição financeira configura-se como uma regularidade discursiva, ainda que se mostre mais presente em algumas delas, como nas enunciações evangélicas que falam sobre ansiedade. Ao tratarem dos transtornos, os pregadores colocam em circulação sentidos que associam dinheiro, consumo, trabalho, privação, sobrecarga e busca por bens materiais a quadros de sofrimento psíquico. Contudo, essa relação é reiteradamente reinterpretada pela matriz religiosa, que subordina a dimensão material a valores considerados superiores, como a fé, a simplicidade, os vínculos afetivos, o equilíbrio interior e a vida com Deus. Com isso, embora o “ter” seja reconhecido como necessidade prática e fonte de conforto, não se observa um questionamento mais direto das condições sociais e econômicas implicadas no sofrimento que a falta de recursos ocasiona; ao contrário, a ênfase se desloca para a resposta individual e espiritual do sujeito, produzindo efeitos de aceitação da situação e das privações.

#### **e) “reaja” - responsabilização individual para superação do problema**

A última regularidade observada nas pregações está relacionada à implicação da iniciativa do indivíduo diante da ansiedade e da depressão. Em vários enunciados, o público é convocado a reagir, a sair da passividade e a adotar uma nova postura frente ao sofrimento, produzindo um efeito de sentido de que a superação do problema exige uma tomada de posição do próprio sujeito. Ainda que o caminho para sair do problema psíquico seja frequentemente articulado à fé e à oração, o discurso também enfatiza que cabe ao indivíduo um papel decisivo nesse processo.

Esse funcionamento retoma aspectos já observados anteriormente na análise, principalmente no que diz respeito à tendência de situar o sofrimento no âmbito da fé e do direcionamento do sujeito. Nesse caso, porém, o discurso apresenta uma exigência de reação,

isto é, o fiel é chamado a assumir a responsabilidade pela mudança, a não permanecer na inércia, para que a graça divina possa, então, alcançá-lo.

**PCA1** - Vamos ficar em pé, vamos rezar, vamos cantar. O Jales vai nos ajudar a cantar. Não é muita coisa boa pra gente pensar? E eu quero que você saia da Canção Nova **com essa postura, tá? Não é assim pensando positivo, não. É rezando, atitude. Porque esses passos da oração, diariamente, você colocar isso em prática diariamente na sua vida, é o que vai mudar você, é o que vai te ajudar a vencer a ansiedade.** [50:09-50:32]

**PCD1(a)** - Mas ela, a Santa que foi canonizada, que por vezes ela chegou a querer se jogar na frente das carruagens, chegou até chegar perto das carruagens. **Mas ela parou nisso? Se ela tivesse parado, ela não tinha sido Santa. Não, ela lutou contra a depressão, contra a tendência suicida, e se tornou uma santa, um exemplo que brilha até hoje, iluminando gerações.** [16:57-17:15]

**PCD1(b)** - E eu digo para você que tem depressão, para você que sofre de ansiedade, eu escrevi há pouco tempo o livro “A libertação da mente ansiosa” pra ajudar as pessoas que estão vivendo esse surto, né, de ansiedade no nosso país e no mundo inteiro, né, que você consegue, eu escrevi no livro, que **você consegue muito lidar com a depressão e com a ansiedade, quando você consegue tornar sua vida um dom para os outros, um dom de amor, quando você consegue levar a esperança para as pessoas. “Padre, mas eu tô sem esperança”, “Padre, mas eu tô sofrendo”, “Padre, mas eu perdi o que eu tinha”, filho, você não pode ficar a vida inteira remoendo a sua dor e contemplando a sua dor. O sentido da sua vida não está em chorar pelo que você perdeu. Você tá ouvindo o que eu tô falando? O sentido da sua vida não está em chorar pelo que você perdeu, nem ter dó de você, mas em se levantar e tornar sua vida um dom, transfiguração, levar a figura de Cristo aos outros, comunicar a presença de Deus, o amor de Deus.** Porque, veja bem, a sua vida tem que ter um sentido. [29:02-30:08]

**PCD1(c)** - Por exemplo, você tá com depressão “Padre, eu tenho vontade só ficar deitado”, é, **quem manda em você não é sua vontade, é Jesus Cristo, e ele disse no evangelho hoje “levantai-vos”.** Isso é uma ordem para você que está me acompanhando agora, que tá deitado nesse quarto aí, tá deitado nessa cama com a janela fechada, **levanta dessa cama, abre essa janela, toma um banho, você mulher passa um batom nessa boca. Reage, é preciso reagir. Não adianta só “ah, eu tenho paciência comigo, eu sou assim”, não, você tem que ter paciência, mas uma paciência que te faça sair da inércia, reage!** [34:33-35:08]

**PCD2(a)** – E antes de entrar em alguns caminhos e que você tome a decisão de percorrê-los, **uma pessoa passiva, uma pessoa que fica esperando as coisas, só fica reclamando da vida, me desculpem gente, me desculpa a verdade, mas eu não sei se você tem depressão ou não tem, mas uma pessoa que vive reclamando ela vai terminar sozinha e se você não terminar sozinha, as pessoas que estão com você estão porque não tem outra opção, porque é dose você conviver com a pessoa que vive reclamando. “Ah, Padre, mas eu tenho depressão”, você pode ter depressão, você não precisa ser um deprimido chato, você pode ser um deprimido simpático. Já é deprimido, ainda é chato, ninguém aguenta.** [02:53-03:48]

**PCD2(b)** - **O primeiro interessado a sair da depressão é aquele que vai tomar atitude, e você tomando atitude a graça de Deus ela vem.** Você ficar o dia todo sentado, chorando, deitado, cobertor na cabeça, vai morrer assim, me desculpe. **Você tem que buscar dentro de você uma força que você acha que não tem, e se você não tem essa força, peça ao Espírito Santo, que ele tem.** [21:52-22:19]

Nos enunciados católicos, essa regularidade aparece com maior recorrência nas pregações sobre depressão, embora também esteja presente na abordagem da ansiedade. Em PCA1, por exemplo, o fiel é convocado a adotar uma “postura” diante do problema, pois são

os “passos da oração”, colocados em prática diariamente, que “vão mudar você” e ajudar a “vencer a ansiedade”. Em PCD1(a), temos a santa que “lutou contra a depressão” citada como exemplo de superação. Em PCD1(b) e PCD1(c), o fiel é chamado a “se levantar”, “reagir” e não permanecer “remoendo a dor”. Já em PCD2(a) e PCD2(b), a passividade, a reclamação e a inércia são desqualificadas, enquanto a “atitude” aparece como condição para a chegada da graça: “você tomando atitude, a graça de Deus ela vem”. A ação divina precisa ser acionada por um gesto ou atitude primeira do fiel.

Ao serem valorizadas ação, esforço e superação pessoal, percebemos nesses enunciados uma aproximação com o discurso de autoajuda. No entanto, essas atitudes permanecem subordinadas ao discurso religioso: é preciso reagir, mas reagir com oração e confiança em Deus. Desse modo, o sujeito é interpelado a assumir papel ativo no enfrentamento da depressão e da ansiedade, ao mesmo tempo em que a superação continua sendo atribuída, em última instância, à ação divina.

**PEA1(a) - Se você tá enfrentando um problema, lidando com o problema, enfrente-o, encare-o, não fuja dele.** Mas se o problema ainda não está ocorrendo, não puxa o problema do futuro *pro* presente pra sofrer por ele, porque **isso não vai ajudar você, isso não vai fortalecer você, isso vai enfraquecer você** e, se por ventura o problema de fato vier a acontecer amanhã, se você sofreu ontem, vai sofrer hoje de novo, vai sofrer duas vezes. [16:49-17:18]

**PEA1(b) - Você acha que Deus já fez coisas lindas na sua vida? Comece a agradecer, para de murmurar, para de reclamar, começa a entender o que ele já fez de bom na sua vida, comece a agradecer. Quando você aprende a orar corretamente, você é curado da ansiedade.** [28:06-28:23]

**PEA1(c) - Ô irmãos amados, a vitória ou a derrota está aqui (APONTA PARA A CABEÇA/MENTE). Agora, pra você fazer isso você tem que ler bíblia, você tem que conhecer as promessas de Deus, você tem que se alimentar das verdades de Deus, você tem que tomar posse das promessas de Deus,** vai alimentando a sua mente, vai alimentando o seu coração das promessas que Deus faz. [28:50-29:12]

**PEA1(d) - Terceiro remédio pra você curar a ansiedade. Primeiro é aprender a orar corretamente, segundo é aprender a pensar corretamente, a terceira é aprender a agir corretamente.** Olha o versículo 9 comigo, ele diz assim “o que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai”. Eu posso ser um teórico, um teórico, saber tudo, se eu não boto em prática não vai adiantar nada. James Rilter disse com muita clareza “você não é o que você sabe, nem o que você sente, você é o que você faz”. **Se você for um mero ouvinte da palavra de Deus, mas não for um praticante da palavra de Deus, a ansiedade vai pular nas suas costas e vai te dominar.** [29:44-30:32]

**PED1 - Não tem nenhuma palavra de Deus pra ele: fuja, fuja! Não! Agora, a decisão é dele, só dele.** Por quê? **Porque ele fez uma leitura errada.** Ele pensou que a vida dele estava nas mãos de Jezabel e não nas mãos de Deus. **Toda vez que você pensa que a sua vida está exposta e na mão de homens, dos poderosos deste século, você teme, você foge, você se encaverna, você está sujeito a uma depressão.** [09:14-09:49]

**PEA2** - Oitavo, se você quer viver em paz, se você quer rejeitar a preocupação: pense coisas boas. Todo o teu ser é dirigido pelo processo mental. Você tem vontade e você pensa. Sentimentos, você pensa. Vai agir, você pensa. Vai tomar decisões, você pensa. A mente humana: há uma disputa pela mente humana entre a fé e a incredulidade, e a Bíblia mostra, pra você ver como é importante. Porque todo o processo mental é que vai conduzir o ser. 2 Coríntios 4:4 diz assim “o Deus deste século cegou o entendimento, a mente, pra que não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo”. Hebreus 11:3 “pela fé, entendemos”, mente, “que os mundos foram criados pela palavra de Deus”. A fé e a incredulidade, o primeiro ponto de domínio é a mente, quem prevalecer vai ditar o curso da sua vida. Se você pensa só desastre, só coisa ruim, vai ficar preocupado. [47:01-48:16]

**PED2** - Olha o emprego do verbo, “estive”, não tava mais. Angústias do inferno, quadro de depressão profunda; livrou a minha alma da morte, a depressão leva à morte; meus olhos das lágrimas, choro constante; meus pés da queda, ia me arrebentar. Quando eu orei, quando eu busquei a Deus, quando eu clamei, ele me curou do meu quadro depressivo. [26:36-27:05]

Nas pregações evangélicas, esse traço se mostra mais presente nos enunciados sobre ansiedade. Em PEA1(a), o fiel é motivado a enfrentar o problema quando ele de fato já existe, mas a não antecipar sofrimentos futuros. Em PEA1(b), PEA1(c) e PEA1(d), a superação da ansiedade é associada a práticas como parar de reclamar, agradecer, alimentar a mente com a Palavra, pensar corretamente e agir corretamente. Em PEA2, a mente aparece como lugar determinante da disputa entre fé e incredulidade, de modo que pensar “coisas boas” e vigiar os pensamentos se tornam caminhos para rejeitar a preocupação. Assim, a ansiedade é construída como algo que deve ser administrado pelo próprio sujeito, com base em autocontrole e disciplina interior.

Também aqui há aproximação com o discurso de autoajuda, sobretudo pela ênfase na mudança de mentalidade, no controle da mente e na ação correta, entretanto, esses procedimentos são legitimados pela Bíblia e pela fé em Deus. Em PED1, a depressão de Elias é associada a uma “leitura errada” do personagem; em PED2, a cura é condicionada ao momento em que o indivíduo ora, busca e clama a Deus, isto é, a intervenção divina depende da ação e da fé do fiel. O efeito de sentido produzido é o de uma responsabilidade pessoal, segundo a qual cabe ao sujeito agir, pensar e crer corretamente para que a superação do sofrimento se torne possível.

De modo geral, esta regularidade atravessa os dois segmentos religiosos de modo semelhante, mostrando que a superação da ansiedade e da depressão é frequentemente construída, nas pregações, como dependente de uma disposição do próprio sujeito para mudar sua postura diante do sofrimento. Há, nesse funcionamento, certa aproximação com o discurso de autoajuda, mas essa ênfase na responsabilidade pessoal permanece subordinada ao discurso religioso, pois a mudança esperada do fiel é continuamente vinculada à fé e à busca de Deus. Mais do que uma leitura da saúde mental delimitada pela grade semântica religiosa,

observamos uma banalização do sofrimento psíquico, uma vez que ansiedade e depressão passam a ser tratadas como problemas que devem ser superados pela fé e pela mudança de postura individual. Nesse sentido, ao deslocar o sofrimento mental do campo do cuidado especializado para o campo da responsabilidade pessoal e espiritual, o discurso religioso marca uma oposição ao discurso médico-psicológico. Produz-se, assim, o efeito de sentido de que a intervenção divina na superação do sofrimento está condicionada à iniciativa individual do sujeito.

Em linhas gerais, vimos nesse tópico que a identificação dessas regularidades confirmou que os enunciados do *corpus* se organizam por modos recorrentes de dizer. Os padrões descritos ao longo desta seção evidenciam certos regramentos do discurso religioso na abordagem da ansiedade e da depressão, permitindo compreender como são estabilizadas algumas formas de explicar e de lidar esses sofrimentos no contexto cristão. Essas recorrências mostram, portanto, um funcionamento discursivo relativamente estável, por meio do qual o discurso religioso produz unidade de sentido e delimita maneiras próprias de interpretar e enfrentar os problemas psíquicos abordados.

### 5.3 A presença do Outro e dos outros

Neste ponto de análise, além de identificar as marcas da alteridade discursiva presentes nos enunciados cristãos, a fim de evidenciar as vozes mais mobilizadas para falar sobre ansiedade e depressão, buscamos também mostrar como, na relação entre os posicionamentos discursivos católico e evangélico, o discurso do Outro se constitui no Mesmo (Maingueneau, 2008). Destacamos que, nessa dinâmica, esses lugares se alternam, conforme o ponto de vista do posicionamento do que enuncia, ao mesmo tempo em que selecionam e reelaboram discursos e memórias considerados legítimos para sustentar suas formulações.

Authier-Revuz (2012), já citada anteriormente, distingue a heterogeneidade constitutiva da heterogeneidade mostrada. A primeira diz respeito à presença incontornável do outro em todo discurso, ainda que não mostrada explicitamente; a segunda refere-se aos momentos em que essa alteridade é marcada na materialidade enunciativa, por exemplo, por citações, glosas, reformulações, discursos relatados, aspas, ressalvas ou modos de distanciamento em relação ao que se diz.

Considerando a oralidade dos textos analisados, vale observar que essas marcas nem sempre se apresentam de forma graficamente estabilizada, como ocorre em textos escritos,

mas podem manifestar-se por meio de comentários sobre o próprio dizer, reformulações, pausas, ressalvas e introduções de fala alheia, tal como foram registradas nas transcrições. Assim, sua identificação no *corpus* exigiu atenção aos modos de inscrição do outro no fio do discurso.

Nessa perspectiva, ao observarmos tais marcas nos enunciados religiosos, buscamos identificar as vozes e memórias discursivas convocadas para sustentar as formulações sobre ansiedade e depressão. No *corpus* analisado, essas marcas evidenciam a mobilização recorrente de discursos outros, reformulados no interior do discurso religioso, sendo a ansiedade e a depressão abordadas por meio de uma rede de vozes que orienta sua interpretação e delimita os sentidos atribuídos à experiência do sofrimento psíquico.

Em relação às citações e referências que constituem os enunciados analisados, há, por um lado, a presença abundante de textos bíblicos, tomados como referência comum às duas tradições cristãs consideradas, e, por outro, a mobilização de autores e formulações vinculados mais especificamente às vertentes católica ou evangélica. Como o primeiro aspecto, isto é, a retomada constante de trechos das Escrituras, já foi bem explorado em outros momentos deste trabalho, interessa-nos, aqui, concentrar a análise no segundo, de modo a evidenciar distinções entre os dois posicionamentos cristãos na construção discursiva sobre ansiedade e depressão.

Desse modo, percebemos, especialmente por meio de estruturas como citações e discurso relatado, uma convocação frequente a autores e textos da própria tradição religiosa para fundamentar posicionamentos e orientações, o que caracteriza uma *intertextualidade interna*, nos termos de Maingueneau (2008, p. 78).

Para o autor (2008, p. 77-79), a intertextualidade diz respeito às relações que um discurso estabelece com outros textos considerados legítimos dentro de determinado campo discursivo. Ele distingue dois níveis desse processo. A intertextualidade interna que se refere às menções a textos pertencentes ao mesmo campo, que compõem a tradição discursiva mobilizada pelo enunciador. Já a intertextualidade externa envolve a relação com textos de outros campos, cuja citação depende das regras e limites definidos por cada *posicionamento discursivo*. Para Maingueneau, exemplificando com o objeto por ele estudado, o discurso jansenista utilizaria, sobretudo, a intertextualidade interna, já que “só admite como citável, única e exclusivamente, o *corpus* cristão” (p. 79). Portanto, cada discurso evocaria assim sua própria memória discursiva, selecionando certos textos e autoridades, aproximando-se de alguns saberes e recusando outros.

**PCA1** - Veja bem: ontem, na missa, **o padre partilhou algumas frases de santos, as testemunhas qualificadas da Igreja que nos ajudam a lidar com a realidade da ansiedade.** E hoje foi tão bom ouvir a Aline falando que a ansiedade não é um bicho de sete cabeças; que existe um aspecto positivo que pode nos ajudar. E o padre quer começar com **uma frase de São Francisco de Sales** que nos ajuda a entender essa realidade. Presta atenção: “Não espere com medo as mudanças da vida; em vez disso, olhe para elas com plena esperança de que, à medida que surgirem, Deus, a quem você pertence, irá guiá-lo com segurança por todas as coisas. E, quando você não aguentar, Deus o carregará em seus braços.” Vamos aplaudir essa verdade que vem a nós, pode ser mais forte, **através do doutor da Igreja, São Francisco de Sales.** E veja bem, **esta pregação vai ser bem bíblica.** Nós vamos descobrir, amado filho, amada filha, um itinerário bíblico pra lidar com a ansiedade, pra vencer a ansiedade. [01:17-02:37]

Como o exemplo acima mostra (PCA1), observamos os santos sendo apresentados como “as testemunhas qualificadas da igreja”, capazes de ajudar os fiéis diante do problema da ansiedade. Essa estratégia contribui para reforçar a legitimidade do discurso ao ancorá-lo na tradição e na memória institucional católica. Da mesma forma, em outro momento do fragmento, o enunciador cita uma frase atribuída a São Francisco de Sales, apresentado por ele como “doutor da Igreja”, mobilizando assim uma autoridade reconhecida para conferir maior credibilidade ao que é dito. Tais funcionamentos se distinguem da visão cristocêntrica do discurso evangélico, na qual somente Jesus Cristo é tomado como referência legítima de santificação, honra, poder e adoração. Contudo, vale notar que, ao afirmar que “esta pregação vai ser bem bíblica”, o padre destaca uma aproximação com a centralidade das Escrituras, assim como o é no discurso evangélico, com o qual o discurso católico se relaciona polemicamente no espaço discursivo. Ou seja, embora cite santos e elementos da tradição católica, o discurso católico indica que a fundamentação de suas orientações está no texto bíblico, mobilizando uma forma de legitimação também característica do discurso evangélico.

**PCA1** - Segunda dimensão da oração, tô partilhando só a oração primeiro, que **São Paulo falou ali**, vou desmembrar em três partes, eu falei. Segunda dimensão: a contemplação, contemplação. E o que que é contemplação? Veja bem: tem uma passagem do Evangelho que Jesus falou especificamente sobre a ansiedade. [26:01-26:22]

**PEA1** - Convido você a abrir sua bíblia comigo na **carta de Paulo** aos Filipenses, Filipenses, capítulo 4. Nós faremos a leitura dos versos 6 ao verso 9, Filipenses 4, 6 a 9. O **apóstolo Paulo** escreve “Não andeis ansiosos de coisa alguma, em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. [00:14-01:05]

Além disso, esses outros fragmentos ilustram como, de forma distinta, cada segmento religioso reinscreve internamente, cada um a seu modo, elementos que parecem comuns em seus enunciados. Por exemplo, ao se referirem a Paulo, autor do livro bíblico de Filipenses, mencionado em ambos os trechos, o enunciador católico (PCA1) o qualifica como santo, “São Paulo”, aproximando-o da tradição católica dos santos e reforçando a autoridade ligada à memória institucional da Igreja. Já o pregador evangélico (PEA1) o apresenta como “apóstolo

Paulo”, ou o menciona apenas pelo nome, destacando sua função no texto bíblico, que, para esse posicionamento, não é de santificação, e reforçando a centralidade das Escrituras como base de legitimação.

Em outros enunciados evangélicos, de modo semelhante, são verificados aspectos relacionados à intertextualidade interna, pois os enunciadores recorrem com frequência a referências consideradas legítimas no interior do próprio campo protestante para sustentar e ilustrar suas orientações.

**PEA1** - Você não vive hoje porque cê tá preocupado com a manhã, o amanhã nem chegou ainda e você já tá ansioso. Então, é muito importante entender aqui algumas coisas. Como é que é a sua vida? **Eu li um livro, O sentido da vida, do Dr. John Mackay**, e esse livro é fenomenal, e **John Mackay neste livro**, O sentido da vida, conta a história de um personagem, talvez mitológico, Peer Gynt de Ibsen, era um personagem que procurou sentido na vida, felicidade pra vida, fazendo viagens nos lugares mais remotos e mais exóticos do mundo. Depois que ele viajou o mundo inteiro, teve experiências mil, ele retorna pra sua casa, retorna pra sua região de origem, mas a alma insatisfeita, o coração ainda sem ser preenchido. E ele vai pro quintal e tem lá um canteiro de cebolas, e ele arranca uma daquelas cebolas e começa a descascar a cebola. Pra cada casca que ele tira ele dá o nome de uma aventura de uma viagem, de um passeio, de uma experiência, e ele vai descascando a cebola, e vai nominando as experiências vividas. **Ao final, ele descobriu que aquela cebola só tinha casca, era tudo o que ela tinha, e ele diz “assim foi a minha vida, só casca”. Tem muitas pessoas que estão vazias porque elas estão buscando sentido naquilo que não tem sentido, estão ansiosas.** [13:34-15:25]

**PED1** - Mas é possível que um crente cheio do Espírito Santo possa enfrentar uma crise de depressão, e **Elias era um homem de Deus e enfrentou, enfrentou**. Quando você olha pra história bíblica, você vai encontrar Moisés, você vai encontrar Elias, você vai encontrar Jonas. **Quando você olha pra história da igreja, você vai encontrar homens como Martinho Lutero, como David Brainerd, como John Bunyan, como William Cowper, como Mar... como ahh Charles Haddon Spurgeon, enfrentando problema de depressão.** Então não censure seu irmão, sua irmã, se ela tá passando uma crise dessa na vida. [20:28-21:07]

Em PEA1, por exemplo, o pregador, ao refletir sobre o que dá sentido à vida, e se relaciona à ansiedade, apoia-se em um livro de um autor, “Dr. John Mackay”, que é vinculado ao segmento evangélico presbiteriano. Já em PED1, embora não se trate de uma citação que remeta a textos, ao mencionar sujeitos “da história da igreja” que vivenciaram a depressão, o enunciador opta por mobilizar somente nomes ligados ao protestantismo, como Martinho Lutero e Charles Haddon Spurgeon. Ao recorrer a essas figuras, o discurso ativa alusões reconhecidas dentro da própria tradição protestante, utilizando-as como exemplos de homens de fé que também passaram por sofrimento psíquico.

Observamos assim que, em ambos os segmentos cristãos, a legitimação do que é dito ocorre tanto pela evocação de textos e autoridades pertencentes ao mesmo campo religioso, quanto pelo apagamento de elementos de outras tradições cristãs, delimitando o que pode ser citado como referência válida e reforçando a memória discursiva do próprio grupo. Os

católicos parecem recorrer mais aos santos como figuras cujo dizer é legítimo, enquanto os evangélicos usam nomes ligados à história do protestantismo ou a pregadores/escritores famosos nesse meio, sobretudo de origem anglo-saxã.

Além dessa forma de legitimação interna do segmento religioso, que aparece sob a forma de discurso relatado, direto e indireto, a heterogeneidade é mostrada nos enunciados pela incorporação de dizeres alheios, principalmente por meio do discurso indireto e das glosas. Nessas formas de alteridade, o outro comparece ora como autoridade, ora como exemplo, explicação ou voz dramatizada no interior da pregação, para validar o enunciado, sendo assim reinscrito no fio do discurso por procedimentos como retomada, explicitação, comentário e reformulação, que orientam sua interpretação e regulam os sentidos a ele atribuídos.

A legitimação científica é acionada em diversos momentos nas pregações, tanto nas evangélicas quanto nas católicas. Os enunciadores recorrem a pesquisas, artigos, estatísticas, dados, especialistas e instituições, incorporando ao fio do discurso religioso elementos oriundos principalmente dos campos da saúde, como psicologia e psiquiatria. Nesses contextos, o dizer outro funciona como instância de validação, assim produzindo efeito de objetividade e reforçando a credibilidade das orientações apresentadas sobre ansiedade e depressão. Esses saberes externos socialmente reconhecidos são reinscritos no interior das pregações como apoio argumentativo, não se sobrepondo, portanto, à autoridade religiosa.

**PCA1(a)** - Contemple a natureza, contemple a criação, porque, contemplando, você se liberta dessa aceleração mental. **É provado cientificamente** o quanto o contato com a natureza faz bem pra a gente se libertar da ansiedade, o contemplar... [27:20-27:40]

**PCA1(b)** - As notícias que mais vendem, **é provado cientificamente**, são aquelas que estão associadas ao medo e à desgraça. Você abre o seu YouTube, o que que aparece lá? Guerra não sei aonde, mataram a pastora, mataram não sei quem, não teve a pastora que mataram lá em Salvador, né? Isso, isso é só desgraça. [39:51-40:09]

**PCA1(c)** - Porque o louvor, a ação de graças, ele é um remédio extremamente eficaz contra ansiedade desequilibrada. E é um remédio, eu escrevi isso aqui no livro que dá tema a esse acampamento, que é o livro A Libertação da Mente Ansiosa, que é o tema desse acampamento, eu dediquei um capítulo inteiro falando sobre o louvor. Porque, veja bem, **e existe prova científica hoje disso**. [38:55-39:20]

**PCA1(d)** - Esses dias eu vi uma pesquisa que provava quais são os três maiores medos do brasileiro, né, e eu não lembro o terceiro muito bem, mas entre os dois primeiros eram assim, principal medo do brasileiro, primeiro é perder o que se tem, né, perder o que a gente tem; e o segundo medo é não conquistar o que a gente quer, né. Por exemplo, você que tem medo, quem aqui tem medo de perder o que tem? Levanta a mão. Pode baixar. Vou te dar uma notícia maravilhosa pra te encher de esperança: você vai perder muita coisa que você tem. “Ai, padre, como você fala uma coisa dessa?”. [18:03-18:43]

**PCD1(a)** - Eu vi esses tempos um artigo de alguns psiquiatras norte-americanos condenando o pessoal que organiza, né, a sociedade lá de psiquiatria que organiza o DSM-5, que é o manual de Diagnóstico, né, das doenças mentais e psíquicas, que é americana e que acaba regendo essa realidade no mundo inteiro, porque eles estavam criticando justamente essa tendência a tornar tudo que é humano, que faz sofrer, uma doença. E tem muito lobby por trás, né. [03:19-03:50]

**PCD1(b)** - Eu estava lendo um artigo hoje também que explicava e provava que quase 30% dos casos de depressão têm a ver com fatores genéticos, né, também a ansiedade, e a pessoa vive uma descompensação na química dos neurônios. E precisa de ajuda e precisa às vezes de suplementação, de remédio. [04:56-05:15]

**PCD1(c)** - Eu falei da, a Doutora Gisela já falou um pouco disso hoje, depressão tem muito a ver com nutrição, a doutora Gisela te explicou, eu não vou chover no molhado aqui, mas você sabia que tem depressão hoje que tem a ver com desnutrição de pessoa que só come fast food, tranqueira, já é provado cientificamente isso. [33:43-33:59]

**PCD1(d)** - minha mãe me levou no ortopedista, e eu sentia muitas dores assim nas pernas, na coluna, e o ortopedista disse: “mãe, é a dor do crescimento, né. O crescimento dói, você sabia? Fisiologicamente”. A minha mãe falou: “dor no crescimento?”. “É, cê não tá vendo o tamanho desse brutamonte aí, né, esses ossos dentro dele se transformando, se tonificando com a musculatura, isso causa dor.” Mas isso é sintomático de todo o processo de crescimento, então você que está enfrentando um momento difícil, cuidado para você não cair na armadilha de ter dó de você. [08:51-09:24]

Nas pregações católicas, cujos excertos PCA1(a), PCA1(b), PCA1(c), PCA1(d) e PCD1(c) se veem acima, essa validação ocorre na repetição de construções como “é provado cientificamente”, “existe prova científica” e “pesquisa que provava”, embora o enunciador as apresente de modo vago, sem explicitar a origem dessas informações. Em PCD1(a), essa certificação aparece quando o pregador recorre a “um artigo de alguns psiquiatras norte-americanos”, o qual critica o DSM-5; em PCD1(b) quando há menção a um artigo que “explicava e provava”, com dados estatísticos, a relação entre depressão, fatores genéticos e química dos neurônios; e em PCD1(c) quando, retomando a fala da “Doutora Gisela”, associa depressão e nutrição. De forma semelhante, observamos em PCD1(d) a referência a um especialista, “ortopedista”, para fundamentar a posição do enunciador de estabelecer uma proximidade entre dor fisiológica e dor emocional, dor que, para ele, “é sintomático de todo processo de crescimento”.

**PEA1(a)** - Segundo a Organização Mundial de Saúde, mais de 50% das pessoas que passam pelos hospitais são vítimas dos chamados problemas e doenças psicossomáticas. Os problemas da vida vão grudando em nós e nós vamos somatizando isso. E muitas vezes nós ficamos extremamente ansiosos, a ponto de um dos mais expoentes representantes da psicologia, Rollo May, afirmar que a ansiedade é o mais urgente e o mais grave problema da nossa geração. A ansiedade é democrática, ela atinge a todos, até as crianças. [02:16-03:07]

**PEA1(b)** - O problema é que, estatisticamente falando, 70% dos assuntos que nos deixa ansiosos, nunca vão acontecer. [16:27-16:35]

**PEA2** - Eu vou dizer uma coisinha aqui, porque eu falei no primeiro culto, tenho que falar no segundo também. **“Pastor, você pesquisou?”, claro.** Eu vou dizer até, é um negócio assim, meio até sem graça, mas eu não tenho papa na língua, vou dizer mesmo a coisa sem graça, porque eu não quero nem saber se vai ficar com graça ou sem graça. Tem a ver com a minha classe, com os homens. Eu vou dizer uma coisa pra vocês. É uma vergonha o que eu vou dizer aqui. **80% dos homens que vão no banheiro não lavam as mãos. Vai num banheiro público de aeroporto, de rodoviária, de qualquer coisa, pode ver a cena. Eu sei o que é que eu tô falando. 80%, sabe? Interessante, né? Preocupado com a roupa, mas com a higiene não. Preocupado com a comida, mas com a vida não. Preocupado com coisas, mas com pessoas não.** [13:39-14:35]

**PED2(a)** - Agora, escutem o que eu vou dizer pra vocês, **15% da população do mundo, pelo menos, em alguma época da sua vida, vai passar por um túnel de depressão; 15% dos homens, em alguma época da sua vida, vão passar por depressão, principalmente na andropausa. O índice nas mulheres é maior, porque as mulheres têm variação hormonal, e principalmente na menopausa. [...] Agora vou te dar um outro dado: 80% das pessoas que cometem suicídio por depressão, ou por qualquer doença mental, poderiam deixar de cometer o suicídio, eu tô falando de 80%, se fossem tratadas.** E a gente pensa que quem comete suicídio tudo é diabo, “ê, se matou, esse é o diabo”, negativo, 80, **isso é dado, tô dando pesquisa científica**, 80% das pessoas, aí você junta que cometem suicídio por problemas mentais ou por depressão, 80% dessas pessoas poderiam ser salvas, se fossem tratadas. [03:46-06:24]

**PED2(b)** - Isso aqui, rapaz, quem é psicólogo, quem conhece ciências humanas, rapaz, **isso aqui é um processo terapêutico incrível: fala! Deus tá fazendo terapia**, rapaz, com Elias, fala! [32:36-32:51]

Esse mesmo funcionamento de legitimação do discurso, por meio de referências à ciência, instituições e especialistas, se verifica nas pregações evangélicas, como mostram os fragmentos acima, com a menção à Organização Mundial de Saúde, ao psicólogo Rollo May, a estudos e dados estatísticos sobre os transtornos. Nesses contextos, o discurso científico e o discurso médico-psicológico são convocados para confirmar e reforçar o que já vem sendo formulado no interior da pregação, contribuindo para construir a ansiedade e a depressão como objetos sobre os quais o discurso religioso busca mostrar que, com respaldo externo, também está autorizado a falar.

É importante destacar que, por se tratar de texto extraído da oralidade e posteriormente transcrito, a classificação das formas de discurso relatado foi dificultada. Em vários trechos, como os textos bíblicos e as falas alheias encenadas pelo próprio pregador, especialmente quando ele dramatiza vozes de fiéis ou interlocutores hipotéticos, essas marcas foram registradas entre aspas. Em outros casos, contudo, especialmente quando o enunciado é introduzido por construções como a preposição “segundo” e os verbos “afirmar”, “explicar” ou “dizer”, em razão das condições de registro da oralidade, a distinção entre discurso direto e indireto, na transcrição, se torna menos nítida. Nesses casos, entretanto, mais do que a forma gráfica e as classificações, interessou-nos observar o funcionamento discursivo pelo qual um dizer outro foi introduzido e atribuído a uma fonte, sendo reinscrito no interior da pregação.

**PCD2** - **Falta de concentração**, a pessoa não consegue trabalhar e estudar direito. **Dorme demais, ou não dorme nada**, tem gente que tem depressão dorme igual um urso hibernando, levanta 11 horas, três horas da tarde: “ai, parece que não dormi nada”, aí fica cochilando, deita 7 horas da noite, levanta meio-dia, **sinal claro de depressão. O sono é uma fuga**, então a **pessoa fica dormindo demais, só dorme**, onde ela senta ó (IMITA ALGUÉM COCHILANDO), “ô padre, tô cansa...”, não tô falando de pessoa cansada não, uma pessoa deprimida, né? E tem gente que não dorme, 4 horas da manhã (faz gesto de despertar), aí deita 4:15, 5 horas “nossa dormi demais, 45 minutos”, a pessoa não tem sono, depressão também. E **pensamentos de suicídio. Esses sinais é de uma depressão severa.** [22:58-23:57]

Mesmo sem a atribuição explícita de fonte, observamos com recorrência a incorporação de um repertório lexical e descritivo próximo ao discurso médico-psicológico. Em PCD2, por exemplo, o pregador enumera sintomas como falta de concentração, alterações no sono, cansaço persistente e pensamentos suicidas, organizando-os de maneira semelhante àquela mobilizada nos discursos clínicos sobre depressão. Ao indicar, por exemplo, que determinados sinais apontariam para uma “depressão severa”, o enunciador reinscreve no interior da pregação um modo de classificação característico do campo da saúde mental. O discurso religioso passa assim a se apropriar de formulações técnicas e especializadas para explicar o sofrimento psíquico, sem, contudo, abdicar de sua própria posição enunciativa, já que esses elementos são reorganizados em função de uma leitura espiritual sobre o adoecimento.

**PCD1(e)** - Porque, infelizmente, **o que manda no mundo de hoje se chama capital**, é dinheiro. E **os donos das empresas, eles não estão preocupados, das grandes corporações, os que compram e vendem ações, eles não estão preocupados com a sua saúde emocional, eles estão preocupados em ficar cada vez mais ricos. Por isso que em muitas empresas se manda embora cinco pessoas e contratam duas, contratam duas, quando não uma, então a gente tá fazendo mais do que o que a gente deve. Tem muitos fatores estressantes no nosso dia a dia, que muitas vezes correspondem para que nós entremos no estado depressivo.** É o excesso de coisas que a gente está fazendo, é o excesso de informação, é o excesso de dificuldade pra lidar, como eu disse, com a dor, com aquilo que é humano. [11:42-12:30]

**PEA1(c)** - A ansiedade atinge os casais, os casados né, **a pressão da estabilidade financeira, a pressão da garantia no emprego, o problema do estudo os filhos, hoje a educação virou indústria, cara, caríssima**, namoro dos filhos, **o medo de perder o emprego** já na meia idade, que vou fazer? [04:46-05:26]

**PEA1(d)** - Meus amados irmãos, vamos pensar bem nisso aqui, é... **cês acham que dinheiro tem sido motivo de estresse hoje? Tem? Às vezes cê fica ansioso por causa de dinheiro também?** É curioso como a nossa geração mudou o padrão, por isso tanta ansiedade. Por exemplo, por exemplo, **na década de 50, nós consumimos cinco vezes menos do que consumimos hoje, e não estamos mais felizes por isso.** O luxo do ontem tornou-se necessidade do hoje. [10:00-10:43]

Além dos discursos médico-psicológico e científico, verificamos ainda nas pregações, a recorrência de elementos associados ao discurso neoliberal, como já visto no item “d” do tópico das regularidades discursivas, incorporados sem referências explícitas a fontes

determinadas. Termos e formulações como “capital”, “dinheiro”, “grandes corporações”, “estabilidade financeira”, “garantia no emprego” e “o luxo do ontem tornou-se necessidade do hoje” introduzem no fio do discurso religioso um repertório ligado ao mercado, ao consumo, ao trabalho e à gestão da vida nesse contexto econômico. Como exemplos, em PCD1(e), PEA1(c) e PEA1(d), esse discurso outro se mostra como um quadro de evidências que já são reconhecidas sobre o funcionamento do mundo contemporâneo, sendo mobilizado para situar a ansiedade e a depressão em meio a pressões econômicas, exigências de desempenho, consumo demasiado e inseguranças. Longe de configurar uma crítica ao sistema, as pregações apreendem e reinscrevem a racionalidade neoliberal como um saber recorrente e disponível, a partir do qual o sofrimento psíquico também passa a ser compreendido.

**PCA1(d)** - Ação de graças, a palavra “ação de graças” foi escrita assim aqui, com a palavra eucharistós, **que quer dizer o quê? Eucaristia? A palavra do grego, de onde vem a palavra “Eucaristia”, é a palavra eucharistós ou eucaristeio, também pode ser conjugado assim, naquele versículo que é eucaristia. O que que é a Eucaristia? É uma ação de graças a Deus.** [35:30-35:50]

**PEA1(e)** - Quais são os resultados da ansiedade? **Primeiro, a palavra ansiedade na língua grega é muito forte, sabe o que significa a palavra ansiedade na língua grega? Estrangulamento. É puxar você em direções opostas, é rasgar você pelo meio, é agredir você emocionalmente, é violentar você psicologicamente.** Então, que que a ansiedade faz? Ela rouba as nossas forças, por que rouba as nossas forças? Porque ansiedade ou preocupação é quando você está sofrendo por algo que ainda não está acontecendo, que têm potencial de acontecer, mas não está acontecendo, e você antecipa o sofrimento e começa a sofrer. [15:30-16:25]

Ainda que menos recorrente, notamos nos enunciados a ocorrência, por meio de glosas explicativas, da reinscrição de um saber etimológico. Para ilustrar, temos em PCA1(d) e PEA1(e) os enunciadores interrompendo o fio da pregação para explicar a origem e o significado de determinadas palavras. Esse aspecto não é incomum em contextos religiosos como as pregações, em que o recurso às línguas de circulação dos textos sagrados funciona como marca de um saber especializado sobre a palavra. Assim, esse domínio é apresentado como forma de conferir autoridade à interpretação oferecida pelo pregador. Nesses casos, o saber sobre a língua é reinscrito no interior da pregação como recurso de explicação e legitimação, orientando a compreensão do auditório sobre os sentidos atribuídos a partir da interpretação religiosa.

De forma sucinta, os enunciados analisados revelam a recorrência de discursos outros, destacando-se, em ambos os segmentos religiosos, os discursos médico-psicológico, científico e neoliberal, bem como a intertextualidade interna própria ao campo religioso. Esta, por sua vez, evidencia, nos enunciados, a relação polêmica no espaço discursivo, embora, para

Maingueneau (2008, p. 37), esse Outro não precise ser “localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso” para ser encontrado “na raiz de um Mesmo”. Desse modo, reinscritos no interior da pregação, esses discursos participam da construção dos sentidos atribuídos à ansiedade e à depressão, ampliando as formas de legitimação do dizer cristão. No tópico seguinte, examinaremos como esses discursos se articulam entre si, observando se estabelecem relações de aliança, confronto ou apenas uma neutralidade aparente.

#### 5.4 As relações interdiscursivas

O percurso analítico desenvolvido até aqui foi organizado de forma que cada etapa oferecesse subsídios para a seguinte. Após a identificação dos discursos mais mobilizados nas pregações, este tópico volta-se para a análise das relações interdiscursivas mais estabelecidas nos enunciados do *corpus*, onde buscamos compreender de que maneira o discurso religioso se articula com outros posicionamentos discursivos quando trata da ansiedade e da depressão.

O foco desloca-se agora para o exame de como essas vozes se relacionam no interior da enunciação religiosa. Interessa-nos observar como o discurso religioso se aproxima ou se distancia de outros discursos, e quais efeitos de sentido decorrem dessas diferentes formas de interação.

Partimos do pressuposto de que os discursos não se constituem de forma isolada, mas se definem nas relações que mantêm entre si. Como afirma Maingueneau (2008, p. 21), não são discursos previamente constituídos que passam a se relacionar, mas discursos que se constituem de maneira regulada no interior do interdiscurso:

A interpretação forte exige mais, já que coloca o interdiscurso como o espaço de regularidade pertinente, do qual diversos discursos são apenas componentes. Em termos de gênese, isso significa que esses últimos não se constituem independentemente uns dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, mas que eles se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso. Seria a relação interdiscursiva que estruturaria a identidade.

Para o autor (2008, p. 55), ao fazer referência a outro discurso, o enunciador não consegue assumir o ponto de vista desse Outro, mas o interpreta a partir das categorias de sentido que estruturam sua posição enunciativa. Desse modo, ao “dar voz” ao Outro, o discurso o faz por meio de reformulações que permanecem inscritas em seu próprio

“fechamento semântico”, produzindo “simulacros”<sup>46</sup> que não correspondem ao Outro em si, mas a representações construídas a partir de sua posição discursiva.

À luz dessas noções, a análise que se segue considera que os sentidos produzidos nas pregações resultam do modo como o discurso religioso dialoga com outros discursos que ali circulam, apropriando-se de determinados saberes e reconfigurando-os. Examinar essas relações permite compreender as posições que o discurso religioso constrói para si e para os outros discursos no interior desse espaço de atravessamento, bem como os sentidos atribuídos à ansiedade e à depressão.

Portanto, a análise, centrada em aspectos semântico-discursivos e orientada pelo levantamento dos discursos mais mobilizados no tópico anterior, permitiu identificar como se configuram as relações interdiscursivas mais recorrentes no espaço religioso de constituição do *corpus*, de forma a evidenciar aproximações, conflitos e deslocamentos entre diferentes posicionamentos discursivos. Aqui as relações interdiscursivas serão descritas a partir de três movimentos principais: aliança, confronto e neutralidade aparente (Maingueneau, 2008). A aliança ocorre quando o discurso religioso incorpora elementos de outro campo discursivo para reforçar sua argumentação; o confronto se estabelece quando esse discurso contesta, relativiza ou subordina o discurso outro; e a neutralidade aparente ocorre quando o discurso outro é mobilizado de modo aparentemente descritivo, sem marcas explícitas de adesão ou rejeição, embora permaneça reconfigurado pelo fechamento semântico do discurso religioso.

Em alguns momentos, também utilizamos a modalização “aparente” para qualificar relações de aliança ou oposição. Essa escolha, embora não corresponda aos termos propostos por Maingueneau, decorre de suas elaborações sobre interdiscurso, fechamento semântico e simulacro. Como o discurso outro é sempre reinterpretado pelo discurso que o incorpora, certos efeitos de aliança ou oposição podem revelar-se parciais ou subordinados ao posicionamento religioso, como veremos mais adiante.

**PCA1** - E veja bem, esta pregação vai ser bem bíblica. Nós vamos descobrir, amado filho, amada filha, um itinerário bíblico pra lidar com a ansiedade, pra vencer a ansiedade. **Veja bem, ansiedade que é desordem, ansiedade que já se tornou transtorno, não estou falando da ansiedade boa, mas da ansiedade que se tornou *transtormática*.** [02:24-02:46]

**PCD1(a)** – [...] vale aqui ressaltar **aquela distinção que depressão é diferente de tristeza, tá gente?** Tristeza todos nós sentimos em algum momento da vida, né? **A gente corre o risco de patologizar a dor.** Ou seja, daqui uns dias tudo que causa dor vai ser visto como doença. **A depressão é uma doença, mas o luto não é uma doença, tristeza não é uma doença, o**

<sup>46</sup> Em Maingueneau, “simulacro” é a representação que um discurso constrói do Outro a partir de suas próprias categorias de sentido. Isso ocorre porque, na relação interdiscursiva, um discurso não apreende o Outro de forma neutra ou direta; ele o interpreta segundo seu próprio “fechamento semântico”. Assim, o simulacro seria uma “tradução” produzida pela posição discursiva que o interpreta (Maingueneau, 2008, p. 21; p. 100).

sofrer depois de uma separação não é uma doença, não é? Eu vi esses tempos um artigo de alguns psiquiatras norte-americanos condenando o pessoal que organiza a sociedade lá de psiquiatria que organiza o DSM5, que é o manual de Diagnóstico, né, das doenças mentais e psíquicas, que é americana e que acaba regendo essa realidade no mundo inteiro, porque eles estavam criticando justamente essa tendência a tornar tudo que é humano, que faz sofrer, uma doença. E tem muito Lobby por trás, né? As indústrias farmacêuticas querem que você tome remédio até pra dor na sobancelha, né? Por quê? Porque eles vão lucrar com isso, né? Olha, gente, Cachoeira Paulista para quem conhece é uma cidade pequena, nós estamos numa cidade pequena, o que mais abre em Cachoeira Paulista, com todo respeito a quem trabalha com isso, é farmácia. Que mais abre! Mais do que igreja, mais do que boteco, né, Graças a Deus, né, boteco também não ajuda, né, Tem gente que acha que é farmácia também vai lá para curar as dores, mas não resolve também, né, Mas é o que mais... porque... porque... Nós temos que tomar cuidado para não ver como doença tudo aquilo que é expressão humana de dor. [02:51-04:30]

**PCD1(b)** – A depressão é uma doença e tem a ver com muitos fatores, sobretudo genético, né. Eu estava lendo um artigo hoje também que explicava e provava que quase 30% dos casos de depressão têm a ver com fatores genéticos, né, também a ansiedade, e a pessoa vive uma descompensação na química dos neurônios. E precisa de ajuda e precisa às vezes de suplementação, de remédio. Então, respeitemos muito a realidade da depressão, a realidade de quem enfrenta a depressão, precisa de ajuda, precisa ser visto com respeito, com paciência, né. Mas, também, cuidado para gente não tornar tudo que a gente vive depressão, né. Ainda mais depois que depressão tá sendo vista também como um problema de saúde pública, que dá atestado pra pessoa faltar no trabalho, o que tem de gente com depressão... (COM DESDÉM, SARCASMO). O cara come igual um boi velho no domingo, né, bebe igual um bode, fica chapado, acorda de ressaca no outro dia e vai lá no médico pedindo um atestado para depressão pra não trabalhar a semana inteira. Ah, se eu fosse seu patrão, cê ia ver! (hehehehe) A gente tem que tomar cuidado ehh porque infelizmente, né gente? Depressão é uma coisa séria, mas tem gente... tem malandragem em todo lugar, né, infelizmente. Então já coloco esse pressuposto: não vamos patologizar tudo, nem tudo é patologia, o sofrimento é uma realidade humana e diga de passagem: o sofrimento é o pressuposto do amadurecimento. Ninguém amadurece como pessoa, ninguém amadurece como cristão, como padre, se não enfrenta alguns sofrimentos. [04:51-06:30]

Desse modo, como vimos anteriormente no item (b) do tópico 5.2, nas enunciações católicas PCA1, PCD1(a) e PCD1(b), é estabelecida uma relação de aparente aliança com o discurso médico-psicológico, quando o enunciador recorre a categorias como *transtorno*, *doença*, *fatores genéticos* e *química dos neurônios*, bem como com o campo da ciência, quando menciona estudos científicos. Importante esclarecer que, embora o discurso médico-psicológico possa ser compreendido como uma espécie de modalidade do discurso científico, neste trabalho operamos com uma distinção analítica entre ambos, em razão da especificidade da temática abordada e da recorrência de categorias clínicas e psicológicas nos enunciados analisados. Assim, em PCA1, a distinção entre “ansiedade boa” e “ansiedade que se tornou transtorno” aproxima o dizer religioso de classificações clínicas. Já em PCD1(a), a diferenciação entre *tristeza* e *depressão* reforça essa legitimação, ancorada no saber médico-psicológico e articulada, ao mesmo tempo, ao campo científico, ainda que integrada ao discurso religioso.

Entretanto, essa interação também revela conflito em relação ao discurso científico em PCD1(a), quando o enunciador menciona o DSM e critica a patologização da dor. Ao apontar

interesses econômicos da indústria farmacêutica, o discurso religioso relativiza a autoridade científica, produzindo um distanciamento crítico e um efeito de sentido de aparente oposição à racionalidade neoliberal. No entanto, na sequência da mesma pregação, em PCD1(b), o enunciador questiona a idoneidade das pessoas que apresentam atestado médico, sugerindo que esse recurso seria utilizado para evitar o trabalho, afirmando “ah se eu fosse seu patrão, cê ia ver”, o que o recoloca em relação de aliança com a racionalidade neoliberal que anteriormente parecia contestar. Vale observar que esse gesto de desconfiança produz um efeito de sentido de deslegitimação do sofrimento psíquico, especialmente por se tratar de transtornos não imediatamente visíveis. Desse modo, mesmo ao reconhecer a depressão como doença, o enunciador reinscreve o sujeito em uma lógica de suspeição e responsabilização individual, revelando assim adesão a valores voltados à racionalidade neoliberal, como a produtividade.

**PCD2** – Eu já atendi pessoas, até nós encaminhamos *prum* tratamento sério, além da bênção, pessoas que chegavam ao ouvir vozes “se mate, se mate”. É uma tentação, claro que pode ser um distúrbio também, mas há muito de tentação. [07:48-08:07]

**PED2** - O depressivo precisa de proteína, o depressivo precisa de energia, aqui ó terapia medicamentosa, ahn? “Come”. Ele dormiu por prostração, na primeira, agora o anjo deixa ele dormir pra corrigir a exaustão, interessante! A primeira ele dorme porque ele não quer saber, não quer saber da vida, agora não, ele acorda, um dos sintomas da depressão é que o cara perde a fome, ele tava sem comer, come de novo. Aí o anjo vai começar o processo psicoterápico, ele queria morrer, pensou que a vida acabou, o anjo vai dizer pra ele “levanta-te, come, bebe, porque longa será a tua caminhada”, a tua vida não acabou aqui não. Agora a coisa mais sensacional desse texto é o que eu vou dizer agora, Elias, sentado no gabinete terapêutico de Jeová, vou te provar, é lindo a bíblia, olha que coisa linda: versículo 9 “e ali entrou numa caverna e passou ali a noite; e eis que a palavra do Senhor veio a ele e lhe disse ‘que fazes aqui, Elias?’”, e Deus cala a boca, pra ele falar. Isso aqui, rapaz, quem é psicólogo, quem conhece ciências humanas, rapaz, isso aqui é um processo terapêutico incrível: fala! Deus tá fazendo terapia, rapaz, com Elias, fala! [30:58-32:51]

Em PCD2 e PED2, observamos uma relação que oscila entre conflito e neutralidade aparente com o discurso médico-psicológico, com a reinscrição religiosa de saberes desse campo, quando fenômenos clínicos são reinterpretados por categorias próprias do discurso religioso. Em PCD2, o conflito se instaura quando a “escuta de vozes” é apresentada como um possível distúrbio psíquico, mas ainda mais como uma “tentação”. Em PED2, há neutralidade aparente quando o sono restaurador, o tratamento medicamentoso e a alimentação aparecem reconfigurados pela leitura bíblica que compara o cuidado divino a um processo terapêutico. Em PCD2, notamos ainda uma formulação em que o enunciador, em um deslize momentâneo, marcando a heterogeneidade do discurso, relativiza a “bênção” ao colocá-la em oposição a um tratamento “sério”, mas, em seguida, reafirma que “há muito de tentação”. Esse deslocamento é breve e logo reabsorvido pelo discurso religioso. Em ambas as

interações, percebemos um efeito discursivo produzido pela incorporação controlada do discurso outro.

**PEA1** - Pensa em quem foi Paulo, um assassino, mandou matar muita gente, tinha muito sangue derramado e ele tinha as mãos contaminadas de sangue. **Se ele não tivesse se apropriado do perdão de Deus, ele tinha que viver num divã *dum* psicanalista a vida inteira.** Então, talvez **você precise fazer aí uma faxina no seu passado, quebrar alguns grilhões, romper algumas cadeias,** algumas reminiscências amargas, você, que às vezes, foi machucado na sua infância, **foi abusado sexualmente na sua infância,** ou você que sofreu algum *bullying* na escola, e até hoje **você carrega traumas e dores na alma, você precisa deixar o passado no passado pra que o passado não seja uma assombração no seu presente.** [12:36-13:23]

Em PEA1, contudo, estabelece-se uma relação de oposição a esse discurso quando o pregador mobiliza de forma irônica a imagem do “divã *dum* psicanalista”, produzindo um simulacro da escuta psicanalítica como prática interminável e insuficiente diante da eficácia do perdão divino. Embora mencione elementos como abuso, *bullying*, traumas e dores “na alma”, o enunciador desloca sua interpretação para o interior do discurso religioso, ao afirmar a necessidade de “deixar o passado no passado”, “quebrar grilhões” e “romper cadeias”. O efeito de sentido produzido é o de que a elaboração do sofrimento proposta pela psicanálise se torna secundária, até dispensável, se o fiel, assim como Paulo na fala do pregador, se apropriar do perdão de Deus, uma vez que o enfrentamento da dor é deslocado para uma lógica de libertação espiritual.

Seguindo o quadro de captura das relações interdiscursivas, observamos que a racionalidade neoliberal atravessa de modo constitutivo os enunciados analisados. Nos fragmentos que seguem, são estabelecidas primordialmente relações de aliança, ainda que, em alguns momentos, se produzam efeitos de “aparente” oposição ou de neutralidade. Tais efeitos, contudo, não chegam a deslocar essa relação predominante, uma vez que o discurso cristão que forma o *corpus* se constitui histórica e socialmente em uma formação social atravessada pela lógica neoliberal, na qual trabalho, produtividade, dinheiro, consumo, estabilidade financeira, aspirações materiais e responsabilização individual participam da produção de sentidos sobre os sujeitos e sobre seus sofrimentos.

**PCA2(a)** - Então Jesus tá falando: **para de ficar ansioso por causa de comida, de bebida, de viagem, de relógio, de conta,** isso aí tudo vai se resolver, **só que você se destrói antes e depois que tudo se resolve você continua destruído.** A vida é melhor do que tudo que precisamos e **não podemos deixar de viver por causa das coisas materiais.** [03:22-03:48]

**PEA1(a)** - A ansiedade atinge os casais, os casados né, **a pressão da estabilidade financeira, a pressão da garantia no emprego,** o problema do estudo os filhos, hoje **a educação virou indústria, cara, caríssima,** namoro dos filhos, **o medo de perder o emprego já na meia idade,** que vou fazer? [04:55-05:25]

**PEA1(b)** - Nós entramos num mundo de consumismo inveterado, nos endividamos por isso, compramos com breves 10 suaves prestações, que vão vencer, você vai ter que pagar, fica prisioneiro de cartão de crédito, que tem um juro astronômico, depois fica com o garrote no pescoço, sufocado, mas a compulsão da compra, **as placas do comércio tão convidativos, leva você a comprar o que você não precisa, às vezes até com o dinheiro que você não tem,** pra impressionar pessoa que você nem conhece. **Isso gera o quê? Ansiedade.** [11:18-11:55]

Em PCA2(a), PEA1(a) e PEA1(b), observamos a ansiedade ser vinculada a pressões financeiras, consumo excessivo, instabilidade econômica, com o endividamento e o medo do desemprego sendo apontados como geradores de ansiedade. Esses elementos remetem a dinâmicas próprias da racionalidade neoliberal, no qual o valor do indivíduo tende a ser associado à sua situação financeira e à sua capacidade de consumo. Entretanto, o que aparenta ser uma crítica ao consumismo e às pressões econômicas não se configura de fato como uma contestação à estrutura do sistema. O que o discurso religioso faz é sugerir meios para a busca de um equilíbrio frente aos conflitos gerados por esse contexto, sem, contudo, romper com ele. Trata-se de uma crítica que opera mais como uma advertência moral ou espiritual dirigida ao indivíduo, convocando-o a controlar seus impulsos e a repensar suas prioridades, ainda que as “coisas materiais” que os fiéis buscam possam ser itens básicos, como o próprio enunciador de PCA2(a) menciona, ao comentar o texto bíblico: “comida” e “bebida”. Assim, vemos o problema ser deslocado do sistema econômico para a conduta pessoal, produzindo um efeito de responsabilização individual diante das condições financeiras que causam ansiedade, e de normalização dessas condições, o que mostra um alinhamento entre os discursos em questão.

**PEA2** - Sexto, **se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz,** segura essa aí, irmão: aprenda a viver a vida! Paulo diz em Filipenses 4:12 “sei estar abatido e sei ter em abundância; em toda maneira e em todas as coisas eu estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter em abundância como a padecer necessidade”. **Eu sei viver em qualquer nível da vida. Ganhava cinco mil, mas agora tá ganhando milzinho. Então viva com esses mil.** Não fica querendo viver a vida de cinco mil porque não tem mais esse salário. Tá andando com um carro que não pode, sabe? Tá andando com um carro que gasta. **E se duvidar não pode nem mais andar de carro, vai andar de lotada, porque é a condição da sua vida. Você tem que aprender a viver o tempo da sua vida e ser feliz com esse tempo. Porque tem gente que pensa que pra ser feliz tem que ter. Escute o que eu vou te dizer: dinheiro traz conforto, mas não traz felicidade.** [25:35-26:44]

**PCA2(b)** - Você nota que o que faz **a felicidade não é apenas o ter, mas é principalmente o ser. Se você pudesse juntar as duas, aí nós vamos pra galera, né?** Você satisfeito, com uma situação agradável, lugar que você pode passear. Mas não pense que o lugar externo fará com que você melhor internamente. Se você tiver mal por dentro, pode colocar na melhor festa, você não vai achar graça no salgadinho, você não vai achar graça no canudo, você só quer uma coisa: ir embora. Então **Jesus tá falando um pouco disso.** [05:25-06:00]

Em PEA2, notamos novamente um movimento de adesão à racionalidade neoliberal, que é reinscrita no discurso cristão por meio de construções de autoajuda, entendidas aqui como uma de suas formas de circulação. Isso se observa, por exemplo, ao se sugerir um

estado de conformação “ao nível de vida” que se leva e a ser adaptativo caso o rendimento financeiro diminua, bem como ao se apresentar a fórmula de que “dinheiro traz conforto, mas não felicidade”. Nesse mesmo fragmento, observamos ainda que, ancorado na fala de Paulo na passagem bíblica, o enunciador sugere a conformação com a existência de classes sociais, “porque é a condição da sua vida”. De forma semelhante, em PCA2(b), o enunciador católico repete que “a felicidade não é *apenas* o ter, mas é principalmente o ser”. Assim, o discurso religioso se esforça para oferecer sentido e contentamento, mas não questionamento, revelando forte associação à racionalidade neoliberal, como revela o padre ao suavizar: “Se você pudesse juntar as duas, aí nós vamos pra galera” (PCA2(b)).

**PCD1** – Depressão é uma coisa séria, mas tem gente... tem malandragem em todo lugar, né, infelizmente. Então já coloco esse pressuposto: **não vamos patologizar tudo**, nem tudo é patologia, **o sofrimento é uma realidade humana e diga de passagem: o sofrimento é o pressuposto do amadurecimento**. Ninguém amadurece como pessoa, ninguém amadurece como cristão, como padre, se não enfrenta alguns sofrimentos. [06:03-06:30]

**PCA1** - Tá aqui na Canção Nova, só recebendo oração, só bebendo. Você já percebeu? Desde cedo tem gente aqui servindo você, rezando por você, cantando. A Aline, que veio de Santos, que preparou a pregação, que é uma psicóloga clínica de muitos anos de experiência. **Os psicólogos cobram pra dar terapia, tá aqui uma psicóloga de graça dando uma hora de terapia pra você, né?** Ai, e **você ainda vai ter coragem de sair daqui reclamando**, seu cara de pau, né? **Olha só quanta coisinha que a gente não percebe**. Vai pagar uma consulta com psicólogo, tá aqui de graça. [44:48-45:22]

Encontramos esse alinhamento discursivo e mesmo sentido de conformação, de normalização das adversidades, em PCD1, quando o enunciador afirma que “o sofrimento é o pressuposto do amadurecimento”. Em PCA1 isso também ocorre quando o pregador lembra aos presentes que há no evento em que a pregação ocorre “terapia de graça”, entre outros cuidados ali ofertados, e pelos quais ele sugere que as pessoas reconheçam e tenham olhar de gratidão, “Olha só quanta coisinha que a gente não percebe”. Desse modo, mesmo quando atenuado por enunciados que valorizam o “ser” em detrimento do “ter” ou pela convocação à gratidão e ao contentamento, em geral observamos a racionalidade neoliberal operante nas pregações, revelando uma relação predominantemente de aliança, sendo antes reconfigurado e acomodado do que efetivamente colocado em questão.

Observamos que, em ambos os segmentos religiosos, o discurso cristão, principalmente quando recorre a noções ligadas às definições, ao diagnóstico e ao tratamento dos transtornos parece se aproximar de formulações oriundas dos discursos médico-psicológico e científico, em relação que oscila entre aparente aliança e contraste. O conflito é mais contundente quando o enunciado se volta às explicações para tais fenômenos, bem como às orientações sobre o que fazer diante deles, pois, nesse movimento, emergem sentidos de

ordem espiritual que se sobrepõem às interpretações oriundas desses outros campos discursivos. Em outros momentos, como quando ao falar de causas e circunstâncias sociais, elementos associados à racionalidade neoliberal emergem nos enunciados, confirmando a aliança constitutiva do discurso religioso, no corpus analisado, com esse posicionamento. Contudo, todos esses sentidos são reconfigurados no interior da enunciação religiosa, o que ratifica a posição do interdiscurso como anterior ao discurso. Assim, de modo geral, evidencia-se uma relação interdiscursiva marcada por conflitos e deslocamentos, na qual o discurso religioso ora se opõe, ora se alia aos outros discursos, mas que continuamente reafirma sua posição de instância reguladora dos sentidos ali mobilizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a construção discursiva da ansiedade e da depressão em pregações religiosas cristãs católicas e evangélicas, orientada pelo entendimento de que os sentidos se constituem a partir do interdiscurso, isto é, das relações que todo discurso mantém com outros dizeres que o antecedem, o atravessam e o tornam possível. Nessa perspectiva, partiu-se do pressuposto de que o discurso religioso, ao abordar tais sofrimentos psíquicos, não o faz de maneira isolada, mas em constante articulação com outros posicionamentos discursivos, que são reconfigurados e hierarquizados no interior da enunciação, em relações de aliança, confronto e neutralidade aparente.

À luz desse percurso teórico-analítico, e considerando que os resultados foram apresentados e discutidos ao longo do desenvolvimento do capítulo de análise, estas considerações finais voltam-se à sistematização e à interpretação dos principais achados evidenciados nesse caminho. Busca-se aqui, desse modo, articular esses resultados ao objetivo geral e aos objetivos específicos, bem como assinalar as contribuições do estudo e alguns de seus possíveis desdobramentos.

O *corpus* foi constituído de oito pregações cristãs disponibilizadas no YouTube, distribuídas de modo proporcional entre os segmentos católico e evangélico, bem como entre as temáticas da ansiedade e da depressão. Interessou-nos, inicialmente, o texto oral dessas enunciações, o qual foi posteriormente transcrito para melhor apreensão de aspectos semântico-discursivos mobilizados, foco da investigação. Isso possibilitou o exame dos conteúdos temáticos, das cenas da enunciação, dos modos de dizer, das formas de legitimação e das relações interdiscursivas que atravessam, no interior do discurso religião cristão, a construção dos sentidos sobre os transtornos.

Primeiramente, o percurso teórico desenvolvido nos dois capítulos iniciais buscou situar historicamente os discursos que atravessam a significação da ansiedade e da depressão. Discutiu-se que noções como doença mental, normalidade, patologia, diagnóstico e classificação psiquiátrica são construções sócio-históricas atravessadas por disputas de sentido e por mecanismos institucionais de legitimação. Mostrou-se, ainda, que o discurso religioso cristão no contexto brasileiro, longe de constituir um espaço homogêneo, organiza-se segundo condições de produção específicas, ancoradas na noção de discurso constituinte, na centralidade do texto bíblico, na autoridade do enunciador e em regramentos próprios dos posicionamentos católico e evangélico. Esse quadro possibilitou olhar para as pregações

analisadas como um espaço em que saberes médico-psicológicos, científicos, religiosos e econômicos se articulam na constituição de sentidos.

Desse modo, a análise iniciou-se, a partir de noções como cenas da enunciação, *ethos* e gênero discursivo, pela descrição e caracterização do quadro enunciativo dessas pregações. Ali se observou que as enunciações se organizam a partir de um cenário relativamente estável, marcado pela assimetria entre pregador e público, pela predominância do caráter monológico da enunciação, pela centralidade da Bíblia como instância de legitimação do dizer e pelo lugar de autoridade ocupado pelo enunciador religioso. Também se verificou uma organização recorrente, que articula oração ou leitura bíblica inicial, apresentação do tema, desenvolvimento de explicações e orientações ao público, em modos de enunciar que alternam comentários, interpretações bíblicas, exemplos cotidianos e apelos morais e espirituais.

Observou-se, ainda, que, embora católicos e evangélicos compartilhem traços comuns do gênero, as pregações católicas tendem a se inscrever em uma cenografia mais ritualizada e estabilizada institucionalmente, ao passo que as evangélicas apresentam maior variação cenográfica e maior oscilação de vocalização e de expressão na condução da fala. Essas diferenças, entretanto, não comprometem a unidade do gênero, mas evidenciam modos distintos de construir credibilidade, adesão e autoridade no interior do campo cristão.

Em seguida, a investigação voltou-se para a identificação das regularidades discursivas nos modos de abordar a ansiedade e a depressão. A análise permitiu reconhecer um conjunto de formulações, entre as quais se destacaram: a centralidade da fórmula “a Bíblia diz”, que reafirma a Escritura como arquitexto do discurso religioso; o recurso a construções definidoras, como “a ansiedade/depressão é... não é...”, por meio das quais se delimitam fronteiras entre normalidade e patologia; a recorrente associação do sofrimento psíquico a um problema espiritual, que envolve elementos como falta de fé, pecado, culpa ou ação demoníaca; a articulação entre bem-estar emocional e situação financeira, já indicando um estreito atravessamento do discurso religioso pela racionalidade neoliberal; e, por fim, a convocação do sujeito à reação, à mudança de postura e à responsabilização por sua própria superação, também aproximada dessa racionalidade e de enunciações de autoajuda.

Essas recorrências mostraram que, ao falar de ansiedade e depressão, o discurso religioso, para além de explicar e comentar os transtornos, os enquadra em uma lógica interpretativa própria, mobilizando determinadas formas de compreensão e enfrentamento que são atravessadas por questões espirituais. No que se refere às definições construídas nas pregações, observou-se que a depressão tende a ser mais frequentemente estabilizada como

doença, com maior aproximação aos repertórios médico-psicológicos, sobretudo por meio da menção a sintomas, causas, classificações e formas de tratamento. A ansiedade, por sua vez, oscila mais frequentemente entre uma condição própria do sentir humano e um quadro entendido como transtorno, sendo por vezes tratada como preocupação excessiva, medo antecipado ou desordem da mente. Ainda assim, tanto em um caso quanto no outro, essas aproximações aos saberes médico-psicológicos permanecem subordinadas ao enquadramento religioso, o que faz com que os sentidos de doença, sofrimento e cura sejam constantemente reorganizados no interior da enunciação cristã por explicações de ordem espiritual.

A análise da presença do discurso Outro mostrou que as pregações mobilizam com maior recorrência discursos de natureza médico-psicológica, científica e neoliberal. Os dois primeiros se destacam pela frequência com que elementos oriundos da psiquiatria, da psicologia, das ciências da saúde, de dados estatísticos e de instituições socialmente autorizadas são convocados como forma de ampliar a credibilidade do dizer religioso; o último, pelo atravessamento mais constitutivo no posicionamento religioso cristão, como quando as pregações associam o sofrimento psíquico a elementos como dinheiro, consumo, trabalho, produtividade, estabilidade financeira e aspirações materiais.

O Outro, cuja presença é incontestável, apareceu marcado por meio da noção de intertextualidade interna, aqui própria ao campo religioso, revelando a relação polêmica entre os dois segmentos cristãos, enquanto posicionamentos distintos no interior desse campo. Essa intertextualidade interna se realizou, entre os católicos, pela convocação de autoridades e memórias legitimadas no interior de sua tradição, como santos, figuras eclesiásticas e elementos da tradição litúrgica; entre os evangélicos, pela mobilização de nomes ligados à história protestante, assim como de pregadores e escritores evangélicos. Essas circunscrições foram entendidas tanto como reafirmação de um saber interno quanto como recusa ou o apagamento do discurso Outro.

No exame das relações interdiscursivas, verificou-se que essas vozes eram reconfiguradas a partir do fechamento semântico do próprio discurso religioso, em interações que oscilavam entre aparente aliança e oposição aos discursos médico-psicológico e científico, e alinhamento estrutural à racionalidade neoliberal.

Desse modo, em relação aos discursos médico-psicológico e científico, o aparente alinhamento se dava quando o discurso religioso recorria a classificações, sintomas, diagnósticos e saberes especializados para definir ou explicar os transtornos; já o contraste, quando relativizava esses mesmos saberes, criticava a patologização da dor, ironizava certos

tratamentos, levantava a suspeição de diagnósticos e sintomas ou reinscrevia fenômenos clínicos em categorias como pecado, tentação, culpa ou ação demoníaca.

Quanto à racionalidade neoliberal, embora em alguns momentos se notassem efeitos de aparente crítica ao consumismo, à sobrecarga ou às exigências do mercado, o que se observou de modo mais consistente foi um alinhamento constitutivo entre esse posicionamento e o discurso religioso cristão. Tal alinhamento se manifestava na medida em que o sofrimento psíquico, associado às condições materiais de existência, era frequentemente deslocado para um plano de responsabilização individual, de aconselhamento à adaptação subjetiva, de controle dos desejos materiais, de aceitação das classes sociais, e na normalização dessas situações que se revelava na ausência de questionamento ao *status quo* econômico.

No contexto das análises, além da primazia do interdiscurso (Maingueneau, 2008) na constituição dos sentidos, a noção de discurso constituinte (Maingueneau, 2000) mostrou-se bem produtiva para compreender o funcionamento dos enunciados analisados. As pregações se organizavam de modo a reafirmar continuamente a legitimidade do discurso religioso como instância autorizada a interpretar a realidade e a orientar condutas. A autoridade bíblica foi mobilizada desde a abertura da cena enunciativa, sustentou a cenografia de ambos os segmentos religiosos e produziu efeitos de verdade, de prescrição e de autolegitimação. Ainda que outros discursos fossem convocados para explicar, ilustrar ou reforçar determinados argumentos, era o discurso religioso que ocupava a posição central de regulação dos sentidos, reordenando os saberes alheios em função de sua própria lógica interpretativa, em um forte movimento de autolegitimação.

Ao traçarmos algumas comparações entre os segmentos religiosos e entre os transtornos abordados, foi possível observar que os discursos católico e evangélico compartilham uma mesma matriz de autoridade religiosa, mas a operam de modos distintos. Em ambos se fazem presentes formulações instrucionais e moralizadoras, entretanto, nas pregações católicas, predomina, em geral, um tom mais didático, moderado, paternal e pastoral, com maior adesão à cenografia ritual e à linguagem de acolhimento. Nas evangélicas, por sua vez, o dizer tende a assumir contornos mais diretos, enfáticos e normativos, com maior intensidade e oscilação vocálica, maior caráter exortativo e maior apontamento para a responsabilização do fiel.

Quanto aos enunciadores, os católicos apresentam mais traços em comum entre si do que os evangélicos, o que pode estar relacionado à maior vinculação desse segmento a um posicionamento discursivo institucional. Entre os evangélicos, o enunciador da igreja

presbiteriana aproxima-se, em alguns aspectos, dos católicos, sobretudo pelo tom acolhedor e paternal que assume em determinados momentos da enunciação, embora, em geral, se alinhe mais diretamente ao posicionamento discursivo no qual se inscreve. Já o pregador 2 filia-se de forma mais acentuada aos modos de enunciação característicos do neopentecostalismo, assumindo um tom mais inflamado e até mesmo irascível na sustentação de seus dizeres.

Em relação aos transtornos psíquicos abordados, notou-se, como já mencionado aqui, que, em ambos os posicionamentos discursivos, a depressão é diferenciada de estados normais de tristeza e desânimo, sendo mais frequentemente significada como patologia, com maior recorrência de descrições clínicas e classificatórias. Já a ansiedade tende a ser mais aproximada de estados de normalidade, como preocupação e inquietação, além de ser mais relacionada à incredulidade e a outros problemas de origem espiritual.

Nessa perspectiva, os efeitos de sentido produzidos nas pregações analisadas mostram que a ansiedade e a depressão são construídas no discurso religioso cristão como experiências atravessadas por uma rede complexa de saberes, mas reguladas por uma lógica enunciativa em que a fé, a Palavra e a autoridade do pregador permanecem centrais. Ainda que elementos médicos, psicológicos, científicos e sociais sejam mobilizados, eles não anulam a primazia do discurso religioso, que os reinscreve segundo seus próprios critérios de legitimidade, reafirmando sua posição de centralidade no interior do espaço interdiscursivo examinado.

Diante dessas capturas do *corpus*, que revelam o poder moralizante ainda exercido pela igreja nas questões psíquicas, reflete-se brevemente aqui sobre o risco, e até a crueldade, de fazer recair sobre o indivíduo, por meio da fé, a responsabilidade principal, ou mesmo exclusiva, pela superação do sofrimento. A partir da leitura de que a falta de fé ou de uma conduta espiritual ocasiona ou interfere na piora ou melhora desses transtornos, o indivíduo fica sujeito a carregar a responsabilidade tanto pela doença quanto por sua cura. Caso não obtenha êxito nesse enfrentamento, o fracasso incide sobre ele mesmo, apagando fatores complexos como a situação clínica do quadro, os seus condicionantes sociais e a possível necessidade de um acompanhamento especializado.

Como desdobramentos possíveis desta pesquisa, destacam-se, além da ampliação do *corpus* e do aprofundamento dos resultados aqui sistematizados, as diferentes possibilidades de interpretação de um mesmo texto bíblico conforme o posicionamento discursivo do enunciador. Observou-se, nesse sentido, que diferentes pregações recorrem, com frequência, aos mesmos trechos bíblicos para abordar os transtornos mentais, mas atualizam esses conteúdos de modos diversos, em função do posicionamento institucional e do lugar discursivo ocupado pelo enunciador. Essa variação se apresenta como um caminho fecundo

para investigações futuras. A dramatização do discurso por meio da vocalidade, pontuada neste trabalho no quadro enunciativo, também se mostra um campo promissor de aprofundamento, tendo em vista que entonação, ritmo, intensidade, pausas e modulações da voz participam da construção do *ethos* e dos efeitos de sentido nos textos orais.

Por fim, considera-se que esta pesquisa contribui para os estudos discursivos ao evidenciar como discursos religiosos cristãos participam da circulação, legitimação e disputa de sentidos sobre ansiedade e depressão na contemporaneidade, especialmente em um contexto social em que a saúde mental se tornou tema recorrente no espaço público. Ao mostrar que esses sofrimentos são discursivamente reinterpretados em pregações católicas e evangélicas veiculadas no YouTube, por meio de relações interdiscursivas, o estudo reafirma a relevância de analisar os modos pelos quais diferentes campos de saber produzem e regulam sentidos sobre temas socialmente relevantes. Nessa direção, a pesquisa inscreve-se no esforço de fortalecimento dos estudos em Análise do Discurso e de ampliação do diálogo entre linguagem, saúde mental e religião.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, José Antônio Damásio. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiae Studia**, v. 7, n. 2, p. 195–208, abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/MD9ghFbpK9vvrMDCrYNgMgK/?format=html&lang=pt>. Acesso em 16 set. 2025.
- ANDRADE, Claudionor Correia de. **Dicionário Teológico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.
- ASSIS, Machado de. **O alienista**. Adaptação de Lécio Cordeiro. Recife: Editora Prazer de Ler, 2014. 112 p. p. 25-27. (Clássicos da Literatura Brasileira).
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, Paris, n° 26, p. 91-151, 1982. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/drlav\\_0754-9296\\_1982\\_num\\_26\\_1\\_978](https://www.persee.fr/doc/drlav_0754-9296_1982_num_26_1_978). Acesso em 21 out. 2025.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 24–42, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636824. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- BALTAZAR, Danielle Vargas; SILVA, Claudia Osório da. O que a saúde mental tem a ver com religiosidade?. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 75–97, 2014. DOI: 10.5007/cbsm.v6i14.68738. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68738>. Acesso em: 12 set. 2025.
- BENINI, Eduardo Rocha. **Michel Foucault: a trajetória de um pensamento crítico sobre a formação e o governo dos sujeitos**. 2010. 239 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências Sociais, Juiz de Fora, MG. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2627>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- BERRIOS, German E. Classificações em psiquiatria: uma história conceitual. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo), v. 34, n. 3, p. 113–127, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/smtKrhBhYnHX6fBj6zTttgK/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- BETTENCOURT, Alice Enes de Matos. **Discursos sobre saúde mental feminina: sentidos de ansiedade, depressão e estresse na revista Cláudia**. 2016. 147 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, MG. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4792>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Depressão**. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde de A a Z. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [20--]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional da Família. Observatório Nacional da Família. **Boletim Fatos e Números: Saúde Mental**. Brasília, DF: MMFDH, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/5.SADEMENTAL28.12.22.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **CNS promoverá live sobre a saúde mental dos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil**. Conselho Nacional de Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/abril/cns-promovera-live-sobre-a-saude-mental-dos-trabalhadores-e-trabalhadoras-no-brasil>. Acesso em: 14 abr. 2024.

CASTILLO, Ana Regina G. *et al.* Transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 20–23, dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 167-174.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA JÚNIOR, Francisco da; MEDEIROS, Marcelo. Alguns conceitos de loucura entre a psiquiatria e a saúde mental: diálogos entre os opostos. **Psicologia USP**, v. 18, n. 1, p. 57–82, mar. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/SmDWDPKdsktMJJ5nS7tFGh/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. O conceito de formação discursiva. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2014. p. 69-96.

DEL PORTO, José Alberto. Conceito e diagnóstico. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 21, p. 06–11, maio 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dwLyt3cv3ZKmKMLXv74Tbxn/?lang=pt>. Acesso em 26 jan. 2025.

DE TILIO, Rafael. “A querela dos direitos”: loucos, doentes mentais e portadores de transtornos e sofrimentos mentais. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 17, n. 37, p. 195–206, maio 2007.

DIAS, Diego José Gonçalves. **A doutrina do “Sola Scriptura” em uma análise interdiscursiva**. 2021. 148 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/34fffabf-daea-4223-abc3-07b209fc04de>. Acesso em: 17 out. 2025.

DÓRIA, André Luis Prado. **Etiquetas médicas no campo da saúde mental**. 2014. 110 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, Programa de

Pós-graduação em Psicologia, Salvador, BA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18876>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ERICKSON, Millard J. **Dicionário Popular de Teologia**. Tradução Emerson Justino. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2011.

FERNANDES DE OLIVEIRA, Geilson. O discurso midiático sobre a ansiedade em tempos de Covid-19: prescrições, formas e normas. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 171–190, 2021. DOI: 10.14393/HTP-v3n1-2021-59110. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/59110>. Acesso em: 22 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. A constituição histórica da doença mental. In: FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Tradução Lílian Rose Shalders. Rio de Janeiro, RJ: Edições Tempo Brasileiro, 1975. p. 52-60.

FRANCO, Eduardo Assunção. **Discurso religioso e jornalismo**: estudos contrastivos de jornais católico e evangélicos. 2018. 284 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, MG. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AWKH2T>. Acesso em: 3 set. 2025.

FRANÇA, Cíntia Azevedo Pereira de Almeida; BRAZIL, Danielly Maria Marques; ELIAS, Liana Rosa. Análise do discurso religioso sobre a ansiedade. **Estudos de Religião**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 5–21, 2024. DOI: 10.15603/2176-0985/er.v36n2p5-21. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/estudosreligiao/article/view/285/277>. Acesso em: 22 mar. 2024.

HENRIQUES, Halline Iale Barros. **Igreja e serviço de saúde mental**: um estudo das narrativas de evangélicos, usuários de CAPS. 2012. 153 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Recife, PE. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/335>. Acesso em: 15 set. 2025.

IPSOS. **Ipsos Health Service Report 2025** (versão PT). [S.l.]: Ipsos, 2025. Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/publication/documents/2025-10/ipsos-health-service-pt.pdf>. Acesso em: 6 out. 2025.

JARDIM, Sílvia. Depressão e trabalho: ruptura de laço social. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 36, n. 123, p. 84–92, jan. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/wxjGjFV4NSWw4kBTq33JRtF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2025.

LENHARDTK, Gabriela; CALVETTI, Prisca Ücker. Quando a ansiedade vira doença?: Como tratar transtornos ansiosos sob a perspectiva cognitivo-comportamental. **Aletheia**, Canoas, v. 40, n. 1-2, p. 111-122, dez. 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942017000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942017000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 abr. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique, COSSUTTA, Frédéric. L'analyse des discours constitutants. In: **Langages**, 29<sup>e</sup> année, n°117, 1995. Les analyses du discours en France. p. 112-125.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique.; DA COSTA, Tradução Nelson Barros. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 2, n. 1/2, p. 1–12, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>. Acesso em: 21 jan. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_6\\_entrevista\\_maingueneau\\_port.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_maingueneau_port.pdf). Acesso em: 10 nov. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14 n.20, p.13- 37, jan./jun.2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Gênero historicidade de um gênero do discurso: o sermão. Tradução de Sírio Possenti. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, tradução de Adail Sobral *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 99-127

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **As margens do discurso**. Organização de Nelson Barros da Costa, Maria das Dores Mendes e José Wesley Matos. São Paulo: Contexto, 2025. p. 67-83.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Tradução de Daniel Vieira, Marcos Viola Cardoso e Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de José Alexandre de Souza Crippa, Flávia de Lima Osório e José Diogo Ribeiro de Souza. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023. E-book.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. 246 p. p. 107-110.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e interseções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Ano 4, n. 11, 2009. Disponível em: [https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo\\_ADeACD.pdf](https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo_ADeACD.pdf). Acesso em 28 out. 2024.

MURAKAMI, Rose.; CAMPOS, Claudinei José. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 2, p. 361–367, mar. 2012.

OLIVEIRA, Daiane Rodrigues de. **No SPA com Deus: uma análise discursiva da revista Visão Missionária**. 2012. 143 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.400.12733/1617904>. Acesso em: 28 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo**. Organização Pan-Americana de Saúde, março/2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em 03 nov. 2025

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. Organização Pan-Americana da Saúde, junho/2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em 14 abr. 2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Palavra, fé, poder**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: **Anais do 1.º Seminário de Estudos em Análise de Discurso (SEAD)**, 2003, Porto Alegre. Porto Alegre: SEAD/UFRGS, 2003. Disponível em: [https://www.discoursead.com.br/\\_files/ugd/27fcd2\\_45cfbcf9747d49d3928ab7e4670fdb29.pdf](https://www.discoursead.com.br/_files/ugd/27fcd2_45cfbcf9747d49d3928ab7e4670fdb29.pdf). Acesso em: 10 nov. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. São Paulo: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O discurso religioso. In: ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 287-315.

PEARCE, John M. S. The beginnings of humane psychiatry: Pinel and the Tukes. **Hektoen International: A Journal of Medical Humanities**, 2020. Disponível em: <https://hekint.org/2020/06/04/the-beginnings-of-humane-psychiatry-pinel-and-the-tukes/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al]. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 141-186.

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (original 1974). In: GADET, Françoise.; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. **Anais do 5º Encontro do Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, Curitiba, p. 140-148, 2003. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observa%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20Interdiscurso.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observa%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20Interdiscurso.pdf). Acesso em: 10 nov. 2025.

PRADO, Adélia. Artefato nipônico. *In*: PRADO, Adélia. **A faca no peito** [e-book]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 64 p. Leitura via aplicativo Kindle. Acesso em: 10 nov. 2025.

REIMER, Ivoni Richter.; GUERRA, Danilo Dourado.; DE OLIVEIRA, Eliézer Cardoso. O Enigma da Religião: Religião e Sociedade em Marx, Weber, Durkheim e Bourdieu. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 11, n. 32, p. 174-189, 1 set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/43284>. Acesso em: 28 jan. 2024.

RIBEIRO, Alexsandro Teixeira. A ideologia da miséria: categorias para análise do discurso neoliberal junto ao capital comunicacional. **Revista Despierta: Sociedade, Cultura e Contestação Social**, Curitiba, v. 11, n. 16, p. 44-75, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rd/article/view/1565>. Acesso em: 01 jun. 2026.

RODRIGUES, Maria Josefina Sota Fuentes. O diagnóstico de depressão. **Psicologia USP**, v. 11, n. 1, p. 155–187, 2000. DOI: 10.1590/S0103-65642000000100010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/pLGJppkNXcmwHdpQ5T3T5xQ/?lang=pt>. Acesso em 12 fev. 2024.

SALGADO, Tiago Santos. O neoliberalismo enquanto expressão atual do capitalismo. **Pensata**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2025. DOI: 10.34024/pensata.2024.v12.14307. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/14307>. Acesso em: 30 mai. 2026.

SILVA, Aline Gotardelo da. **O campo da saúde mental pós DSM**. 2020. Monografia (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Unidade São Gabriel, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000067/00006732.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SILVA, Edvania Gomes da. **Os (des)encontros da fé**: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica. 2006. 293p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.400.12733/1604210>. Acesso em: 28 out. 2024

SOUSA, Lara Lohanna Barreto de.; FARIAS, Otávia Marques. Discursos científico e religioso na saúde mental: um exercício de análise semântica global em cartilhas sobre o tema. *In*: FARIAS, O. M.; FREITAS, M. L. T. (Orgs.). **Investigações em linguagem**: pesquisas desenvolvidas no PPGLin/Unilab (vol. 1). 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2024. p. 199-218.



## APÊNDICE B - transcrições das pregações católicas

### Transcrição da PCA1

#### Título do vídeo: Use a estratégia certa para vencer a ansiedade

Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém. São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate; sede o nosso refúgio contra as maldades e as ciladas do demônio. Ordena-lhe Deus, instantemente, o pedimos; e vós, príncipe da milícia celeste, pela virtude divina, precipitai no inferno a Satanás e a todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perderem as almas. Senhor, nos conduza nesta pregação com a ação do teu Espírito. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Podemos nos sentar um momentinho, queridos irmãos e irmãs. Quero saber: quem chegou hoje no nosso acampamento e não estava ontem? Levante a mão, por gentileza. Vamos acolher com uma salva de palmas. Deus abençoe! Seja muito bem-vindo, bem-vinda, você que não estava ontem e veio hoje participar. Que bom ter a sua presença aqui. Nós teremos ainda, também à tarde, a missa de encerramento do nosso acampamento. Estou muito feliz de contar com a presença de todos vocês. Veja bem: ontem, na missa, o padre partilhou algumas frases de santos, as testemunhas qualificadas da Igreja que nos ajudam a lidar com a realidade da ansiedade. E hoje foi tão bom ouvir a Aline falando que a ansiedade não é um bicho de sete cabeças; que existe um aspecto positivo que pode nos ajudar. E o padre quer começar com uma frase de São Francisco de Sales que nos ajuda a entender essa realidade. Presta atenção: “Não espere com medo as mudanças da vida; em vez disso, olhe para elas com plena esperança de que, à medida que surgirem, Deus, a quem você pertence, irá guiá-lo com segurança por todas as coisas. E, quando você não aguentar, Deus o carregará em seus braços.” Vamos aplaudir essa verdade que vem a nós, pode ser mais forte, através do doutor da Igreja, São Francisco de Sales. E veja bem, esta pregação vai ser bem bíblica. Nós vamos descobrir, amado filho, amada filha, um itinerário bíblico pra lidar com a ansiedade, pra vencer a ansiedade. Veja bem, ansiedade que é desordem, ansiedade que já se tornou transtorno, não estou falando da ansiedade boa, mas da ansiedade que se tornou transtornática. Então, pega a sua Bíblia, se você não está com a sua Bíblia... ó, ó pra você ó (faz sinal de negativo, polegar pra baixo)! E, se for ver a passagem no celular, veja só a passagem, cara de pau, vai ver a passagem e já tem a tentação de responder aquele “zap” da sua vizinha querendo contar a última fofoca do bairro, resiste à tentação, pelo amor de Deus! Filipenses, capítulo 4, versículos 6 e 7. Filipenses, capítulo 4, versículos 6 e 7. Essa passagem é muito especial. Pra você ter uma noção, essa passagem ela é tão especial pra falar sobre ansiedade que, ontem à noite, quando saímos da adoração, eu mandei uma mensagem pra Aline, que tava pregando aqui. Falei: “Aline, que passagem você vai usar? Porque eu vou pregar depois de você”. Sorte que eu perguntei, porque ela ia pregar sobre essa mesma passagem. Eu falei: “Não, não! Eu vi primeiro”, já tinha preparado. É uma passagem muito boa, muito direta, que nos ajuda a lidar bem com a ansiedade e com seu estímulo. Presta atenção: “Não vos preocupeis com coisa alguma.” Não vos preocupeis com coisa alguma. Essa palavra “preocupeis” é a palavra do grego com o qual a Bíblia, o Novo Testamento, foi escrito, que é “merimnao”, que tá usada aqui como “merimnate”, que poderia ser traduzida também “não andeis ansiosos com coisa alguma”. A Bíblia da CNBB que eu tô lendo escolheu traduzir “não vos preocupeis com coisa alguma”, mas existem outras traduções que trouxeram a seguinte palavra “não andeis ansiosos com coisa alguma”. Diga pra quem tá do seu lado “não se preocupe com coisa alguma”, diga pra essa pessoa “não ande ansioso com coisa alguma”, tá bom, simples assim, é fácil, né? Você diz isso e agora “seus problemas acabaram” (fala com voz de locutor). Já ouviu essa vinheta por aí? “Vem pra igreja que os seus problemas acabaram”, não é assim, né? Ah, se fosse assim, eu ficaria repetindo isso aqui o dia inteiro: “não, não vos preocupeis com coisa alguma”, “não andeis ansiosos com coisa alguma”, é uma ordem de Deus, a palavra está no imperativo. Mas o que vem depois no versículo é o caminho que a própria sagrada escritura nos dá pra que a gente coloque isso aqui em prática. “Não vos preocupeis com coisa alguma, mas”, segunda linha do versículo, “em toda ocasião”, toda ocasião quer dizer toda ocasião, “em toda ocasião, apresentai a Deus vossos pedidos”. Presta atenção em cada palavra, que o padre vai esmiuçar isso aqui, “mas em toda ocasião, apresentai a Deus vossos pedidos em orações, súplicas, acompanhadas de ação de graças”. Veja bem, “não anda ansioso com coisa alguma” é uma ordem, mas como? Aí a Bíblia responde: “antes, mas, apresentai a Deus os vossos pedidos em orações, súplicas e ação de graças” - tríplice dimensão da oração, e o padre vai trazer mais dois aspectos da oração. Santo Tomás de Aquino na Suma Teológica, quando ele tá analisando a oração, ele fala dessas formas variadas de oração, então pra você não tá ansioso por coisa alguma, você precisa apresentar a Deus os seus pedidos, em orações, súplicas, acompanhadas de ações de graça. Então o que que a bíblia tá dizendo? Que a vida de oração, que as dimensões profundas de oração, são um remédio, não é mágica, óbvio, é um comportamento, é uma atitude gradativa, que você vai incorporando na estrutura do seu comportamento, mas elas são, essa oração, é um remédio para administrarmos a ansiedade desequilibrada, para administrarmos agitação e aceleração mental, é um caminho bíblico, o padre vai aprofundar isso aqui. Mas antes disso, eu vou ler o versículo 7 agora, “e a paz de Deus, que supera todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos no Cristo Jesus”. Veja bem, presta atenção que isso aqui é muito importante, eu poderia sintetizar que essa palestra é uma das mais importantes do acampamento, que nós vamos aprender aqui. Porque a palavra tá dizendo “não se

torne ansioso, não se torne preocupado”, mas como? Vivendo, apresentando a Deus os vossos pedidos. O que que isso quer dizer? Você precisa rezar a sua ansiedade, a sua ansiedade não pode te afastar da oração. Mas ela precisa ser um combustível pra você rezar, porque só assim ela vai se acalmar dentro de você e você vai ter equilíbrio. E a triplice dimensão da oração, a oração que eu vou desmembrar em três coisas, súplica e ação de graças, e depois, veja bem a promessa da Bíblia, se você reza com a oração com a súplica e com a ação de graças, você vai receber uma paz, Paulo disse ali “a paz de Deus”, que supera todo o entendimento. Que que é uma paz que supera todo o entendimento? É uma paz que não é ausência de problemas, tá? Não é ausência de conflitos. Não é uma vida tranquila, né? Tem gente que acha que paz é isso, nunca vai ter conta, o marido sempre vai no banheiro acertar a patente, né, e tal... vai ajudar a senhora a lavar a roupa toda né, ajudar não, a casa é dele também, cachorro, faz alguma coisa né, reage, né? Como diz o ditado o casamento é um banquinho apertado, se um ficar muito folgado o outro fica de pé, né? Ajuda a esposa, enfim, ajuda não, assume a sua casa! Mas enfim, não é que seus problemas acabaram, né? A paz que excede todo o entendimento, ela quer dizer o seguinte: aquela paz que você não entende. Por exemplo, vou dar um exemplo, eu como padre às vezes vou muito em hospital, hoje menos, por causa das atividades próprias do ministério, mas quando eu morava na capital paulista, em São Paulo, eu fui o responsável da Canção Nova lá por muito tempo, eu ia muito em hospitais dar unção dos enfermos pras pessoas que estavam morrendo, né, nas UTI's etc. E é interessante, o cara tá na UTI, já sabendo que o negócio tá feio, aí chega um cara de 2 metros, de preto, com uma maletinha assim, né, fala “morri”, né, “morri”. Antigamente chamava de extrema unção, agora já mudou o nome, é unção dos enfermos, porque extremo o cara fala “já era”, né? Um até olhava “você é o padre ou é a morte? Né? De preto. Mas enfim, eu ia dar unção dos enfermos e eu lembro uma vez que eu fui dar unção dos enfermos pra uma senhora consumida pelo câncer, totalmente consumida, e qual, o que que você tem na cabeça quando você vai visitar uma pessoa assim? Agora eu já não tenho tanto que eu já não sou um padre mais tão novinho como eu era, mas você tem na cabeça o quê? Eu vou lá, vou dar força pra aquela pessoa, né? Eu vou falar alguma palavra forte, só que tem pessoas que você vai visitar morrendo, que você vai dar uma palavra e ela te dá uma palavra, você vai dar força e você sai de lá fortalecido, por quê? Porque você vê que a pessoa tá sofrendo, sentindo dor, ela vai morrer, mas ela tem uma paz que supera o entendimento, ou seja, não consigo entender como uma mulher daquela pode ter paz, morrendo de câncer. E às vezes, eu vou lá falar pra ela alguma palavra boa e ela me diz, e eu saio de lá confortado, quantas vezes! Que eu vou visitar uma pessoa que tá morrendo, achando que, a gente chega lá né, “eu vim aqui dar uma palavra”, aí na hora que a pessoa fala, você sai de lá você sai assim (faz gesto de pessoa cabisbaixa) mucho... né? Você fala “Deus, desculpa minha prepotência, eu não vim aqui pra ensinar, eu vim aqui pra aprender”, e essas pessoas nos ensinam muito. Mas o que que é isso? É uma paz que excede o entendimento, você não entende. Como que uma pessoa pode ter paz no meio de um transtorno do pânico, sofrendo o transtorno do pânico? A pessoa pode, a Bíblia tá dizendo. Porque paz não é ausência do problema, é algo que vem de Deus, é um dom de Deus, que vem de dentro pra fora, que você adquire se você seguir os passos da oração, que eu vou falar já, já, que eu já vou explicar. Então, a paz que excede o entendimento, você olha e você não entende, ela excede o seu entendimento. Como uma pessoa em depressão pode ter paz? Como uma pessoa que perdeu alguém pode ter paz? Como uma pessoa feia, ow não... aliás... como uma pessoa que tá enfrentando dificuldades pode ter paz? Só pra acordar quem tá dormindo, né (justificando a brincadeira do “pessoa feia”). Você sabe que todo, todo pregador tem que ficar fazendo umas piadas, senão tem gente que... se você quiser dormir, disfarça tá? Porque tem gente que dorme assim ó (imita alguém dormindo de boca aberta). Se dormir assim, eu vou jogar o microfone, que eu já tô vendo algumas pessoas assim, né. Se tiver alguém do seu lado dormindo, você fala assim “irmão, dá uma disfarçadinha, né, faz de conta, faz uma cara de que tá meditando, né, pelo menos disfarça”. Então, voltando ao assunto, quando eu fizer uma piadinha você pode saber que eu tô olhando pra alguém que tá ali meio duvidoso no sono, né. Mas, enfim, voltando ao assunto, uma paz que excede o entendimento, a Bíblia tá prometendo, é possível você ter, é possível, e depois o que que a última parte do segundo Versículo 7 diz: se você tiver essa paz que excede todo o entendimento, ela vai guardar, veja bem, os seus pensamentos e os seus sentimentos em Cristo Jesus, você vai ser blindado no pensar e no sentir. E onde que a ansiedade mais nos ataca, gente? É ou não é no pensamento, na mente, no sentimento, na bagunça emocional, na aceleração, na taquicardia e tantos outros sintomas. Então, a palavra tá nos dando um caminho que a gente precisa aprender a seguir. Então, vou esmiuçar esse versículo “não andeis ansiosos com coisa alguma”. Como eu disse a palavra é a palavra do grego “merimnao” ou “merimnate”, que poderia ser traduzida da seguinte forma: ansioso ou ansiedade, essa palavra, poderia ser traduzido uma coisa que é puxada para várias direções diferentes ao mesmo tempo, uma coisa que é dividida e feita em pedaços porque tá sendo puxada para direções opostas, é uma coisa que tá sendo atraída pra direções diferentes. E é isso que a ansiedade faz com a gente, porque quando você tá ansioso demais, a sua cabeça vai prum lado e sua emoção vai pra outro, né. Você tem um filho de 6 meses e tá preocupado se ele vai passar no vestibular, né, tem gente que é assim né, “ah, eu tô com medo, padre, esse mundo com tanta droga, tanta coisa, rezando pelos meus filhos, tô perdendo sono”, “quantos anos tem seu filho?”, “ai, 9 meses”... vem cá deixa eu dar uma benção em você, vem aqui uma benção com a mão fechada bem no meio da sua testa, né? Mas é assim ansiedade ela faz você perder a racionalidade né, ela te arrasta pra muitos lugares e aí quando a gente tá muito ansioso você dorme na hora que tem que acordar, acorda

na hora que tem que dormir, né, no meio da noite perde o sono, durante o dia quer dormir, é uma confusão, é um sofrimento, a gente é dividido pra todos os lados né. Mas a palavra tá dizendo, olha só, vou voltar aqui, “não andei ansiosos por coisa alguma, mas apresentai a Deus os vossos pedidos em orações”. Eu vou partilhar primeiro a primeira dimensão que é a oração. Quando São Paulo tá falando aqui, pera aí gente, quando São Paulo tá falando aqui que você tem que apresentar os seus pedidos a Deus em oração pra você não ser ansioso, ele tá dizendo o seguinte, existem três dimensões, a oração ela pode ser dividida em vários aspectos, presta atenção, várias partes, mas existem três partes da oração que eu quero apresentar aqui. Porque, como eu disse, Santo Tomás apresenta na Suma Teológica, e tá no catecismo da Igreja Católica, as dimensões da oração, como que a oração pode ser feita. Aqui Paulo apresentou três: oração, súplica e ação de graças. Eu vou falar dessas três só que na primeira categoria que é a oração, eu vou desmembrar essa primeira categoria em três partes, dimensões da oração. Primeira dimensão: oração dentro da oração, está presente a adoração. O que que é adoração, quem aqui que sabe dizer? Levanta a mão! Nossa, quanta gente, meu trabalho vai ser mais difícil do que eu achava aqui, viu Cris? Que que é adoração gente? Infelizmente a gente usa esse, esse, esse termo erradamente, né. Tem gente que fala assim “eu adoro o Corinthians”, por exemplo, o eu acho que é muito errado, né, uma coisa muito ruim, mas enfim, tem gente que fala. Tem gente que fala assim, aí lá em Minas, eles não falam “adoro” como é que fala “tô garrado nocê”, um dia uma pessoa me falou, né, falei “garrada em mim?”, depois eu fui entender que ela tava assistindo a televisão na Canção Nova, lá na minha terra não usava esse termo “garrada”, Minas usa, né, “garrado, adoro, tô adorando isso aqui”, a gente usa mas a gente usa mal esse termo, por quê? Porque o que que é adorar, gente? Vem da palavra “dulia”, né, adorar é você reconhecer a divindade naquilo que ela é. Então o que que é adorar a Deus? É reconhecer quem ele é. E quem Deus é? São Paulo tá falando “faça oração”, primeira dimensão da oração, adoração. Quem Deus é? Aí precisa ter um bom conhecimento de Deus, até um pouco, uma noção de teologia ajuda. Quem Deus é? Ele é o criador de tudo, ele não só criou, ele sustenta tudo que existe, ele é onipresente, onipotente e onisciente. Que que isso quer dizer? Onipotente, ele tem poder pra tudo. Onipresente, ele está em todos os lugares, né, ele está com você e tá lá com aquele gordo do seu marido que ficou em casa, não quis vir rezar, fala pra ele que eu tô esperando ele na próxima vez, cachorro. Ele está em todos os lugares, onipresente. Mas ele é onisciente, ele sabe tudo, ele sabe o que você vai fazer antes de você fazer, ele sabe tem o conhecimento eterno de tudo. Então se eu vivo a oração como adoração, eu reconheço quem Deus é. E quando você reconhece a soberania de Deus, isso ajuda o seu coração e a sua mente a descansar naquele que tudo pode. Eu descanso em Deus porque eu reconheço quem ele é, porque se Deus diz, se Deus é quem ele diz ser na Bíblia, não tem motivo pra eu me inquietar, porque eu posso descansar nele. Por exemplo, a gente costuma olhar o nosso futuro com muito medo, né? Esses dias eu vi uma pesquisa que provava quais são os três maiores medos do brasileiro, né, e eu não lembro o terceiro muito bem, mas entre os dois primeiros eram assim, principal medo do brasileiro, primeiro é perder o que se tem, né, perder o que a gente tem; e o segundo medo é não conquistar o que a gente quer, né. Por exemplo, você que tem medo, quem aqui tem medo de perder o que tem? Levanta a mão. Pode baixar. Vou te dar uma notícia maravilhosa pra te encher de esperança: você vai perder muita coisa que você tem. “Ai, padre, como você fala uma coisa dessa?”. Não, filho, tudo nessa vida tem prazo de validade, tudo. Por quê? Porque nós não somos desse, desse, desse (APONTA PARA BAIXO) mundo, nós somos cidadãos da eternidade (APONTA PARA CIMA), nós estamos aqui de passagem. Então, você quer agarrar as coisas que existem causa ansiedade. “Não, isso aqui é meu”, não é seu. Por exemplo, quem aqui tem filho, levanta a mão! O filho, antes de ser teu, é de Deus, sabia? Porque foi Deus que deu, né. Tem gente que tem filho bonito, né, fala “olha que filho bonito”, o cara se sente todo assim “né, padre, caprichei na hora de fazer né, uh”, né, “ai padre você nem imagina”, não precisa contar, guarda, guarda, guarda, agora. Besta, porque ele pode caprichar, se Deus não colocar a mão, meu filho, não tem vida, se Deus não soprar o sopro da vida naquela criança, não tem alma, não tem vida, não é? É Deus quem dá a vida, é ele que faz a o milagre da vida acontecer. E quantos casais que eu conheço, e você talvez conheça, que estão fazendo bem feito o que precisa ser feito e, e a criança não vem. Quantos que não conseguiram engravidar, por quê? Porque é um mistério. Os filhos são de Deus, ele que dá, sabe. O seu marido não é seu, vou falar disso na missa, “ai padre, então vou dividir com a vizinha?”, não, não, não, calma, calma, não é isso, não é isso que eu tô falando, calma, calma, calma, os maridos já estão rindo, espera que o seu tá guardando, viu, cara de pau, na missa eu vou acabar com você e com sua raça, né. Mas o marido, antes de ser teu, ele é de Deus. A família, antes de ser tua, é de Deus. Então você tá perdendo a medida que você vive, por quê? Porque nós vivemos num mundo no qual a impermanência é a regra. Por exemplo, quando eu vejo uma juvenzinha, né, muito bonita, você vê que tem umas juvenzinhas bonitas assim, elas chegam assim, faz assim o cabelo e vão andando assim, né, né, fazendo aquela selfie, eu só olho pra ela e falo “aproveita, minha filha, aproveita, daqui 20 anos a gente conversa, tudo que tá apontando pra cima vai apontar pro solo”, né, é inevitável né. E a jovem às vezes fica orgulho, ou orgulhoso, ou o jovem, achando que é dele, né, “eu sou bonito”, você não é bonito, você está bonito, a beleza não é sua, filho, vai embora, e se não for, tem algum problema né. Até quem você conhece com 80 anos que tá assim ó, é tanta plástica que a pessoa parou no modo sorriso, né. A pessoa um dia com depressão veio pra eu atender e ficava assim (faz cara plastificada), falei “essa tá com depressão, mas tá rindo”, aí a filha dela falou “não, padre, é botox tudo aqui”, travou no modo sorriso, né, acontece. Mas mesmo a pessoa assim, ela não tem como, por mais que ela faça plástica, ela não vai

parecer como quando ela tinha 20 anos, não tem como. Porque viver é perder. E louco, segundo a Bíblia, é aquele que vive se agarrando ao vento, aquilo que passa. A vida é um constante perder. Mas o que que não passa? Deus. Então a gente vive uma superação da ansiedade quando a gente começa a viver um processo de conversão, e entender que nós estamos nesse mundo, mas esse mundo não é a finalidade da nossa vida, eu vou falar disso, nisso, na homilia hoje à tarde. Aqui é uma passagem, não é o fim, é a passagem, você tá de passagem. Então quando a gente começa a se converter, o que que é se converter? É entender: Deus precisa ser o centro, evangelho de hoje, amar a Deus sobre todas as coisas. Deus é o meu centro. Eu amo a minha esposa, o meu filho, por causa de Deus e em Deus. Ele é o centro, eu reconheço quem ele é, o criador de tudo e o que sustenta tudo. Então isso vai libertando meu coração da ansiedade excessiva. Você pode dizer “padre, mas eu tô com transtorno, padre eu vim aqui pro Senhor me dar uma fórmula mágica, pra eu sair daqui bem”. Filho, escuta o que eu tô te falando, quando a gente tá na ansiedade, é difícil a gente processar as informações porque a gente quer tudo rápido, quer solução mágica, mas o que leva a gente a um transtorno de ansiedade são pequenas coisas, pequenas compreensões equivocadas, pequenos comportamentos errados, que vão se juntando. Por exemplo, uma pessoa que morre de um infarto do miocárdio, ela não morreu daquele infarto porque ela comeu hambúrguer no sábado, mas é porque ela vem comendo aquele queijo amarelo, que é só gordura, a vida inteira. Imagina aquilo por 30 anos na veia do coração. Não é o hambúrguer do sábado não, é o hambúrguer dos 30 anos, e a gordura né, excessiva. Que nem meu pai, tava com problema esse tempo atrás do coração, fomos almoçar nas minhas férias e ele pedindo cupim, pedindo costela, cheia de gordura, falei “pai, o médico não falou pra você parar”, ele falou “não, não, o médico falou pra eu comer carne branca, que cor que é essa gordura?”, falei “pai, pois você morre não reclama, hein”, “não, se eu morrer eu não, não vou falar nada”, eu falei “claro que não vai né, morto não fala”. Meu pai é uma figura, gente, mas enfim, são pequenos comportamentos. Então esses pensamentos equivocados estão na raiz muitas vezes da ansiedade, que nos descentra. “Ai meu Deus, e se eu ficar feia daqui uns 10 anos? Você vai ficar feia, fia, vai, se reconcilia. Claro, você vai melhorando né, o cabelo, passa os pó de arroz aí no rosto, mas você não vai ficar como quando você tinha 20 anos, você tá perdendo a beleza porque a beleza não é sua. Você tá perdendo o seu filho, esses dias uma pessoa falou assim “ai, padre tô criando o meu filho”, o menino tinha 4 anos, “e quando ele sair de casa...”, eu falei “primeiro lugar, minha filha, teu filho tem 4 anos; segundo lugar, vocês têm que se considerar uma péssima mãe se as suas, seus filhos ficar a vida inteira debaixo da sua saia, uma péssima mãe, porque bom mãe e bom pai é aquele que sabe criar os filhos pra voar e não para ficar dependente da ração a vida inteira, sabe, da raçãozinha, né. Então “ai meu Deus, meu filho vai embora”, vai mesmo, que bom pra você minha filha, você vai ter sossego na sua vida pelo menos uma vez na sua cabeça. Não vai ter muito não, gente, que olha, também precisa ser sincero, né, a gente que é padre acompanha muitas famílias, claro que o filho adulto não vai dar o trabalho do adolescente, mas filho é pra sempre, vira e mexe ele vai ligar pra senhora “ô, mãe, não tô bem, tô precisando de uma ajuda (faz gesto de dinheiro), mãe”. Então, é assim, mas enfim, deixa voar, você vai perder, é impermanência, você vai perder. Louco é aquele que confia no que tem, no que sabe, sabe. Então, a primeira dimensão da oração: adorar, entender que Deus é o Senhor, que ele é o primeiro, e que eu preciso confiar. Segunda dimensão da oração, tô partilhando só a oração primeiro, que São Paulo falou ali, vou desmembrar em três partes, eu falei. Segunda dimensão: a contemplação, contemplação. E o que que é contemplação? Veja bem: tem uma passagem do Evangelho que Jesus falou especificamente sobre a ansiedade. Jesus falou sobre isso, ansiedade, no Evangelho de Mateus, capítulo 6, no qual disse: “Não vos preocupeis com o que deveis comer, não vos preocupeis com o que vocês vão vestir. Não vos preocupeis com o dia de amanhã; viva um dia de cada vez.” Só que, quando Jesus foi falando isso, Ele nos deu um exemplo fantástico. O que Jesus falou nessa passagem? Quem aqui lembra? Olha, levanta a mão! O que Ele falou? “Coma um churrasco”? Que mais? “Fique na rede social”? Ele disse: “Olhai os pássaros do céu; olhai os lírios do campo.” Jesus está falando: “contemple”. Olhar também tem a ver com a atividade contemplativa. Contemple a natureza, contemple a criação, porque, contemplando, você se liberta dessa aceleração mental. É provado cientificamente o quanto o contato com a natureza faz bem pra a gente se libertar da ansiedade, o contemplar... Por exemplo, não parece, pra você que está aqui e talvez que não conhece a região, mas nós moramos numa região maravilhosa. Estamos a menos de 200 km da praia, entre duas serras, estamos na metade do caminho entre Rio e São Paulo. Temos rios maravilhosos aqui, né? É uma região muito boa. E de manhã, sempre você escuta, quando se presta atenção, os passarinhos cantando, à tarde né, é tão bonito! Agora, se você perceber, vai ter passarinhos cantando. Presta atenção quando você consegue sintonizar sua cabeça no canto dos passarinhos... Às vezes é um esforço, porque a gente tá tão ansioso que a nossa cabeça tá em quinze lugares ao mesmo tempo, né? Mas isso é parte da meditação. Se você foca, no mindfulness, por exemplo, se você foca na natureza, se você contempla, isso vai te libertando. E Jesus disse isso por quê? Porque ele tava querendo que nós entendêssemos que existe uma lógica perfeita organizando e cuidando de tudo, uma lógica perfeita! Quando você olha pra criação, gente, por exemplo, existia um lugar, nos Estados Unidos, que o povo quis matar um tipo de sapo que tinha lá e que tava incomodando. Parecia sapo na patente, sapo em tudo quanto é lado. Aí mataram os sapos. O que que aconteceu? Teve uma epidemia enorme de gafanhotos que comeu toda a plantação. Por quê? Porque, se o sapo tá lá, tem um propósito: ele come aquele gafanhoto. Se o gafanhoto tá lá, tem um propósito. A cobra tem um propósito. O rato tem um propósito. Tudo que Deus criou é

perfeito. E, se você contempla a criação, isso vai te dando a confiança no cuidado de Deus. Porque Deus cuida do pássaro. Deus cuida do rato. Sabe um animal que eu acho fantástico? A formiga. Se eu tivesse um filho e fosse pai, eu ia colocar o nome do meu filho de Formiga. Brincadeira, brincadeira! Tem gente que tá pensando aí: “Padre, não é sua vocação...” Que bom! Coitado das crianças... Brincadeira! Mas sabe por que eu gosto da formiga, gente? A formiga é um animalzinho, tem grandes e tem menores, mas, independente do tamanho, aquelas pequeninhas, é um animal inteligentíssimo! Você sabia que a formiga é o único animal, um dos pouquíssimos animais, depois do ser humano, que é um mamífero, o ser humano é um mamífero e não a formiga, que produz herbicida? Elas produzem os próprios herbicidas delas. Elas têm medidas sanitárias, quando alguém fica doente, elas tiram da... como é que chama? Não é comeia... do formigueiro, desculpa, pra pessoa morrer fora do formigueiro e não passar as doenças. Elas trabalham com sentido. Elas trabalham a vida inteira sabendo que não vão desfrutar, que vão morrer, mas a próxima geração, dos filhos, dos netos, vão desfrutar. Formiga é inteligentíssima. Se você for estudar as formigas, os tipos de formigas que tem, né... Eu sou apaixonado por formiga. Vou fazer um (incompreensível) com desenho de uma formiga na próxima pregação, porque é um bicho muito inteligente. Mas quem que criou a formiga? Quem que? Você já viu formiga fazendo faculdade pra fazer herbicida? A criação contempla. Existe uma sabedoria cuidando de tudo e cuidando de você, da sua vida, da sua família. Quer ver outra coisa fantástica, gente? O corpo humano. Se você for analisar o seu corpo... Infelizmente, o nosso relacionamento com o corpo, atualmente, tá muito raso. As pessoas se relacionam com o corpo só na dimensão da impureza, da sexualidade, como se não tivesse nada mais. Mas um dia, quando você tiver a oportunidade, saindo do banho, né, dá uma olhada pra você mesmo e louva a Deus. Claro, louva a Deus por cada parte do seu corpo. Porque o seu dedo do pé é importantíssimo. Só quando a gente perde que a gente vai ver, né? O sistema límbico, o sistema linfático, o sistema endócrino... é tudo perfeito, gente, dentro da gente! O seu intestino, todas as tripas que tem aí dentro... se desenrolar, você chega quase no Japão. Você sabia disso? Como é que cabe tudo isso dentro da gente? É a sabedoria de Deus cuidando de cada coisa. A sua mente funciona. O seu intestino... o intestino é maravilhoso, gente. Não existe uma máquina capaz de fazer o que o intestino faz. Às vezes a gente judia dele, né? Come sem mastigar direito, né? Você, aqui, que é ansioso, come... eu sei que todo ansioso come muito lentamente, sei! Tem uns que comem até o dedo junto, né? Mas quer ver que coisa mais linda o seu corpo, então contemple. Olha, olha o que Deus fez. Por que que você tá agitado com o amanhã, se Deus tá cuidando do passarinho que tá lá na sua casa? Se Deus tá cuidando, gente, de cada coisa que existe, ele não vai cuidar de você, que é a obra-prima da criação? O ser humano é o único ser que foi criado à imagem e semelhança de Deus. Obra-prima da criação que vale cada gota do sangue de Jesus. Você é precioso, preciosa. Então, olhai! E a terceira dimensão da oração é a meditação. E aí, a importância do Rosário, do terço, que é uma arma poderosíssima contra ansiedade, mas é o terço meditado. Você percebeu que em cada mistério do terço a gente fala: hoje, glorioso domingo, primeiro mistério glorioso, contemplamos a ressurreição de Jesus. Então, quando você tá rezando aquele mistério, você tem que estar contemplando, imaginando, focar sua mente, sua atenção: Jesus ressuscitou. Imagina ele aparecendo pros apóstolos, com aquela chaga na mão, e dizendo para Tomé “coloca aqui a tua mão, teu dedo na minha chaga”. Você tem que entrar naquela passagem, você tem que meditar. É o princípio do mindfulness, que foi declarado pela Universidade de Harvard como um dos padrões ouro no tratamento da ansiedade, que é o focar a atenção num ponto, né? Sabe, você tem isso, a Igreja faz isso desde o início, os monges do deserto, a tradição, sabe, cenobita da Igreja, os Carmelitas, as escolas contemplativas, o cristianismo faz isso desde o início. E hoje o povo tá apresentando isso como se fosse uma coisa nova, meditar, sabe? Então, nós temos essas três dimensões dentro da oração. Mas depois São Paulo fala: súplica. Que que é súplica, gente? É o que Jesus viveu no Getsêmani. No Getsêmani, Jesus estava no auge da sua ansiedade, tanto que ele suou sangue. Imagina, o ser humano suar sangue, como essa pessoa tem que tá ansiosa, agitada, arrastada para todos os lados. Mas o que que ele fez na ansiedade? Ele ficou reclamando, chorando? Não! Ele transformou sua ansiedade em oração. Ele rezou, ele se ajoelhou, colocou o rosto no chão, disse: “Pai, se possível afasta de mim esse cálice, mas se não for possível, faça-se à tua vontade”. Ele tava rezando, ele tava falando com Deus. Então, súplica, abrir o coração. Quando você tiver num transtorno, quando você tiver ansioso, reza! Transforma a sua ansiedade em oração, que a sua ansiedade não te tire de Deus, mas que a sua ansiedade seja um combustível te levando pra Deus, te levando pra rezar. Súplica. E a outra dimensão, como eu falei: primeira oração, súplica e ação de graças. A oração eu dividi em três partes, que é a adoração, a contemplação e a meditação. Agora falei da súplica e vou falar, por fim, da ação de graças. O que que é ação de graças? Que que é? Defina com uma palavra. Uma palavra que pode ser usada pra descrever ação de graças é a palavra louvor. Ação de graças, a palavra “ação de graças” foi escrita assim aqui, com a palavra eucaristós, que quer dizer o quê? Eucaristia? A palavra do grego, de onde vem a palavra “Eucaristia”, é a palavra eucaristós ou eucaristeio, também pode ser conjugado assim, naquele versículo que é eucaristia. O que que é a Eucaristia? É uma ação de graças a Deus. E o que que é ação de graças? É você, na adoração, a gente reconhece quem Deus é; na ação de graças, a gente reconhece o que Deus faz, o que Ele faz. Então, reconhecendo o que Deus faz, eu entoo o louvor a Deus, eu louvo a Deus. Você tá entendendo? Então, pra você vencer a ansiedade e ter essa paz que São Paulo falou ali no versículo, que guarda a sua mente, o seu coração, o seu entendimento em Cristo, você precisa ser uma pessoa de louvor. Porque, veja bem, a pessoa com ansiedade, a pessoa com depressão, ela tem a tendência a

ser muito negativa. Tem pessoas que reclamam muito, infelizmente, e louvam pouco. Só que, quanto mais você reclama e foca a sua mente no que é negativo, mais você fortalece o ciclo da ansiedade dentro de você, mais você fortalece o que é tóxico na sua mente, nas suas emoções. Então, ação de graças é louvor: é olhar pra Deus e reconhecer o que Ele faz, reconhecer os benefícios de Deus. Porque, veja bem, quem aqui tem problema? Levanta a mão. Quem aqui tem bastante? Levanta as duas! Pode levantar o pé também. Mas eu digo pra você, pensa agora nesse ano de 2023 até aqui, pensa agora nas coisas difíceis que você enfrentou até aqui, tua sogra que não para de falar, né? Pensa mais... você queria planejar uma pass... uma viagem pra Paris e foi aqui pra Aparecida do lado, né? Dinheiro não deu pra ir pra Paris, né? Pensa: teve dificuldade, sim ou não? Não? Não tá tão forte esse “sim”, então acho que não teve muita... Então agora eu vou te fazer uma pergunta: de 2023, em 2023, de janeiro até agora, vou te dar alguns segundos, pensa nas coisas positivas e bonitas que aconteceram na sua vida nesse ano, pensa agora, três coisas positivas e bonitas pelas quais você quer louvar a Deus hoje. Pensa aí! Eu tenho certeza que elas aconteceram. Eu tenho certeza que elas estão aí. Tô pensando nas minhas. Mas pensa em coisa consistente, não é assim: “Ai, padre, emagreci, agora tô entrando na calça novamente.” Não... uma coisa mais profunda, assim, né? Isso é bom também, claro, né. Pensa aí, já tô com as minhas três aqui. Você teve coisas difíceis na sua vida até aqui, nesse ano. Mas você também teve coisas boas e muito boas. Só que o que que acontece? A ansiedade e a depressão, elas tendem a roubar a nossa percepção de quem Deus é e do que Deus faz. Elas tendem a roubar a nossa capacidade de louvar, de agradecer. Porque o louvor, a ação de graças, ele é um remédio extremamente eficaz contra ansiedade desequilibrada. E é um remédio, eu escrevi isso aqui no livro que dá tema a esse acampamento, que é o livro A Libertação da Mente Ansiosa, que é o tema desse acampamento, eu dediquei um capítulo inteiro falando sobre o louvor. Porque, veja bem, e existe prova científica hoje disso. Eu vou falar isso um pouco na missa: quando você está louvando, o que que você tá fazendo? Você está tirando, veja bem, tirando os seus olhos do que é negativo; você tá tirando os seus olhos do que é ruim e você tá focando naquilo que é bom, naquilo que Deus tá fazendo. Porque você pode olhar pro que é ruim, né? E eu digo pra você: o mal chama atenção. As notícias que mais vendem, é provado cientificamente, são aquelas que estão associadas ao medo e à desgraça. Você abre o seu YouTube, o que que aparece lá? Guerra não sei aonde, mataram a pastora, mataram não sei quem, não teve a pastora que mataram lá em Salvador, né? Isso, isso é só desgraça. Você já viu alguma notícia lá, no site que você acompanha, no topo das notícias: “Seu Joaquim da Rua 15 foi curado do câncer”? Já viu? Não? Não tem. Por quê? Porque o ser humano impacta mais o nosso cérebro no que é negativo, e a gente tende a ficar preso nisso e a hipervalorizar. Como eu dizia na missa ontem, o córtex orbitofrontal, que é o que tá procurando perigo, né, dentro do nosso sistema do córtex geral frontal, ele fica hiperativado e ele fica menosprezando nossa capacidade de lidar com os problemas. “Aquele é grande demais... Nossa, eu tô sofrendo muito...” Só que isso é contraproducente. Isso nos faz andar pra trás do ponto de vista espiritual e psicológico. Você conhece alguma pessoa vitimista? Aquela pessoa que é vitimista... Nossa, gente, é a pessoa pior de você conviver e é a pessoa que mais mal faz pra si mesma. Ela nunca cresce, nunca amadurece, nunca conquista nada na vida, só anda pra trás, porque ela tá sempre com dó dela mesma, né? Tem pessoas que vêm conversar com a gente e já chegam assim (suspira forte e longamente) “Ai Deus”, eu falo, “Senhor, me dá paciência, que se você me der força eu mato... mato não, eu faço uma massagem no pescoço assim”, né? Dá vontade de perguntar pra pessoa: “ô minha filha, você tá vindo da Síria? O que que aconteceu? Você tava lá naquele hospital explodido em Gaza?”, “Não, padre, minha unha encravou”, “vá tomar banho...”. A gente hipervaloriza o negativo, o louvor nos liberta disso. Eu não tô menosprezando seu sofrimento, não, eu respeito seu sofrimento, suas lutas de anos, talvez sua luta contra a depressão, contra a ansiedade. Só que você precisa aprender a tirar os olhos disso, porque não é só isso que tá acontecendo na sua vida. Não veja a sua ansiedade, a sua depressão, com lente de aumento. Não veja os seus problemas com lente de aumento, porque não é só isso! Tem muita coisa boa acontecendo. Deus não deixou de trabalhar porque você tem depressão. Diga-se de passagem: Deus trabalha mais ainda nesse momento de depressão e ansiedade do que em outros momentos, porque é aí que a gente mais precisa. Deus, ele, quando você nasceu, ele já separou você e disse: como que é o seu nome? Fala aí pro padre. Ele chamou o teu nome e falou assim: minha filha, meu filho, eu te amo muito e eu tenho essa missão pra você, eu te criei pra esse propósito, pra você brilhar nessa situação, pra você ser minha luz nessa situação, nessa missão de vida, nessa profissão, nessa vocação, sabe? Então você precisa reconhecer o que Deus tá fazendo, porque o que Deus tá fazendo é maior do que o que o diabo tá fazendo, porque o que Deus tá fazendo é maior do que aquilo que a depressão tá tirando de você, que a ansiedade tá tirando de você. Eu respeito o seu sofrimento, a patologia, sobretudo quando é transtornática, mas eu digo: ela não pode tá no centro da sua vida. Quem tem que tá no centro é Jesus Cristo. Ele é Deus, ele venceu a morte e não os nossos problemas e doenças. Ele venceu a morte, sabe? Então o louvor vai te libertando. É preciso louvar, ter o olhar voltado pra Deus. Por exemplo, hoje, eu posso louvar por várias coisas. Primeiro lugar, eu acordei vivo. Você já viu uma pessoa quando acordou e percebeu que tava morta? Não percebe, porque né... imagina... Às vezes a gente acorda com aquele sentimento de tá arrependido de não ter morrido na madrugada, acontece, mas a pessoa que acorda com aquela cara fechada, a gente brinca né que parece que tá arrependido de não ter morrido. Mas você acordou, você tá respirando, né? Outra coisa, você tomou um café da manhã até que se prove o contrário, né? Você tá viajando, tá aqui na Canção Nova. Quem aqui é dona de casa, pilota fogão, levanta a

mão. Senhorita, tá aqui, minha filha, não tá cozinhando, tá aqui ó, já tem que louvar, né? Esse filho, esse seu neto mala que fica pedindo toda hora “eu quero aquele franguinho vó, eu quero aquele bifinho”, seu marido não lava louça, cachorro, tem que lavar louça pra mulher, rapaz, não ajuda em nada, depois chega à noite e fala “vamos conversar”, ela vai falar “não tem conversa, não, tem que cooperar”, né? Você não tá cozinhando, minha filha, tá passeando, né? Tá aqui na Canção Nova, só recebendo oração, só bebendo (NO SENTIDO DE BEBER NA FONTE, NUTRIÇÃO DIVINA). Você já percebeu? Desde cedo tem gente aqui servindo você, rezando por você, cantando. A Aline, que veio de Santos, que preparou a pregação, que é uma psicóloga clínica de muitos anos de experiência. Os psicólogos cobram pra dar terapia, tá aqui uma psicóloga de graça dando uma hora de terapia pra você, né? Ai, e você ainda vai ter coragem de sair daqui reclamando, seu cara de pau, né? Olha só quanta coisinha que a gente não percebe. Vai pagar uma consulta com psicólogo, tá aqui de graça. Olha só, o dia hoje não tá aquele sol... vem aqui em dezembro pra você ver, você vai se sentir assim desintegrando por causa do calor, né? Não tá nem tão quente, e mesmo se tiver, você tá vivo! Quantas coisinhas a gente tem pra louvar a Deus, não é? Olha aí: Deus colocou uma pessoa do seu lado aí, talvez é um parente ou talvez uma pessoa que você conheceu aqui, que você vai começar uma amizade, né? Talvez você veio com a sua mãe. Quem aqui tá com a família, levanta a mão, pode levantar mesmo, tem gente que parece que tá meio arrependido... levanta, rapaz! “Ó, padre, tô aqui, eu trouxe a sogra”... levanta, isso! Que bênção! Você tá viajando com a família. Tem um padre aqui só pra você, pregando pra você, te abençoando. Tem os músicos ali, ó, profissionais, esses meninos são profissionais, tocando pra você, a gente nem recebe, né? Olha só, esse baterista aqui é top, nosso irmão maravilhoso ali já é meu irmão de comunidade, é da Aliança da Canção Nova, tocando guitarra. Temos ali o nosso irmão, você tá no baixo, né? Tá no baixo. Você viu, você nem percebe, às vezes, mas presta atenção nos instrumentos, né? A gente não percebe. Presta atenção, baixo marcando, e ele é estiloso, ele toca assim, estufo o peito, toca bem. O Jales cantando, tem um irmão que canta também, o Jales é missionário, com essa voz linda dele. Quanta coisa boa pra você, pra você! Quanta coisa boa que existe nesse mundo pra você. Deus criou tudo pra você. E às vezes você escolhe ficar assim, ó (faz cara de emburrado), beijudo, né? Um beijo... vamos tirar o beijo pra fazer toicinho, né? Corta um pedaço disso aí. Louva! Porque quando você louva, você tem a paz que excede toda a compreensão, todo o entendimento. E tendo essa paz, como o versículo disse, você tem guardado os pensamentos e os sentimentos em Cristo. O que que é preciso fazer pra ter essa paz de Deus que guarda os nossos pensamentos e sentimentos em Cristo? É preciso oração, súplica e ação de graças, louvor. E dentro da oração, a adoração, a contemplação, a meditação. Se você for estudar o catecismo, o que o catecismo fala sobre a oração, a Suma Teológica de Santo Tomás, são esses pontos que o padre tá trazendo aqui. Eu não tô citando toda hora o ponto da Suma pra não ficar parecendo que é uma aula, né? Mas tá aí, é só você viver. Claro, talvez você continue tomando remédio por um tempo, não quero simplificar. Talvez você continue sofrendo com a sua ansiedade, que tem fatores genéticos também aí, né? Você não vai mudar quem você é. Eu escrevi aqui no livro *A Libertação da Mente Ansiosa*, por exemplo, eu puxei muito meu pai, né? Meu pai é aquele italianão, na verdade meu pai é filho de italiano, já nasceu aqui, mas é aquele italianão, assim, sabe? Faz duas coisas ao mesmo tempo, fala com a mão, se ele vai viajar no outro dia às sete da manhã, quatro ele tá de pé. Como é que o filho dele ia ser calmo, sereno, né? Não dá. Então, tem uma ansiedade que não é ansiedade, é o seu temperamento, é sua genética. Você tem que aceitar, né? Não adianta eu querer... eu vejo o meu pai e o meu sobrinho puxou eu e o meu pai em tudo, né? Meu pai, ao mesmo tempo, ele é um ótimo... ele tem uma empresa, uma pequena empresa lá no Paraná, um ótimo, como é que fala, gestor, porque ele pensa em tudo, ele tá vendo “tem que trocar o portão, tem que trocar o pneu do caminhão, tem que ligar pro cliente”. Você é uma pessoa assim que demora seis meses pra morrer de pressa, né? Não vai conseguir ter isso. Então é a genética, é o temperamento que você pode usar ao seu favor. Não, não é essa ansiedade que a gente quer combater, é a que rouba a nossa paz, né? E que causa transtornos. Amém? Amém! Não, tá muito fraco esse amém... Amém!!! Vamos aplaudir o Senhor! E uma salva de palmas pra esses músicos maravilhosos aqui também. Tem que reconhecer. Como eu te disse, a gente não presta atenção, gente, a gente não presta atenção. Mas quanta coisa aqui. Toca, toca o baixo aí um pouquinho pra nós, só pra você prestar atenção, pra próxima vez você falar “obrigado, Senhor, tem um baixo!”. Toca um pouquinho pra nós, você vai ver que gostoso. Ó, olha só isso aí no meio, você nem percebe... Ó, toca guitarra um pouquinho pra nós... [Aplausos] ó, bateria pra nós [Aplausos]! Tá vendo? Tudo isso aí pra você. E você: “Ai, tava muito ruim lá na Canção Nova...” Ah, vou te dar uma bênção com a mão esquerda na sua testa! Vamos ficar em pé, vamos rezar, vamos cantar. O Jales vai nos ajudar a cantar. Não é muita coisa boa pra gente pensar? E eu quero que você saia da Canção Nova com essa postura, tá? Não é assim pensando positivo, não. E rezando, atitude. Porque esses passos da oração, diariamente, você colocar isso em prática diariamente na sua vida, é o que vai mudar você, é o que vai te ajudar a vencer a ansiedade.

Jales: Vamos erguer os nossos braços bem alto: “Por isso eu te louvo de todo o coração, te dar minha vida é minha gratidão. Dá-me tuas bênçãos, derrama tua graça em mim, Senhor...” Canta: “Por isso eu te louvo de todo o coração, te dar minha vida é minha gratidão, dá-me tuas bênçãos, derrama tua graça em mim, Senhor...”

E eu quero convidar você agora: levanta os seus braços! Que parte linda da música que o Jales escolheu pra nós, que os músicos escolheram. Levanta os seus braços e, com as suas palavras, amado filho, amada filha, eu quero

convidar você a louvar a Deus. Mas veja bem: o importante no louvor é você louvar a meia-voz, à medida que você possa ouvir a sua voz agradecendo a Deus por aquilo que ele tem feito, porque isso, pro seu cérebro absorver a informação, é mais fácil. Então não se importa com quem tá do seu lado, você vai dizer... sabe essas três coisas que você pensou quando o padre perguntou e muito mais? Você vai dizer: “Senhor, obrigado”. Eu vou dizer as minhas: “Senhor, obrigado, obrigado pela minha vocação, por tantas coisas lindas que o Senhor tem feito na minha vida. Obrigado, Senhor, por esse dia lindo, por eu poder estar aqui com esse povo abençoado. Obrigado, Senhor, pelas coisas que eu vivi nas minhas férias com a minha família, com os meus sobrinhos. Obrigado, Senhor, porque o Senhor nunca desistiu de mim, por todo investimento que o Senhor tem feito em mim. Obrigado pela Canção Nova, pelo sim do Padre Jonas, daqueles que me precederam. Obrigado, Senhor, pela Igreja, pelos sacramentos, tantos santos, Senhor, tantos mártires, tanta coisa linda que tem na Igreja Católica Apostólica Romana, quanta gente que nos precedeu, Senhor, que deu a vida, que morreu. Obrigado pelos ensinamentos dos doutores. Obrigado, Senhor, pelos mártires, como São Maximiliano, que em meio ao holocausto dos judeus, na Segunda Guerra Mundial, deu a vida, morreu no lugar de um pai de família. Obrigado pelo exemplo de São Francisco de Assis. Obrigado pelo exemplo de Santo Tomás de Aquino, Santo Agostinho, quantos santos. Obrigado Senhor pela vida dos meus irmãos de comunidade, é uma bênção ser da Canção Nova, como eu amo a minha comunidade. Obrigado, Senhor, porque mesmo nós tendo, trazendo em nós fraquezas e más tendências, o Senhor nos ama, nosso pecado não nos define, os nossos erros não têm a última palavra, mas sim o teu amor. O Senhor nos ama, independente das nossas fraquezas, o Senhor nos escolheu, Senhor, muito obrigado! Nós te agradecemos...” Vai dizendo, amado filho, amada filha! Não fique sem rezar, não perca essa oportunidade, que já é uma oração de libertação. E você tem que levar isso pra sua casa todos os dias, ter 10, 15 minutos de oração de louvor, sem parar, dizendo de forma que você se escute. Vá louvando, vá louvando, vá louvando, vá agradecendo pelos motivos de louvor nesse ano, nesse dia, na sua vida. Obrigado, Senhor, pelas pessoas maravilhosas, os amigos que o Senhor coloca no meu caminho, tantas pessoas, Senhor, que me ajudam, me ajudaram. Obrigado pela Aline, Senhor, essa irmã de comunidade que esteve aqui pregando. Daniel Machado, que pregou tão bem também, consagrado na Canção Nova, psicólogo. Obrigado por esses músicos maravilhosos que se esforçam tanto, muitos deles tocando ontem à noite, talvez em casamentos, em lugares longe daqui, mas vieram aqui cumprir sua missão, sua escala na Canção Nova. Obrigado pela Cris, por todos que estão trabalhando para gravarem esse material, Senhor, que vai se tornar depois instrumento de salvação pra muita gente. Obrigado, Senhor, pelas coisas que a gente nem vê, mas de tantas coisas o Senhor nos livra a cada dia e a gente nem percebe. Senhor, muito obrigado! Nós te damos graças, nós te louvamos, nós te glorificamos, nosso Senhor e nosso Deus. Por isso eu te louvo de todo o coração... cante.

“Por isso eu te louvo de todo o coração, te dar minha vida é minha gratidão, dá-me tuas bênçãos, derrama tua graça em mim, Senhor. Por isso eu te louvo de todo o coração, todo o coração, te dar minha vida é minha gratidão, dá-me tuas bênçãos, derrama tua graça em mim, Senhor.”

O Senhor esteja convosco, ele está no meio de nós. Que desça sobre vós, vossa mente, pra que você coloque em prática tudo que ouviu aqui no teu dia a dia, esses passos da oração. Permaneça para sempre a bênção do Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém! Vamos aplaudir o Senhor, gente! Vamos aplaudir! Amém! Viva Jesus! Viva o nome do Senhor! Viva!

### **Transcrição da PCD1**

#### **Título do vídeo: Passos para VENCER a depressão**

O senhor esteja convosco. Ele está no meio de nós. Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus. Glória a vós senhor. “Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto brilhou como o sol e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisto apareceram-lhes Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra e disse: Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias. Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra. E da nuvem uma voz dizia: Este é o meu Filho amado, no qual eu pus todo meu agrado. Escutai-o! Quando ouviram isto, os discípulos ficaram muito assustados e caíram com o rosto em terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: Levantai-vos, e não tenhais medo. Os discípulos ergueram os olhos e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Quando desciam da montanha, Jesus ordenou-lhes: Não conteis a ninguém esta visão até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos.” Palavra da salvação, Glória a vós senhor. Pelas palavras do Santo evangelho sejam perdoados os nossos pecados, amém! Meus queridos irmãos e irmãs, você aqui no santuário do pai das misericórdias e a imensa multidão também que nos acompanha em casa. Nós estamos no “Kairós - A cura da depressão”, rezando, refletindo sobre como curar, né, a depressão, e vale aqui ressaltar aquela distinção que depressão é diferente de tristeza, tá gente? Tristeza todos nós sentimos em algum momento da vida, né. A gente corre o risco de patologizar a dor. Ou seja, daqui uns dias tudo que causa dor vai ser visto como doença. A depressão é uma doença, mas o luto não é uma doença, tristeza não é uma doença, o sofrer depois de uma separação não é uma doença, não é? Eu vi esses tempos um artigo de alguns psiquiatras norte-

americanos condenando o pessoal que organiza, né, a sociedade lá de psiquiatria que organiza o DSM-5, que é o manual de Diagnóstico, né, das doenças mentais e psíquicas, que é americana e que acaba regendo essa realidade no mundo inteiro, porque eles estavam criticando justamente essa tendência a tornar tudo que é humano, que faz sofrer, uma doença. E tem muito lobby por trás, né, As indústrias farmacêuticas querem que você tome remédio até pra dor na sobrelha, né, Por que? Porque eles vão lucrar com isso, né, Vão lucrar com quanto mais remédio... Olha, gente, Cachoeira Paulista para quem conhece é uma cidade pequena, nós estamos numa cidade pequena, o que mais abre em Cachoeira Paulista, com todo respeito a quem trabalha com isso, é farmácia. Que mais abre! Mais do que igreja, mais do que boteco, né, Graças a Deus, né, boteco também não ajuda, né, Tem gente que acha que é farmácia também vai lá para curar as dores, mas não resolve também, né, Mas é o que mais... porque... porque... Nós temos que tomar cuidado para não ver como doença tudo aquilo que é expressão humana de dor. Você que traz uma dor por um abuso que você sofreu, você que traz uma dor porque você traz frustrações, você tinha sonhos que não se realizaram, você que traz uma dor porque o seu relacionamento não deu certo, o seu ex-esposo, sua ex-esposa foi embora... Isso é uma dor que pode se tornar uma depressão, mas que nem sempre é uma depressão, não é? A depressão é uma doença e tem a ver com muitos fatores, sobretudo genético, né. Eu estava lendo um artigo hoje também que explicava e provava que quase 30% dos casos de depressão têm a ver com fatores genéticos, né, também a ansiedade, e a pessoa vive uma descompensação na química dos neurônios. E precisa de ajuda e precisa às vezes de suplementação, de remédio. Então, respeitemos muito a realidade da depressão, a realidade de quem enfrenta a depressão, precisa de ajuda, precisa ser visto com respeito, com paciência, né, Mas, também, cuidado para gente não tornar tudo que a gente vive depressão, né, Ainda mais depois que depressão tá sendo vista também como um problema de saúde pública, que dá testado pra pessoa faltar no trabalho, o que tem de gente com depressão... (com desdém, sarcasmo) O cara come igual um boi velho no domingo, né, bebe igual um bode, fica chapado, acorda de ressaca no outro dia e vai lá no médico pedindo um atestado para depressão pra não trabalhar a semana inteira. Ah, se eu fosse seu patrão, cê ia ver! (hehehehe) A gente tem que tomar cuidado ehh porque infelizmente, né, gente depressão é uma coisa SÉRIA, mas tem gente... tem malandragem em todo lugar, né, infelizmente. Então já coloco esse pressuposto: não vamos patologizar tudo, nem tudo é patologia, o sofrimento é uma realidade humana e diga de passagem: o sofrimento é o pressuposto do amadurecimento. Ninguém amadurece como pessoa, ninguém amadurece como cristão, como padre, se não enfrenta alguns sofrimentos. O sofrimento, por exemplo, de entender que nem tudo é do jeito que eu quero. A pessoa egoísta, que acha que tudo tem que ser do jeito que ela quer, que foi criada às vezes com a mamãe e com o papaizinho lá em casa “ai meu bebê” (IRONIZANDO), tem gente, tem pai e mãe que não percebe, mas é tão carente que acaba descarregando tudo no filho, né. “Ai meu Deus do céu, meu filho, Padre, ele vai sair de casa, eu tô com medo de não dar certo”, “quantos anos que ele tem”, “tem 40” “hummm” (RSRS OUVINTES). Problema dele é a mãe, né, mas claro que a gente que é Padre, a gente não fala assim, eu só penso, né, na minha testa tá escrito “problema é você, minha senhora”, mas daí ela “tudo bem, padre”, eu falo: tudo bem, filha. Mas eu não tô pensando em falar “filha”, tô pensando outra coisa, né. Mas Padre tem que ser pai, né, gente, então a gente releva. Sabe “aiii você que é o Bebezinho da mamãe”, de repente você sai no mundo e ver que nem tudo, porque é assim, às vezes, pra mãe, o filho até errado tá certo, né. Eu tinha um amigo que ele era feio, pensa num cara feio, tadinho, feio, o apelido dele entre os amigos mais íntimos era “feio”, né. Isso, antigamente, viu gente, a gente suportava, viu, os mais novinhos, antigamente, a gente suportava essas brincadeiras, né, ninguém pulava da ponte por causa disso. Eles também me chamavam de “bambu de cutucar estrela” porque eu sempre fui grande, né, e a gente se dava bem, tá? Não fique escandalizado você que é mais novo, coisas da década de 80, de 90, a gente sobreviveu, a gente tá aqui. Mas enfim, ele era feio, mas feio do que bater na mãe por causa de mistura, como diz lá na minha terra, mas pra mãe dele era sempre lindo “ai meu bebê, ai você viu como ele tá bonito?” Eu falava “Ah, a senhora tá profetizando, né, ?”. Mas pra dizer que é um sofrimento quando você sai da sua casa, por exemplo, eu saí de casa com 20 anos pra vir para Canção Nova. Lá, até errado eu tava certo, aqui eu não tava certo. Tive que conviver com gente diferente, é um sofrimento, é uma dor, pessoas de uma cultura diferente, não é? Eu fui criado no sul, convivia com muita gente do norte, do nordeste, culturas diferentes, compreensões de mundo diferentes, né. Então esse sofrimento não era uma depressão. Eu vivi momentos tristes, quando eu larguei a minha família para vir para Canção Nova, há quase 20 anos atrás, né. Mas não era uma depressão, era dor do crescimento, né. Eu lembro que na minha adolescência eu cresci de uma vez, né. Sabe aqueles adolescentes que... que é uma criança, de repente, no outro dia, já virou homem, né. E perdi muitas roupas na época, né, e minha mãe me levou no Ortopedista, e eu sentia muitas dores assim nas pernas, na coluna, e o ortopedista disse “mãe, é a dor do crescimento, né. O crescimento dói, você sabia? Fisiologicamente. A minha mãe falou: “dor no crescimento?”. “É, cê não tá vendo o tamanho desse brutamente aí, né, esses ossos dentro dele se transformando, se tonificando com a musculatura, isso causa dor.” Mas isso é sintomático de todo o processo de crescimento, então você que está enfrentando um momento difícil, cuidado para você não cair na armadilha de ter dó de você. Porque, mais uma vez eu digo, quando é depressão, respeitemos e ajudemos. Mas às vezes você não tá em depressão, você tá tendo um momento difícil, você precisa reagir. Por que? Porque quando a gente tá vivendo um momento difícil todo mundo se volta pra nós e tem gente que se acomoda nisso, né. Porque a gente é carente, nós somos carentes, todo mundo se volta pra nós, a gente

não precisa se esforçar tanto. Cuidado, isso é uma armadilha, isso é um pecado contra Deus também. Viva o seu momento de luto, seu momento de dor, seu momento de ser contrariado, como eu quando descobri que não era mais o filhinho da mamãe e vim para cá, né. Tô dando esse exemplo, claro, poderia dar outros. É uma dor você tá no emprego “ai meu filho, padre, eu vou pedir pra ele sair do emprego, porque ninguém aceita ele lá”. Vai, você cria depois um mole, um pó de arroz, né, depois a sua nora que vai pagar a sua displicência na educação dele. Deixa o menino suportar dificuldade. “Ah, ninguém entende ele no trabalho”, que bom, ele vai crescer, ele vai amadurecer. Diferente se ele tiver apanhando, se ele tiver passando fome, né, mas maioria dos sofrimentos que o seu filho vive numa escola, no trabalho, não tem a ver com agressão física, não tem a ver com choque elétrico, né, mãe? É que a mãe vem contar pra gente: “Padre, meu filho tá sofrendo, né,” (imitando a mãe aflita). Será que tá sofrendo tanto, minha filha? É a dor do crescimento. Então, tendo colocado esse pressuposto vamos falar um pouco do que é a depressão, né. E também dentro do contexto do Evangelho porque essa liturgia é linda, né, linda, linda, linda. A depressão é uma doença, né, um estado de tristeza contínuo, né, que ela não passa, vai roubando a motivação da gente, coisas que eram prazerosas vão perdendo o gosto, né. Ela nos coloca num limbo psicológico e emocional difícil mesmo, é uma situação muito complexa. Só que tem jeito gente. Do mesmo jeito que essa depressão entrou na sua vida, ela vai sair. Do mesmo jeito que você cometeu erros que talvez te levaram à depressão, porque desse artigo que eu li que falava do fator genético, né, 30% às vezes é um fator genético que leva a desenvolver a depressão, existem uma outra, existe uma outra porcentagem que não tem a ver com fator genético, mas tem a ver com estilo de vida, né. Tem a ver com estilo de vida sobretudo no tempo de hoje, gente. Porque, infelizmente, o que manda no mundo de hoje se chama capital, é dinheiro. E os donos das empresas, eles não estão preocupados, das grandes corporações, os que compram e vendem ações, eles não estão preocupados com a sua saúde emocional, eles estão preocupados em ficar cada vez mais ricos. Por isso que em muitas empresas se manda embora cinco pessoas e contratam duas, contratam duas, quando não uma, então a gente tá fazendo mais do que o que a gente deve. Tem muitos fatores estressantes no nosso dia a dia, que muitas vezes correspondem para que nós entremos no estado depressivo. É o excesso de coisas que a gente está fazendo, é o excesso de informação, é o excesso de dificuldade pra lidar, como eu disse, com a dor, com aquilo que é humano. Eu tava vendo hoje cedo uma coisa que eu ri demais, os filtros novos que criaram pra um aplicativo aí, né, e a menina tava testando, né, a menina testando o filtro, né, um filtro que coloca assim, como é que é aumenta o lábio, aquelas coisas que a mulherada gosta, né. Fica com lábios assim (gesticula), faz a sobancelha ficar de um jeito, um negócio aqui assim fica maior, muda o formato o rosto. Eu vendo o filtro eu falei “nossa que moça bonita”... na hora que saiu o filtro eu disse “Jesus (se benze, ironizando), que aconteceu ali?”, né, um susto, um pulo... Claro que é bonito você tá com filtro legal, mas gente daqui uns dias você não reconhece mais as pessoas, não reconhece, e uma criança, nós que estamos crescendo nesse mundo parece que é pecado, é pecado ficar doente, é pecado ser feio, é pecado ter uma dor. Por quê? Porque tem que estar tudo perfeito, mas você é um ser humano, você não é uma máquina. Não pode mais ter ruga, agora tem um outro filtro pra você ficar adolescente, né. Pelo amor de Deus, você tem que se libertar da adolescência, o tempo difícil a adolescência, eu não quero voltar não, Deus me defenda, né. Tempo estranho que, com todo respeito, tirando os adolescentes que estão aqui, que são maravilhosos, mas o resto, o fase estranha da vida, né, diga os pais e as mães que estão educando, né. Esses dias a mãe me chegou falando assim “ai padre, meu filho eu não sei o que que ele tem, uma hora ele fica com raiva, outra hora ele fica calmo, outra hora ele quer isso, agora ele não quer, o que que ele tem?”, eu falei: adolescência. É uma doença grave, mas daqui a alguns anos passa. Adolescência é triste, mas a gente não sabe mais lidar com um imperfeito. Aí a pessoa casa, depois de três meses “eu quero separar, aí é porque meu marido ronca”. Minha filha tem coisa muito pior, fica tranquila, vai, vai, segue o fluxo, você vai descobrindo o caminho, né. Você que casa com a sua esposa “ai, padre, ela tá com dor de cabeça eterna”, ah vai com calma meu filho, vai, continua, você vai descobrir outras coisas no caminho. A gente (ahnn)... Os motivos da separação estão cada vez mais banais e idiotas, mostrando que a gente não sabe mais lidar com o imperfeito, com o fraco, com o limite, com o que é humano, com o que não tem consistência em si, né. Então a gente precisa entender que a depressão também é fruto da mentalidade desse tempo, é mentalidade desse tempo que nos faz querer ser sempre super heróis. Tem gente que fala “padre, eu tô fraco, eu entrei em depressão”, eu falo “olha a depressão, é uma frase que eu sempre gosto de dizer, ela não é sinal de que você é fraco, mas é sinal que você tem sido forte há muito tempo”. Você tá segurando um peso, é coisas da sua vida, você vai carregando, carregando, carregando, mas uma hora você não aguenta mais, estoura a depressão. Não é fraqueza, é sinal que você tem sido forte há muito tempo. Então é hora de ter humildade, de olhar para si, de cuidar mais de si, de tirar, depois eu vou falar disso se der tempo, mas tirar esses padrões, né. A gente tem uns padrões de idealidade, né, tão atroz do meu ponto de vista. Por exemplo, uma pessoa me disse assim “ai padre, esse tempo atrás, né, eu tô com uma insônia há muitos anos, mas eu vi no jornal que quem não dorme direito tem infarto, tem isso, tem aquilo, eu tô tão preocupada”. Eu falei “há quanto tempo você tem insônia”, ela falou “20 anos”, eu falei assim “você já morreu?”, ela falou “não”. Gente, o cérebro da gente é mais inteligente do que você pensa, se você não tá dormindo 8 horas, ele vai dar um jeito de nas cinco que você dorme compensar e te dar um descanso, senão você já tinha morrido, infeliz, abençoado, aliás. Só pensei alto aqui (hahaha). Sabe, a gente fica criando um padrão “ai, eu tenho que ser assim, eu tenho que dormir assim igual um anjo, né, até com a

chapinha no jeito, acordo do sono com a chapinha no lugarzinho”. Você acorda, olha no espelho pra você ver, né, Ai isso já mostra a imperfeição da vida, né. Você não tem que dormir perfeitamente, você não tem que sentir perfeitamente, você não tem que estar sempre feliz, você pode ser triste em alguns momentos, sabia disso? Gente, esses dias eu vi um artigo, uma matéria que falava dos oito santos que tiveram depressão, interessantíssimo. Sabia que Santo Inácio de Loyola teve depressão? Santo Agostinho, Santa Elizabeth and [incompreensível], que é de dos Estados Unidos. Ela falou, ela escreveu nos escritos dela, essa santa, que ela sentia uma depressão tão grande, que ela sentia vontade de se jogar na frente das carruagens, naquela época não tinha carro, né, então era menos eficaz (heheeh) a tentativa. Mas ela, a Santa que foi canonizada, que por vezes ela chegou a querer se jogar na frente das carruagens, chegou até chegar perto das carruagens. Mas ela parou nisso? Se ela tivesse parado, ela não tinha sido Santa. Não, ela lutou contra a depressão, contra a tendência suicida, e se tornou uma santa, um exemplo que brilha até hoje, iluminando gerações. Sabe, então saiba que a sua vida não tem que ser perfeita, quem disse pra você, quem te contou essa mentira, que a sua vida tem que ser perfeita, tudo perfeito, né, Se a nossa vida tivesse que ser perfeita, sabe, em primeiro lugar, Jesus se fez homem, se encarnou para mostrar que, no meio dessa bagunça que é nossa vida humana, a nossa imperfeição, a nossa fraqueza, Deus quis entrar pra colocar ordem, né. Jesus se fez ser humano, se fez homem, e é possível ser feliz com essa vida. Você perdeu alguém? Seu marido te deixou? Sua esposa te deixou? Você pode ser feliz assim, Deus está com você. “Ai, mas é que quando eu tinha 14 anos, eu achava que com 35 eu teria cinco filhos, duas casas em Miami, 5 iates”, então, minha filha, bem vindo a vida, você não tem talvez nunca vai ter, mas não é por isso que você não pode ser feliz, não é por isso que Deus te abandonou. Pelo contrário, sabe? Depende a forma como você vê a situação. Que, infelizmente, a depressão, sobretudo quando a gente tem depressão ou tem tendência depressiva, a gente tende a ficar sempre nos extremos: prum depressivo, muitas vezes, só tem excelente e só tem ótimo, não tem bom. Ou é tudo péssimo ou é tudo ótimo. Fuja desse gatilho, dessa mentira. Na vida não tem só excelente ou péssimo, tem bom. E é no bom que a gente pode ser feliz muitas vezes. Porque não é em todos os momentos que você vai estar sob a montanha como no evangelho de hoje, na transfiguração, no tabor, você vai estar também no calvário em alguns momentos. Mas viva o regular da vida, viva o bom, fuja dessa armadilha de querer buscar o excelente ou péssimo, não, viva o bom, sabe? E saiba que Deus está com você, que você pode ser feliz na vida que você tem, você pode ser feliz na vida que você tem. “Não tô dormindo direito”, você não vai morrer disso, viva. “Ai, meu cabelo começou a cair”, minha filha, compra uma peruca daqui uns anos, faz uma vaquinha na internet, faz qualquer coisa, mas desencana, desencana de tem que ser assim, não tem, Deus está no que é real, na sua realidade, ponto. Falando um pouco do evangelho de hoje, eu gosto demais desse Evangelho da transfiguração, né, e sobretudo no mundo de hoje no qual existe tanto desespero, tanto vazio, refletir sobre isso é muito bom, né. Porque, veja bem, o que aconteceu na transfiguração? Jesus revelou a sua divindade, né, é chamado na Bíblia teofania. Eu gravei, eu gravei a homilia no meu canal do YouTube todos os dias, e hoje eu tava ouvindo o que eu falei. Eu gravei uns dias atrás, né, pra lembrar disso, eu tava explicando lá o que é teofania, theós phaínein do grego, quer dizer a manifestação de Deus, né. Deus, Jesus, ali revelou a sua divindade. Porque até então, os discípulos viam o homem Jesus, mas ali eles subiram o Tabor com os seus três discípulos Pedro, Tiago e João, eu tive a graça de estar lá no Tabor várias vezes quando eu fui peregrinação, é um lugar muito especial mesmo, e lá ele revelou a sua divindade aos seus discípulos. Ali a Trindade se manifestou. A nuvem e a luz na Bíblia são sinais do Espírito Santo, né. Ali tinha nuvem, a luz de Glória, o filho era aquele que recebeu a mensagem do pai, né, e o pai estava ali falando “esse é o meu filho, escutai-o”. A Trindade se revelou. E é interessante, gente, que na vida da gente Deus permite também momentos como esses, momentos fantásticos, nos quais a gente tem um encontro com a divindade de Cristo, com Jesus Deus poderoso, que vem nos fortalecer e nos levantar das nossas quedas. Você viu o que Jesus disse no Evangelho, no versículo 7 do evangelho? “Levantai-vos e não tenhais medo, levantai-vos e não tenhais medo”. Deus permite muitas vezes essas transfigurações, essas teofanias, para que a gente receba a força de Cristo em nós, e tenhamos condição de rumar em direção ao Calvário, tenhamos condição de carregar as nossas cruzes. Por isso, é importantíssimo você, sobretudo que tem depressão, você cultivar sua intimidade com Deus todos os dias, você buscar ter encontro com Jesus Cristo na sua divindade todos os dias. Muita gente, infelizmente, não tem o encontro com Jesus Deus, até católico Cristão, que acha que Jesus é um poeta, é um filósofo, é um espírito de luz. Não, não, Jesus é Deus. Enquanto você não tem um encontro pessoal com Jesus na sua divindade, você não tem força, filho, filha, pra superar suas dificuldades. É esse encontro com Jesus que transfigura, que muda o nosso olhar, para enxergarmos as coisas, né, para vermos as coisas, né, para compreendemos as coisas. Se a gente não tem esse encontro com a divindade de Jesus, as coisas começam a pesar muito, e sobretudo para quem tem depressão, né, tem uma tendência a se prender no negativo muito grande. E tem muitas formas de compreender o negativo, o que não deu certo, de falar sobre o negativo, né. A gente não pode ficar dar um peso maior para o negativo do que ele já tem. Mas infelizmente a depressão nos leva a ficar presos em coisas do passado e a darmos um peso maior no negativo, né. Tem muitas formas de ver as coisas, né. Esses dias eu vi uma tem uma piada que falava sobre como as pessoas contam uma notícia negativa e sobre como as pessoas veem uma notícia negativa, uma piadinha, mas eu achei interessante. Às vezes no humor a gente consegue aprender muita coisa, né. Diz que tinha um rapaz que tinha que dar uma notícia, dois rapaz que tinham dar uma

notícia de uma tragédia que aconteceu ali numa fazenda, né. Aí um já chegou para uma das pessoas da família e falou assim olha morreu Fulano, deu tudo errado, tudo que você tinha programado para fazenda deu errado, aí o outro já ficou triste, né. E disse que tinha um outro funcionário que era mais alegre, assim mais animado, e foi dar notícia sobre o que tinha acontecido. Aí ligou lá para o fazendeiro e falou assim: ó o seu papagaio morreu, né, morreu por que, por que meu papagaio morreu? rapaz, porque ele comeu carne podre, mas como carne podre eu deixei só carne boa, aí uma carne podre do seu cavalo que morreu, meu cavalo morreu, morreu porque? morreu de tanto carregar água, mas por que carrega a água, tem poço em casa? Não, não porque a casa pegou fogo, aí ele teve que carregar água, mas por que que a casa pegou fogo? ah por causa de uma vela que tinha lá, porque? Ah, porque sua esposa morreu. O cara foi contando, eu achei o jeito da piada, né, claro eu não vou reproduzir com todo humor ali porque não é momento para isso, mas tipo assim tem um jeito de você enxergar e de contar, em vez de você chegar “morreu, deu tudo errado”, a pessoa foi contando e, claro, é uma piada. Mas eu achei interessante que às vezes a gente tem que ter um olhar diferente até pras tragédias, e isso a gente só consegue através desse encontro com Jesus, na sua divindade, sabe, esse Jesus que se manifesta. E gente, quando a gente começa a entender quem Jesus é e ter esse encontro pessoal com ele, a gente começa a dizer como Pedro “senhor, é bom estarmos aqui”. Aliás, você sabia que Pedro não falou no original “é bom estarmos aqui”? O verbo que ele usou do grego é *kalós*, que queria dizer “é belo estarmos aqui”. O adjetivo belo nessa conotação aqui, no grego antigo, ele era mais profundo, ele tinha uma conotação mais profunda, do que o adjetivo bom. Ou seja “Senhor, é uma honra estarmos aqui”, “Senhor, é muito precioso estarmos aqui”, “Senhor, é muito bonito estarmos aqui”, “Senhor, estarmos aqui com você nos dá toda força que a gente precisa pra enfrentar a depressão, a angústia, as coisas que não deram certo na nossa vida”, sabe? E quando eu ouço esse Evangelho da transfiguração outra coisa que me vem à mente é a seguinte coisa: que a vida do Cristão ela passa por três fases, que aquilo que na teologia oriental, né, os gregos, os cristãos gregos do início, eles chamavam três estágio, né, três estágios, que é a catarses, teoria ou teoses, né. Quais são esses três estágios? Eu vou traduzir com palavras mais contemporâneas para nós. A vida do Cristão ela passa por três estágios: que é a desfiguração, a configuração e a transfiguração. Todos os prefixos, né. Que que é a desfiguração? Você percebeu que, por exemplo, quando tem um acidente, uma pessoa machuca o rosto, às vezes a gente fala “nossa o rosto da pessoa ficou desfigurado”, né. Que que é desfigurado? É sem a figura, você não consegue reconhecer. O profeta Isaías diz que Jesus na cruz estava com o rosto desfigurado. O que que nos desfigura? O pecado, as mágoas, as tristezas, os vícios, porque desfigura a figura, a feição de Cristo em nós, né. O rosto de Cristo em nós vai sendo manchado pelos pecados, pelas más escolhas que a gente faz. Só que depois desse primeiro processo da desfiguração, que é feito pelo pecado, pelas escolhas ruins, às vezes pela depressão, existe o segundo processo que é o processo da configuração. O que que é a configuração? Com mais figurar é você assumir a figura, a feição. Você já percebeu que às vezes a gente fala assim “ah fulana é a feição do pai, né, ”. Já ouviu essa expressão? Sim ou não? Ou às vezes fala assim, eu descobri esses dias, eu falei numa missa de segunda, descobri esses dias o sentido do ditado, que não é nada do que a gente entende. Você já ouviu quando a criança parece muito o pai fala assim “aquele ali é o pai cuspid e escarrado”, quem já ouviu essa expressão, levanta a mão. Esses dias eu tava estudando essa expressão sabia que tá errada? Não é cuspid e escarrado, o ditado original, quando começou, era esculpido em carrara. Carrara é uma região da Itália que tem um tipo de mármore que as estátuas que eram esculpidas lá eram perfeitas, quase igual a pessoa mesmo viva, né, então se falava esculpidas em carrara, e a gente vai falando rápido, o telefone sem fio, hoje a pessoa fala cuspid e escarrado, né, não é cuspid e escarrado, é esculpido em carrara, né. É que nem aquele outro ditado “quem tem boca vai a Roma”, o ditado não era “vai à Roma”, era “vaia Roma”, né, uuuuhh... sai daí, e a gente vai ouvindo o ditado errado, né, incorporando errado, eu falei aqui esses dias, né. Mas enfim, o que que é assumir a feição, configurar, é você se tornar tão parecido com Jesus que você começa a assumir a feição dele, o jeito dele, a pessoa olha para você e vê Jesus, é a configuração. Mas o auge que é a theoses, né, o primeiro da desfiguração é a Catarses, que é a purificação, né, que você vive através de coisas ruins da desfiguração, depois a configuração é a teoria, né, do grego, que queria dizer esse processo, né, de você assumir a feição, e depois o último processo é a transfiguração. O que que é transfiguração? Você recebeu essa face de Jesus, a feição, e você começa a levar essa feição, esse rosto, para as pessoas. Ou seja, você faz da sua vida um dom para os outros. E eu digo para você que tem depressão, para você que sofre de ansiedade, eu escrevi há pouco tempo o livro “A libertação da mente ansiosa” pra ajudar as pessoas que estão vivendo esse surto, né, de ansiedade no nosso país e no mundo inteiro, né, que você consegue, eu escrevi no livro, que você consegue muito lidar com a depressão e com a ansiedade, quando você consegue tornar sua vida um dom para os outros, um dom de amor, quando você consegue levar a esperança para as pessoas. “Padre, mas eu tô sem esperança”, “Padre, mas eu tô sofrendo”, “Padre, mas eu perdi o que eu tinha”, filho, você não pode ficar a vida inteira remoendo a sua dor e contemplando a sua dor. O sentido da sua vida não está em chorar pelo que você perdeu. Você tá ouvindo o que eu tô falando? O sentido da sua vida não está em chorar pelo que você perdeu, nem ter dó de você, mas em se levantar e tornar sua vida um dom, transfiguração, levar a figura de Cristo aos outros, comunicar a presença de Deus, o amor de Deus. Porque, veja bem, a sua vida tem que ter um sentido. O que mais destrói a gente não são os problemas, mas é a falta de sentido, falta de propósito, falta de porquê. E a fé ela nem sempre responde as

perguntas, tá? Mas ela dá um sentido. Ela não responde todas as suas perguntas, mas ela dá um sentido na sua dor, pra que você continue caminhando. Então, Deus quer que você se transfigure, que você leve a figura, a feição, o amor, a presença de Cristo aos outros. Mas pra isso você precisa viver essa intimidade com ele, mas pra isso você precisa viver uma vida de oração, uma vida na presença dele, sabe? Uma vida na presença dele. E saiba que Jesus está com você em todos os momentos, sobretudo nos momentos difíceis, na depressão. Gente, eu amo rezar com os Salmos e eu acho que o Salmos é a oração de qualquer pessoa que enfrenta a depressão e ansiedade, porque os salmos, dizia um estudioso da Bíblia, são o espelho da alma humana. Ali você vê o salmista muitas vezes rezando no auge da depressão. Você viu aquele Salmo que diz assim “Senhor, eu estou no fundo da angústia, meus parentes, meus amigos me traíram, me abandonaram, cada dia para mim é um peso, eu durmo já fico pensando em acordar, eu acordo fico pensando em dormir”? É o retrato de uma alma que tá lutando com a depressão. Mas o que que o salmista faz? Ele transforma a sua depressão em oração, em diálogo com Deus, em comunhão com Deus, sabe? A sua depressão não tem que se afastar de Deus, ela tem que te levar para Deus. Porque eu digo para você: só ele pode te ajudar. Em muitos casos, claro, você vai tomar remédio, você vai fazer uma terapia, mas se Deus não for na raiz do que te deixa depressivo, você não vai conseguir vencer. Simples assim, você não vai conseguir vencer, sabe? Então, é preciso levar a sério a sua vida espiritual e se estruturar a partir da sua vida espiritual. Por exemplo, quem tem depressão, no meu ponto de vista, tem que fazer adoração ao Santíssimo todos os dias, com vontade ou sem vontade. Quem tem depressão, tem que rezar o terço, tem que ler a palavra todos os dias, porque, veja bem, a vida espiritual vai organizar as outras áreas da sua vida. Talvez você não entenda o que eu estou falando e você não veja assim. Mas confia no que eu tô falando. Se você organiza sua vida com Deus na oração, na intimidade, você vai ter força para vencer o que te desfigura, você vai se configurar a Jesus, assumindo as feições dele, e vai encontrar o sentido para que você leve as feições deles dele aos outros, sabe? E olha, leve a sério a sua vida espiritual, leve a sério a sua vida com Deus. Eu tenho pouco tempo, né, um padre não tem tanto tempo para falar, mas eu estruturei alguns passos, concluindo aqui, que são essenciais para quem enfrenta a depressão. Primeiro eu já falei: levar a sério a sua vida com Deus, né, estruturar sua vida a partir da sua oração. Quem tem depressão, todo mundo precisa rezar, mas quem tem depressão mais ainda. Sabe porque? Você está sob ataque sobre ataque da sua mente, sobre ataque do mal diretamente. Então, você precisa rezar, todos os dias. Outra coisa importante para quem tem depressão: tem mais paciência consigo, não se cobrar tanto, né, respeitar o seu tempo. Outra coisa: melhorar os seus hábitos alimentares, né. Eu falei da, a Doutora Gisela já falou um pouco disso hoje, depressão tem muito a ver com nutrição, a doutora Gisela te explicou, eu não vou chover no molhado aqui, mas você sabia que tem depressão hoje que tem a ver com desnutrição de pessoa que só come fast food, tranqueira, já é provado cientificamente isso. Construir, ter sempre, sabe, uma rede de apoio, pessoas com as quais você pode contar, né. Quem tem depressão, é preciso reconhecer que você precisa de ajuda, você precisa pedir ajuda, então ter uma rede de apoio, ter um amigo, um padre, alguém que você possa conversar, alguém que te ajude a ver a situação de fora, numa perspectiva diferente. Outra coisa, é preciso ter paciência consigo, mas é preciso reagir, vencer a procrastinação, reagir. Por exemplo, você tá com depressão “Padre, eu tenho vontade só ficar deitado”, é, quem manda em você não é sua vontade, é Jesus Cristo, e ele disse no evangelho hoje “levantai-vos”. Isso é uma ordem para você que está me acompanhando agora, que tá deitado nesse quarto aí, tá deitado nessa cama com a janela fechada, levanta dessa cama, abre essa janela, toma um banho, você mulher passa um batom nessa boca. Reage, é preciso reagir. Não adianta só “ah, eu tenho paciência comigo, eu sou assim”, não, você tem que ter paciência, mas uma paciência que te faça sair da inércia, reage! Outra coisa: rompa com os padrões. Eu já falei da idealização excessiva, “ai tinha que ser assim”, “ai meu casamento tinha que ser assim”, filho, filha, a vida é o que é, tá? Não ache que você casou com um anjo, você casou com um marido que te decepcionou, talvez foi embora, uma esposa que é fraca, seus filhos são gente, as coisas acontecem, só bate carro quem tem, né, “Ai, eu bati o carro, hein”, sinal que você tem um, né. “Ai, eu perdi o filho”, é sinal que você teve um. A vida é assim, né, Não se culpe muito pelo que você tá vivendo, né, porque muitas vezes quem tá na depressão tem a tendência a se culpar demais, né. E uma última coisa, já falei de procurar ajuda, é importante, uma última coisa, quando a gente tem depressão existe um gatilho na nossa mente que, se a gente não prestar atenção, nos trai. Quem tem depressão tem que se ater aos fatos, não aos sentimentos, porque quem tem depressão, “ai eu tô me sentindo triste, depressivo”, não se atenha aos sentimentos, atenha-se aos fatos. “Eu sou um, eu sou, eu sou um perdedor”, olha ao seu redor, não tem ninguém pior que você, olha o seu redor, tá todo mundo no mesmo, “tá tudo perdido”, será que tudo na sua vida não tem nada de bom? Não se a tenha ao que você sente, atenha-se a verdade dos fatos. Por isso que é bom conversar com alguém que tá de fora, que ajuda a gente a ver o quadro maior, né?

Enfim, vamos ficar em pé um pouquinho. Quero convidar você a levantar os seus braços comigo e filho, filha, você aqui, você em casa, deixa o espírito santo tocar você, tocar o seu coração. Talvez você que está sentindo essa dor na sua alma há tanto tempo, você que se sente feia, feio, você que sofreu esse abuso na sua infância e não superou. Você que não superou a morte dessa pessoa. Você que tá pensando às vezes até em suicídio. Jesus te ama, ele é maior do que isso, ele quer te libertar, agora. Levanta os seus braços e, se você ora no espírito, solta a sua voz agora. Vai rezando no espírito junto com Márcio, vai soltando a sua voz no espírito, vai rezando, vai rezando. Se você nunca rezou assim, não tenha medo, deixa o Espírito Santo rezar em você. Essa é a oração na

qual o próprio Espírito Santo reza em nós. Solta a sua voz, filho, filha, solta sua voz agora, vai rezando no espírito, vai rezando. Veja o espírito santo rezar em você, vê se o Espírito Santo te conduzir. Deixa o Espírito Santo te fortalecer. Vem Espírito Santo agora nos batizar nessa tarde. Quem tá aqui, quem tá em casa, vem Espírito Santo, vai rezando em línguas, não pare, vem nos retirar do abismo da depressão, vem nos tirar do abismo da tristeza, vem nos libertar dos medos, Espírito Santo. Vem nos libertar dos pensamentos negativos, vem nos libertar, libertar da negatividade excessiva. Vem, espírito santo, nos ensina a ver o bem presente em cada coisa, nos ensina a ver com os olhos de Deus, vem nos libertar do desânimo, vem nos libertar da desesperança, vem arrancar a tristeza enraizada dentro de nós. Tu sabes, Espírito Santo, qual é a raiz da nossa depressão, tu sabes, Espírito Santo, qual é raiz do nosso desânimo. Vem e nos liberta, vem nos levantar, venha e nos batiza, eu peço ó Senhor, derrama unção do teu espírito sobre quem está aqui, sobre quem está em casa, vem nos libertar, Espírito Santo. Vem nos libertar da autocobrança excessiva, vem nos libertar do buraco da depressão, Espírito Santo. Vem, salva o teu povo, em nome de Jesus. Cura os corações feridos, liberta essa pessoa sentindo esse desânimo, liberta essa pessoa sentindo essa vontade de morrer, liberta essa pessoa sentindo essa vontade de não sair da sua cama. Vem, Espírito de Deus, nos batizar, vem nos encher nessa tarde. Vem com toda a tua unção, vem com todo o teu poder. Eu sinto que o Espírito Santo está visitando agora pessoas que estavam sentindo uma tristeza, uma agonia profunda. O espírito santo está libertando você. Pessoas que tinham entregado os pontos. O espírito santo agora, Flávia, está ressuscitando a esperança no seu coração. Uma mulher nos acompanhando, você está chorando muito agora, você ganhou muito peso, depois que você desenvolveu essa depressão, depois da traição do seu marido, que ele te deixou e você já estava planejando até acabar com a sua vida, filha, o senhor está libertando você, a sua vida vai entrar no eixo, tenha fé, tenha fé. O Senhor também está tocando uma pessoa que você perdeu um filho, seu filho infelizmente veio acabar a tirar a própria vida e você se culpa muito. O Senhor está tocando você, curando você. Vem Senhor, batiza com teu espírito quem está aqui Senhor, batiza com teu espírito quem está em casa, liberta Senhor as cadeias que nos aprisionam, em nome de Jesus. Liberta-nos dos espíritos malignos que oprimem nossa mente, nossas emoções, que querem nos encarcerar na depressão, na tristeza. Vem espírito, no nome de Jesus, e nos liberta de todo mal de qualquer nome, espécie ou poder. Liberta essa casa, liberta essa mente, esse coração faz a alegria e a esperança voltar, Espírito de Deus. Levanta os seus braços e vamos cantar Vem Espírito Santo.

## **Transcrição da PCA2**

### **Título do vídeo: Como vencer a ansiedade**

Vamos a Mateus 6, do Versículo 25 ao 34, depois leiam em casa: Mateus 6, 25 a 34. Na minha Bíblia, hoje à tarde eu fui preparar essa pregação, eu tenho uma bíblia de estudo toda rabiscada, marcada, este pedaço, na minha Bíblia, está escrito assim, eu até copieei igual: o ensino de Jesus sobre ansiedade. Aí eu já fui nesse texto. Eu vou ler os versículos e vou fazer a explicação contra ansiedade, pra libertar você da ansiedade, pra você aprender a lidar com a ansiedade. Mateus 6, 25 ao 34, são três, sete ensinamentos. Eu gosto muito de número sete, é o número completo, sete ensinamentos, meu não, Jesus está ensinando sete dicas para que você vença sua ansiedade. Olha que eu já vou contar, antes de começar, se na sua cabeça está assim “ah, no grau que eu to, tem jeito mais não, eu sou uma pessoa ansiosa, eu não dou conta não”, meu irmão, você pode ir embora. Porque a sua cabeça já consolidou num bloco de mármore que você é eu sou uma pessoa ansiosa. Que que o gênio fala? Ééé (CONCORDANDO COM ALGO DITO PELOS OUVINTES), então você não fala eu sou, você fala eu estou ansioso, mas eu não sou ansioso, é um momento que eu tô passando, mas eu vou aprender a me libertar disso. Vamos lá, vou até repetir um pedacinho da pregação da semana passada, mas com outro olhar, com outro prisma, “por isso eu vos digo, não andeis ansiosos”, já começou, “não andeis ansiosos quanto a vossa vida, bebida, comida, corpo, roupa. Não é a vida mais que a comida e o corpo mais que a roupa? Repita alto: “a vida não é o que eu tenho, a vida é o que eu sou”. Toda pessoa ansiosa é porque quer algo que ainda não tem, ela fica ansiosa porque ainda não tem. Então Jesus tá falando “para de ficar ansioso por causa de comida, de bebida, de viagem, de relógio, de conta, isso aí tudo vai se resolver, só que você se destrói antes e depois que tudo se resolve você continua destruído”. A vida é melhor do que tudo que precisamos e não podemos deixar de viver por causa das coisas materiais. Eu vi um comercial, não sei se comercial, anúncio, tô criticando não, é porque é, de um clube não sei se é BH, se é Contagem, que abriu para o pessoal da região metropolitana, o pessoal que é gari. Aí lá na na chamada, falando pra eles irem com a família, tinha uma piscina, a piscina do tamanho assim de uma casa média, uma piscina assim pra umas 15 pessoas, tinha assim uns balancinhos, umas casinhas de madeira, uma coisa muito pequena, muito apertada e muito simples. Mas quando a câmera filmou lá com gente, tava menino subindo nos escorregador, a piscina que cabia 15 tinha 60, pessoal fazendo churrasco de carne moída (risadas dos ouvintes), eu brinquei pessoal falou assim “ô Padre, lá na roça a gente faz churrasco de carne moída”, até a pessoa não me chamou pra comer não, falou que existe. Aí a família mais humilde, o que que ela faz? Ela coloca uma batata, uma cebola, um pedacinho de carne, uma cenoura, uma batata, uma cebola, uma ponta de alho, um pedacinho de pele, meu filho. Você vai em churrasco de lasanha, churrasco de, perdão, de picanha, com lasanha, porque eu gosto de lasanha por isso que... picanha, você vai em certos lugar, o clima tá

pesado, pesado. Você vai em certos lugares, meu filho, não tem muita coisa, pessoal tocando samba, pessoal sambando nas mesas, os meninos chutando cachorro, uma confusão danada. Você nota que o que faz a felicidade não é apenas o ter, mas é principalmente o ser. Se você pudesse juntar as duas, aí nós vamos pra galera, né? Você satisfeito, com uma situação agradável, lugar que você pode passear. Mas não pense que o lugar externo fará com que você melhor internamente. Se você tiver mal por dentro, pode colocar na melhor festa, você não vai achar graça no salgadinho, você não vai achar graça no canudo, você só quer uma coisa: ir embora. Então Jesus tá falando um pouco disso. Segundo conselho: “olhai para as aves do céu, não semeiam, não ajuntam em celeiros, porém o Vosso Pai as alimenta. Não tendes vós mais valor que elas?”. Qual é o segundo ensinamento? Qual é o primeiro ensinamento? (silêncio) Já esqueceu? É porque eu não resumi pra vocês aprenderem. Então vamos resumir o primeiro. Primeiro, o importante não é ter, é ser. Qual é o primeiro? (assembleia responde inaudível) E o segundo? Deus cuida, Jesus que falou, falou “gente, olha os passarinhos, os passarinho, tão vendo? Os passarinhos não plantam, não colhem, não tem celeiro, Deus cuida do passarinho. Que que Jesus tá nos ensinando? Deus cuida da obra, da criação, é obra dele, ele cuida a natureza. Vós não tem, não tem mais valor que um passarinho? Você não vale mais do que um passarinho? Vale ou não? Se Deus cuida de um passarinho ele não vai cuidar de você? Então, pra que ansiedade? Tu és senhor o meu (assembleia completa, inaudível). Terceiro, “qual de vós poderá com todas as tuas forças acrescentar 1 milímetro a vossa altura?”. Quem é que consegue amanhã acordar com 1 milímetro a mais só porque você quer? Que que Jesus tá ensinando? Não sofra com aquilo que você não pode mudar. Tem gente que sofre com problema que nem é dele. Tem gente que parece um polvo, pega problema do filho, problema do vizinho, problema do amigo de trabalho, aí chega em casa você tá ó “ai, eu tô morto”, pra carregar tanto problema, haja perna! Não sofra com aquilo que você não pode mudar. O japonês é muito prático, japonês diz assim “você tem problema?”, “tenho”, “você consegue resolver?”, “consigo”, “então não tem problema”, “não consigo”, “então não tem problema”. Ele é pontual. Você consegue, resolva. Não consegue, então não tem problema! Não sofra com aquilo que você não pode mudar. Tem coisa que não tem como mudar e você vai tirar um peso das suas costas. Não sofra com aqueles que não querem mudar. Orientou, mostrou o caminho, a pessoa não quer? Não sofra, mas reze sempre pra pessoa, mas não sofra, a decisão é da pessoa. Não há como ajudar quem não quer ajuda. Não tem como mudar quem não abre o coração pra você. E tem gente que fica sofrendo, ansioso, preocupado, e quando você tá assim, a pessoa tá ó uh nem tchum pra você (imita pessoa despreocupada) nem tchum... Jesus tá falando: não sofra por aquilo que você não pode mudar, ser é melhor do que ter. Saber que Deus cuida de mim, me tira da ansiedade, eu não vou sofrer com o que eu não posso mudar, me deixa mais calmo. Quarto, “e quanto ao vestuário, que vocês ficam andando preocupados, olha o lírio do campo como cresce, não trabalha, não fia, Salomão com a sua glória nunca tinha uma roupa como a deles. Se Deus veste assim uma plantinha, que hoje tá bonita, e amanhã seca e morre, vós ele não vos vestirá a vós, homens de pouca fé?”. Qual que é o quarto ensinamento? As coisas exteriores não podem estragar as coisas interiores. Gente que fica preocupado só com aquilo que vem de fora. Vou ajudar muita gente aqui, muita gente não vai gostar de ouvir, mas eu vou falar pra ajudar. A palavra do outro tem força sobre você se você não se conhece. Se você sabe quem é você, o que que tem os outros falar? E tem gente que quase que morre, “mas falou de mim, é mentira”, é mentira?, “é”, então a pessoa não te conhece, não tem problema, “mas é verdade”, então também não tem problema, se é verdade não tem problema, qual que é o problema? Se é mentira a pessoa não te conhece, se é verdade então não tem problema. Foi o quarto, né? Quinto, “não andeis inquietos”, fala do seu lado “não fique inquieto”, “não andeis”... toda pessoa inquieta, ela é o quê? Ansiosa. Para de falar “o que eu vou comer?”, “o que eu vou beber?”, “o que eu vou vestir?”, não é pra você ficar assim não ó? (faz gesto de quem espera algo cair do céu), lá na praça do Santuário amanhã... “que você tá fazendo?”, “eu fui a missa do Padre Cristian ontem, ele falou que não é pra preocupar, nem com que eu vou comer, nem beber e nem vestir, eu tô aqui esperando... (faz gesto de quem espera algo cair do céu). Ô pena não passar um pombo, meu irmão, e te dar um selo de bobo. A leitura não está falando em passividade, ela está falando em quê? Preocupação! Não vos preocupeis. O cristão não pode ficar preocupado, ele tem que ficar o quê? Ocupado! Preocupado é ocupado antes da hora. A pessoa preocupada ela está ocupada antes da hora, e uma pessoa preocupada tira a paz da família toda, porque faz um escândalo num copo... (ESPERA A PLATEIA COMPLETAR), uma tempestade. Precisamos nos apegar àquele que é mais que comida, bebida, roupa. Tava conversando com uma senhora ela falou comigo, “ah padre, sabe o que eu tô fazendo?”, falei “não”, “me fala se é pecado”, falei “falo”, “meus filhos deram pra sair agora, eram adolescentes, ficaram jovens, antes eu ficava acordada, meia-noite, uma, ia na sala, três, falava aí meu deus do céu morreu, foi assaltado, 4 horas para um carro lá em casa, uma caminhonete, ele em cima da caminhonete com os colega, ‘uh uh’, eu falei ah cachorro, eu aqui morrendo de preocupação”. Aí, mãe sabe disso, o filho entra vai a mãe falar ainda “ô meu filho, eu tava preocupada”, ele acha ruim ainda “ah, vai dormir”. Falou “sabe que eu faço hoje? Largo o meu celular pra tocar, se precisar tocar, ponho do meu lado, e ó... durmo 9 horas da noite”, mas por que que a senhora consegue dormir? “Porque padre, eu aprendi uma coisa”, eu já falei isso aqui, e ela repetiu “notícia boa vai de carroça, tragédia vai de avião a jato, eu tenho certeza se o meu celular não tocou, ele tá na farra, que a hora que acontecer qualquer coisa o primeiro celular que vai tocar vai ser o meu, então não adianta eu ficar ansiosa, que que eu tenho feito: deito e durmo igual uma pedra, tem manhã que eu acordo, olho na cama e ele tá

lá puxando o ronco, falo ó Deus abençoe, voltou em paz”. Não é que essa mulher não está cuidando dos filhos, ela aprendeu a não sofrer por aquilo que ela não pode fazer nada. Que que ela pode fazer pelo filho dentro da casa dela ansiosa porque ele não chegou? Nada. Que que essa mulher aprendeu? “Vou dormir”, tá ganhando horas de sono, tá com a pele mais bonita, o marido tá mais satisfeito. Não é “buscai primeiro o reino de Deus e tudo mais vos será...” (ASSEMBLEIA COMPLETA). Deus tem que estar em primeiro lugar. Toda ansiedade, ela é vencida quando você sabe nas mãos de quem você está. E a gente consegue dominar a mente sim, porque eu não me considero uma pessoa ansiosa, mas quando eu tenho alguma coisa que me tira da minha zona de conforto, aí eu fico ansioso. Agora não, que eu já fui uma vez, então percorreu o caminho uma vez a gente já sabe que vai dá certo, mas a primeira vez que eu tive que ir a BH sozinho, depois da missa da família, pro meu curso de coach, motorista ia me levar lá 1 hora da manhã? Peguei o GPS, GPS é bom, mas você erra o caminho, ele fica louco, então você não pode errar, senão ela fala assim “recalculando rota”, mas ela não sabe o que que ela tá falando. Eu já falei com ela “não fala comigo que você vai recalculando a rota”, “recalculando o caminho”, falei “ótimo”, pelo menos mudou a rota. Aí fui, ansioso, falei ó quer saber de uma coisa, saí daqui de Divinópolis, pus um cdzinho, aí fui, passei em Itaúm, na hora que estou chegando ali em Betim o coração começa, né? “Ai ai ai”, isso é a mente, “se o pneu fura aqui hein? 1 hora da manhã, se alguém para o seu carro e rouba esse carro, se você erra o caminho do hotel vai pra uma favela... Na hora eu falei “pera aí, pera aí, quem tá falando essas coisas negativas? Aí é minha mente, é o lado de cá ó, self um (aponta para um lado da cabeça). Falei “não, cala a boca”, aí eu fui pro de cá (aponta pro outro lado da cabeça), tá assim “vai tranquilo, vai chegar tranquilo, vai fazer o check in, já tá reservado, chega no quarto vai ter frutas, vai dormir satisfeito”. Falei “não, eu vou acreditar nessa voz positiva”, e fui tranquilo, fui tranquilo, olhando o sinal, o GPS, tá, direita, esquerda, “você chegou ao seu destino”. Hora que eu olho assim, tá a placa do hotel, aí eu só “ahh” (faz gesto de quem respira aliviado). Qual é o nosso problema? A maioria das pessoas ficam ansiosas até ver a placa do hotel, aí a viagem foi péssima que a sua cabeça o tempo todo ficou mandando pra você informação negativa. Gente, a mente da gente oferece, quem aceita é a gente. Eu calei a minha negatividade, falei “não, deixa eu pensar positivamente, tô indo feliz, é um curso que eu quero fazer, tá tudo resolvido, to, tô com umas frutas aqui, o carro abasteci, olhei tudo certinho, a rodovia tá boa, não vai furar o pneu, vou chegar legal”. Pus lá na Band News, ouvindo notícia, na hora que eu assustei já tava chegando. A mente, ela luta contra nós, a sua mente, ela joga no time do adversário. Você tem que acostumar calar a sua mente negativa e potencializar a sua mente... (OUVINTES COMPLETAM – INCOMPREENSÍVEL). Isso, isso é natural ao homem? Isso é o quê? Duas palavras, três palavras, vamos trabalhar muito isso semana que vem: permissão, processo e treinamento. Se a sua mente você não se permite ter pensamento positivo, se você não entra no processo que não é de hoje pra amanhã, é um processo, e se você não aprende, não domina, eu falei a outra palavra qual é? Treino! Só pra ver se vocês estão atentos. Se você não treina, não vou falar o nome não, mas é aqui da igreja a pessoa, é um rapaz, falou “ó, padre, entrei agora pra musculação, falei “opa, isso aí, vai fazer o desenho do corpo, fica legal, vai definir isso aí”, “tá bom, perder essa barriga”, falei “ótimo, tá precisando”. Passou pouco, poucas semanas, umas duas, três semanas, “ah, eu saí” “porque?” “ah não vi nada”, falei “pera aí, mas quanto tempo você fez?” “ô, quanto tempo? 21 dias que eu tô lá, sô” (imita com sotaque mineiro), “quantos dias?” “21”, “desses 21 quantos você foi?” “12, são três semanas, fui de segunda a quinta”, falei “meu filho, você não tem espírito de atleta, porque você não sabe treinar, você não sabe esperar o processo, e você não tem persistência”. Você vai na academia, tem gente que é assim, entrou pra academia aquele dia, aí levanta um peso de cinco, aí já fica assim ó (como quem procura aumento dos músculos). Falo assim “mas meu filho, tem nada aí, não tem absolutamente nada aí, espera uns 4 meses, 5 meses, pra você começar a ver a coisa acontecer”. O ser humano está tão ansioso que ele não espera o processo. A vida é um processo. Por isso que eu falo com mulher grávida “você é ansiosa”, “ai, sou”, eu falo “ô coitada, 9 meses de ansiedade”, não vai adiantar, tem que esperar o processo. Último “não vos inquieteis com nada, não fiquéis ansiosos com o amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo, pra cada dia o seu cuidado”. Pra cada dia... (ouvintes completam). Está aqui, biblicamente, uma solução eficaz para as pessoas ansiosas. Então marque na sua Bíblia Mateus 6, 25 ao 34. Quando você estiver ansioso, quando você estiver preocupado, leia e volte nesses sete pontos e você verá que num desses você se encaixa: não vos inquieteis; não fiquéis ansiosos; não deixe que as coisas externas atrapalhem o seu interno; reze, confie, espere; não sofra por aquilo que você não pode mudar; dorme, ocupa seu tempo; saiba que tudo tem um processo, tudo tem uma hora certa pra acontecer; e a pessoa ansiosa, das duas uma, ou ela aprende a esperar, ou ela vai ter uma vida de sofrimento porque o mundo não vai andar mais rápido por causa dos ansiosos.

## Transcrição da PCD2

### Título do vídeo: DEPRESSÃO: COMO LIVRAR-SE DELA?

Convido você que está aqui no santuário, você que está em casa, principalmente as pessoas que sofrem com depressão, vamos fazer uma pequena prece, entregar este momento da pregação, para que esta palavra possa cair o nosso coração. E já possa ir fazendo algo, já nos libertando daquilo que sentiu Tobias, daquilo que sentiu também a sua futura esposa, uma vontade de morrer, uma angústia, uma tristeza, que chegaram até a rezar “Oh,

Senhor, tira a minha vida, é muito melhor eu morrer do que continuar assim”. Geralmente, este é o pensamento de uma pessoa que tem uma depressão crônica. E que, através desta palavra, que o Senhor nos ajude a superá-la, a vencê-la e a nos abirmos à graça e à cura que vem de Deus. Deus eterno e todo poderoso nós o louvamos e exaltamos e bendizemos porque nos dá mais uma vez a oportunidade de meditarmos a tua palavra. Fala ao nosso coração, senhor, fala ao nosso coração, principalmente das pessoas que sofrem com a depressão, pessoas que se sentem tristes angustiadas, infelizes, solitárias, uma vida sem sentido, uma vontade de chorar o dia todo, não há lugar que esteja bom. Fale de maneira especial a estas pessoas, senhor, mas fale não aquilo que nós queremos ouvir, mas o que precisamos escutar. Tira-nos da nossa zona de conforto e leva-nos para águas mais profundas. Pedimos isso ó pai, em nome de Jesus, amém! Amém? Meus irmãos, eu não vou pedir pra você levantar a sua mão porque vai expor você de maneira desnecessária, mas eu tenho certeza que pela divulgação da missa, há muitas pessoas aqui hoje que tem depressão, e você veio exatamente por isso. Talvez você viu a divulgação, talvez alguém falou pra você “olha, você que tem depressão, você que está fazendo esse tratamento, vai à missa quarta-feira, o tema será esse”. Nós temos milhares de pessoas espalhadas pelo Brasil que estão conosco agora e destas uma grande porcentagem sofre também com a depressão. E antes de entrar em alguns caminhos e que você tome a decisão de percorrê-los, uma pessoa passiva, uma pessoa que fica esperando as coisas, só fica reclamando da vida, me desculpem gente, me desculpa a verdade, mas eu não sei se você tem depressão ou não tem, mas uma pessoa que vive reclamando ela vai terminar sozinha e se você não terminar sozinha, as pessoas que estão com você estão porque não tem outra opção, porque é dose você conviver com a pessoa que vive reclamando. “Ah, Padre, mas eu tenho depressão”, você pode ter depressão, você não precisa ser um deprimido chato, você pode ser um deprimido simpático. Já é deprimido, ainda é chato, ninguém aguenta. E eu estou dizendo isso porque eu atendo as pessoas e as pessoas me falam “Padre, como é difícil conviver com alguém na nossa casa que, além da depressão, reclama o dia todo. Reclama da casa, se sai dá ruim, se tá em casa, tá ruim, reclama do cachorro, reclama de comida, reclama da roupa, reclama de tudo”. As pessoas, elas vão se cansando e elas vão se afastando e eu quero iniciar esta minha fala baseada na palavra, não é coisa da minha cabeça, nós escutamos aqui a leitura do livro de Tobias e eu estou aqui no capítulo 3, você de casa, se desejar, marque depois na sua Bíblia esses versículos da leitura e que você possa lê-los novamente. Eu quero citar dois, aqui nós temos Tobias e nós temos Sara, eles vão se casar depois, por enquanto eles ainda não se conhecem e os dois eu não vou dizer aqui que os dois estão com depressão, não vou dizer isso, mas os dois eles têm sinais de pessoas deprimidas, pessoas angustiadas. Eu cito primeiro é, fique atento a isso, eu cito primeiro Tobias e eu estou aqui no versículo 3 do capítulo 3, ele vai dizer assim, atenção: “Para mim é melhor morrer que viver, pois tenho ouvido injúrias caluniosas e sinto uma profunda tristeza. Senhor, ordena que eu seja libertado desta angústia. Deixa-me ir para a morada eterna e não me afastes, Senhor, de mim a tua face. Para mim é preferível morrer a ver tão grande angústia na minha vida”. Olha a prece do cara! Eu resumo em uma palavra só: desesperado. Uma pessoa que reza assim ela está desesperada. E o que é uma pessoa desesperada? (FALA PRA PLATEIA: UM DE CADA VEZ) O que é uma pessoa desesperada? (ALGUÉM RESPONDE NA PLATEIA, MAS NÃO É CAPTADO NO ÁUDIO) Exatamente! Ela perdeu a esperança. Então Tobias está dizendo “Senhor, eu estou tão triste, eu estou tão angustiado, que era melhor eu morrer”. Por que que Tobias quer morrer? A minha primeira pergunta. Vamos ver quem vai acertar. Tobias quer morrer? (NOVAMENTE INTERAGINDO COM OS OUVINTES) Não, certo! O que ele quer? Matar a angústia, matar a tristeza, matar a solidão, mas ele não sabe como. Então o que que ele disse para ele mesmo? “Como eu não posso matar esse sentimento se eu me matar resolve”. Toda pessoa que tem uma depressão profunda ela fica pensando besteira, fica pensando em morrer, “ah essa angústia não passa, a tristeza não passa, essa solidão não passa”. Ai, além de você ficar pensando essas coisas, quem é que começa a atuar na tua vida? Não o espírito santo, mas o espírito do mal. Ai, aqueles que querem roubar a sua alma, os demônios, começam a soprar no seu ouvido “se mata, se mata, acaba com a tua vida, não tem solução, você não vai melhorar, é melhor morrer...”, e você vai... (GESTICULA PERTO DO OUVIDO COMO SE COMPLETASSE COM “ENLOUQUECENDO”). Eu já atendi pessoas, até nós encaminhamos prum tratamento sério, além da Bênção, pessoas que chegavam ao ouvir vozes “se mate, se mate”. É uma tentação, claro que pode ser um distúrbio também, mas há muito de tentação. Larguemos um pouco Tobias, que ele tá desesperado, vamos agora para a desesperada. É, agora não é mais Tobias, eu estou com Sara. Mas também coitada de Sara, se eu fosse Sara eu estaria desesperada também, porque ela tem um demônio e o demônio se chama Asmodeu. Sempre que ela se casa, antes dela consumir o matrimônio, o demônio vai e mata o marido dela. Imagine só você ter um animal de estimação, pet. Ai eu pergunto para você qual é o seu pet? Você responde “é um cachorrinho”, glória. Qual que é o seu pet? “É um gatinho”, oh que bonitinho. Qual que é o seu pet? Ela “calopsita”, ô que lindo. Ai eu pergunto para Sara qual que é o seu pet? Ela fala “um demônio, e tem nome, tem nome chama Asmodeu, ele não quer que eu case. Eu caso, ele mata o meu marido”. E as pessoas daquela casa não acreditavam que ela tinha um demônio, um espírito mal, e eles ficavam falando com ela “olha, você tá dando desculpa aí, quem tá matando o seu marido, seus maridos, é você. Você deixa o marido dormir e você o sufoca com a almofada”. E ela ficou chateada e ela também fez uma oração. Mas antes da oração, tá escrito no Versículo 10 “Sara estava com a alma cheia de tristeza”, olha aqui “Sara estava com a alma”, é, guarde isso, “cheia de tristeza e pôs-se a chorar”. Vou abrir só um parêntese: Sara

chorava cheia de tristeza. Arcanjo Gabriel diz para Maria “alegra-te, você está cheia de graça”. Olha a diferença: Maria cheia de graça, Sara cheia de tristeza. “Ela subiu ao aposento do seu pai, no andar superior, com a intenção de se enforcar”, ela queria cometer o quê? Quantas pessoas você conhece e você conhece, não precisa ser da sua família, mas quantas pessoas você conhece que tiraram a própria vida porque estavam com depressão? “Ah Fulano suicidou, ah coitado, mas estava com depressão com tanto tempo”. Olha, pra você ver, Tobias pedindo a Deus para tirar a vida e Sara querendo tirar a vida, ela só não tirou a vida para que o pai dela não fosse humilhado. Ela falou “não vou tirar minha vida porque vai cair tudo isso nas costas meu pai”, “é, sua filha é muito bonita, mas não conseguia casar, quando casava o marido...” “olha aí, ela morreu e você não fez nada”. Então ela disse “então eu não vou tirar a minha vida, mas eu peço ao Senhor que me faça morrer, eu quero morrer”. Por último, olha que bonito, agora ficou bonito, Tobias estava num lugar Sara estava noutro, e os dois queriam morrer de tristeza e de angústia, os dois na mesma hora elevaram uma oração. É aqui que eu quero chegar, e é aqui que eu quero me fundamentar quando eu dizia há pouco a pessoa que reclama, “ah padre, eu reclamo porque eu tenho depressão”. Não, não, depressão é uma coisa, reclamação é outra coisa. Tem muita gente que não tem depressão, mas reclama 24 horas por dia. Então, olha a oração dos dois, repita comigo: “Tu és bendito, DEUS de misericórdia, bendito eternamente o teu santo nome”. Meus irmãos, pense comigo, pense comigo, mas tem que pensar Bíblia, Tobias triste, Sara triste, os dois angustiados, os dois querendo morrer, mas quando eles lembram de orar, eles ficavam antes pensando, mas quando ele se colocam na presença de Deus, eles não falam de morte, eles não reclamam de nada, é uma oração cheia de gratidão. Eu vou ler a oração, olha onde que eles estão reclamando aqui: “tu és bendito Deus de misericórdia e é bendito eternamente o teu santo nome”. Você que está em casa, anote! Anote isso aí você que está na igreja, grave na sua cabeça ou, se você tem celular, um bloco de nota, anote aí. Esta oração você pode rezar uma ejaculatória repetida no terço. Quando você for rezar aquele o terço, onde é o Pai Nosso você reza um Pai Nosso e um glória ao pai. Nas contas da Ave Maria é essa ejaculatória “tu és bendito Deus de Misericórdia”, aí a resposta “eternamente és bendito o teu santo nome”, “tu és bendito Deus de misericórdia e é bendito eternamente teu santo nome”. Cada continha uma ejaculatória. Porque, padre, que essa ejaculatória tem o poder? Porque foi esta ejaculatória que afastou do coração de Tobias e do coração de Sara a tristeza e o desejo de morrer. Vou repetir devagar pra você em casa anotar, quem está aqui anotando ou filmando, a oração é “tu és bendito Deus de misericórdia e és bendito eternamente o teu santo nome”, só essa ejaculatória. Ao invés de você ficar na angústia pensando na depressão, pensando em morte, pensando besteira, “tu és bendito Deus de misericórdia e és bendito eternamente o teu santo nome”, “tu és bendito Deus de misericórdia e és bendito eternamente o teu santo nome”, e vai repetindo. Esta oração salvou Tobias e Sara e a leitura vai dizer, e aqui eu termino pra entrar em quatro pontos com você, na mesma hora a prece dos dois foi ouvida perante a glória de Deus, amém? Entenderam o texto? Sim ou não? Se quiser, eu desenho. E o que é que eu quero que você entenda? Olha pro o padre aqui, o texto não fala em lugar nenhum “ai, eu quero morrer”, “ai, eu tô com depressão”, “ai, eu quero suicidar”, “eu tô angustiado”, você não ver em lugar nenhum depois que eles falaram isso que Deus ouviu, amém? Deus não ouve, tem coisas que a gente fala sem pensar, tá saindo por causa da sua tristeza, Deus nem ouve essas porcarias que a gente fala, mas quando você se coloca na presença dele e você começa a bem dizer “tu és bendito Deus de misericórdia e és bendito eternamente teu santo nome”, na mesma hora a prece foi ouvida, amém? Entendeu? Sim ou não? Então, para de falar coisa que Deus não ouve e passe a falar coisa que vai mexer no coração de Deus. Agora gente, vamos ver se vocês são espertos, porque você são espertos, você de casa que tá assistindo a pregação, quando eles louvam a Deus “bendito Deus, bendito o nome”, Deus ouviu. Aquela besteira “eu quero morrer”, “tira minha vida”, “estou angustiada”, se Deus não ouviu, quem que ouviu?? Vamo entender? (incompreensível) não são bobos. Se Deus não ouviu, alguém ouviu. Alguém que está interessado em destruir a vida, alguém que está interessado que você se mate. É por isso que as pessoas que ficam ruminando coisas ruins na cabeça, a tendência é ruminar mais, mais, mais, até que ela se vê num beco sem saída. E qual é a saída? Tirar a minha vida. Então o texto é esse e o contexto é esse. Nós temos, na Bíblia, repita comigo: “a depressão é destrutiva”. Está na Bíblia, provérbios 18:14, uma pessoa que tem depressão ela sente, e é verdade, que a sua vida está sendo destruída aos poucos, e tem alguns sinais de depressão. Primeiro sinal: é a tristeza que não passa, e aqui eu quero só abrir um parêntese bem breve, tristeza não é depressão, ok? Tristeza não é depressão. Hoje nós estamos no mundo, um pouco louco, que as pessoas não aceitam que elas ficam tristes. Então toda tristeza, o que que as pessoas dizem “ai, eu estou com depressão”. Não, não! Você perdeu um ente querido, você vai ficar triste, lógico. Você viu uma prova que você sonhava em passar, não passou, você vai ficar triste. Você perdeu o emprego, triste. Terminou o namoro, triste. Perdeu a oportunidade, triste. Foi traído por um amigo, triste. Mas qual é a diferença então de tristeza e depressão? Tristeza tem início, meio e fim, ela passa. A tristeza, ela passa. E o que é depressão? É a tristeza que não passa. Geralmente a tristeza, ela tem um porquê. Por que você está triste? “Eu estou triste por causa disso, disso e disso”. E a depressão, por que você está com depressão? A pessoa começa a chorar e ela diz pra ela mesma “eu não sei, o que eu sei é que tem uma tristeza dentro de mim, uma angústia, que nada tira e eu tenho vontade de chorar, é um nó na minha garganta o dia todo, eu não sei, aconteceram algumas coisas tristes, mas porque eu estou assim até hoje eu não sei”, é um sinal de depressão. Essa é a diferença. E a pessoa deprimida, ela tem: perda de motivação, o que a pessoa gostava, ela não gosta mais, a pessoa adorava

fazer caminhada, ela não pode nem ver tênis na frente dela, adorava andar de bicicleta, pode nem ver a bicicleta, adorava cachorrinho, deu o cachorro pros outros, adorava estudar, quer largar a faculdade, adorava passear, não sai pra lugar nenhum. Ela vai perdendo o interesse, ela não tem motivação para mais nada. Motivação é motivo para ação, ela não quer agir, aí é para matar, né gente? A pessoa quer ficar dentro do quarto, com janela fechada, porta trancada, cortina fechada, cobertor na cabeça, esse friozinho ela põe o edredom e liga Renato Russo, aí tá russo mesmo, hein meu filho? Aí o trem tá russo. Você com depressão, ouvindo Renato Russo, você vai se matar daqui a pouco. A pessoa dentro de um quarto fechado, tudo escuro (cantarola ironicamente o início de uma música do Renato Russo “ainda que...”). Olha meu filho, dá o seu jeito aí. Nós vamos te passar algumas dicas que a pessoa deprimida não pode fazer de maneira nenhuma. Aí alguém me diz “ô padre, mas eu quero sair da minha depressão”, eu estou vendo que quer, estou vendo, levantando 11 horas da manhã, não escova dente, não penteia cabelo, não come, não vai numa padaria, não abre a casa, não reza, eu tô vendo como você quer sair da depressão. “Ah, padre, eu não dou conta”, você não dá conta de tudo, mas de pequenas coisas, você dá conta, e fazendo pequenas coisas, você começa a fazer coisas médias, e fazendo coisas médias, começa a fazer coisas grandes. O primeiro interessado a sair da depressão é aquele que vai tomar atitude, e você tomando atitude a graça de Deus ela vem. Você ficar o dia todo sentado, chorando, deitado, cobertor na cabeça, vai morrer assim, me desculpe. Você tem que buscar dentro de você uma força que você acha que não tem, e se você não tem essa força, peça ao Espírito Santo, que ele tem. Sentimentos excessivos de culpa, pessoa deprimida fica se culpando, se culpando. Baixa autoestima, ah essa é terrível, a pessoa olha no espelho “nan, eu sou feio viu, Nossa Senhora, eu quero é morrer mesmo, tô feio demais, além de feio, eu tô burro mesmo”, baixa autoestima, a pessoa fica falando coisas negativas. Pensamentos negativos, só pensa coisa ruim. Vontade de se isolar da família e dos amigos, “não quero conversar com ninguém”, “não quero ver ninguém”. Falta de concentração, a pessoa não consegue trabalhar e estudar direito. Dorme demais, ou não dorme nada, tem gente que tem depressão dorme igual um urso hibernando, levanta 11 horas, três horas da tarde: “ai, parece que não dormi nada”, aí fica cochilando, deita 7 horas da noite, levanta meio-dia, sinal claro de depressão. O sono é uma fuga, então a pessoa fica dormindo demais, só dorme, onde ela senta ó (imita alguém cochilando), “ô padre, tô cansa...”, não tô falando de pessoa cansada não, uma pessoa deprimida, né? E tem gente que não dorme, 4 horas da manhã (faz gesto de despertar), aí deita 4:15, 5 horas “nossa dormi demais, 45 minutos”, a pessoa não tem sono, depressão também. E pensamentos de suicídio. Esses sinais é de uma depressão severa. Eu quero compartilhar com você, e aqui eu estou na minha reta final, quatro promessas de Deus que podem ajudar você a vencer a depressão. Permita-me só abrir aqui um parêntese, você que está comigo agora pelo YouTube, eles vão colocar aqui na legenda vários vídeos que já foram gravados anteriormente a esse, sobre depressão. Eu falo sobre alimentação, mudança de hábitos, a questão da oração, do pensamento, do sentimento e da atitude. É uma lista de vídeos, na verdade, existe uma playlist aqui no nosso canal Luz e Vida só de depressão. Então, você ouviu esta pregação, você tem depressão ou conhece alguém que tem, vá nas outras também. Não dá tempo em 40 minutos, que é o tempo da pregação, eu falar tudo que eu já disse nas outras, e o que eu estou pregando hoje não tem nas outras, eu não vou repetir o que já foi gravado, tá bom? Terminando esta, assista também as demais. Eu quero compartilhar com você quatro promessas de Deus. Primeira promessa: eu não estou sozinho. Repita, eu não estou sozinho. Segunda promessa: Deus vai me consolar, “Deus vai me consolar. Terceira promessa: alegria vai voltar, alegria vai voltar. Quarta promessa: eu tenho futuro, eu tenho futuro. Por que que são quatro promessas? Porque elas foram feitas como se fosse uma cadeira, quatro pés que te sustentam. São quatro promessas, são quatro colunas que te mantêm de pé. Rapidamente cada uma. Primeira, eu não estou sozinho. A pessoa deprimida ela sofre também de solidão, “aí eu tô sozinha”, “ninguém me entende”, “ninguém me ouve”, “ninguém me completa”. Não gente, isso aí não é porque ninguém te completa não. É que a pessoa com depressão, ela não consegue sentir amor. Então, ela tá cercada de carinho, ela se sente sozinha, ela tá no meio de uma multidão, ela se sente sozinha, ela tá ao lado do pai, a mãe, os irmãos, namorado, namorada, ela se sente sozinha. Eu atendi uma moça com depressão, ela dizia que era um sofrimento, que ela ficava no quarto sozinha, ela chorava, aí o namorado ia ficar com ela, na hora que o namorado entrava no quarto, ele ficava dando atenção para ela, ela tava rezando para ele ir embora, porque ela tava se sentindo muito mal, com depressão com ele, na hora que ele ia embora, ela chorava, que ela tava sozinha, entende? É depressão gente, não é frescura. A pessoa deprimida ela se sente sozinha, ela está sozinha só, ou ela está sozinha acompanhada. Mas quando eu falo aqui de você não está sozinho, é a pessoa de Deus, é a benção de Deus na sua vida. Está em Hebreus 13:5 “Deus disse nunca o deixarei, nunca o abandonarei”. Na sua tristeza, Deus está contigo, e você precisa entrar em contato com ele. A primeira coisa para você começar a vencer a sua depressão é oração. É não perder a esperança e parar de falar bobagem como Tobias e Sara, “ô meu Deus, o melhor para mim é morrer”. Coitadinho do seu corpo, eu tenho pena, pena, dó de quem fica pensando em morrer, coitadinho do corpo da pessoa, o corpo tá falando totalmente o contrário, você quer morrer, o seu pulmão tá ó (imita pulmão respirando), seu pulmão “morre não, cara, tô respirando aqui, morre não, não quero parar não”. Você quer morrer, seu coração tá (faz gesto de coração batendo), o coração “morre não, cara, nós tamo juntos nessa, morre não”. Seu sistema todo funcionando, o sangue correndo, sua cabeça pensando, tão me entendendo? O organismo todo querendo viver e a sua cabeça pensando em morte. É por isso que a pessoa que tenta o suicídio, na hora que ela tenta o suicídio, que que ela

tenta? Não morrer. É uma atitude. Tanto que a pessoa, muitos que são encontrados, em vários, várias formas, mas de maneira especial a pessoa que se enforca, eles notam que ela tentou tirar a corda, porque na hora da morte, a vida, ela clama. Então, você tem que, na presença de Deus, e renunciando a todo sentimento de solidão, ir tomando consciência da presença de Deus na tua vida. É isso que o diabo quer, que você acha que está sozinho, “Deus te abandonou”, “sua família te abandonou”, “ninguém quer saber de você”, “morre mesmo, é melhor você morrer mesmo”. Não! Ainda que a minha mãe me abandone, o Senhor me acolherá, ainda que as pessoas me traiam, o Senhor permanece fiel. Esse é o ponto 1: na tristeza Deus está comigo. A depressão passa ideia de que Deus abandonou você, mas ele não abandonou. Segundo, eu disse: “Deus vai me consolar”, isso está em Mateus 5:4, “bem-aventurados os que choram porque serão consolados”. Então, você que tem depressão, clame o espírito santo consolador. Jesus que disse, não foi? Sim ou não? Jesus disse assim, tem que lembrar o que Jesus disse, não esqueça o que Jesus disse. Jesus disse na sua ascensão “permaneçam em Jerusalém, eu vou para o pai, mas eu não vos deixarei órfãos. Eu vos enviarei o consolador”. Então, se você está com depressão e você se sente uma pessoa desconsolada, peça a consolação do Espírito Santo. Terceiro, você disse: “a alegria vai voltar”, isso está no Salmo 126: 5 e 6, “aqueles que semeiam entre lágrimas, colherão com alegria, aquele que sai chorando e lança a semente, ele volta cantando, trazendo o seu feixe”. Você que tem depressão, você tem que dizer pra você mesmo “hoje eu choro, e Deus vê as minhas lágrimas como um plantio, porque aquele que semeia chorando, ele colherá com alegria”. A tristeza vai passar, amém? Você conhece uma tempestade que nunca terminou? Não existe. Você conhece uma noite que nunca se findou? Toda a tempestade, ela vai acabar uma hora. Toda noite, ela vai terminar em algum momento, assim a depressão. Eu comparo muito a depressão, não sei se você conhece, com videira, é um pé de uva. Eu não realizei meu sonho ainda, porque eu fui fora da época né, eu fui acompanhando um grupo, não fui a passeio, mas acaba que a gente passeia um pouquinho. Esses grupos que a gente acompanha nos santuários Marianos na Europa. Eu já vi, tem coisas que fica na minha cabeça, eu fico pensando, pensando. Eu vi uma vez num cartaz de vinho uma vinícola, mas lindíssima, com uvas enormes, um lugar lindo, e eu li embaixo estava escrito região da Aurélia, Itália, falei “ah, um dia eu quero conhecer”. E nós indo de uma cidade da Itália pra outra, nós passamos na região da Aurélia, eu falei “nossa é meu sonho”, “pára o ônibus pelo menos meia hora, só pra eu tirar foto”, só que nós passamos no inverno, no final do inverno. O que que eu vi lá na Aurélia? Nada, nada, aquele tanto de morro, uns pauzinhos preto assim ó tudo torto, eu falei assim “o que que é isso aí?, aí falou “padre, são as videiras de Aurélia, é onde sai os melhores vinhos italianos”, eu disse “é, eu tô vendo”, eles falaram “é porque o senhor veio na época errada, o senhor veio no inverno, o senhor tem que vir no fim do verão, tudo verde, cheio de uva, é um lugar que atrai turistas, é um lugar mais bonito do mundo pra quem gosta de vinho”. E eu olhando aqueles pés de uva, aquele pauzinho preto seco, ninguém imagina que tem vida ali, né? Não é gente? Uma pessoa deprimida é assim, alguém que perde um parente, você que perdeu um amigo, que terminou o namoro, que perdeu o trabalho, que tá com muito problema na vida, você parece um pauzinho de videira, torto, não tem fruto, não tem folha, não tem vida. Mas aquele pauzinho ali todo torto, todo feio, é só questão de tempo. O inverno vai passar, olha, o inverno vai... Passa! Tudo na vida passa, passa momentos bons, mas passa os ruins também gente. Aí aquele pauzinho torto, o inverno vai passar, vai começar a primavera, os passarinhos começam a voar e aqueles pauzinhos todos, parecia que estava morto, começa a brotar, um brotinho aqui, pequeninha a folhinha, um outro brotinho aqui, quando a primavera está na sua estação maior, ela começa a se encher de folhas, a gente fala “meu Deus, ela não estava morta, tinha vida dentro dela”. Quando vai chegando o início do verão, começa a florir e depois começa a aparecer aqueles cachinhos de uva, e no alto do verão aqueles cachos suculentos, deliciosos, que vão ser colhidos para o melhor vinho, até que venha novamente o outono, ela vai perder as folhas e vai se encolher de novo. Você que sofre com a depressão, é o melhor exemplo que você pode colocar na sua vida: um galhinho seco de uva parece que está morto, mas não está tem muita vida dentro de você. Basta você confiar, rezar, buscar e essa vida começa a brotar. Talvez você não saia há muito tempo, aí um dia você sai para comer uma pizza, ficou lá uma hora só, mas saiu um pouquinho. Você não sai de casa pra nada, aí uma manhã você atravessa a rua e vai na padaria, já sai um pouquinho, é um brotinho. Você não queria ver televisão, um dia já assiste um filme, um canal de streaming, já gostou do filme. Você não recebia ninguém, aí um dia você recebe um amigo. Olha aí, começa a brotar. E depois você só vai e a vida ela volta, a vida ela volta. Então a minha sugestão, se ajudar você, você pode ir no papai Google, que o Google tem tudo, né, coloque lá “as quatro estações da videira” e tem essa ilustração, ele seco, ele brotando, ele enchendo de folhas, ele enchendo de uva, aí você imprima no papel A4 pequeninho e coloque na porta do seu guarda-roupa. Toda vez que você tiver bem para baixo, cê olha e diz “tem vida aqui dentro, eu posso estar assim hoje, mas eu vou brotar, eu vou florir e eu vou frutificar”. Jesus falou tanto do vinho, ele falou tanto da plantação da videira né, que o homem plantou uma videira e os agricultores foram trabalhar, quer dizer nós somos um pouco essa videira, né. Quando a tristeza vem parece que nunca vai passar, que nunca vai passar, mas basta você esperar, que você verá, a tristeza não é para sempre, o que você tem é que bem dizer mais, reclamar menos, colocar coisas melhores na sua cabeça e não ficar pensando besteira “suicídio, minha vida tá ruim, não tem solução, eu sou um zero à esquerda”. Não faça isso, acredite, espere pela alegria de Deus. E, por último, você tem um futuro, vamos dizer isso, diga “eu tenho um futuro”. A pessoa deprimida, ela acha que não tem futuro, que o futuro dela é pior do que o presente, aí meu filho é pra morrer mesmo, né? Você tem que “não,

eu tenho um futuro, se Deus quiser, com a graça de Deus, eu vou viver muito ainda, e eu não vou viver com essa depressão, eu irei ser uma pessoa feliz novamente, eu vou voltar a sorrir, eu vou voltar a estudar, eu vou voltar a trabalhar”. E comece a se mexer, Jeremias 29:11 “porque sou eu que conheço os planos que tenho a seu respeito, planos de fazê-lo prosperar e não de causar dano, plano de dar a você esperança e um futuro”. Olha, que bonito, Deus fala para você “eu tenho planos pra você de prosperidade, planos de alegria, planos de esperança, planos de futuro”. Então a gente tem que rezar também para a esperança aparecer no nosso coração, se você ficar escutando só as pessoas, cada uma vai dar um fora maior que a outra. Escute primeiro a Deus, escute mais o seu coração, busque ajuda, e faça pequenas coisas todos os dias pra você se livrar da sua depressão. Um conselho para as pessoas aposentadas e que sofrem com depressão: um trabalho voluntário, voluntário. Aqui em Divinópolis, eu já indiquei para muitos, a pessoa tem uma melhora rapidinha, viu? Parece até um milagre. A pessoa tá com depressão, reclamando da vida, tudo tá ruim, ela tá sozinha. Ela começa a ajudar na... (incompreensível), ela começa a tratar as pessoas com câncer, ela começa a ajudar os familiares, ali ela olha e diz “gente, não tenho problema não, minha vida tá muito é boa”. Olha, quer dizer, você está tirando os olhos da sua miséria e tendo misericórdia da miséria do outro. Ajudando o outro, Deus vai começar a trabalhar em você. Estendendo a mão pro outro, Deus vai estender a mão pra você. Então, o trabalho voluntário, ele nos dá muita graça. Trabalhar com crianças, olha, uma creche, tem tantas creches aí, eles pedindo ajuda, fale, olhe, “uma vez por semana, durante uma hora, eu venho aqui brincar com as crianças”, tô falando para quem é aposentado, vai lá, você vai ver que é uma vez por semana, daqui a pouco você tá lá todo dia. Você se afeiçoa às crianças, eles começam a chamar de vovô, de vovô, você já começa a... (incompreensível), quer dizer, você ocupa a sua vida. E eu quando falo de criança, eu não estou falando da minha cabeça, eu não ia entrar no assunto, mas, com isso eu encerro. Nos Estados Unidos, pesquise o que eu estou dizendo, pesquise, eles estão transformando muitos asilos e creches numa coisa só, olha a ideia, olha a sacada! Qual é a sacada? É que aqueles idosos que ficavam o dia todo sentados em cadeira de rodas pensando na morte, e me desculpe gente, me desculpe, se eu tô falando mentira ou besteira me fale. Eu visito muitos lugares de idosos e o que eu vejo, não em todos os lugares, mas o que eu vejo em muitos lugares são pessoas esperando o quê? A gente vê no rosto deles, uma tristeza, uma carência, uma solidão, o cara está esperando o que? A morte. Não vou falar o nome da cidade não, mas é perto de nós, e tem cidade que eu não sei porque eles tiveram o mal gosto de colocar o asilo de muro com o cemitério, aí gente é pra matar, porque o idoso está lá, ele chega no quarto dele, qual é a visão? As tumbas. Qual a mensagem? Daqui pra ali. Eu não sei você, eu falo a partir de mim, eu não gostaria de ser um idoso doente e da janela do meu quarto eu ficar vendo um cemitério. Você gostaria? É assim que acontece em muitos lugares. Muitos lugares tem brincadeira com idoso, tem jogo, tem terapia, tem filme, tem, mas tem lugar que não tem nada, é só remédio e comida. Eles ficam o dia todo ó, uma tristeza. Que que eles fizeram nos Estados Unidos “não vamos ter creche separada, os asilos serão creche também”, aí meu filho, pensa com o padre aqui, aquele vovozinho na cadeira de roda, que não recebia visita, que não tinha ninguém, chega uma criança, fala assim “a partir de hoje, toda vez que você chegar, ele é o seu vovô, tá?”, “e ele vai ser o seu netinho”, “ah, eu não quero saber de menino não” (imitando voz de idoso), isso é no início. No segundo dia, “cadê aquele meu neto?”, “ah, você não falou que não queria?”, “querer eu não quero, mas já que tem”. Passa poucos dias, tá comprando balinha, deu a hora “cadê ele, cadê ele?”. Meu filho, 78% de cura de depressão, 78 por cento. Minha pergunta é: o que faltava na vida desses idosos? Vida, amor, espontaneidade, carinho. Chega no natal, eles querem dar um presentinho pro netinho, o neto chega e fala “bença vovô”. O vovô antes queria ficar na cadeira, não queria tomar banho, agora o netinho falou “que cheiro ruim, vovô”, no outro dia fala “o meu neto vai chegar, me dá banho, não deixa eu cheirando a xixi não”. Tem testemunhos de idosos, que depois que o asilo virou creche, eles voltaram para a sociedade, melhoraram. Tava encurvado, melhorou. A pressão melhorou. A vida voltou. Ficaram amigos da família da criança, tão me entendendo? Então, leve vida pra sua vida. Você que é adolescente e jovem, nós temos hoje no mundo, mas estou falando a nível de Brasil, um alto índice de suicídio de adolescentes e jovens altamente depressivos. Primeiro, não tem outro caminho gente, é o caminho de Deus. Segundo, é se cercar de boa gente, se cercar de boa gente. Não há nada melhor do que você está cercado de boa gente, porque uma gente não boa ele te torna não bom. E outra, fazer coisas que nos dão alegria e que o dinheiro não compra. Eu tenho visto muitos adolescentes e jovens cheio de coisas que o dinheiro compra, tênis caríssimos, roupas da moda, último celular, muito bem vestidos, muito bonitos, rapazes e moças, mas quando você olha no coração deles, o que que tem ali que o dinheiro não compra? Aí está vazio, estão vazios, não tem carinho, não tem amor, não tem presença, não se alegram com as coisas lindas e simples da vida, então é preciso buscar essas coisas. E você que já é uma pessoa adulta ou idosa, colocar no seu coração essas quatro promessas de Deus. E não é só escutar padre não, gente, escutar padre não muda a vida de ninguém. Tem que colocar em prática o que o padre está falando aqui. Então, a partir de hoje, reze. Qual é a oração para eu rezar a partir de hoje? Já passei aquela, de Tobias e Sara, mas tem essa oração também “senhor, coloque no meu coração quatro certezas, coloque no meu coração senhor que eu não estou sozinho, coloque no meu coração senhor que tu és o meu consolo, coloque no meu coração senhor que a alegria vai voltar, que eu sou uma videira seca, mas que eu vou brotar, e coloque no meu coração uma certeza: eu tenho futuro, eu tenho muita coisa boa pra viver, eu tenho muitos dias legais pra viver, a começar de você”. Antes de rezar um pouquinho, eu só queria dar um cutucão aqui em alguns, não em

todos, eu sei gente, eu sei, que você queria na sua casa mais os seus filhos e mais os seus netos, eu sei, mas tem família que precisa me desculpar, não é mole né? Cada um sabe a família que tem. Tem família que os filhos querem trabalhar, procuram os pais idosos raríssimas vezes, os netos vão na casa da vovó eu não sei pra que que eles vão porque não param de mexer em celular, fica a vovó sentada, ela não entende aquilo ali e eles não querem ensinar, não tem paciência, aí compra um aparelho pra vovó, a vovó fala “como que põe foto?”, “ihh, te ensinei 20 vezes, vovó”, tadinha, ela vai parar de pedir, e não põe foto, né. Eu tô mentindo? As vovós falam “padre, meus netos vem aqui mas não interagem não, eles chegam, ligam a televisão ou ficam no celular, não conversam com a gente”, aí a vovó fica lá sentada, balançando o pé, machucando a língua pra ver o que que vai acontecer ali, e não acontece nada. Eu não tenho mais vovó e, modéstia à parte, Deus está vendo, que neto viu, modéstia à parte, tanto pro meu avô como pra minha avó, que neto, e eu posso falar de peito cheio hoje, que filho também, viu? Pergunte a minha mãe. De vez em quando...(faz gesto indicando que também se briga), né? Porque família é família, mas meu coração dói na hora, tadinha, quando eu começo a perder a paciência, eu já dou a minha rodopieta e já volto. A minha mãe falou “é Cris, comigo você nem perde a paciência, né?”, “eu falei, é mãe, pode falar, pode falar”. Ontem mesmo, a gente foi para casa do meu irmão para eu brincar com meus sobrinhos, né? A minha mãe, eu não lembro o que, e minha mãe falou alguma coisa, eu falei assim “mãe, a senhora confundiu, a senhora falou isso, isso, e agora a senhora falou isso, ela mudou a coisa, não era isso”, eu não vou contar o que era, “eu falei que era isso aqui ó”. Aí eu falei, falei “mãe e outra só ela repetiu quatro vezes viu a senhora, já falou isso”. Na hora, vem no meu coração assim “tadinha, ela é uma senhora”. Aí, antes, minha mãe me conhece também né, antes de eu remendar ela pôs a toquinha e falou comigo assim “mãe veja incomoda né meu filho, eu acho que eu fico te incomodando, eu fico repetindo as coisas”, ela fala isso que ela sabe que é meu ponto fraco, “ô mãe me desculpa não sei o quê não sei o quê” né? Mas a gente tem, gente, que exercitar, nós que somos os filhos, e que temos pais mais velhos, a paciência cabe a nós hoje. Quando nós éramos pequeninhos a paciência foi deles, como tem que ter paciência com os meninos hoje, como tem que ter paciência com os idosos. E mais um cutucão, só dá um exemplo final, ó... “é, padre, cuidar de doente não é fácil, viu?”. Não é, não é, mas deixa eu te dar uma palavra: mais difícil que cuidar de doente é estar doente. A pessoa não gostaria de estar doente não, se ela pudesse ela queria estar comprando a saúde. Mais difícil que cuidar de doente é estar doente. Então, cuide com o zelo, mesmo com dificuldade, dos doentes da sua família, papai e mamãe. Porque se não é fácil cuidar do doente, é mais difícil estar doente, a paciência, a paciência. E o que eu ia dizer digo agora: o primeiro passo para você vencer a depressão é você que precisa dar. Não há como você ajudar quem não quer ser ajudado, a pessoa tem que tomar consciência. “Eu estou com depressão”, não fala ter não, fala estar, estar passa, ter permanece. “Eu estou com depressão, eu preciso de ajuda e eu quero fazer algo”. Mesmo sem querer faça. Tome sol todos os dias. pelo menos 10 minutos. Abra a casa, não fique dormindo o dia inteiro. Pare de reclamar. Tenha uma vida de espiritualidade, procure visitar as pessoas. Você não tem nada para fazer, sai andando na rua, roda o seu quarteirão, vai numa praça e volta. Pessoal que tem carteirinha de transporte de graça, sobe no ônibus, vai no ponto final, lá você sabe de novo, volta e vai na janela óóó (gesticula). Uma senhora falou comigo que ela tem um cartão aí de ônibus intermunicipal, o dia que ela acorda enjoada, ela vai lá para Belo Horizonte desce, pega o outro e volta, “padre, é um passeio que é duas horas tanto para ir, duas para voltar, eu vou de manhã, chego à tarde, eu chego legal, eu vejo tanta gente, tanto carro, é congestionamento, eu acho tão legal, nossa, tudo parado que legal, um caos”. Ela tá passeando, gente. Dê os seus pulos, dê os seus pulos. Se você, meu filho, não der os seus pulos e ficar esperando alguém fazer, não vai acontecer. Eu comecei a dizer agora, e volto no raciocínio, você que gosta de filho e neto em casa, eu não tava falando isso? Aí a pessoa que tá com depressão, “ô padre, eu estou com depressão”, “por que você está com depressão?”, “porque meus filhos não vão lá em casa e nem meus netos”. “E aí?”, “e aí eu tô com depressão”. “Pois é, agora que tá com depressão, eles começaram a ir? “Não”. “Então por que você tá com depressão? Não funcionou, não funcionou”. Meu filho, a verdade é uma, seria melhor se eles fossem? Lógico. Eles não vão, não. Ocupe o teu tempo, ocupe o teu tempo, vai pra um grupo de mães, vai aprender a fazer tricô, vai dançar um forró, vai fazer pilates, vai fazer qualquer coisa, ocupe o seu tempo, porque os seus filhos estão trabalhando, tem pouco tempo, final de semana pode ir lá, mas dia de semana é um pouco mais corrido mesmo, os netos estão nesse inferno de celular, tanto faz como ir como não ir, eles não conversam mesmo, então ocupa o seu tempo. Tem vários grupos de terceira idade, e aqui eu quero jogar a semente, e vamos ver se aparece, eu deixei para hoje, eu tô falando na presença de Deus pra Deus abençoar e Deus me Honrar aqui nesse santuário. Eu quero convidar as pessoas na terceira, na melhor idade, pessoas que já são aposentados, para nós criarmos aqui no santuário grupos da terceira idade. Você vem para cá de dia, você pode ajudar a mexer com pílula, se quiser eu arrumo alguém que ensina a fazer tricô, a fazer pintura. Talvez um professor que queira doar o seu tempo pode ensinar você a dançar o tchatchatchá, isso eu ensino, esse é o passinho, entendeu? Qualquer coisa, meu filho. O negócio é correr com a depressão, o negócio é ter alegria de viver. Brincadeira a parte, é assim que se vence a depressão, com sorriso nos lábios, fazendo o que te dá alegria, não fica em casa sozinho pensando em besteira. Vamos chamar aqui no santuário grupos da terceira idade, pra vocês conversarem juntos, ver um filminho, estourar uma pipoca, quem sabe algo que ensina pro outro, pode começar com trabalho manual, a única coisa que eu quero é que os idosos que ficam sozinhos em casa, pensando besteira, tenham alguém aqui para eles conversarem. Finjo que eu não sei não, fofocar faz parte,

e acontece mesmo, então as risadinhas. Só não pode fofocar do padre, é pecado viu? Mas meus irmãos, você que está em casa, você que está aqui no santuário, tentei, de maneira leve, simples, alegre, passar vários conselhos úteis e poderosos pra você já começar a vencer a sua depressão. Só esses bastam? Talvez sim, talvez não. Mas não nos cabe saber o final do caminho, cabe-nos caminhar, não nos basta saber o final do caminho, basta caminhar. E hoje foram dados vários passos para que você possa tomar contato com a sua depressão e vencê-la, com a graça de Deus. Não será agora, mas no final da santa missa, eu quero uma oração de imposição de mãos e uma benção individual para todas as pessoas que vieram com depressão. Você não vai sair daqui sem ser abençoado e a sua vida vai melhorar. E você que está em casa, logo após a pregação, ele já corta para o momento do Santíssimo, eu quero com Jesus na Eucaristia profetizar bênçãos e graças na sua vida. Como eu não posso orar por você presencialmente, através de Jesus Eucarístico aí na sua casa, Deus fará uma grande obra no seu coração, através destes quatro pontos, porque tudo é possível àquele que crê. E acredite, nada na nossa vida é por acaso, um dia, nesta vida ou na outra, você vai entender o motivo de você passar por este período de depressão. Algo você estava aprendendo aí, algo acontecia aí, espero que para melhor, sempre para melhor àqueles que buscam as coisas do alto. Ao Senhor Jesus toda honra, glória e louvor. Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado.

Graças e louvores se deem a cada momento, ao santíssimo e digníssimo Sacramento. Graças e louvores se deem a cada momento, ao santíssimo e digníssimo Sacramento. Graças e louvores se deem a cada momento, ao santíssimo e digníssimo Sacramento. Jesus manso e humilde de coração (incompreensível). Oração por todos nós, pelas nossas famílias, de maneira especial as pessoas que sofrem de depressão e enfermidades decorrentes disso. Senhor Jesus, neste momento nos colocamos na tua presença, rogando por todas as pessoas que sofrem com a depressão. Tu sabes Senhor quantas pessoas infelizes, insatisfeitas, deprimidas, cansadas, pessoas que estão vivendo a custa de remédio e nem o remédio tá funcionando mais. Pessoas que a vida é chorar. Tu és o nosso Deus, tu és o Deus da vida, a última palavra, Senhor, não é da medicina, é tua. Então volta o teu olhar sobre as pessoas sofredoras, tantas que estão aqui neste Santuário e tantas que nos acompanham de casa. Toque profundamente nesse coração. Vai Jesus à origem desta depressão, cura Senhor, toca profundamente o nosso ser, o nosso coração, vá conosco Jesus aonde tudo começou. Aquela perda, aquela tristeza, aquela traição, aquela morte, eu não sei, mas Tu sabes Senhor aonde foi que essa depressão começou e se instalou dentro de nós. Vede senhor o sofrimento destas pessoas que não querem mais sair de casa, estão se afastando da família e dos amigos, perderam o entusiasmo, pessoas que tem um sono excessivo, cura essas pessoas agora senhor. Liberte tantas pessoas que trazem na cabeça pensamentos de suicídio, de derrota, de fracasso. Ide, Senhor! Pessoas que não dão conta nem de tomar banho, não querem se alimentar, ou seja, desejam a morte a cada dia. Eu clamo a vós senhor, tu és o Deus da restauração, tu és o Deus da vida. Encha o coração destas pessoas de vida, porque nós renunciamos a toda depressão, a toda ansiedade, todo medo, síndrome do pânico, pensamento de suicídio, tudo isso cai aos teus pés, Senhor. E nós tomamos posse da tua palavra e que teus santos os anjos estão se acampando ao redor dessas pessoas, no nosso quarto, na nossa casa. Conceda, Senhor, a tantas pessoas um sono restaurador, pessoas com sono muito inquieto, você tem a impressão que tem alguém dentro do seu quarto, você escuta barulho, passos, o Senhor está curando, está libertando você. Ele está limpando a sua casa, purificando a sua casa. Repita comigo: “Senhor Jesus, eu tomo posse de tudo que ouvi, senti e vivi aqui esta noite. Eu quero sair daqui, Senhor, uma pessoa transformada, eu quero ser feliz de verdade, e eu tomo posse da tua benção dirigida especialmente a mim. Obrigado senhor, porque eu já estou vencendo a depressão, eu já estou vencendo a minha síndrome do pânico, eu sou mais do que vencedor da minha ansiedade, tu estás comigo, eu contigo, e eu tenho fé de que todas as coisas concorrem para o meu bem, até aquelas que eu não entendo. Louvores e glórias a ti, Jesus”. Preparando para benção vamos cantar este refrão “Cura Senhor onde dói, cura Senhor vem aqui, cura Senhor onde eu não posso ir”, clame conosco. Nós vamosabençoar os objetos que vocês têm nas mãos e você de casa pegue rapidinho a sua água. Você que tem depressão, toma os remédios com água benta, tome água benta todos os dias, e permita que Deus faça maravilhas na tua vida. Deus eterno e todo poderoso, dignai-vosabençoar os nossos filhos e filhas que agora vos apresentam peças de roupa, remédios, exames, carteiras de trabalho, tantas pessoas desempregadas, pessoas doentes e acamadas, pessoas que se sentem abandonadas e solitárias,abençoe esta chave, da casa, do carro, local do trabalho, essas alianças, remédios, pedidos de exame,abençoe senhor esta água, assim como do teu coração aberto pela lança fez jorrar sangue e água, que jorre para nós uma águaabençoada, capaz de purificar o nosso coração, de nos lavar por dentro e de nos levar cada vez mais para perto da tua misericórdia. E pedimos isso para honra e glória do teu nome, Senhor. Jesus, eu confio em vós. Quemabençoou sua água e quis dar um golinho, pode beber. Chegamos, meus irmãos, ao final da nossa celebração, concedendo a todos a benção do Santíssimo Sacramento. É a benção das bênçãos. Nós estamos nas vésperas de corpus Christi, que o Senhor nos prepare para as belas celebrações de amanhã. Você que está aqui no santuário, se puder, você que está em casa, se ajoelhe para receber a bênção de maneira humilde. Quando nós nos ajoelhamos, nós diminuimos de tamanho e quando você se diminui de tamanho na presença de Deus, ele cresce na sua vida. Ajoelhar não é um ato de humilhação, é um ato de adoração, reconhecendo que ele é Deus e que nós é que devemos fazer o que ele quer e querer o que ele faz. Receba pra você receba aí na sua casa, pra sua família, a bênção do Santíssimo Sacramento.

## APÊNDICE C – transcrições das pregações evangélicas

### Transcrição da PEA1

#### Título do vídeo: Ansiedade

Convido você a abrir sua bíblia comigo na carta de Paulo aos Filipenses, Filipenses, capítulo 4. Nós faremos a leitura dos versos 6 ao verso 9, Filipenses 4, 6 a 9. O apóstolo Paulo escreve “Não andeis ansiosos de coisa alguma, em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo que é respeitável, tudo o que é justo, tudo que é puro, tudo que é amável, tudo que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco”, amém. Hoje eu quero conversar com vocês sobre um tema, sobre um assunto, que atinge a todos nós. Se formos honestos com nós mesmos, teremos que admitir que, num grau maior ou menor, todos nós enfrentamos esse problema chamado ansiedade. Segundo a Organização Mundial de Saúde, mais de 50% das pessoas que passam pelos hospitais são vítimas dos chamados problemas e doenças psicossomáticas. Os problemas da vida vão grudando em nós e nós vamos somatizando isso. E muitas vezes nós ficamos extremamente ansiosos, a ponto de um dos mais expoentes representantes da psicologia, Rollo May, afirmar que a ansiedade é o mais urgente e o mais grave problema da nossa geração. A ansiedade é democrática, ela atinge a todos, até as crianças. É curioso como nós estamos vivendo hoje a geração de crianças ansiosas, também pudera né, também pudera, as crianças são expostas hoje a imagem de violência, a desenhos animados de feitiçaria, de coisa pesada, alguém já brincou que se você tiver coragem de assistir todos os desenhos da televisão brasileira, de noite, você não dorme com a luz apagada. A meninada está estressada. E é curioso que há pouco tempo, lá em Vitória, eu cheguei um dia, e eu gosto de brincar com as crianças, e tinha uma menina brincando assim bem distraída, e eu me aproximei dela com muito jeitinho e disse assim “filha, que vidona, hein?”, ela olhou brava pra mim e disse “o senhor é que pensa”. E eu tomei um susto, porque jamais podia esperar uma resposta dessas de uma criança, já estressada, é. Mas a ansiedade atinge os nossos adolescentes, é uma briga com o espelho, as espinhas no rosto, a pressão da família em relação ao vestibular, a Enem, resultados. A ansiedade atinge os nossos jovens, vivendo o problema aí “caso ou não caso, com quem caso, quando caso?”, “que eu vou fazer da minha vida?”, “consegui tirar o diploma, mas cadê o emprego?”, é um problema. A ansiedade atinge os casais, os casados né, a pressão da estabilidade financeira, a pressão da garantia no emprego, o problema do estudo os filhos, hoje a educação virou indústria, cara, caríssima, namoro dos filhos, o medo de perder o emprego já na meia idade, que vou fazer? A ansiedade atinge os idosos, medo de doença, medo de solidão, medo em relação aos filhos, aos netos. Eu vou fazer uma perguntinha pra você agora, qual foi a última vez que você viu uma pessoa ansiosa? Eu acho que deve ter sido hoje, não? Você se olhou no espelho antes de vir pra cá. Então, como é que nós vamos lidar com esse problema da ansiedade? Muitas pessoas acham que você resolve isso indo na farmácia e comprando um ansiolítico. Você toma um remedinho, dá uma relaxada, mas você tratou do sintoma, mas não da causa, como é que a gente lida com isso? Bom, Paulo trata desse assunto no texto que nós lemos. Ele primeiro diagnostica o problema no versículo 6, veja comigo: “Não andeis ansiosos de coisa alguma, em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça”. Então, quais são essas causas da ansiedade? Se você percebeu, lendo esta epístola, você vai notar que, em cada capítulo desta carta, Paulo trata de um problema que pode gerar ansiedade. No capítulo primeiro, ele diz que as circunstâncias da nossa vida podem produzir ansiedade em nós. Ô gente, todos nós lidamos com circunstâncias difíceis, você planeja uma coisa, acontece outra, cê sai de casa pra trabalhar, bate o carro, cê chega no emprego, você é convidado a ir pro departamento pessoal porque ali não tem mais chance pra você, você estuda anos a fio pra um concurso, faltou um pouquinho, mas você não passou, cê vai no médico pra um exame de rotina, descobre que tá com uma doença grave, circunstâncias que você não controla, mas que atingem você. Paulo ao escrever esta carta, estava preso, estava algemado, em Roma. E ele tenta acalmar o coração da igreja dizendo o seguinte “eu quero que vocês saibam que as coisas que me aconteceram têm antes contribuído pro progresso do evangelho, tô passando situação difícil, mas eu não perdi a perspectiva de que Deus está no controle da minha vida, pode existir pra mim acaso, mas pra Deus, não, existe providência”. Olhe pra vida na perspectiva da soberania de Deus pra que as circunstâncias não tirem de você a sua paz e produzam em você ansiedade. Mas se você olhar no capítulo 2 dessa carta, “não andeis ansiosos de coisa alguma”, no capítulo 2 Paulo trata de um outro problema que gera ansiedade no coração da gente, são os relacionamentos estremecidos. A igreja de Filipos era uma bênção, mas os crentes tavam batendo cabeça, pasmem vocês, até as mulheres da igreja estavam brigando. É... as mulheres quando brigam é porque a situação tá muito difícil mesmo. A Evódia e a Síntique que não pensavam concordemente mais no Senhor. Tinha irmão lá na igreja, trabalhando na igreja, mas lidando com partidarismo, outros, trabalhando na igreja, (incompreensível), tinha muita gente trabalhando, mas sem trabalhar em harmonia, concordemente. E, sabe irmãos, quando tem problema de relacionamento, dentro de casa ou na igreja, isso produz estresse, isso gera ansiedade, sofrimento. E eu posso até garantir pra você que as pessoas nos

fazem sofrer mais do que as circunstâncias. As pessoas nos machucam, as pessoas nos decepcionam, e nós decepcionamos as pessoas, isso produz ansiedade. Quando Paulo vai pro capítulo 3, ele fala de um outro assunto que gera ansiedade, lá no capítulo 3, versículo 19, ele diz que existem algumas pessoas que só se preocupam com coisas terrenas. Meus amados irmãos, vamos pensar bem nisso aqui, é... cês acham que dinheiro tem sido motivo de estresse hoje? Tem? Às vezes cê fica ansioso por causa de dinheiro também? É curioso como a nossa geração mudou o padrão, por isso tanta ansiedade. Por exemplo, por exemplo, na década de 50, nós consumimos cinco vezes menos do que consumimos hoje, e não estamos mais felizes por isso. O luxo do ontem tornou-se necessidade do hoje. Pega o universo infantil, por exemplo, quem tem a minha idade aqui, a não ser que tenha nascido em um berço de ouro, se lembra que você quando era criança tinha um brinquedo e às vezes que você mesmo fez, porque não tinha dinheiro pra comprar. Cê tá frustrado por causa disso? Tá complexado por causa disso? Tá não. Hoje quando a criança nasce, ela tem mais brinquedo que ela consegue brincar a vida inteira, mas compramos mais. Nós entramos num mundo de consumismo inveterado, nos endividamos por isso, compramos com breves 10 suaves prestações, que vão vencer, você vai ter que pagar, fica prisioneiro de cartão de crédito, que tem um juro astronômico, depois fica com o garrote no pescoço, sufocado, mas a compulsão da compra, as placas do comércio tão convidativos, leva você a comprar o que você não precisa, às vezes até com o dinheiro que você não tem, pra impressionar pessoa que você nem conhece. Isso gera o que? Ansiedade. Agora, pense comigo que quando Paulo está tratando de ansiedade, alguém já disse que a ansiedade é você ser crucificado entre dois ladrões, o ladrão do passado e o ladrão do futuro. O ladrão do passado é o remorso, o ladrão do futuro, a preocupação. Tem gente que está ansiosa hoje, porque não resolveu os problemas do ontem. E Paulo lida com isso no capítulo 3 dessa carta, quando ele diz “esquecendo-me das coisas que para trás ficam, prossigo pra frente, pro alvo, para a soberana vocação de Deus”. Pensa em quem foi Paulo, um assassino, mandou matar muita gente, tinha muito sangue derramado e ele tinha as mãos contaminadas de sangue. Se ele não tivesse se apropriado do perdão de Deus, ele tinha que viver num divã dum psicanalista a vida inteira. Então, talvez você precise fazer aí uma faxina no seu passado, quebrar alguns grilhões, romper algumas cadeias, algumas reminiscências amargas, você, que às vezes, foi machucado na sua infância, foi abusado sexualmente na sua infância, ou você que sofreu algum bullying na escola, e até hoje você carrega traumas e dores na alma, você precisa deixar o passado no passado pra que o passado não seja uma assombração no seu presente. Mas também ansiedade é você ser crucificado junto de um outro ladrão chamado preocupação, aí é o problema do amanhã. Você não vive hoje porque cê tá preocupado com a manhã, o amanhã nem chegou ainda e você já tá ansioso. Então, é muito importante entender aqui algumas coisas. Como é que é a sua vida? Eu li um livro, O sentido da vida, do Dr. John Mackay, e esse livro é fenomenal, e John Mackay neste livro, O sentido da vida, conta a história de um personagem, talvez mitológico, Peer Gynt de Ibsen, era um personagem que procurou sentido na vida, felicidade pra vida, fazendo viagens nos lugares mais remotos e mais exóticos do mundo. Depois que ele viajou o mundo inteiro, teve experiências mil, ele retorna pra sua casa, retorna pra sua região de origem, mas a alma insatisfeita, o coração ainda sem ser preenchido. E ele vai pro quintal e tem lá um canteiro de cebolas, ele arranca uma daquelas cebolas e começa a descascar a cebola. Pra cada casca que ele tira ele dá o nome de uma aventura de uma viagem, de um passeio, de uma experiência, e ele vai descascando a cebola, e vai nominando as experiências vividas. Ao final, ele descobriu que aquela cebola só tinha casca, era tudo o que ela tinha, e ele diz “assim foi a minha vida, só casca”. Tem muitas pessoas que estão vazias porque elas estão buscando sentido naquilo que não tem sentido, estão ansiosas. Quais são os resultados da ansiedade? Primeiro, a palavra ansiedade na língua grega é muito forte, sabe o que significa a palavra ansiedade na língua grega? Estrangulamento. É puxar você em direções opostas, é rasgar você pelo meio, é agredir você emocionalmente, é violentar você psicologicamente. Então, que que a ansiedade faz? Ela rouba as nossas forças, por que rouba as nossas forças? Porque ansiedade ou preocupação é quando você está sofrendo por algo que ainda não está acontecendo, que têm potencial de acontecer, mas não está acontecendo, e você antecipa o sofrimento e começa a sofrer. O problema é que, estatisticamente falando, 70% dos assuntos que nos deixa ansiosos, nunca vão acontecer. O que que acontece? Você sofreu o que? Desnecessariamente. É por isso que a bíblia diz “basta ao dia o seu próprio mal”. Se você tá enfrentando um problema, lidando com o problema, enfrente-o, encare-o, não fuja dele. Mas se o problema ainda não está ocorrendo, não puxa o problema do futuro pro presente pra sofrer por ele, porque isso não vai ajudar você, isso não vai fortalecer você, isso vai enfraquecer você e, se por ventura o problema de fato vier a acontecer amanhã, se você sofreu ontem, vai sofrer hoje de novo, vai sofrer duas vezes. Mas sabe o que a bíblia diz? Quando a bíblia diz assim “não andeis ansiosos de cousa alguma”, o Senhor Jesus Cristo vai além no sermão do monte, e diz que “os gentios que não conhecem a Deus é que se preocupam com todas essas coisas”. Em outras palavras, quando Jesus trata do assunto ansiedade, ele tá dizendo que a ansiedade é um sinal de incredulidade. Eu fico ansioso porque na verdade eu penso que Deus não é suficientemente bom, nem suficientemente amoroso, nem suficientemente poderoso pra cuidar da minha vida. Eu fico ansioso quando eu trago pra mim mesmo a solução dos meus problemas, eu descreio da providência de Deus, eu descreio do cuidado de Deus, eu descreio do controle pleno de Deus na minha vida, na minha história. E então, eu tomo nas minhas próprias mãos e como eu não sou suficientemente forte, ou sábio, ou poderoso pra resolver os meus problemas, eu fico ansioso, é um ato de incredulidade. Talvez o que nós pudéssemos pensar agora é lembrar o

que Paulo escreveu aos Romanos 8:28, ele diz assim “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Ô irmãos, você crer nisso, confiar nisso, traz descanso pra alma. Ele não diz “nós sentimos”, ele não diz “nós imaginamos”, ele diz “nós sabemos”, isso não é a linguagem da conjectura hipotética, essa é a linguagem da certeza experimental, nós sabemos, que Deus está no controle, que ele está com as rédeas nas mãos, que não tenha acaso, que não tem sorte, que não tem azar, que tem providência, que tem cuidado de Deus, que tem agir de Deus. Às vezes nós ficamos ansiosos sabe porque, irmãos? Nós não enxergamos na curva, nós não enxergamos no escuro, não sabemos o que tá lá no final da linha, nós não sabemos o final dessa história, qual vai ser o último capítulo, aí sofre, porque não crer que Deus tá no controle. Agora, deixa eu dizer uma coisa pra você, a ansiedade é inútil. Jesus Cristo perguntou assim, lá em Mateus 6:27, “qual de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado a sua existência”, um côvado, meus irmãos, é a distância do cotovelo à ponta do dedão, dá 45 centímetros. O que ele tá dizendo é o seguinte: você não estica a sua vida nem sequer meio metro pelo fato de você está ansioso, é inútil, absolutamente inútil. Você não fica melhor porque está ansioso, você não fica mais sábio, mais forte, mais poderoso, porque está ansioso. A ansiedade é o contrário, ela drena suas energias, ela tira seu foco, ela desvia sua atenção, do Deus que está no controle, pro problema, o problema que é maior que você. Tem horas que, talvez, o que a gente podia, precisava fazer, é o que Pedro recomendou “lançando sobre ele toda vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós”. Tem hora na vida, irmãos, convenhamos, que os problemas são tantos e tão fortes que nós perdemos o controle, já aconteceu isso com você? Pensa em Paulo, indo pra Roma, o navio o jogava de um lado pro outro chegou um momento que, diz a bíblia, eles largaram o leme, e foram sendo levados. Tem hora que, você querendo ou não, não tem mais o controle da situação. Mas quando você perde o controle da situação, Deus não perdeu, Deus continua no controle. Então o crente vive, não é pelo sentimento, o crente vive é pela fé, eu não estou no controle, mas eu sei que Deus está. Eu não tenho mais controle sobre a minha saúde, eu não tenho controle mais sobre a minha família, eu não tenho controle mais sobre meu trabalho, eu não tenho controle mais sobre isso, eu não tenho controle mais sobre aquilo, mas Deus está no controle e você descansa, você lança aos pés dele toda sua ansiedade. Mas preste atenção, a ansiedade é incompatível com a fé cristã, portanto, disse o Senhor Jesus “não vos inquieteis dizendo o que comeremos, o que beberemos, com o que nos vestiremos”. George Müller, que foi um homem de fé, um homem de oração, diz o seguinte “o começo da ansiedade é o fim da fé”, começo da ansiedade é o fim da fé. Mas deixa eu dizer algo pra você, a ansiedade, de certa forma, é uma falta de bom senso, porque às vezes a gente tá sofrendo tanto agora por aquilo que vai ser até uma benção amanhã. Quantos pais estão chorando um filho hoje, sem nem perceber o que Deus vai fazer, levantar esse filho, levantar essa filha, pra ser uma bênção. E você tá chorando, sofrendo hoje, em vez de está confiando na providência de Deus. Eu nunca me esqueço de uma cena, a que eu passei no seminário, eu, eu morava no prédio Raquel, é o prédio anexo ao prédio maior do seminário, e só tinha um bebedouro que ficava lá no final do corredor, eu tava no quarto norte, tive que rodar alguns uns metros pra ir tomar água à noite. E eu estou levantando de madrugada pra ir beber água no bebedouro, quando tô passando a porta do quarto de um colega aberta, colega de turma, aliás, o mais jovem colega de turma, quando eu olho, ele estava chorando, mas chorando compulsivamente, eu tomei um susto, entrei apressadamente e disse “o que que aconteceu, morreu alguém da sua família?”, ele disse “não, eu tô com medo da minha mãe morrer”, falei “mas em qual hospital que ela tá, qual o problema dele?”, “não, ela não tá doente não, só tô com medo de morrer um dia”, falei “cara, deixa sua mãe viver, uai”. Sabe o que que acontecer? Isso tem 40 anos, a mulher tá viva até hoje. É falta de bom senso você sofrer, sofrer, cê não tá no controle, calma, descansa, entrega pra Deus, confia. “Não andeis ansiosos de coisa alguma”, bom, mas se Paulo só nos desse esse conselho, talvez ele não nos ajudaria tanto. Depois que ele diagnostica o problema, ele vai dar o remédio, vai mostrar o remédio. Que que ele diz aí o versículo de número 6? “em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça”, e aqui eu chamo sua atenção para um ponto importante: como é que você resolve a ansiedade. Paulo nos dá uma receita com três remédios eficazes. A primeira coisa, você quer resolver seu problema de ansiedade? Aprenda a orar corretamente. E no versículo 6 ele fala de três tipos de oração, ele fala de oração, de súplica e de ações de graças. A palavra oração aí no grego é a mesma palavra pra adoração, então ele tá falando de três coisas: você adora a Deus, você suplica Deus, você dá graças a Deus. Você adora Deus por quem Deus é. Você pede a Deus porque ele é seu pai. Você dá graças a Deus por aquilo que ele faz. Como é que você resolve o problema da ansiedade? Primeira coisa você precisa saber quem é o seu Deus. Quem é o seu Deus? Quão grande ele é? Quão poderoso ele é? Quão capaz ele é? Quão suficiente ele é pra cuidar de você? A. W. Tozer, um dos mais expoentes escritores do século passado, ele diz que o maior problema nosso é que nós passamos o tempo todo tomando o nosso próprio pulso e olhando pro nosso próprio umbigo, quando na verdade a maior necessidade nossa é saber quão grande é o nosso Deus. Quão grande é o seu Deus? Ow, gente, se ele mede os céus a palmos, se ele mede as águas na concha da sua mão, se ele faz chamar, sair as estrelas, e ao chamá-las todas pelo nome, nenhuma delas venha a faltar, se olha pro mundo inteiro e olha as nações como um pinga que cai do balde, você acha que ele não é poderoso pra cuidar da sua vida? Você acha que Deus está encrencado com seus problemas? Quando você sabe que o seu Deus é o todo poderoso Deus, ele dirige os céus, ele dirige a terra, ele controla os anjos ele controla os astros, ele controla o ar, ele controla o mar,

ele controla os rios, ele controla o universo, enfim. Você acha que ele não é capaz de cuidar da sua vida? Adore-o, exalte-o. Mas agora você precisa aprender a orar pedindo. Ele é seu pai? Ele te dá liberdade de pedir a ele? Você tem livre acesso a ele? Você pode falar com ele qualquer hora? Então, apresente suas queixas a ele, suas dores a ele, suas necessidades a ele. Você acha que Deus já fez coisas lindas na sua vida? Comece a agradecer, para de murmurar, para de reclamar, começa a entender o que ele já fez de bom na sua vida, comece a agradecer. Quando você aprende a orar corretamente, você é curado da ansiedade. Segundo remédio que Paulo dá, olha comigo, versículo oito, você precisa aprender a orar corretamente, segundo você precisa aprender a pensar corretamente, e ele diz no versículo oito assim “irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo que é respeitável, tudo o que é justo, tudo que é puro, tudo que é amável, tudo que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso que ocupe o vosso pensamento”. Ô irmãos amados, a vitória ou a derrota está aqui (APONTA PARA A CABEÇA/MENTE). Agora, pra você fazer isso você tem que ler bíblia, você tem que conhecer as promessas de Deus, você tem que se alimentar das verdades de Deus, você tem que tomar posse das promessas de Deus, vai alimentando a sua mente, vai alimentando o seu coração das promessas que Deus faz, sabe por que? Porque Deus é fiel à sua própria palavra, nenhuma das suas promessas jamais caiu por terra, e quando você vai lendo a bíblia, vai conhecendo a bíblia, vai conhecendo a palavra, vai se alimentando das promessas de Deus, isso vai entrando na sua mente, isso vai entrando em seu coração, você vai pensando biblicamente, quando a luta chegar, quando o problema vier, quando a prova bater, quando a ansiedade bater à sua porta, você está cercado por uma estratégia divina, por uma a fortaleza divina, que protege a sua mente e o seu coração. Terceiro remédio pra você curar a ansiedade. Primeiro é aprender a orar corretamente, segundo é aprender a pensar corretamente, a terceira é aprender a agir corretamente. Olha o versículo 9 comigo, ele diz assim “o que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai”. Eu posso ser um teórico, um teórico, saber tudo, se eu não boto em prática não vai adiantar nada. James Rilter disse com muita clareza “você não é o que você sabe, nem o que você sente, você é o que você faz”. Se você for um mero ouvinte da palavra de Deus, mas não for um praticante da palavra de Deus, a ansiedade vai pular nas suas costas e vai te dominar. Agora, vamos entender algo aqui, meus amados irmãos, ainda, depois que Paulo trata do remédio, ele diagnosticou o problema, ele deu remédio pro problema, agora ele vai mostrar a cura para o problema. Você pode ler o versículo 7, a uma só voz comigo, com voz clara, eloquente, bonita, vamos todos juntos? “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus”. Ô amados irmãos, que coisa preciosa, que há uma substituição da ansiedade pela paz de Deus. Quando eu tô ansioso, eu tô inquieto, estou desassossegado, eu estou perturbado, eu estou estrangulado emocionalmente. Aí eu orei, aí eu alimentei minha mente, aí eu pratiquei o que é certo, e aí a ansiedade foi embora, e veio morar no lugar a paz de Deus, é aquela serenidade em meio da tempestade. O problema pode tá lá ainda, mas você está descansando. Davi estava fugindo do seu filho, que queria matá-lo e tomar o trono, e ele fugiu a pé, já velho, no deserto, em tendas improvisadas, ele dizia “em paz me deito e logo pego no sono, porque só tu, Senhor, me fazes repousar seguro”. Cê tá descansando, você confiou que Deus está no controle, isso é a paz de Deus. Agora, preste atenção que esta paz é uma paz diferente, como assim? Que que o homem hoje entende por paz? Ausência de problema. “Tô em paz”, “que que você quer dizer com isso?”, “tá tudo bem, tudo calmo”, mas isso é paz de cemitério, é, se tem um lugar que não tem problema é cemitério, sabia? Lá ninguém briga, nem discute, ninguém é mais orgulhoso que ninguém, ninguém é mais rico do que ninguém, todo mundo igual, igualzinho, vive numa paz, mas também não tem vida. A paz coexiste com a dor, com as lágrimas, não é paz de mosteiro, não é fuga dos problemas, é saber que Deus está no controle da situação. Deixe eu lhes dar dois exemplos, quando eu leio a bíblia, eu não encontro, humanamente falando, humanamente falando, um ser humano como você e eu, ninguém cujo sofrimento suplantasse o sofrimento de Jó, você conhece? Você sabe o que é um cara rico, rico não, o mais rico, ir à falência? Ô gente, quem sempre viveu na magrela tá acostumado, acostumado, come pão com salame feliz da vida, mas o cara acostumado com caviar pra tomar um caldo de cana e comer um pastel na esquina, ele faz cara feia. O Jó foi à falência. Você sabe o que que é para um pai, eu não sei, espero em Deus nunca saber na prática, o que é um pai levar pro cemitério todos os seus filhos num único dia, você já imaginou um quadro desse? Você já imaginou o que é você quebrado, enlutado, com uma doença que é abre ferida da cabeça aos pés e o seu corpo vira uma carcaça humana? Você sabe uma hora dessa o seu cônjuge, a única escora que você tinha, dizer pra você assim “morre logo, mas antes de morrer, amaldiçoa Deus primeiro”? Você sabe o que é um ser humano numa situação dessa ainda sofrer acusações pesadíssimas dos seus amigos, todas mentirosas? Mas foi esse homem que disse assim “o meu Deus inspira canções de louvor nas noites escuras, a despeito de tudo isso, eu tenho a convicção que nunca foi abalada na minha alma, é que o meu redentor vive”, isso é paz no vale. Deixe eu lhes dar um exemplo, outro, eu acho que, abre a sua bíblia na, no, não sei se vocês têm na sua bíblia, eu tenho na minha aqui, essa sua bíblia da casa editora presbiteriana tem um hinário no final, sua bíblia tem hinário no final, tem não né? Alguns de vocês só tem. Deixa eu abrir aqui no hino 108, é um dos hinos mais bonitos do nosso hinário, você conhece, “Se paz a mais doce me deres gozar/ Se dor a mais forte sofrer/ Oh! Seja onde for, tu me fazes saber/ Que feliz com Jesus sempre sou!/ Sou feliz com Jesus/ Sou feliz com Jesus, meu senhor!”. Aí você diz “esse homem devia tá muito feliz nesse dia que compôs essa música, que música linda”, mas quem compôs essa música? Quem compôs essa música foi um advogado presbiteriano, convertido a Cristo pelo ministério de

Dwight Lyman Moody, um homem muito rico em Chicago. Este homem que nasceu em 1828 e morreu em 1888, em 1861, ele casou-se com Ana. Nasceu um filho, o menino morreu com quatro anos de idade, no dia 9 de outubro de 1871. Em 1873, ele vai pra Europa pra encontrar com Moody. E mais tarde ele enfrenta um grande problema, um incêndio, ele estava fora de casa, um incêndio atinge Chicago, destrói muito da cidade de Chicago, ele estava em Louisiana, recebe a notícia e sai desesperado pra casa, com medo de chegar lá e a sua família ter sido destruída pelo incêndio. Louvado seja Deus a família foi poupada do incêndio, mas grande parte da sua fortuna ficou destruída pelas chamas. No dia 22 de novembro de 1863, ele resolve ir com a família no navio Ville du Havre, de Nova York para a Europa, para um tempo de descanso. Na véspera da viagem não consegue embarcar, manda sua esposa, suas quatro filhas. Aquele navio afundou, matando 226 pessoas. No dia 1º de dezembro de 1873, ele recebe um telegrama da sua esposa salva, porém só, as quatro filhas morreram no naufrágio. Doutor Spafford pega um navio e vai pra Europa encontrar sua esposa, e ele pede o comandante pra mostrar pra ele exatamente o local do naufrágio onde suas filhas morreram. E ele que nunca tinha composto nenhuma música, nem escrito nenhuma poesia, quando ele vê o local, o Deus que inspira canções de louvor nas noites escuras, colocou no coração dele esta música “se paz a mais doce me deres sofrer, se dor a mais forte sofrer, oh seja o que for, tu me fazes saber que feliz com Jesus sempre sou, sou feliz com Jesus, meu Senhor”. Mas o estribilho no original é mais forte ainda, porque no original o estribilho é este “it is well with my soul, it is well with my soul”, “está tudo bem com a minha alma, está tudo bem com a minha alma, está tudo bem com a minha alma”. Esta é a paz de Deus que excede todo o entendimento. Paulo termina dizendo que a paz de Deus que excede todo o entendimento guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus. E a palavra “guardará”, aqui no grego, é colocar sentinela, colocar uma soldadesca, quando você ora, quando você pensa, quando você age, então a paz de Deus vem e guarda sua cabeça, e guarda o seu coração, faz sentinela na sua razão e na sua emoção, e então quando a ansiedade tenta entrar, não consegue mais, porque a cidadela da sua mente e do seu coração estão guardados pela paz de Deus. O que é que você e eu vamos fazer com ansiedade? A ordem de Deus é “não andeis ansiosos de coisa alguma”. Vamos orar? Você precisa de tratar disso no seu coração? Se você e eu não somos o que nós sentimos ou falamos, mas somos o que nós fazemos, eu quero então agora recomendar você de forma prática. Eu não sei se você tem vida devocional, nós estamos correndo demais, não estamos? Às vezes você está ocupado demais pra se ocupar com Deus. Talvez uma coisa prática, tire 10 minutos, pelo menos, pra você abrir sua bíblia, você curvar o seu joelho, você falar com Deus. Em vez de você ficar reclamando, murmurando, fale com Deus. Em vez de você alimentar sua mente com todos os noticiários trágicos e com todas as notícias ruins e os fake news da vida, gaste um pouco mais de tempo memorizando a sua bíblia, decorando alguns versículos da bíblia, se apropriando das promessas de Deus. Em vez de você ser apenas um teórico ouvinte, comece a botar em prática o que você conhece da palavra de Deus, vai acontecer um milagre na sua vida, a ansiedade vai embora e a paz de Deus vai entrar, e vai guardar a sua cabeça e o seu coração. Vamos ficar em pé. Pastor Arival, o senhor ora por nós, por favor? Eu vou orar e vou trocar o hino porque temos que cantar agora “sou feliz com Jesus”, 108. Senhor Deus, o senhor conhece a nossa estrutura e o senhor sabe que nós somos pó, nós somos frágeis, mas a tua palavra nos diz, e nós cremos nesta noite, que tudo podemos naquele que nos fortalece, na força do Senhor, na força da sua palavra, na força das tuas promessas, na força do espírito santo, nós queremos expulsar da nossa mente, do nosso coração, toda ansiedade aqui nesta noite, queremos ser curados, queremos lançar sobre ti, queremos despejar aos teus pés, todas as nossas preocupações, angústias, ansiedades. Cura-nos, Pai! Ordena aí, do teu trono de graça e misericórdia, ordena que a paz de Jesus que excede todo o entendimento seja derramada em cada coração aqui nesta noite, que cada mente possa experimentar a paz celestial, que nós possamos voltar pra casa desfrutando dessa paz, que possamos deitar hoje à noite e pegar logo no sono, porque só tu faz-nos descansar com segurança. Pai, nós não queremos ausência de problemas, nós queremos graça pra enfrentar os problemas, porque quando nós estamos fracos, aí é que nós somos fortes, o teu poder se aperfeiçoa na nossa fraqueza. Então, guarda o teu povo nesta noite, consola o teu povo, anima o teu povo, fortalece o teu povo, em nome de Jesus, amém!

### **Transcrição da PED1**

#### **Título do vídeo: DEPRESSÃO: COMO DEVEMOS ENFRENTAR ESTE MAL?**

Meus irmãos, vamos abrir então a palavra de Deus no primeiro livro dos Reis, capítulo 19. Primeiro livro dos Reis, capítulo 19. Vamos ler até o verso 18. Lido o texto, mantenha a sua Bíblia aberta comigo, por favor, nesse texto, “Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matar a todos os profetas à espada. Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe: ‘Faça-me os Deuses como lhes aprover, se amanhã, a estas horas não fizer eu a tua vida como fizeste a cada um deles’. Temendo pois, Elias, levantou-se e para salvar sua vida, se foi, e chegou a Berseba, que pertence a Judá, e ali deixou o seu moço. Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio e se assentou debaixo de um zimbro e pediu para si a morte e disse: ‘Basta, toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais’. Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro. Eis que um anjo tocou e lhe disse: ‘Levanta-te e come’. Olhou ele e viu junto à cabeceira um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir. Voltou segunda vez o anjo do

Senhor, tocou-lhe e lhe disse: ‘Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo’. Levantou-se, pois, comeu e bebeu, e com a força daquela comida, caminhou 40 dias e 40 noites até Orebe, o monte de Deus. Ali entrou numa caverna, onde passou a noite, e eis que lhe veio a palavra do Senhor e lhe disse: ‘Que fazes aqui, Elias?’ Ele respondeu: ‘Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas, a espada. E eu fiquei só e procuram tirar minha vida’. Disse-lhe Deus: ‘Sai e põe-te neste monte perante o Senhor’. Eis que passava o Senhor e um grande forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante do Senhor, porém o Senhor não estava no vento. Depois do vento, um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. Depois do terremoto, um fogo, mas o Senhor não estava no fogo. E depois do fogo, um cicio tranquilo e suave. Ouvindo-o Elias envolveu o rosto no seu manto e saindo pôs-se à entrada da caverna. Eis que lhe veio uma voz e lhe disse: ‘Que fazes aqui, Elias?’ E ele respondeu: ‘Tenho sido em extremo zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares, mataram os teus profetas à espada e eu fiquei só, e procuram tirar minha vida’. Disse-lhe o Senhor: ‘Vai, volta o teu caminho para o deserto de Damasco. E aí, chegando lá, unge Hazael rei sobre a Síria. A Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei sobre Israel e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar. Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará. Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou’’. Eu vou tratar nesta manhã do tema como enfrentar a depressão, como enfrentar a depressão. A Bíblia é um livro honesto e, como tal, ela não esconde as fraquezas de seus heróis. É por isso que a Bíblia diz que Elias era homem semelhante a nós. Depois de apresentar Elias no seu momento mais glorioso, vitorioso, no capítulo 18, quando ele confronta o rei Acabe, quando ele confronta o povo, quando ele confronta os profetas de Baal, quando ele vê fogo descendo o céu e as torrentes banhando a terra, agora no capítulo 19, o historiador apresenta Elias no seu estado mais frágil e mais deplorável. O gigante de Deus, que foi sustentado por corvos em Querite, o gigante de Deus, que foi o agente, o instrumento pra ressurreição de uma viúva em Sarepta, o agente de Deus, para que a nação toda se rendesse ao Senhor, gritando: “Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!”, o agente de Deus para que as torrentes caíssem dos céus, agora está com medo, fugindo totalmente vulnerável. Então, esse texto nos mostra que as vitórias de ontem, ou do ontem, não são garantias de vitória hoje. Esse texto nos relata que talvez nós nunca somos tão vulneráveis como quando depois de uma grande vitória. É por isso que eu gostaria de olhar com você esse cenário, porque pensem comigo, quando Elias experimenta aquela retumbante vitória no Carmelo, talvez o que ele esperava? É que o rei fosse se arrepender, é que a nação toda se voltasse verdadeiramente pra Deus e o cenário espiritual da nação mudasse. Mas depois daquela grande vitória, o que aconteceu? Acabe e Jezabel dobraram a aposta. E, em vez da nação de fato se render a Deus, há uma ameaça de morte ao profeta de Deus. E aqui eu quero então em primeiro lugar olhar com vocês as causas da depressão espiritual de Elias. Notem comigo que depressão é viver debaixo de uma grande pressão. E Elias está vivendo debaixo de uma grande pressão. Ele vive sobre três, ou melhor, ele vive 3 anos sob fortes tensões. Ele enfrenta o rei em Samaria. Ele tem que ser sustentado por corvos em Querite. Ele tem que ser sustentado por uma mulher viúva em Sarepta. Ele é acusado da morte daquela criança, e ele ora, e Jesus, e Deus ressuscita a criança. Ele volta para Israel e confronta o rei, confronta o povo, confronta os profetas de Baal. Ele está debaixo de tensões completas. Ele tinha visto o céu se fechando, ele tinha visto os céus se abrindo. Ele tinha visto o fogo cair, ele tinha visto as torrentes descenderem. Mas Acabe em vez de implementar as mudanças, endurece ainda mais contra ele. E agora ele está sentenciado de morte, marcado pra morrer em apenas 24 horas. Então diz a Bíblia que ele teme e que ele foge. Quais são as causas da depressão de Elias? Primeiro, pensamento confuso, versos 1 a 3. A Bíblia diz que Jezabel manda um recado para ele: “Façam-me os deuses o que me aprouver, se amanhã, nesta mesma hora, eu não fizer com você, Elias, o que você fez com os profetas de Baal”. Agora Elias tá marcado pra morrer e ele foge. Vale destacar que Elias sempre até aqui, só andou debaixo da rigorosa instrução divina, como vocês podem atestar comigo no capítulo 17 versículo 2: “Veio-lhe a palavra do Senhor dizendo: ‘Retira-te daqui para a banda do Oriente’”; Versículo 5: “Foi, pois, e fez segundo a palavra do Senhor”; Capítulo 17, versículo 8: “Então lhe veio a palavra do Senhor dizendo: ‘Dispõe-te e vai a Sarepta’”; E versículo 10: “ele se levantou, se foi a Sarepta”; Capítulo 18, verso 1: “Muito tempo depois veio a palavra do Senhor a Elias, no terceiro ano, dizendo: ‘Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra’”; Versículo 2: “Partiu, pois, Elias a apresentar-se a Acabe”. Não tem nenhuma palavra de Deus pra ele: fuja, fuja! Não! Agora, a decisão é dele, só dele. Por quê? Porque ele fez uma leitura errada. Ele pensou que a vida dele estava nas mãos de Jezabel e não nas mãos de Deus. Toda vez que você pensa que a sua vida está exposta e na mão de homens, dos poderosos deste século, você teme, você foge, você se encaverna, você está sujeito a uma depressão. Segundo lugar, medo. Olha o versículo três comigo: “Temendo, pois, Elias levantou-se para salvar a sua vida”. Meus irmãos, é curioso isso porque o cara que tem coragem de enfrentar o rei Acabe, de enfrentar a nação, de enfrentar 450 profetas de Baal, mais 400 profetas de Azerá, agora recebe um recado da rainha, e teme, e foge. Foge. Mas como ele fugiu? Diz o texto, confirmam comigo, que ele chega até Berseba. Qual é a distância de onde ele estava para Berseba? 144 km. Ele corre, tá exausto. Quando ele chega lá em Berseba, ele deixa o seu moço. Caminha mais um dia inteiro pelos desertos causticante, com tantos riscos, com tantos perigos, com falta de pão, com falta de água. E quando ele chega, o que acontece? Ele deita debaixo de um

zimbardo e diz: “Deus, eu quero morrer. Tira a minha alma. Eu não quero mais viver”. Medo. Medo. A Bíblia diz que quem teme foge. Segundo. Terceiro, qual a causa da depressão dele? afastamento de relacionamentos encorajadores. Versículo 3 nos diz que ali deixou o seu moço. Preste atenção nisso. Na hora que Elias mais precisava de companhia, ele quis ficar sozinho. Eu quero dizer pra você muito solenemente que a solidão não é um bom remédio pra quem está deprimido. Se gente precisa de Deus, gente precisa de gente. Na verdade, pessoas desencorajadas são pessoas solitárias. Quando a crise chega, a solidão é uma péssima companhia. Não fique sozinho. É a hora que você mais precisa de ajuda, de um ombro amigo. É o que Paulo sentiu lá na prisão de Roma. Ele escreve pra Timóteo e diz: “Timóteo, procura vir ter comigo depressa”. Eu preciso de um ombro. Eu preciso de um amigo, eu preciso de cuidado. Eu preciso de companhia. Eu pergunto a você, quem são os seus amigos? Pra quem você tem coragem de ligar na hora da sua angústia? “Corre pra cá, venha ter comigo”. Quem são as companhias importantes e necessárias pra estarem do seu lado na hora da sua crise? O que que é um amigo? Amigo é aquele pra quem você abre o coração, sem medo de que ele puxe o seu tapete. Amigo é aquele que confronta você em particular e defende você em público. Amigo é aquele que chega quando os outros já se foram. Elias, quando mais precisava de ajuda e de socorro, ele quis ficar sozinho. Isso é a causa da depressão dele. Quarto lugar, qual é a causa da depressão do Elias? Esgotamento físico e emocional. Veja o verso 4 comigo. “Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, veio, se assentou debaixo de um zimbro, de uma árvore, e pediu para si a morte e disse: ‘Basta, toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que os meus pais’”. Ele tá vindo de longos embates. Ele tá vivendo debaixo de forte tensão, 3 anos e meio. Ele é o camarada que... embates, esconderijos, aparições, ameaças, perigos, longas caminhadas, escassez de pão. O cara tá com o tanque emocional vazio. Ele está num profundo esgotamento físico, emocional. Ele está exausto, emocionalmente esfaldado, esgotado, debaixo de forte pressão, à beira de um colapso físico, emocional e espiritual. Agora, isso acontece com você e comigo ainda hoje. Quantas pessoas com burnout, quantas pessoas aí com crise de ansiedade, quantas pessoas aí com seus nervos a flor da pele? Quantas pessoas que estão vivendo completamente desesperadas? Porque estão esgotadas, fisicamente, emocionalmente, espiritualmente. Quinto lugar, causa da depressão de Elias, desejo de morrer. Versículo 4 deixa isso claro: “Pediu para si a morte”, desejo de morrer. Deixa eu imitar meu pastor aqui. Quem aqui já teve, num dado momento da vida, dizendo: “Meu Deus, eu quero morrer”. Honestamente, já chegou nesse ponto? “Senhor, eu não tô vendo saída, Deus, eu não tô vendo uma janela aberta pra mim, Deus, eu tô encurralado”. Agora, preste atenção que eu vi Elias orando por fogo no capítulo 18. Eu vi Elias orando por chuva no capítulo 18. Agora no capítulo 19, eu tô orando pra quê? Pra morrer. Ele tá orando para morrer. “Deus, tô orando pro Senhor me matar”. Eu não quero, eu não quero cometer suicídio, não. Eu, eu quero que o Senhor me mate. Agora, homens de Deus chegaram à mesma conclusão ou chegaram à mesma situação. Moisés foi assim e pediu pra morrer também. Jó também, Jeremias também, Jonas também. Paulo chegou a ponto de dizer, chegou a a ponto de desesperar-se da própria vida. Agora, preste atenção. É Deus quem decide quando e como você e eu vamos morrer. Quando uma pessoa chega a ponto de dizer “eu quero morrer, Senhor”, é porque ela tá numa crise medonha, é porque ela tá numa turbulência enorme, é porque ela está entrando ou já dentro do processo de uma grande depressão. Porque isso é da economia de Deus, ele quem decide o dia, a hora e como. Sexto lugar, sexta causa da depressão de Elias, autopiedade. Versículo 4, a parte B, ele diz assim: “Basta, toma agora ó Senhor a minha alma, porque eu não sou melhor do que meus pais”. Quando diz basta, eu não sou melhor, ele tá dizendo o seguinte, trocando em miúdos: “Chega, basta, eu não aguento mais, eu não só quero morrer não, Deus, eu quero morrer é agora, é imediatamente”. Ele mesmo dá o diagnóstico e ele mesmo indica a sentença imediata. Morrer agora. Agora veja você que se ele quisesse morrer mesmo, ele teria ficado “Então tá, pode vir Jezabel, tô de peito aberto aqui, pode me matar. Eu tava, aliás, eu tô até pensando em morrer mesmo. Você vai até fazer um bom serviço para mim”. Não, esse homem, ele está dando pra nós um diagnóstico muito forte aqui. Você sabe disso. Quando uma pessoa, numa depressão, diz: “Eu quero morrer”. Ela não tá dizendo: “Eu quero morrer”. Ela tá dizendo outra coisa. Ela tá dizendo: “Socorro, me ajude”. É por isso que o suicídio é um engodo, é uma farsa. Porque é quando a pessoa aplica em si mesmo o golpe fatal, quando na verdade o que ela tá querendo, é um socorro, é uma ajuda, é uma mão estendida. Pois bem, vamos ao segundo e último ponto da mensagem, que é a cura pra depressão espiritual de Elias. Bom, primeiramente, antes de entrar nas causas, a questão da cura, me permita trazer um ponto aqui. Depressão é uma palavra complexa, e eu sei que não bem entendida, e nem tem consenso no meio evangélico sobre o que é depressão. Por exemplo, T. L. Osborn, um pregador muito famoso, pentecostal, pregador de grandes cruzadas, afirma nas suas obras que depressão é demônio. É um problema isso, porque a pessoa tá vivendo uma crise emocional, esgotamento físico, emocional, e aí você vai lá e bota mais uma tonelada de culpa nas costas dela. Você tá com demônio. Tem muita gente aí tratando depressão como demônio. Mas no outro lado da ponta, dentro da linha reformada calvinista, nós temos Jay Adams, que todo pastor já estudou as obras dele no seminário. E no seu livro Conselheiro Capaz, ele diz que depressão é pecado. E aí é outro problema. Porque a pergunta é: “E um crente cheio do Espírito Santo pode ficar deprimido?” Eu pregava, presbítero Zé (incompreensível), em Belo Horizonte, certa feita, e eu falava sobre esse assunto, depressão. Aí levanta-se uma moça no auditório com dedo em riste e disse: “É um absurdo o que o Senhor tá falando. Como é que um crente cheio do Espírito Santo pode ficar deprimido?”. E eu me dirigi a ela com respeito, mas confirmei, disse: “Minha

filha, e como é que um crente cheio do Espírito Santo pode ter miopia e usar óculos? Como é que um crente cheio do Espírito Santo para ter um problema cardíaco? Por que que daqui pra baixo é uma coisa, daqui para cima é outra? (SEPARA CABEÇA DO CORPO) Então, depressão pode ser demônio? Pode ser. A causa, o gatilho? Pode ser, pode ser. Quem lida com esse assunto sabe disso. Pode ser pecado? Pode ser também. É só ler a Bíblia lá, Salmo 32, Salmo 51, Salmo 38, você vai ver a angústia, a depressão de Davi por causa do pecado não confessado. Mas é possível que um crente cheio do Espírito Santo possa enfrentar uma crise de depressão, e Elias era um homem de Deus e enfrentou, enfrentou. Quando você olha pra história bíblica, você vai encontrar Moisés, você vai encontrar Elias, você vai encontrar Jonas. Quando você olha pra história da igreja, você vai encontrar homens como Martinho Lutero, como David Brainerd, como John Bunyan, como William Cowper, como Mar... como ahh Charles Haddon Spurgeon, enfrentando problema de depressão. Então não censure seu irmão, sua irmã, se ela tá passando uma crise dessa na vida. Como é que Deus tratou a depressão do Elias? Primeiro, pão no deserto. Segundo, voz na montanha. Terceiro, visão pro futuro. Qual o remédio que Deus dá para Elias? Vamos ver. Primeiro, primeiro remédio pra curar a depressão do Elias. Versículo 5, toque sobrenatural, olha comigo, versículo 5: “Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro. E eis que um anjo tocou e lhe disse: ‘Levanta-te e come’”. Eu acho isso maravilhoso, porque Deus usou corvos. Deus usa uma viúva gentia. Agora Deus usa o toque de um anjo, algo sobrenatural, num deserto, debaixo de um zimbro. O cara que tinha acabado de fazer uma oração desesperada, “eu quero morrer agora”. Ele queria desistir, Deus não desistiu dele. Eu quero dizer isso pra você nesta manhã. Talvez você esteja num corredor escuro. Talvez você esteja vivendo dias de angústia na alma. Talvez você já pensou em jogar a toalha. Talvez você já pensou em desistir, mas eu quero dizer pra você que Deus não desiste de você. E nesta manhã ele pode trazer um toque muito sobrenatural na sua vida e trazer ânimo pro seu coração. Segundo remédio, cardápio especial. Olha o versículo 5 comigo: “Deitou, dormiu debaixo do zimbro e eis que um anjo tocou e ele disse: ‘Levanta-te e come’”. Irmãos, preste atenção nisso, o Elias sai do Carmelo e vai para Berseba, 144 km. Tenta andar 144 km pra você ver. O homem anda normalmente 35 km por dia, e o cara tá andando 144 km. Pra quê? Pra onde? Pra Berseba. Onde é Berseba? Lá, lá no sul, fora do reduto de Jezabel. Depois que ele anda 144 km, ele anda mais um dia inteiro dentro do deserto, dentro do deserto. Ou seja, o camarada tá cansado, o camarada tá exausto, o camarada tá sedento, o camarada tá faminto, o camarada tá com a cabeça perturbada, desesperado. E nessa hora é um mimo da graça que Deus prepara pra ele um banquete no deserto. Ele comeu, ele bebeu, ele dormiu. Comer, beber e dormir é terapia divina pra quem está com a alma atribulada. Terceiro, sonoterapia. Olha o versículo 6 comigo, toda a igreja comigo, vamos ler: “Olhou ele e viu junto à cabeceira um pão cozido sobre pedras em brasa, uma botija de água; Comeu, bebeu e tornou a dormir”. O sono renova as forças, clareia os pensamentos, desanuvia a mente cansada. Sabe o que que eu acho bonito, pastor Arival? Que Deus podia ter chegado, dado uma bronca no cara. “Ô rapaz, que negócio é esse, cara? Levanta, homem. Fraco, cara. Que é isso? Frouxo. Tá com medo de uma mulher, camarada? Você não sabe que eu tenho poder, não? Já não te levantei tantas vezes? Já não demonstrei a você o seu o meu poder? Levanta, homem. Volta ao trabalho, cara”. Não, nenhum sermão, nenhuma reprimenda, nenhuma briga, nenhuma censura, só um afago, só um afago. Disse: “Meu filho, vem cá, tem muito tempo que você não tem uma refeição legal. Preparei uma mesa pra você aqui, come, bebe, volta a dormir. Você tá precisando de uma soneca”. Isso é mimo da graça, sabia? Tem hora que as coisas de Deus se revelam em coisas tão miúdas. “Meu filho, tenha uma noite boa de sono, descansa. Tô cuidando de você”. Quarto remédio, desabafo. Olha o versículo 10, 9 e 10 comigo. Vamos ler na tela todo mundo, por favor, 9 e 10. “Ali entrou numa caverna, onde passou a noite; e eis que lhe veio a palavra do Senhor e lhe disse: ‘Que fazes aqui, Elias?’ Ele respondeu: ‘Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os seus altares, mataram os seus profetas à espada, e eu fiquei só, procuram tirar minha vida’”. Preste atenção, quando Deus pergunta pra alguém “que fazes aqui?”, que que ele tá querendo dizer? Você não tá no lugar certo não, filho. Não é aqui que você devia tá. Você tá fugindo de quê? Você tá fugindo de quem? Às vezes os nossos problemas se agravam porque nós fugimos de nós mesmos, fugimos dos outros. Mas notem, quando Deus diz, “Que fazes aqui, Elias?” O que que Deus tá dizendo pra esse camarada que tá dentro de uma caverna? Meu filho, você pode desabafar. Tem um turbilhão aí dentro, tem uma confusão na sua mente, tem uma dor na sua alma, tem uma angústia no seu coração, desabafa, abre a caixa da ferramenta, destranca os porões da alma, põe para fora, meu filho. Foi o que Deus fez com Agar, quando ela caminhava desesperada pelo deserto, expulsa de casa, com o menino no deserto, o menino tá morrendo e ela lá sozinha e ela, a patroa dela nem a chamou pelo nome, falou pra Abraão: “Dispensa, manda embora essa escrava e o seu filho”, ela não tem nome. Mas lá no deserto, encarando a morte do filho, tropeça o Senhor no céu “Agar, Agar, que fazes aqui, Agar? Levanta o menino. Eu quero dizer pra você, que Deus é o Deus que dá a você a oportunidade de sair da sua caverna e abrir o coração, abrir o coração. Quinto remédio: confronto amável, confronto amável. Versículos 11 a 14 retrata este confronto amável. Deus diz “sai e põe-te neste monte perante o Senhor”. E quando ele saiu da caverna e se pôs no monte perante o Senhor, alguns fenômenos acontecem. Primeiro fenômeno que acontece, meus amados irmãos, vem um vento forte, como se fosse uma tempestade, despedaçando pedras, depois um terremoto que abala tudo, depois um fogo devastador. Mas Deus não estava na tempestade. Deus não estava no fogo. Deus não estava no vento. Vem um suctio, aquele vento gostoso, suave, leve. E Deus estava nesse vento

sucio, leve, manso. E o que que Deus está dizendo pra Elias? Elias está acostumado com coisa grande, eh, garção voador, eh, multiplicação de azeite na panela, ressurreição de um menino, fogo caindo do céu, chuva descendo pra terra, coisas grandes. E às vezes a gente pensa que Deus só age nas grandes coisas e Deus tá dizendo pra você: “Calma, filho, calma. Eu vou tratar com você de maneira linda, suave, doce, meiga, como um vento bem leve. Eu sou o Deus do fogo. Eu, eu sou o Deus que derrama chuva mesmo. Mas eu sou o Deus que fala com você tão docente, tão docemente. Hoje nós ouvimos, eu já falei na escola, falo agora e não falo pra enaltecer o nosso pastor, não, mas um dos sermões belíssimo que ele pregou hoje de manhã diz o seguinte: “Tem hora que você precisa pegar sua Bíblia, lá no seu quarto, sem holofote, sem auditório, sem testemunhas, só você e Deus. Uma alma quebrada, machucada, ferida. E Deus trata com você, Deus cura você, Deus resolve o seu problema. Às vezes nas coisas pequenas que Deus está falando conosco, ele pode escolher estar presente nas coisas silenciosas. Finalmente, último lugar, sexto e último lugar, remédio pra cura da depressão: Deus realinha o seu foco rumo ao futuro. Porque a visão dele tá muito ruim, a mente dele tá turva, na cabeça dele, ele olhou pro passado e pensou assim: “Só fiquei eu, coitado de mim, tô sozinho nessa luta”. E tem mais, além de sozinho, estão querendo me matar, não sobrou ninguém. Ele disse: “Não, filho, sua leitura não tá boa. Você tá superestimando você mesmo, tem 7.000 que não dobraram os seus joelhos. Irmãos, tem muita gente de Deus que você nunca viu, que nunca saiu na manchete, que nunca saiu na propaganda, que nunca pegou microfone pra pregar, que nunca pegou o microfone pra cantar, que nunca tocou nenhum instrumento, gente que não aparece nas, nas mídias, mas gente de Deus. Calma. Ele tá olhando pro futuro e diz: “Meu Deus, eu quero morrer porque acabou. Eu não tenho mais futuro, eu não tenho mais ministério. Chega agora, acabou. Não tem mais nada pra frente pra mim. Deus “não, meu filho, não acabou não, deixa eu dizer uma coisa pra você Elias, você quer morrer? Nem morrer você vai, cara. Eu vou levar você pro céu sem você passar pela morte. Agora, se você pensa que o seu ministério acabou, você tá muito enganado. Eu tenho uma coisa ainda pra você fazer. Você vai ter que ungir um rei na Síria. Você vai ter que ungir um rei em Israel. Você vai ter que ungir um profeta em seu lugar. O seu ministério não acabou. Eu quero dizer pra vocês aqui nesta manhã e você que está nos assistindo, talvez você já pensou que seu ministério acabou, que agora não tem mais futuro, só tem passado, Deus ainda está no controle da sua vida e Deus tem muita coisa pra você fazer antes de chamar você ou antes que Jesus volte pra buscar você. É o Deus que está aqui hoje pra curar o nosso coração. Agora, preste atenção nisso. Por que que Deus tá levantando um profeta, um rei na Síria, um rei em Israel e um profeta no lugar de Eliseu pra fazer uma coisa. Do que ou de quem que ele tá fugindo? O Elias? Da Jezabel, mulher de quem? Do rei Acabe. Quem é a família Acabe, Jezabel? A família mais perversa de Israel. A dinastia mais perversa de Israel, que introduziu a força da baioneta, o culto a Baal em Israel e levou toda a nação a um desastre espiritual. Que que Deus tá fazendo? Eu vou trazer o rei da Síria, vou trazer um rei da dinastia de Jeú, e toda a casa de Acabe vai ser eliminada. Não é você que vai morrer, Elias, Jezabel vai morrer, Acabe vai morrer. Sabe o que que Deus tá dizendo? Ninguém brinca com Deus e sai ileso. Ninguém zomba de Deus e ganha essa quebra de braço. Aquilo que o homem semear, você vai colher. Eu queria terminar só alertando sobre isso. Um fato que aconteceu e todos vocês sabem. No dia 5 de janeiro de 2025, portanto este ano, aconteceu a 82ª edição do Globo de Ouro, Beverly Hilton, em Los Angeles, nos Estados Unidos. A cerimonialista que conduzia aquela cerimônia de entregas, de troféus, fez referência às muitas citações dos que foram premiados, a mãe, amigo, pessoas influentes. E, curiosamente, nenhum daqueles mencionou Deus, no seu gesto de gratidão. Ela disse: “Deus, zero menção”. E ela pra tirar uma casquinha, disse: “Nenhuma surpresa para uma cidade sem Deus”. E todo o auditório deu gargalhadas. Deus não tem espaço nessa cidade. Que que aconteceu? Dois dias depois, 7 de janeiro 2025, um horrível e devastador incêndio atingiu a cidade de Los Angeles e transformou em cinzas dezenas e dezenas de mansões multimilionárias de atores e atrizes de Los Angeles. E Deus deu um recado: não se zomba de mim, sem consequências. O Deus que cura, o Deus que restaura, o Deus que levanta o pobre do pó e o faz assentar entre príncipes, o Deus que cura a nossa alma é o Deus que não se deixa escarnecer. Que Deus tenha compaixão de nós e misericórdia de nós. Amém.

## **Transcrição da PEA2**

### **Título do vídeo: Rejeite a preocupação e viva em paz**

Nós estamos aqui no templo da Assembleia de Deus, na rua Montevideu, 1191. Nós estamos aqui no culto da quinta-feira da vitória. E nós entendemos que vitória não é só pra pessoa vir aqui fazer uma campanha barata porque tá precisando de alguma coisa, porque quer uma porta aberta, quer uma resposta. Mas a verdadeira vitória passa pela palavra de Deus. Porque a palavra de Deus pode mudar o estilo da nossa vida e do nosso rumo. Você pode ter uma vitória que é momentânea, ela é focal, é de algum fato. Mas se você quer ter uma vida vitoriosa, ame a palavra de Deus. E nós vamos aqui trazer a palavra de Deus. E a palavra de Deus, ela tem uma argumentação que é dela, não precisa da minha retórica. A minha pregação pode ser fraca a nível da minha retórica, a nível de todo o meu desenvolvimento de pensamentos aqui pra você. Pode ser uma argumentação muito fraca, mas ela tem um poder inerente a ela. Quando você cita a palavra, quando você fala da palavra, há um poder que pertence à própria palavra, independente se o pregador tá ungido ou não, tá muito bom ou não, se

tá pregando o sermão espada ou o sermão punhal. Não sabe? Sermão espada é chato e longo, sermão punhal é curto e incisivo. Não importa se é sermão punhal ou sermão espada, a palavra de Deus, ela tem um poder que pertence a ela. É mais penetrante que espada alguma de dois gumes, penetra até a divisão da alma e do espírito, das juntas e das medulas, é apta para discernir os pensamentos e as intenções do coração, Hebreus 4.12. Mas vamos aqui ao texto, aquilo que Deus colocou no meu coração. Eu vou pregar sobre o seguinte tema, que eu quero trazer aqui para você: Rejeite a preocupação e viva em paz. Quem quer isso aí? Tá doido? Até eu. Quem é que não quer viver em paz? Preocupação é algo dos tempos da pós-modernidade, não é? Esse tempo que nós estamos vivendo, dessas demandas da vida, deixam as pessoas ansiosas, preocupadas, que leva à ansiedade que é um sintoma de medo e uma preocupação excessiva. Eu quero deixar como texto base pra vocês, 1 Pedro, capítulo 5, versículo 7. Primeira epístola de Pedro, capítulo 5, versículo 7, que diz assim: “lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós”. Aqui na minha introdução, vamos entender um pouquinho o ser humano. O ser humano com as suas fragilidades, não é? Você sabia que o homem já nasce morrendo? Você diz “ê pastor, tá amarrado, o sangue de Jesus tem poder, tem misericórdia”. O ser humano já nasce morrendo. Quando ele nasce, já existem células em cadência degenerativa. Já existem até células mortas, em processo degenerativo. O camarada já nasce morrendo. Por isso que Davi diz no Salmo 51, versículo 5: “em iniquidade fui formado e em pecado concebeu a minha mãe”. Já nascemos debaixo do pecado, e a lei do pecado, ela traz o quê? Fragilidade. A lei do pecado traz o quê? A doença, o mal. Então, nós temos as nossas fragilidades. Isso é um dado importante pra a gente entender o ser humano. A outra questão é que o ser humano, ele tem as suas limitações. Pode ser inteligente, pode ser bilionário, pode ser o que for. Pode ser muito santo, cheio do poder, mas todo ser humano está limitado a tempo, espaço e circunstância. É a tríade da limitação humana, todo mundo, pode ser inteligente, cara fera, riquíssimo, tá limitado a tempo, espaço e circunstância. Quer ver? Tempo: nove meses pra nascer; um ano pra falar mamã e começar a andar; doze anos pra descobrir que papai e mamã não são super-heróis e que o mundo não é uma fantasia; Vinte e um anos aproximadamente pra atingir uma certa maturidade; Trinta anos pra atingir o limite da maturidade; a partir daí acumula experiência; e quando ele pensa que sabe das coisas, está na hora de morrer. E aí tem um dado, minha gente, tem um dado interessante. Sabe qual é o dado? O dado é o seguinte, é que se o camarada for Zé Bobão aos 35 anos, vai ser Zé Mané aos 40, vai ser Bocó aos 45, porque depois dos 30, 31, 32, uns são 29, aí tem uma faixa não exata, que nós não estamos falando de ciências exatas, uma faixa maleável, mas depois dessa maturidade o homem só acumula experiência, não dá mais pra amadurecer, já era. Então, nós estamos limitados a tempo, estamos limitados a espaço, só podemos ocupar um espaço de cada vez, estamos limitados à circunstância. Eu cheguei atrasado no primeiro culto aqui por causa do trânsito, eu cheguei atrasado, circunstância. Você se programa pra ir em um lugar, aí tem uma carreta virada na Avenida Brasil, já era, não passa, então circunstância. Passa mal, acontece um acidente. Então todos nós estamos limitados a tempo, espaço e circunstância. Todos nós estamos limitados às nossas fragilidades. Pra você não pensar que a fragilidade é uma coisa só sua, é minha também. Eu também me preocupo. Mas nós precisamos aprender algumas coisas, porque a gente pode tá arrumando preocupação ou canalizando a nossa energia pra uma preocupação totalmente equivocada. Um outro dado interessante pra a gente aqui conjecturar sobre essa questão de preocupação, é que, por mais que você possa não admitir, existe uma preocupação maléfica e uma preocupação benéfica. Você sabia disso? A preocupação benéfica é aquela que está em níveis normais, que faz o quê? Que faz com que você seja zeloso, cuidadoso, é a preocupação benéfica, produtivo, que faz você ser uma pessoa honrada, porque você tem preocupação com o seu nome e com a sua reputação. Olha aqui, essa preocupação é benéfica, níveis normais. Essa preocupação, ela promove, sabe, a sua imaginação, as suas ideias, a sua mente e ela te dá forças pra você superar obstáculos. Esta é uma preocupação em níveis normais, o que nós chamamos de uma ansiedade em nível normal, que ela é benéfica, estimula a imaginação, faz você lutar pela vida. Essa preocupação é benéfica. Agora, a preocupação exacerbada, que é sintoma de medo, essa preocupação que produz uma sensação desconfortante de dor e apreensão ligada a um acontecimento que ainda não aconteceu, esta preocupação, esta é maléfica. A preocupação exacerbada que leva a uma ansiedade exacerbada, que é a preocupação exacerbada, esta, ela envenena o pensamento, você só vê o que dá errado e nunca o que dá certo. Ela gera um impacto no cérebro, que pode produzir deformações químicas e físicas. Ela paralisa o teu potencial e inibe a tua capacidade de percepção e de ação. E esta preocupação excessiva, ela pode produzir irritabilidade, perda do sono, insônias, gastrite, taquicardia, pressão alta, perda da fome ou glotonaria. Tem uns que quando estão preocupados demais, perdem a fome, sou eu. Eu se tiver muito preocupado, eu perco a fome. Outros muito preocupados...(faz gesto de quem come apressadamente) aí vira um glutão. Isso é verdade. Então essa preocupação não é salutar, ela é maléfica. Mas eu sei que você tá dizendo “pastor, tá tudo bem, já deu aí um panorama, uma ideia? A questão é a seguinte, como é que eu posso rejeitar a preocupação e viver em paz? Porque a preocupação excessiva tira a nossa paz, a alegria da vida, o equilíbrio emocional e perturba a nossa vida. O que é que eu tenho que fazer, pastor? Dá a receita aí”. Segura, irmão. Vou dar a receita aqui pra você. Número um, se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, número um, analise o porquê, por que você está preocupado? Quais são os motivos? Por que como é que você vai consertar uma coisa se você não sabe o porquê? Como é que você pode consertar alguma coisa se você não analisar o motivo dessa preocupação? Só em você analisar o motivo porque você anda preocupado,

pode ser a solução pra você ter paz. Porque você vai na raiz do mal. Pode ser. Não estou afirmando peremptoriamente que vai ser a solução. Pode ser. O salmista, no Salmo 42, versículo 11, ele diz assim: “Por que estás abatido, ó minha alma? Por que se perturba dentro de mim?” Ele faz uma pergunta pra ele, não pergunta pra ninguém, “ei, eu to assim por causa de fulano, por causa de beltrano”, ele pergunta pra ele. E ele mesmo responde: “Espera em Deus, eu ainda o louvarei. Ele é meu Deus e a salvação da minha alma”. Então, em primeiro lugar, você perguntar a você. Você precisa perguntar pra você, que talvez com isso você pode diminuir o grau de intensidade dessa preocupação e até resolver o problema que tá produzindo a preocupação. Número dois, se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, você precisa saber corretamente o valor das coisas. E eu te explico. Aqui está o motivo de preocupação. Olha o que Jesus falou em Mateus 6, 25 e 33, o início e o final de uma série de ensinamentos lindíssimos, Jesus disse: “Não andeis ansiosos quanto a vossa vida, pelo que haveis de comer e beber, nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, o corpo mais do que o vestido?” E no 33, ele diz: “Mas, buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas vos serão acrescentadas”. Aqui está um segredo, meu filho, para você entender o valor correto das coisas. Vida mais do que mantimentos. Corpo mais do que vestido. Você mais do que qualquer coisa. Reino de Deus mais do que minhas prioridades. Você precisa saber a escala de valor, ok? A vida vale mais do que a comida. O corpo vale mais do que o vestido. As pessoas valem mais do que qualquer coisa. E o reino de Deus vale mais do que as minhas prioridades. Se você entender a posição correta do valor de cada coisa, você pode evitar um monte de preocupação. Você quer ver? Tem gente preocupada com a roupa e não preocupa com o corpo. Preocupada com a roupa, mas com a higiene, a saúde? Neca de pitibiriba. Não é preocupado, não é preocupado com a higiene, sabe? Tem gente de roupa bacana, mas é porco. Se veste bem, mas tem um medo, parece até gato, tem um medo de água. Eu vou dizer uma coisinha aqui, porque eu falei no primeiro culto, tenho que falar no segundo também. “Pastor, você pesquisou?”, claro. Eu vou dizer até, é um negócio assim, meio até sem graça, mas eu não tenho papa na língua, vou dizer mesmo a coisa sem graça, porque eu não quero nem saber se vai ficar com graça ou sem graça. Tem a ver com a minha classe, com os homens. Eu vou dizer uma coisa pra vocês. É uma vergonha o que eu vou dizer aqui. 80% dos homens que vão no banheiro não lavam as mãos. Vai num banheiro público de aeroporto, de rodoviária, de qualquer coisa, pode ver a cena. Eu sei o que é que eu tô falando. 80%, sabe? Interessante, né? Preocupado com a roupa, mas com a higiene não. Preocupado com a comida, mas com a vida não. Preocupado com coisas, mas com pessoas não. Eu já falei aqui em outra mensagem, vou repetir, porque tem coisa que tem que falar em mais dez mensagens. Essa deve ser a terceira que eu falo, faltam sete. Tem gente que valoriza mais o carro. Por exemplo, tem irmã que fica olhando o marido alisar o carro e ela diz: “Eu queria ser esse fusca. Ah, se eu fosse esse Fiat”. O cara alisa mais o carro do que a mulher, rapaz. Uma vez tinha uma propaganda na televisão da ambulância. A propaganda que fizeram, não me lembro qual era o objetivo, mas era engraçada a propaganda. Que a ambulância no hospital, aí o cara diz assim: “Tem que sair pra socorrer um paciente”. Aí o motorista da ambulância diz assim: “Não, não, não, acabei de lavar a ambulância, tá chovendo, não vou sair não”. Vocês se lembram dessa propaganda? A propaganda era engraçada, interessante, mas é isso, coisas são mais importantes que pessoas, sabe? O cara se preocupa com o carro, com o pneu do carro, com a mola do carro, porque só leva quatro pessoas, cinco... Amortecedor fica muito forte, eu fico olhando essa palhaçada, meu irmão. “Meu carro eu só levo quatro”. É uma porcaria, uma lata velha miserável dessa que vai estragar, não vai servir pra porcaria nenhuma, e o cara cheio de mise-en-scène, sabe? Preocupado com tanto... o vestido velho que a outra usou, a blusa, a sandália. Briga! Sabe? Preocupado que emprestou uma coisa que é perecível, que amanhã estraga, não vale porcaria nenhuma. A pessoa vale mais. Tá tão preocupado com as suas prioridades que esquece-se de Deus. E o homem sem Deus é um eterno insatisfeito. É o vazio existencial que o homem tenta preencher com bebida, com cigarro, com devassidão, com sexo, e não vai conseguir. Porque o vazio existencial só o Criador preenche na criatura. E quando Deus é o primeiro da tua vida, você se completa. Você precisa saber exatamente uma escala correta do valor de cada coisa, porque você tá se preocupando com bobagem. Quando você não sabe o real valor daquilo que tá levando, motivando a sua preocupação, você pode cortar e viver em paz. Terceiro: se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, transfira a sua preocupação pra Jesus, como diz o texto: “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, ele tem cuidado de vós”. E a palavra é forte, lançar. O que é que é lançar? Lançar (JOGA UM OBJETO PARA ALGUÉM NO PALCO). Tu que não segurasse essa tralha, meu irmão (DIRIGE-SE A ESSA PESSOA E RETOMA O OBJETO). Isso aqui é lançar, meu irmão. Isso aqui é lançar. Lançar é atirar tudo em direção ao outro, confiando que o outro vai segurar. Eu não tava muito confiante, não, mas eu tinha que usar ele como exemplo (RISOS DA AUDIÊNCIA). Eu tava com medo dele deixar escapular. Mas tudo bem, isso aqui é lançar, tá aqui, toma! Ele segura. É isso que o Senhor tá falando com você. Não fica aí com essa preocupação na tua mente, no teu coração, não. Lança pra Jesus! (FALA DE MODO ENFÁTICO E AUMENTA TOM DE VOZ, PROVOCANDO ADESÃO DA AUDIÊNCIA) Lança sobre ele que ele vai cuidar de você. Em quarto lugar, se você quer que a preocupação saia de você e você viva em paz, se você quer rasgar a preocupação da sua vida, se você quer rejeitar a preocupação da sua vida, aprenda a apresentar corretamente as suas petições a Deus. E a Bíblia ensina. Filipenses 4.6., Filipenses 4.6 é um texto interessante que nos ensina corretamente como tem que ser a nossa oração. Diz lá que nós não devemos estar inquietos por coisa alguma, mas nós precisamos fazer com

que as nossas orações sejam em tudo conhecidas diante de Deus pelas orações e súplicas com ações de graça. Tem três coisas aqui que ele ensina: primeiro, fale tudo que tá perturbando você com Deus. Fale tudo. Em tudo. Não estejais inquietos por coisa alguma, mas as vossas petições sejam em tudo. Desembucha, meu filho. Fala tudo. “Mas pastor, ele sabe”. Oh, que lindo, que novidade é essa? “Ele sabe, pastor. Senhor, tu sabes de tudo”. Ele quer te ouvir. Ele quer que você fale. “Senhor, é aqui, eu tô fazendo assim. Ai, é besteira. Eu tenho feito essa bobagem aqui também. Senhor, eu tenho que romper com isso. Senhor, eu não sei como é que eu vou resolver aquilo”. Deus quer ouvir detalhes do que te perturba, do que te incomoda, da tua petição. “Eu tô com vergonha, pastor, pra falar com Deus. Pastor, eu tô com vergonha, vou ficar sem graça de falar com Deus”. Por que tu acha que Jesus em Mateus 5 ensinou a oração um segredo? Senhor: “tu quando orares, entra no teu aposento, fecha a porta do teu aposento, fala teu pai em oculto e teu pai, que vê secretamente, te responderá”. É uma coisa que nem tu fala para ninguém, mas só fala pra Deus. Por exemplo,” Senhor, eu tenho 30 anos de idade, não pego nem resfriado de irmão. Senhor, eu não vou ficar solteira a vida toda, manda um macho crente, servo de Deus, pra cuidar de mim, pra me amparar”. É isso, então diga, minha irmã. “Aii, falar isso...”, você tá doida por isso, fala filha. Abre essa tramela e fala, minha querida. Tu tá doida por isso, então é o quê? Tu é de outro planeta? Tem que falar. “Senhor, eu vou direto, eu quero casar”. E você também, ô camarada. “Que que eu vou pedir a Deus, Deus sabe das minhas necessidades”. É um gaiato. “Senhor, tu sabe, me arruma uma coisinha mais ou menos, boazinha para mim”. “Se tu quiser me dar, me dá”. Na, na, não, isso é problema teu, o meu não é esse. “Senhor, me dá uma serva assim bonitinha, sabe, que me entenda, que me ame, que seja fiel, que eu possa construir uma história com ela”. Qual o problema de falar isso? Você tem que dar detalhes. Você tá preocupado com isso, então tem que contar pra ele. O que te preocupa? “Meu filho”. Mas o que é do teu filho que tá te preocupando? Você tem que falar. O que é da tua filha? “Senhor, essa garota tá estranha, eu não sei o que ela anda fazendo. Ela não me fala, ela tá estranha. Senhor, me dá uma direção. Eu estou pra...”. Tem que falar, meu filho, tem que abrir a boca. Primeiro, você tem que falar tudo na oração. Segundo, diz o texto, com súplicas, com clamor. Terceiro, com ações de graça. “Eu te dou graças, Senhor, por tudo isso que tá acontecendo. Bendito seja o teu nome. Eu te dou graças pela vida. Eu te dou graças por tudo”. Você já abriu a tua boca pra render graças ao Senhor? Rendei graças a Deus, meu irmão! Abre aí a tua boca, meu filho! Dá graças a Deus por hoje! Dá graças a Deus pela vida! Dá graças a Deus pelo livramento que você nem vê! Em tudo, dai graças! Graças a Deus por tudo! Não agradece, “vou agradecer por que, vai ver a minha vida, tá pensando o que, é uma porcaria, nada dá certo”. Tu murmura. A murmuração é uma reclamação descabida contra Deus. Deus não suporta a murmuração porque você tá dizendo que Ele não é Deus suficiente. A murmuração, esse é o problema da murmuração. Quando você tá murmurando, você tá dizendo a Deus “tu não tá sendo Deus como tu tinha que ser Deus”. Ai, meu filho, acabou pra você. Então, não murmura não. É em tudo, dai graças. “Senhor, eu te dou graça, o negócio tá feio, tá apertado. Não sei como é que vai ser, mas graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. Graças a Deus pelas vitórias do amanhã. Graças a Deus pelas portas que ainda vão se abrir. Graças a Deus por essas que estão fechadas. Graças a Deus por essa luta que tá me ensinando a temer o teu nome”. Em tudo, dai graças. Abra a tua boca, meu irmão, e renda graças a Deus. Querido, em quinto lugar. Se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz: não ambicione algo acima da sua capacidade. Paulo diz em Romanos 12:16 que nós não devemos ter a ganância das coisas altas, mas devemos nos acomodar às humildes. “Ah, pastor, quer dizer que eu não tenho direito a crescer?”. Não é nada disso que Paulo tá ensinando. “Não ambicioneis as coisas altas, mas acomodai-vos às humildes”. Paulo tá dizendo “querido, não queira uma coisa maior do que a sua capacidade”. Na parábola dos talentos de Mateus 25:15, diz que o Senhor entregou o talento a cada um conforme a sua capacidade. Meu Deus não é ilógico nem insensato. Você tá querendo uma coisa que você não tem estrutura emocional, não tem estrutura física, não tem estrutura mental pra suportar. Vai arrumar um monte de preocupação pra a tua vida. Você quer uma coisa que você não pode! Para de querer aquilo que você não pode. Pessoa só vive em função da vida dos outros e não em função da vida deles. Você precisa aprender a viver em função da sua vida, sabe? E de não querer uma coisa que você não vai saber lidar e não vai ter a capacidade pra manter e depois o desastre vai ser pior. Isso traz muita preocupação quando a gente quer uma coisa que é maior do que nós mesmos. Sexto, se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, segura essa aí, irmão: aprenda a viver a vida! Paulo diz em Filipenses 4:12 “sei estar abatido e sei ter em abundância; em toda maneira e em todas as coisas eu estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter em abundância como a padecer necessidade”. Eu sei viver em qualquer nível da vida. Ganhava cinco mil, mas agora tá ganhando milzinho. Então viva com esses mil. Não fica querendo viver a vida de cinco mil porque não tem mais esse salário. Tá andando com um carro que não pode, sabe? Tá andando com um carro que gasta. E se duvidar não pode nem mais andar de carro, vai andar de lotada, porque é a condição da sua vida. Você tem que aprender a viver o tempo da sua vida e ser feliz com esse tempo. Porque tem gente que pensa que pra ser feliz tem que ter. Escute o que eu vou te dizer: dinheiro traz conforto, mas não traz felicidade. Conforto ele traz, e traz mesmo, dinheiro traz conforto, felicidade não. Sabe por quê? Tem um monte de homem bilionário infeliz na vida porque a mulher que ele quer, ela o rejeita. Tem mulheres lindíssimas que têm os homens a seus pés, no topo, no topo da notícia. Mas o homem que ela quer, não a quer. E tem até a história de artista famosíssima que tinha homens a seus pés, e acabou morrendo por bebida e por drogas, porque quem ela queria a rejeitava. Uma das mulheres mais lindas da história do cinema mundial,

sabe? Dinheiro traz conforto. Felicidade? Que isso, meu irmão! Felicidade é outro papo. Rapaz, tem um monte de pobre feliz e um monte de rico infeliz, amargurado, sozinho, que não tem paz, que não tem alegria, que não sorri. Que não tem amigos, que não tem nada. Só tem riqueza. Tem tudo, tem carro importado, mora em palácio, tem até avião. Tem tudo. Tem dinheiro pra o que quiser, mas o dinheiro não compra a felicidade. E tem um monte de pobre, minha gente, alegre, feliz, porque aprendeu a viver com aquilo que Deus permite ele ter e ser. Rico que não dorme, preocupado com tudo, preocupado em manter a riqueza, preocupado em não perder, preocupado em conquistar. E você tá lá numa boa. Se o bandido entrar na tua casa, carrega você com a cama e tudo que tu não acorda. Dorme igual uma pedra. Carrega! O outro pra dormir toma remédio de tarja preta de 100 miligramas. E se ouvir qualquer barulho, acorda, hã? Toma remédio de 100 miligramas. Mas não, ele toma remédio porque não consegue dormir. E é rico. E tá lá o pobre... (faz barulho imitando um ronco de sono profundo). Meu irmão, eu já dormi perto de camarada que eu num quarto ouvindo o ronco do miserável. Deve ter um leão dentro desse cara, um urso, sei lá que bicho tem. Criança chora, criança faz barulho e o cara tá... (novamente faz barulho imitando um ronco de sono profundo) Falei “que bicho é esse? É rinoceronte?”, “é o cara dormindo ali no outro quarto”. Ô lá, alegre, feliz, a mulher é linda, o cara é bacana, (incompreensível) de tudo, o infeliz. Você, minha filha, é casada com esse narigudo, feio igual um cão solto, de cima é uma reta, é um ponto, de lado, é uma reta. Mas tu é feliz com esse cabra, ele é macho, ele te completa, ele te ama, você vive alegre. Oh, querido, aprenda a viver a vida como Deus permite ela ser, e você construiu, seja feliz e fique livre de preocupações. Porque o outro tem, eu também tenho, porque o outro quer, eu também quero. Meu irmão, eu tenho um irmão, já falei em outras mensagens, engenheiro, com um monte de formação, na época morava em apartamento próprio, ele tinha carro zero, a mulher carro zero, e eu um zê rapado morando aqui num apartamento, aqui num prédio, que se o ministério da cultura passasse, tombava por antiguidade, de tão velho que era o miserável. Mas eu tenho o que, meu irmão, glória a Deus. Andava de ônibus, eu dou o número dos ônibus pra você, 712, 721, 350, 355, eu conheço essas tralhas toda aí, meu irmão. Eu já andei nesses negócios tudo aí, 498, 497, vai embora, digo tudo pra você, 346, quer mais? 905, eu sei o número deles todinho. Andei de ônibus, depois andei na kombi, andei a pé, depois andei no fusca, porque Deus permitiu andar no fusca. Depois eu tive uma kombi, depois eu tive um passat velho, aí Jesus melhorou, hoje eu tenho um carrinho melhor, mas é assim que é a vida, meu irmão. A vida é assim, rapaz. Você tem que aprender a viver e a viver feliz, andando de ônibus, andando de... Andava de trem, minha mulher grávida do meu primeiro filho, pegava o trem aqui na estação da Penha, ia até São Francisco Xavier ida e volta, e quando passava em Manguinhos, de cabeça baixa pra não tomar pedrada. Ah, qual é, meu irmão? Que bobagem, rapaz. Só escutava a pancada, pá, pá, é vida. Aí eu falava “abaixa minha filha, a gente tá passando aqui na área que eu já conhecia”, e era feliz, vivia bem com a minha esposa. Antes disso, nessa brincadeira, eu tive uma moto que eu parecia até aquele peru da Sadia, porque eu era magro com capacete grande. E andava numa motinho. Mas, meu irmão, essa é a vida e era feliz também. Ah, hoje eu sou mais feliz porque eu sou um pastor, tenho um programa em rede nacional, tenho um reconhecimento, conversa! Eu sempre fui feliz porque eu tenho a benção de Deus. Você tem a benção de Deus! Seja feliz hoje, meu irmão! Eu vou dizer uma coisa, e hoje eu posso falar, fama não traz felicidade, não, fama traz responsabilidade. Tá todo mundo olhando pra você, doido pra jogar uma pedra em cima de você, tu não pode vacilar nada que tem cem olhos em cima de você, tem que tomar cuidado. Eu não precisava tomar tanto cuidado como tenho hoje. Eu tô em qualquer lugar, tem crente. Até na sombra, é crente. A sombra é crente, “paz do Senhor, pastor”. Quem é? Uma sombra. Até a sombra é crente, meu irmão. Eu entro no banheiro, é “paz do Senhor, pastor”. Calma, meu irmão, deixa eu terminar aqui o negócio, que eu já falo com você. É avião, “ô, o comandante tá chamando lá na cabine”, é crente. Vou pra menina do check-in, “oi pastor, tudo bem?”, é crente. Vou no mercado, é crente. Olho é crente, crente, crente, “meu Jesus, que to sendo patrulhado em tudo que é lado”. Eu não posso nem olhar e dar um sorriso pra uma moça, que é “pastor safado, tava me cantando”. Até isso eu tenho que tomar cuidado, pra quem eu olho e pra quem eu não olho. Antigamente não tinha nada disso. Que fama, rapaz, vai fazer você feliz? Que dinheiro, rapaz? É a tua vida com Deus. É o teu relacionamento com Deus. É a tua vida com Deus. É a tua vida na igreja. Isso é a maior besteira, isso é um estigma de Satanás pra tua vida aí. Tu é pobre, tu é um ferrado, um mísero desgraçado, tá bombado, meu irmão, teu negócio é bala perdida, teu negócio é... conversa fiada, meu irmão. Você tem que viver essa vida aí e não ficar preocupado porque tenho, porque não tenho, “ai, meu Deus, eu tenho que ter”. Tranquilamente, trabalhe, seja fiel, bota pra quebrar, viva a sua vida e te prepara porque tem vitória, tem porta aberta, tem bênção de Deus pra você. Essa que é a verdade, minha gente. Se você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, não assuma a vida de ninguém. Você pode ajudar. Você tava alegre, né? Alegria, que que houve? Esse tem sido um dos motivos de tanta preocupação e doenças: assumir a vida dos outros. Mateus 16:24 manda a gente levar a nossa cruz e não a cruz dos outros. Tem que levar a minha cruz, não a dos outros. Você ajuda, você até participa, você se doa, mas assumir não. A hora que você assumir a vida de alguém te prepara pra preocupação em dose dupla, e estragar a sua vida. Tá ouvindo, mãe? Tá ouvindo, pai? Problemas conjugais sérios, sabe o que que é? Mães ou pais, homem ou mulher, tanto faz, não tem nenhuma cobertura pra nenhum lado, que não fez a ruptura com o filho. E ele continua com a vida voltada toda em cima do filho. E a Bíblia me ensina que a prioridade do homem é a mulher e a prioridade da mulher é o marido, tá na Bíblia isso, Mateus 7, versículo 32-33: “A mulher solteira como agradar o Senhor, a

casada como agradar o marido. O homem solteiro como agradar o Senhor, o casado como agradar a mulher”. A prioridade do teu casamento não é esse filho de 18 anos, não, minha irmã! Não é esse galalau de 30 anos, não, minha irmã! A prioridade do teu casamento é teu marido. Não é tua filha não, meu irmão, de 16 ou 17 ou 18 anos, não é não. Claro, irmãos, ninguém aqui é ignorante. Claro que quando um bebê, um neném, aquele é um período de prioridade, mas não é uma vida de prioridade. Um neném, a mãe vai dar prioridade. Só um homem insensato que não vai entender isso, um ignorante. “Você tá dando muito mamar pra esse garoto, hein?”. Você é maluco, pô. Manda internar um miserável desse. O homem entende que aquela criança, naquela fase, que ela é pequena, que a mãe tem que dar um cuidado, uma atenção especial. Todo homem entende, ou toda mulher vai entender aquele cuidado do pai com a filha ou com o filho naquela fase. Eu não tô falando disso, eu tô falando de mulheres que estragam o seu casamento por causa de filho e de homens que estragam o seu casamento por causa de filho. Você tá errado, equivocado. Você tá preocupado demais com uma coisa que não te pertence. Nós não criamos filhos pra nós, nós criamos filhos pros outros. Nós não criamos filhos pra nós, nós criamos filhos pros outros. Você tá fazendo tua filha o que? Um bibelôzinho teu? Sabe? Bota na redoma a tua filha ou o teu filho, tá estragando a tua vida, rapaz. E tem outra coisa que eu vou dizer, quando você assume a vida de alguém, ao invés de ajudar, você prejudica, porque você tá dizendo praquela pessoa não crescer. Você tá pensando que tá fazendo um bem a esse filho teu de 20 anos, assumindo a vida dele, você está fazendo o maior mal, porque você não tá ensinando esse camarada a ser homem. É uma maricota! E se alguém casar com ele, vai ter que casar com a mãe dele. “Olha bem, filha, com quem tu vai casar, hein? Vai levar uma de brinde, hein?” Oferta: casa com ele e leva ela. Vai casar com a mãe do cara. Vai casar com o pai dela, hein? Olha bem com quem tu vai casar. Você, ao invés de fazer teu filho crescer, você faz ele ficar medíocre, dependente. E o ser humano busca lugar de conforto, mesmo que seja na enfermidade. Até na necessidade se busca lugar de conforto. O camarada tá com problema na coluna sério. Dói muito. Dorme assim, dói, dorme assim, dói, dorme assim. Mas ele descobriu que dormindo assim não dói. Não vai ao médico. Fica dormindo assim, mas não vai ao médico. Arrumou um lugar de conforto pra dor. O ser humano é assim. Dente dói, dente dói, dente dói, mas disseram que, olha, tem um negócio que você mistura e essa panela, esse rombo miserável que tem aí, você bota essa mistura que para a dor, dentista uma vírgula! É isso, o ser humano busca lugar de conforto, até na miséria, até na necessidade. É lugar de conforto. Imagina papai e mamãe bancando um vagabundo desse. Imagina papai e mamãe dando grana o tempo todo pra um galalau de 20 anos, é tudo que ele quer. O que ele vai ser na vida? Zé Minhoca, um rato, vai vegetar. O que ele vai ser! Você pensa que tá ajudando. Lares destruídos porque mulheres dão preferência pra filhos, porque pai, homem dá preferência pra filho em detrimento da mulher. Olha, quando eu tinha criança pequena, eu viajava sozinho. A criança era pequena, minha mulher tinha que cuidar, eu já sabia disso. Agora, minha garotada cresceu e aí é natural, “vamos?”, “ah, não, Silas”, “vamos, vamos, eles se viram”. Minha criança é pequena, minha esposa não pode. Eu não fui fazer faculdade porque eu queria fazer junto da minha esposa, porque o dia que eu faltasse, ela pegava a matéria. Eu era pastor e eu queria fazer junto dela. Mas eu não podia fazer faculdade por causa das crianças pequenas, tive que esperar minhas crianças crescerem pra que eu e a Elisete pudéssemos fazer, porque a gente queria fazer o mesmo curso. Tive que esperar o tempo. Eu sabia que a prioridade era temporal, não era eterna. Não era pra sempre. Eu tive que esperar um tempo, sabe? Depois que meus garotos cresceram... Ah, meu irmão, eu com minha madame, “pastor, eu preciso que você pregue aqui na Alemanha”, “é passagem pra dois, meu irmãozinho, passagem pra dois, eu e minha esposa, que eu não ando sozinho”, “tá bom, pastor, tá certo”. “Ah, vem pregar aqui nos Estados Unidos”, “two, speak english?”. “Vem pregar aqui na Paraíba”, “é dois” (FALA COM SOTAQUE). Claro, minha garota, minha esposa tinha prazer de andar comigo. Tem mulher que não sai nem pra a quinta da Boa Vista. Mulher não vai... “tem que ver os garotos”. Qual a idade do menor filho dela? Dezoito anos, “tem que ver os garotos”. A mulher não sai pra nada, e vira relaxada e bruxa. Sabe? Porque tudo dela é filho, é filho, é filho, é filho, filho, filho, filho... filho. Assume a vida. Pai que se acaba pra assumir a vida de filho e de filha. Mãe que se acaba, acaba com a sua vida. Meu irmão, você fez as escolhas da sua vida e você vai ter uma notícia que eu vou te dar, na hora que teu filho e tua filha achar a cara metade... bye, baby, tchau. Na hora que o filho ou a filha arrumar a cara metade, tu vai ficar com cara de panaca, de tacho. Tá vendo? Aí sabe o que vai acontecer? Entra em crise e quer jogar o filho na crise. “Tá vendo? Esse menino não me ama. Eu dei tudo de mim”. Problema é seu. “Eu dei tudo pra ele”. Azar o teu. “Eu fiz tudo por ele”. Quem mandou? Aí vai chorar porque o garoto, ó... “leva mal, não, coroa, fica no teu lugar aí, fica no teu lugar aí”. Isso é a lei da vida, meu irmão. Não são os filhos que entesouram para os pais, mas os pais que entesouram para os filhos. São os pais que constroem pro filho andar. “Anda, rapaz, anda, vamos embora, vamos embora, vamos embora, toca a vida aí, eu te ajudo aqui”. Se você assumir a vida de alguém, você estraga a sua e vai arrumar um monte de preocupação e não vai mais ter paz. O cara de 25 anos fica resfriado, “meu bem, eu tenho que ir lá na casa, ele tá resfriado”. Um homem de 25 anos e a mãe tá preocupada, “olha, eu vou lá porque a mulher dele não sabe fazer chá, não. Sabe fazer chá, não”. Isso dá um problema, esse negócio de filho... Uma vez, eu já contei aqui, eu vou contar, uma vez eu recebi um e-mail de um camarada, meu pessoal lá faz uma peneira, Jarmut participa lá, pastor Jarmut, respondendo e-mails, assim, uns caroco de angu meio perturbado, o Jarmut lá ajuda a responder, as meninas lá respondem, e alguma coisa assim especial passa pra mim, aí teve um especial. A minha secretária disse assim “pastor, segura esse e-mail aí, vê aí”. Aí o cara botou no e-mail assim “sábado passado o

senhor trouxe um grande problema pra minha casa”, letras garrafais, era a introdução do embrólio. Aí eu falei “ow”... “O senhor no seu programa... eu não vi”. Aí eu falei, começou o azar. Do cara. Tá falando daquilo que não ver. E falar do que não ver, meu irmão, tu já tá perdido, comigo tá perd... “Eu não vi, mas o senhor no programa disse que tem mulheres que são verdadeiras vacas atoladas. A minha mãe bateu aqui na minha porta, entrou na minha casa, e disse pra minha esposa “você viu o programa do Malafaia? Ele disse que tem mulher que é vaca atolada e você é uma delas”. Tirou a minha palavra do contexto, isolou a minha palavra e fez uma tese. Ahn? E ainda aplicou em cima do outro. “Pastor, isso deu um problema grave aqui na minha casa, minha mulher tá aborrecida, o senhor tem que tomar cuidado com o que o senhor fala”, e pá, pá, e me ripou. Aí eu falei pra minha secretária “pega um papel e anota, que ele vai tomar um contravapor agora meu, pra ele aprender a ser homem”. Falei, quem fala o que quer, ouve o que não quer. Eu falei, manda pra ele, número 1, é igual eu prego, eu boto numeração de mensagem, eu numero os meus e-mails. “Número 1, é muito feio falar daquilo que não se ouviu e não se viu. Aprenda na sua vida que a gente só pode questionar alguém quando a gente vê, ouve e participa. Aqui está o seu primeiro erro. Segundo, se algum dia minha mãe entrasse dentro da minha casa pra falar desaforo pra a minha mulher, das duas uma, ou eu sou maluco, ou eu perdi o domínio da minha casa. Porque nem minha mãe, nem meu sogro, nem minha sogra, nem meu pai, vai entrar dentro da minha casa pra dizer desaforo pra a minha mulher. Porque na minha casa quem manda sou eu, porque eu sou o macho da minha casa. Se tua mãe entrou na tua casa pra falar desaforo pra tua mulher, é porque tu não é homem bastante pra se impor na tua casa e lepo, e vai, raquetada, tesoura voadora, lepo! Se imponha a sua mãe. Mostra a sua mãe que ela é sua mulher e ela tem sua preferência”. Deixará o homem, seu pai e sua mãe, unir-se-á a sua mulher e serão ambos uma só carne. Você não é homem com a tua mãe, você é homem com a tua mulher. E lepo, segura pião, toma pau, e lepo, pá, pá...”. Aí minha secretária “tem mais, pastor?” Tá bom. Aí no final, depois de tanta pancada, aí vem o azeite. “Não me leve a mal. Não me leve a mal. Se você não gostou do que eu falei, me perdoe”. Leva! Qualé, rapaz, quer negócio de minha mãe botar dedo no nariz. “Não, pastor, minha mãe entra lá dentro de casa e bota o dedo no nariz da minha...”. Daqui pra fora. Passa fora. Aqui na minha casa não. Minha mãe entrar na minha casa e botar dedo na cara da minha mulher? Ela não é maluca. Ela tem juízo. Ela sabe que não vai... Que negócio é esse, rapaz? Tudo isso é o embrólio de quem assume a vida dos outros. E aí fica preocupado com a casa dos outros, com a vida dos outros, com o que o outro tem, com o que o filho tá fazendo, o que a filha tá fazendo, o que é que ele comprou, deixou de comprar. “Menino, pra que tu comprou essa geladeira? Tava muito boa, ainda durava”. “Não é da sua conta, a benção, minha mãe”. Pessoas que se desgastam na vida por causa disso. Oitavo, se você quer viver em paz, se você quer rejeitar a preocupação: pense coisas boas. Todo o teu ser é dirigido pelo processo mental. Você tem vontade e você pensa. Sentimentos, você pensa. Vai agir, você pensa. Vai tomar decisões, você pensa. A mente humana: há uma disputa pela mente humana entre a fé e a incredulidade, e a Bíblia mostra, pra você ver como é importante. Porque todo o processo mental é que vai conduzir o ser. 2 Coríntios 4:4 diz assim “o Deus deste século cegou o entendimento, a mente, pra que não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo”. Hebreus 11:3 “pela fé entendemos”, mente, “que os mundos foram criados pela palavra de Deus”. A fé e a incredulidade, o primeiro ponto de domínio é a mente, quem prevalecer vai ditar o curso da sua vida. Se você pensa só desastre, só coisa ruim, vai ficar preocupado. “Ai meu Deus do céu, é muita assaltante”, “ai vem um motoqueiro ali, o sangue de Jesus, tá amarrado, demônio”, “ai ele vem pra assaltar e eu tô parado no sinal, ai meu Deus, ai Jesus, cega ele Senhor, cega, cega, não deixa ele me ver não”. Aí o cara bate assim no vidro toc, toc, toc... “Senhor do teu sangue tem poder”, era um irmão da igreja pra dar paz de Cristo. Só pensa coisa ruim, só pensa coisa que não presta, só pensa desastre, só pensa... “Pastor eu tenho tido uns sonhos, sabe, ultimamente eu tenho tido assim uns sonhos, assim pesados. Você sabe o que Deus tá me avisando?” Me conta como é que é a tua vida durante o dia, “ai pastor eu tenho medo de tudo. Tudo, tudo, tudo, eu tenho medo”. Tu quer sonhar o que? O sonho é um dispositivo de descarrego do inconsciente. Você sonha toda noite, sabe por que você não lembra? Porque pra você lembrar você tem que acordar perto do sono REM, que é o ciclo do sono. O sono tem um ciclo e dentro dele tem o sono do descanso. Dos quatro ciclos do sono, um é de descanso e ele roda. Se você sonhar perto do sono REM, que é o sono do descanso, que faz você descansar, ele vai rodando a noite toda o ciclo do sono, e você acordar, você lembra do sonho. E se você acordar em outro ciclo do sono, você não vai lembrar do sonho. Agora, tem sonho que é de barriga cheia, certo? Tem sonho que tá ligado àquilo que mais me prendeu e me chamou a atenção, eu sonho. E tem sonho também que é revelação de Deus, aí já é outra história. Mas só sonha coisa... só pensa coisa... o inconsciente tá lotado de coisa ruim, por isso que Paulo diz em Filipenses 4:8 “quanto a mais, irmãos, tudo que é verdadeiro, tudo que é justo, tudo que é honesto, tudo que é puro, tudo que é amável, se há algum louvor, se há alguma virtude, nisto pensai”. Põe coisa boa na tua mente. Preocupado com tudo, preocupado com tudo, preocupado com tudo, e é “meu Deus do céu, e amanhã, e depois da manhã”. A Bíblia diz “basta a cada dia o seu próprio mal”, está em Mateus capítulo 6, versículo 23 em diante. “Basta a cada dia”, 22 em diante, “basta a cada dia o seu próprio mal”. Basta a cada dia, meu filho, já as demandas da vida. E em último lugar, pra terminar minha palavra, você quer rejeitar a preocupação e viver em paz, sim ou não? Se você quer isso, creia em Deus. Creia em Deus. Marcos 9:23 diz “se tu crê, tudo é possível ao que crê”. Creia, meu irmão, creia. Creia que Deus está no controle, que Ele pode abrir qualquer porta, que Ele pode trazer a vitória,

que Ele pode mudar essa situação da tua vida. Talvez a tua preocupação tenha razão, é um caso sério, é um problema sério, é algo sério mesmo, não é brincadeira. Você tá preocupado, é uma demanda que ultrapassa o teu limite e preocupa mesmo. Mas fale com Ele, diga pra Ele, conte pra Ele, creia nele. Deus tem poder de trazer a solução, Deus tem poder de remover esse problema, Deus tem poder de te dar a vitória e trazer paz ao teu coração. O Salmo 68, versículo 4, diz uma coisa bonita, ele diz assim “Cantai a Deus, cantai louvores ao Senhor. Louvai aquele que vai sobre os céus, pois o seu nome é Jah. Exultai diante d’Ele com louvores”. O nome de Deus é Jah. Você tá aqui, Deus pode fazer o milagre, quando você chegar na tua casa, o milagre tá lá. Você tá aqui, segunda-feira você pode receber um telefonema, uma carta, com a resposta e com o milagre. Creia, o nosso Deus tem poder, aleluia! Louvado seja o nome do Senhor, Ele tem poder pra resolver qualquer problema e trazer paz ao seu coração. Ele é o príncipe da paz. “Eu deixo-vos a minha paz, eu dou a minha paz”, mas não é igual o mundo, uma paz de interesseira, uma paz circunstancial. A paz do Senhor, ela interfere nas circunstâncias. Tudo pode estar pegando fogo em sua volta, mas aqui dentro há sossego interior, há equilíbrio emocional. É isso que o Senhor quer te dar, Ele quer te dar equilíbrio emocional no meio dessa tempestade e desse problema que é real e que traz preocupação mesmo. Mas o Senhor tem a solução pra esse problema e eu tô aqui como profeta de Deus pra dizer isso para você. Deus te trouxe aqui, te colocou diante dessa parede de TV pra dizer pra você que Ele cuida de você, que Ele tem poder, espera em Deus, você ainda o vai louvar, você vai engrandecer. Deus está cuidando disso pra você. Vem resposta de Deus! O nosso Deus é poderoso, o nosso Deus é grande, o nosso Deus é tremendo, Ele é maravilhoso. Creia em Deus e Ele vai trazer paz ao teu coração.

## **Transcrição da PED2**

### **Título do vídeo: Como Vencer a Depressão**

Eu vou falar de um tema, aqui hoje, que é um dos piores males sobre a humanidade. Não respeita idade, não respeita raça, não respeita classe social, não respeita continente. Eu vou falar sobre depressão, como vencer a depressão. Abra sua bíblia em Marcos, capítulo dois, versículos 17. E vou falar de outras coisas muito importantes pra você. Marcos 2:17 diz assim a palavra “E Jesus tendo ouvido isto, disse-lhes: os são não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes”, só até aqui essa parte “os são não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes”. Quem falou isso? Quem falou isso? Jesus. Deixa eu te falar sobre a depressão. A depressão é a melancolia da alma, a tristeza da alma, uma exaustão física, mental e emocional. A depressão junto das doenças do coração são as doenças mais incidentes sobre a raça humana. É, a depressão, por incrível que pareça, a depressão está entre as doenças de maior incidência, mas é a menos diagnosticada. A maioria das pessoas que têm depressão não sabe, e as que sabem, elas não querem aceitar a depressão como uma doença legítima, e por causa disso vão ter uma vida de sofrimento, e por causa disso podem perder oportunidades na vida e estragar relacionamentos. Um outro dado interessante pra você, e eu vou falar isso aqui à luz da bíblia, eu vou te dar uma instrução na bíblia, escuta-me que eu vou te dar uma instrução que eu vou basear também na bíblia. Um outro dado interessante é que as pessoas que têm depressão, e que muitas vezes buscam ajuda, encontra um público preconceituoso desinformado que pensa que o depressivo é deformação de caráter, “não quer trabalhar”, “hum, sair de casa não”, “preguiçoso, preguiçoso”, “não quer trabalhar, não quer vir pra igreja”, “quer fazer nada” (ENUMERANDO NOS DEDOS E IMITANDO VOZES DO OUTRO), hã? As pessoas não entendem que aquilo ali não tem nada a ver com caráter, tem a ver com uma doença. Agora, escutem o que eu vou dizer pra vocês, 15% da população do mundo, pelo menos, em alguma época da sua vida, vai passar por um túnel de depressão; 15% dos homens, em alguma época da sua vida, vão passar por depressão, principalmente na andropausa. O índice nas mulheres é maior, porque as mulheres têm variação hormonal, e principalmente na menopausa. Para poder ser bem simples com vocês, dois tipos de depressão, assim de uma maneira bem simples, a depressão que a gente chama de endógena, isso é, origem interna, glândulas, hormônios, química do organismo, cargas elétricas do cérebro, são chamada a depressão de origem interna. E tem a depressão exógena, ou reativa, que é a depressão de origem externa, tem a ver com as questões que envolve o ser humano nesse mundo, então tem a ver com relacionamentos, tem a ver com perdas, tem a ver com traumas, tem até a ver com o pecado. Pessoas que carregam pecados, sabe? Pessoas que sofrem injustiças. Diversos aspectos que podem produzir um quadro de uma pessoa depressiva. Agora vou dar um outro dado, não fique estarecido, 20% das pessoas que têm depressão e não tratam cometem suicídio. Agora vou te dar um outro dado: 80% das pessoas que cometem suicídio por depressão, ou por qualquer doença mental, poderiam deixar de cometer o suicídio, eu tô falando de 80%, se fossem tratadas. E a gente pensa que quem comete suicídio tudo é diabo, “ê, se matou, esse é o diabo”, negativo, 80, isso é dado, tô dando pesquisa científica, 80% das pessoas, aí você junta que cometem suicídio por problemas mentais ou por depressão, 80% dessas pessoas poderiam ser salvas, se fossem tratadas. Agora eu vou dar pra você os sintomas da depressão, preste atenção pra ninguém sair daqui pensando que está depressivo. Se a maioria dos sintomas, que eu falei? Se a maioria do que eu vou falar aqui, persistir por mais de duas semanas, depressão à vista, você vai ter que buscar ajuda. Então, eu vou dar a lista, não é um, dois, três, quatro, cinco itens, porque os itens fazem parte da nossa vida, mas, se a maioria, do que eu falar estiver ocorrendo com você, depressão à vista. Eu não tive cabeça, não tenho cabeça pra guardar

tudo isso, só guardo alguma coisa, que aí também é desaforo (COLOCA O ÓCULOS PARA LER), eu vou citar aqui pra você sentir os sintomas da depressão, se a maioria deles persistirem por mais de duas semanas. Tristeza constante ou ansiedade em grande parte do tempo, na maioria dos dias. Você vai ver coisas antagônicas na depressão, porque tem gente que pensa que depressão só leva o cara pra baixo, a ansiedade não leva ninguém pra baixo e pode ser um sintoma de depressão, é diametralmente oposto. Presta atenção que você vai ver isso. Sentimento de desesperança, pessimismo, baixa-estima, sentimentos negativos constantes. Sentimentos de culpa, impotência ou inutilidade. Perda do interesse ou prazer em atividades que eram apreciadas, e para os casados, inclusive assexual, o cara não quer nada, e a mulher também não. Olha agora os antagonismos, insônia ou dormir muito, perda da energia, fadiga, aí o contrário, que também pode ser depressão, uma agitação que não pode ser controlada, falta de apetite, agora o contrário, falta de apetite ou perda de peso, ou comer muito e ganhar peso, sentir grande dificuldade em realizar tarefas simples, pensamentos de morte, suicídio, tentativa de suicídio, sente constantemente que a vida não merece ser vivida. Inquietação, irritabilidade, mau humor, nunca se sente relaxado ou disposto. Dificuldade de concentração, de lembrar as coisas, de tomar decisão, decisões, pensamentos negativos. Ansiedade constante que não acaba, preocupação constante com pequenas coisas, isolamento social por causa da dificuldade de ter uma simples conversa, problemas de alcoolismo ou colapso nervoso. Em crianças, aumento da irritabilidade, queixas constantes em relação a problemas físicos, agitação, ansiedade ou pânico excessivo sem motivos. Em adolescentes, aqui estão alguns sintomas, ok? Irritabilidade, drogas, rebeldia, conduta desafiadora, promiscuidade, higiene precária. Cristão, sentem culpa, dificuldade de orar, de ler a bíblia, de louvar, perda da alegria espiritual, se sentem punidos sempre por Deus. Se a maioria desses sintomas estiver em você, o sinal amarelo pra tu, querido, sinal amarelo pra você. Agora eu vou pra um outro dado, por que é tão difícil tratar cristãos com depressão? É aqui que a porca torce o rabo. Por que é tão difícil tratar cristãos com depressão? Sabe por quê? Porque os cristãos têm uma explicação própria para os sintomas e também para a solução. Os cristãos pensam o seguinte: se tem sintoma espiritual, é porque a causa é espiritual e o remédio tem que ser espiritual. Agora, o que os cristãos não sabem, preste atenção cuidadosamente o que eu vou te falar e te explico, a depressão e algumas doenças mentais são as únicas condições clínicas com sintomas espirituais. A depressão e algumas doenças mentais são as únicas condições clínicas com sintoma espiritual. Isso é, na depressão que eu estou falando, o cara não tem vontade de orar, não quer ler a bíblia, não quer vir pra igreja, que sintomas são esses? São espirituais, que não aparecem quando o cara tem problema no olho, problema no osso, problema no coração, problema no fígado. Não quer orar, não quer ler a bíblia, não tem prazer de interagir com os irmãos, não quer vir à casa de Deus. Os sintomas são sintomas espirituais. Só que não é espiritual. Só que o depressivo é um transtorno de humor, é a química do organismo. Não é porque ele tá em pecado, não é porque ele não quer orar, é porque há um transtorno químico no seu organismo que leva o cara pra baixo, que não dá a ele consistência. Por isso, é tão difícil tratar cristãos com depressão, porque você vê um cara desanimado, “ih, eu não...”, e até a própria pessoa, “eu não quero saber de horário, negócio de ler a bíblia, negócio de ir a igreja, não quero saber de igreja, negócio de irmão, de falar com irmão...”, “ih, rapaz, esse cara tá mal, hein?”, “tem que aceitar Jesus de novo, hein?”, “ihh rapaz, o negócio tá feio pro lado dele, hein?”, “hummm”. Mas se ele não faz isso, aí vem o irmão “ah, então eu devo tá com depressão”. Sem vergonha, cara de pau, problema né depressão não, é relaxamento. Muita gente não quer vir à igreja, não quer orar, não quer ler a bíblia, não é por causa da depressão não, eu estou falando da depressão, muita gente é assim porque é relaxado na vida espiritual, mas eu tô falando que o depressivo apresenta esses sinais, que nenhuma outra condição clínica apresenta. Eu vou te mostrar na bíblia, mas antes, perai, perai, perai, deixa eu te falar uma outra coisa, eu não posso deixar passar isso aqui, aí, quase que eu entro em outro tópico, mas isso aqui eu não posso deixar passar. Agüça teu ouvido, os cristãos têm que entender que buscar ajuda médica não enfraquece a fé. Porque meu irmão, se tudo fosse resolvido pelo transcendente, pelo espiritual, quem disse isso aqui foi Jesus “os são não precisam de médicos, mas os doentes”, porque se a gente resolvesse tudo, pegava tudo que é crente, botava em cada porta de hospital, acabava com a medicina. Chegou doente? “Tá repreendido, tá curado, vai embora”, “você, tá repreendido, tá curado”, “você, tá repreendido, tá curado”, “você, tá repreendido, tá curado”, acabava, fechada tudo que é hospital. Jesus arrebitou a boca do balão, minha gente. Você tem que entender que vale pra qualquer doença, vale pra qualquer doença, ou Jesus cura ou pode correr atrás de busca de apoio médico. Nós cremos que Jesus pode curar qualquer enfermidade, mas ele não cura toda a enfermidade. E o que eu acho interessante é que o cristão, se der um problema no olho, ele procurou um oftalmologista, se tiver um problema na garganta, vai no otorrinolaringologista, se ele tiver alguma coisa, se sentindo mal, vai num clínico geral ou num clínico médico, tem problema de coração, vai no cardiologista, mas se tem depressão tem preconceito de buscar um psicólogo ou psiquiatra, porque na cabeça de muito crente é fraqueza espiritual, ou quem procura um psiquiatra é maluco. Existem quadros de depressão que a psicoterapia não funciona sozinha, tem que ter terapia medicamentosa, e só um psiquiatra pode passar um remédio, porque o estágio da depressão, o grau da depressão, tá tão avançado, que não basta uma terapia. Eu vou contar uma história pra vocês, minha, essa minha vida calma que eu tenho, tranquila, eu não brigo com ninguém, não falo nada, não falo contra o ativismo gay, não falo contra a esquerdopata, não tem nenhum processo contra mim, deixa eu ver o que mais, dinheiro sobrando o tempo todo, rapaz, eu vivo, eu vivo com pé fundo no acelerador, lógico, eu não sou Deus, quem viver como eu vivo um dia

aparece um sinal amarelo. Eu vinha ó, no pau, lepo, lepo, lepo, lepo... eu comecei a perder o estresse, a perder sono, dormir duas horas, parecia que eu tava ligado num interruptor, eu dormia duas horas, acordava, ficava de olho arregalado na cama e aquilo começou a perdurar. No Rio de Janeiro tem um pastor que é psiquiatra famoso, doutor Fábio Damasceno. Eu falei “eu vou no Fábio Damasceno”. Cheguei no consultório do Fábio Damasceno, tô sentado, chega um “pastor Silas Malafaia, que é que você tá fazendo aqui?”, quase que eu digo “vim consultar o doutor Fábio”, quase, “eu que vim dar uma consulta pra ele”, quase, minha tolerância tava zero, quase que eu falo “não, eu vim aqui pra pedir uma vitamina de abacate”. “Que que o Senhor tá fazendo aqui?”, eu falei “eu acho que o mesmo que você, vai ser atendido pelo Fábio?”, “é”, aí o cara ficava olhando assim pra mim, como quem diz “será que é ele mesmo?”. Daqui a pouco chegou outro “não acredito, não acredito, não é verdade, Pastor Silas Malafaia?”, “sim”, “que que o Senhor está fazendo aqui?”. Falei (NO SENTIDO DE PENSAR) “tá me provocando, daqui a pouco vou falar uma besteira aqui”, falei “eu vim me consultar com o doutor Fábio Damasceno”. Eu tenho pena da mediocridade de pastores e cristãos. Um pastor amigo meu, que eu sabia que ele tava precisando de ajuda, eu falei “cara, procura um psiquiatra”, “eu? E se alguém me ver lá?”, “então morra, miserável” (RISOS DOS OUVINTES). Aí não, eu perco a linha, aí, aí acabou, vem falar isso pra mim, é meu amigo, eu largo em cima, “então morra”. Eu tô querendo saber o que as pessoas estão achando de mim? Tô preocupado, vão resolver meu problema? Doutor Fábio me consultou e disse “Malafaia, isso aí é estresse que você tem, vamos fazer o seguinte, você toma esse remédio aqui uma semana, no terceiro dia ele vai te pesar, mas continue tomando. Uma semana para, regulariza seu sono e toca a vida. Primeiro, nada. Segundo (FAZ SINAL DE MAIS OU MENOS). Terceiro (CANTAROLA) fui arrebatado, vi os anjinhos, dei até logo pra Abraão, voltei, voltei, é esse aí mesmo (concordando com algo que um ouvinte disse), voltei pra terra. No quarto dia, meu irmão, eu tava chamando urubu de meu louro. Falei “troço do capeta”, eu já tava, não queria sair da cama, eu me lembrava dele dizer “tome sete dias”. No sétimo dia, ah meu Senhor, nunca foi tão difícil levantar de uma cama e caminhar. Parei, regularizou o meu sono, e lógico que ele me deu outras orientações sobre a minha vida estressante. Você não procura ajuda médica só porque os outros vão falar? Só porque alguém vai falar? Tô com pena de você e da sua mediocridade. Você sabia que a depressão, ela se torna crônica, você vai ter uma vida inteira, uma vida toda, como se a vida não merecesse ser vivida? E você pode destruir relacionamentos, pode destruir teu casamento, pode destruir teu emprego. Agora eu vou aqui pra a bíblia, vou mostrar alguns casos de depressão e qual foi a solução, e você vai ver uma coisa sensacional que a bíblia me ensina. A bíblia fala de um salmista, que é o salmista do salmo 42. No versículo 3, ele diz “as minhas lágrimas me servem de alimento todo dia”, sintoma de depressão; no versículo 6 ele diz “que ele está abatido”, no 9 ele diz “que Deus se esqueceu de mim”, mas no versículo 11 ele vai fazer uma coisa, ele vai dar um mergulho dentro de si, “por que estás abatida oh minha alma, por que te perturbas dentro de mim, espera em Deus, eu ainda o louvarei, ele é o meu Deus e a salvação da minha face” (APLAUSOS). Esse salmista saiu do quadro de depressão quando ele deu um mergulho dentro de si. Talvez, talvez, esse seja o seu caso. Talvez se você olhar pra dentro de você, você vai corrigir alguma área da sua vida e vai sair desse quadro de melancolia, de angústia o tempo todo. Não sei se é isso, mas talvez. Um outro camarada que é o profeta Jonas, no capítulo 4, ele deseja morrer, no versículo 3. No versículo 4, ele mostra ressentimento, sintoma de depressão. E no versículo 6, Deus corrige a visão errada dele e ele sai daquele quadro. Agora, teve um homem que se utilizou do maior processo psicoterapêutico do mundo. O que é um processo terapêutico? Você de um lado, o psicólogo do outro. Quando você começa a falar, através da verbalização, você vai botando pra fora emoções negativas, coisas ruins de dentro de você, então, através da fala, começa o processo de cura. Por isso que um camarada vai num psicólogo, fala 50 minutos, o psicólogo fala 3, 4, o cara sai de lá “grande psicólogo, tô aliviado”. O cara falou três minutos, pinçou, espelhou alguma coisa pra você, porque, ao você falar, começa o processo de cura. Agora, presta atenção, quando você vai num terapeuta, o terapeuta vai formular uma hipótese sobre o teu caso, pode tá errado ou pode tá certo, depende da experiência, da técnica, por que você fala e o terapeuta não é onisciente pra saber o que tá dentro de você, então ele formula hipóteses. Agora, olha o que que é oração. Quando você ora, você verbaliza, só que do outro lado tem um Deus onipotente, onisciente, onipresente, que sabe tudo da tua vida. Rapaz, a bíblia mostra processo terapêutico Filipenses 4:6 “não estejais inquietos por coisa alguma, antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pelas orações e súplicas, com ações de graça”, desembucha, desembucha. Quando você for orar, bota pra fora, diz o que que te incomoda, fala, é terapêutico, só que do outro lado tem um Deus que pode intervir e curar você desses traumas e destas problemáticas da alma. Eu vou te mostrar um homem que fez isso e que foi a solução dele, é o salmo 116, o salmo 116 ele inicia pelo final, ele fala a conclusão depois ele conta a história. Ele diz assim: “amo o Senhor porque ouviu a minha voz e a minha súplica, porque inclinou para mim os seus ouvidos, portanto, invocá-lo-ei enquanto viver”, agora ele vai contar a história, “cordéis de mortes me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim, encontrei aperto e tristeza. Então, clamei o nome do Senhor dizendo ‘ó Senhor, livra a minha alma’, aí vai começar o resultado, “piedoso é o Senhor e justo, o nosso Deus tem misericórdia, ele guarda os simples, estava abatido, mas ele me livrou. Volta minha alma para o teu repouso, porque o Senhor livrou a minha alma da morte, os meus olhos das lágrimas, os meus pés da queda. Cri, e por isso falei, andarei perante a face do Senhor na terra dos viventes. Cri, e por isso falei, estive muito aflito”. Olha o emprego do verbo, “estive”, não tava mais. Angústias do inferno, quadro de depressão profunda; livrou a minha

alma da morte, a depressão leva à morte; meus olhos das lágrimas, choro constante; meus pés da queda, ia me arrebentar. Quando eu orei, quando eu busquei a Deus, quando eu clamei, ele me curou do meu quadro depressivo. Agora, filho, eu vou te mostrar na bíblia o Deus que pode resolver tudo com uma palavra, o Deus que pode curar instantaneamente qualquer enfermidade. Eu vou te mostrar Deus usando terapia medicamentosa, psicoterapia e ação espiritual pra curar um cara. Que lição Deus deixa, rapaz, na bíblia. O Deus foi dizer pro profeta “eu te renovo”, tá acabado, só uma palavrinha assim “eu te renovo”, tá acabado. Eu vou citar pra você e vou te mostrar o quadro depressivo, e vou te mostrar Deus fazendo isso que acabei de falar, terapia medicamentosa, psicoterapia e ação espiritual. Se você quiser acompanhar comigo, 1 Reis, capítulo 19. Eu já já vou encerrar. 1 Reis, capítulo 19, eu vou te mostrar os sintomas da depressão. Versículo 4 tá falando do profeta Elias: “e ele se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; pediu em seu ânimo a morte e disse: já basta, ó Senhor; toma agora minha vida, pois não sou melhor do que meus pais”. Primeiro, fugiu pro deserto, isolamento, é um sintoma da depressão, cara quer viver isolado; desejo, perda do ânimo, pediu em seu ânimo a morte, perdeu o ânimo, o agente ativador do ser, desejo de morrer; e versículo 5, a primeira parte, deitou-se e dormiu debaixo de um zimbro, prostração. Agora, escuta essa, a depressão de Elias ela foi desencadeada por Jezabel, ele vinha num processo de exaustão por um povo rebelde, duro, que tava servindo a baal, quando Jezabel diz “eu vou cortar tua cabeça igual tu cortou dos profetas de baal”, essa palavra desencadeou o processo depressivo. Você tá a mil por hora, você tá vivendo um problema, um fato pode desencadear o processo depressivo, foi o que aconteceu com ele. Agora vou te mostrar Deus fazendo terapia medicamentosa com o camarada, porque Deus deixou isso aqui na bíblia, acompanha comigo, versículo 5, a segunda parte, “então um anjo tocou-o e lhe disse: levanta-te e come; e olhou, e eis que à sua cabeceira estava em um pão cozido sobre brasas e uma botija de água; e comeu, e bebeu, e tornou a deitar-se; e o anjo do Senhor tornou a segunda vez, o tocou e disse levanta-te e come porque mui comprido te será o caminho”. O depressivo precisa de proteína, o depressivo precisa de energia, aqui ó terapia medicamentosa, ahn? “Come”... Ele dormiu por prostração, na primeira, agora o anjo deixa ele dormir pra corrigir a exaustão, interessante! A primeira ele dorme porque ele não quer saber, não quer saber da vida, agora não, ele acorda, um dos sintomas da depressão é que o cara perde a fome, ele tava sem comer, come de novo. Aí o anjo vai começar o processo psicoterápico, ele queria morrer, pensou que a vida acabou, o anjo vai dizer pra ele “levanta-te, come, bebe, porque longa será a tua caminhada”, a tua vida não acabou aqui não. Agora a coisa mais sensacional desse texto é o que eu vou dizer agora, Elias, sentado no gabinete terapêutico de Jeová, vou te provar, é lindo a bíblia, olha que coisa linda: versículo 9 “e ali entrou numa caverna e passou ali a noite; e eis que a palavra do Senhor veio a ele e lhe disse ‘que fazes aqui, Elias?’”, e Deus cala a boca, pra ele falar. Isso aqui, rapaz, quem é psicólogo, quem conhece ciências humanas, rapaz, isso aqui é um processo terapêutico incrível: fala! Deus tá fazendo terapia, rapaz, com Elias, fala! Aí ele começa a apresentar a queixa dele, versículo 13, no final de novo “que fazes aqui, Elias?”, Deus tá trabalhando o emocional dele e ele tava o que, uma visão errada, “Senhor, eu sou zeloso”, ó ele começa a expor o que que levou ele a depressão, “não sou eu que fiquei, agora essa mulher que acabar com a minha vida, só eu que fiquei”. Aí Jeová vai corrigir a visão dele: “hein, filhinho, tem 7 mil que não dobraram o joelho, sua visão de vida tá errada, você pensa que só você sofre, você está enganado, tem muita gente sofrendo mais do que você, você pensa que só você tem problema?”. E depois vem a ação espiritual. Deus faz tudo meu irmão, terapia medicamentosa, psicoterapia e ação espiritual, aqui ó, tá tudo aqui, não tem, não tô, eh, não tô forçando barra, não tô inventando nada, versículo 11 e 12, do capítulo 19, “ele disse: Sai para fora, e põe-te neste monte perante a face do Senhor. E eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor; porém o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto; também o Senhor não estava no terremoto; E depois do terremoto um fogo; porém também o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada”, presença de Deus na vida dele. Eu vou concluir a minha palavra dizendo algumas coisas pra vocês. Por que satanás ataca com tanta força pessoas com depressão ou doenças mentais? Por que? Eu te explico. Porque pessoas com depressão e doenças mentais, essas doenças produzem uma desorganização psíquica no ser humano, o que controla você é a tua mente. Você pode tá com o braço machucado, vai pro trabalho, eu, um amigo meu tinha uma secretária com câncer em último estágio, ela falou pra ele eu morro aqui, mas não vou morrer em casa, careca, fazendo quimioterapia, a mulher tava trabalhando. Quando uma pessoa tem depressão, ou algumas doenças mentais, no meu caso aqui é depressão, satanás ataca porque ele sabe que a pessoa tá desorganizada emocional e mentalmente, ela está fragilizada, então ele ataca com força porque desregula todo o ser. Escute o que eu vou falar, se você conhece, você não sabe nem se essa pessoa está com depressão, mas você sabe que essa pessoa vive angustiada, pra baixo, se você quer ajudar uma pessoa estando ou não em depressão, está num vale ou passando por um momento de angústia e tristeza, a palavra chave é em encorajamento. Não vem aqui com espiritualidade imbecil perto de uma pessoa que tá pra baixo, “é, vai piorar, é só o começo”, “olha, eu já vi gente igual a você, mas isso aí é apenas o princípio das dores”, ah, vai pro raio que o parta, um miserável desses, “é meu irmão, é a mão de Deus, hein, vê aí o que que tem aí na tua vida, hein, é Jeová tá tratando com você”, você não tem nada pra dar, cala a boca. A bíblia fala em 2 Coríntios, 7, versículo 5 e 6, “olha, Paulo”, tô falando de Paulo, hein, prateleira de cima, hein, “eu quando cheguei a Macedônia, não tive descanso algum”, olha o que Paulo tá falando, “eu quando cheguei a

Macedônia não teve descanso nenhum, por fora combates, por dentro temores”, aí Paulo vai dizer “Deus, que consola os abatidos, me enviou a Tito”. Deus mandou Tito a Paulo porque Paulo tava pra baixo, pra dar palavras de ânimo a ele. Davi tava fugindo de Saul, que o perseguia implacavelmente, com medo de morrer, capítulo 23, versículo 15, 16 e 17. Jônatas foi ao deserto atrás de Davi, dizendo assim, e Jônatas foi ao bosque onde estava Davi para “fortalecer sua mão em Deus”, Davi tava com medo e Jônatas falou e disse assim “Davi, o reino vai ser teu, meu pai não vai te alcançar, você vai sentar nesse trono”. Agora, olha o que é que Paulo vai falar de um cara, 2 Timóteo, capítulo 1, versículos 16, “o Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, que muito me alegrou nas minhas prisões, porque vindo à Roma me procurou e me achou”. Onesíforo era um contador de anedota gospel, sem maldade, foi atrás de Paulo, procurou onde tava Paulo, sabia que um cara preso tá pra baixo, ele não foi lá esculhambar Paulo, ele fez Paulo sorrir e o nome desse caboco tá registrado aqui na bíblia. Quando Abraão tava pra baixo, em Gênesis 15, Deus fez a mesma coisa. Abraão “ê, eu tô ficando velho, minha velha tá ficando velha, meu mordomo tá ficando velho”, “sai pra fora, sai desse lugar de tristeza, olha as estrelas do céu, vê se as pode contar, assim será a tua descendência”. Deus dá uma visão otimista. Meu irmão, eu preguei aqui ontem e digo de mais um, dois caras que tinham tudo pra ser depressivos, José do Egito, que sofreu perdas, que sofreu injustiça, que sofreu rupturas violentas, que foi esquecido na cadeia, e o apóstolo Paulo. Qual é o segredo desses caras não viver uma vida angustiada, não viver uma vida apreensiva ou pra baixo, esquecer do passado e tocar para frente, nada do teu passado pode travar você, o teu futuro está intacto, e Deus tem coisas grandes pra fazer na tua vida. Eu encerro a minha palavra aqui dizendo pra você que entrou aqui, tá pra baixo, até tomando remédio, anda desanimado da vida, Salmos 50, versículo 15, “invoca-me no dia da angústia, eu te livrarei e tu me glorificarás”. Eu quero te dar uma palavra de ânimo, pra você entender quem é você, Isaías 49:15 “pode uma mulher esquecesse tanto do seu filho, do filho do seu ventre, que não se compadece dele?”, é uma pergunta, amor de mãe é o amor mais poderoso que tem na terra, difícil, mãe visita filho assassino na cadeia, mãe cuida de filho traficantes na cadeia, mas uma mãe, tem mãe desnaturada, que até pode esquecer, pode, uma mulher esquecesse do seu filho, do filho do seu ventre, que não se compadece dele? É possível, aí Deus vai entrar vai dizer assim “ainda que ela se esquecesse de ti, eu, todavia, não me esquecerei de ti”. Deus sabe tudo a teu respeito, Deus conhece tudo da tua vida, Deus sabe tudo do teu coração e Deus tem todas as saídas que a tua vida precisa. E eu termino deixando esse texto de incentivo pra você, Isaías 41:10 “não temas porque eu estou contigo, não te assombres, porque eu sou teu Deus, eu te ajudo, eu te esforço, eu te sustento com a destra da minha justiça”. Eu creio que aqui essa noite, não vou dizer todos, que eu não tenho legalidade nem autoridade pra dizer, eu creio que o Senhor quer curar, se o espírito santo colocou essa palavra no meu coração é que ele quer curar alguns que estão com depressão aqui esta noite. Você sair daqui curado, mas eu tenho que ser honesto, Deus trouxe gente aqui pra abrir a cabeça, pra você procurar ajuda terapêutica e deixar de bobagem, de ter uma vida marcada por tristeza e desânimo. Então, eu vou fazer uma oração, porque eu não sei, mas eu peço que vocês esperem um pouco, eu vou fazer duas orações aqui esta noite, vou terminar esse culto, a igreja de pé. Talvez seu caso não é depressão, você tá numa boa aqui. Eu também não sei se o seu caso é depressão, mas se você está depressivo porque tem de fato uma doença de depressão, mas se você vem vivendo nesses dias, por causa das problemáticas da vida, tempo de angústia, de desânimo, de tristeza, não tô falando que um dia, até eu meu irmão, por favor, por favor, por favor, meu irmão, acontece coisa comigo que eu fico um dia chateado, dois dias, eu fico “puxa sua vida, aconteceu esta porcaria”, fico desanimado, não tô falando disso, por favor, eu não tô falando disso. Se você vem há tempos, ou por depressão ou não, talvez a sua questão depressiva é por culpa de pecado, você não consegue se perdoar ou não consegue liberar perdão pra quem te fez mal, não sei. Eu não sei se você tem um quadro depressivo, diagnosticado ou não, eu não sei se isso não é depressão, é momentos da sua vida, desse tempo que você está vivendo e que tem levado você pra baixo, eu quero fazer uma oração por você. Eu creio que Jesus cura, mas também sei que ele não cura tudo. Se ele não te curar aqui e você tem dúvidas se o que você tá é depressão ou não, procure ajuda, procure ajuda. Mas eu vou fazer uma oração, o Senhor está aqui, o Senhor está aqui, o Jeová Rafah, o Senhor que cura está aqui. Se você está dentro disso que eu falei, ou por depressão ou não, mas que você está vivendo tempos de tristeza, de desânimo, não tô falando porque acordou hoje “ai, pastor, acordei desanimado”, fica no seu lugar pelo amor de Jesus. “Não, tô meio desanimado, porque eu tô aqui com uma enfermidade, uma gripe forte”, ah, vai tomar cibione, tô falando disso não, meu irmão, tô falando desse negócio não. Vem aqui à frente. Tá com vergonha? Tá com medo? Venha, vou orar por você. Na, na, não, ô, ô, psiii, pessoal da, pessoal da BBBB(?), vocês aqui que trabalham, não tô fazendo apelo pra aceitar Jesus, obrigado viu, esse povo é muito bom. Não tô perguntando se é crente, se não é crente, não tô perguntando da sua fé, da sua igreja, eu quero orar por você. Foi Deus que te trouxe aqui, filho (pausa), filha. Deus trouxe aqui. Vocês estão vendo porque Deus me levou a pregar essa mensagem? Podia ser eu e você, eu fui feito do mesmo material que você. Aqui na frente tem crente fiel a Deus, que teme a Deus, que obedece a Deus. “Ô, irmão, você tá assim porque você tá fraco na fé”, santa ignorância. Aqui tem gente fiel, aqui tem gente que ora. Eu vou orar por você. Vou repetir, se o que está em você perdura há muito tempo, se Jesus não te curar nesses dias, procure ajuda médica, procure ajuda terapêutica. Mas eu creio, tem gente que tá aqui que toma remédio por causa de depressão, vai acabar hoje, em nome de Jesus. Gente vai parar hoje. Agora, por favor, todo crente doente tem uma mania, crente doente é uma coisa linda, não toma mais remédio. Preste atenção, os sintomas

desaparecem, você vai ver cessar pra você tomar essa decisão, “não, tô aqui pra baixo, mas não vou tomar, tu tá repreendido”, não faça bobagem, você tem que ter a convicção pelo seu próprio organismo, por aquilo que você sentia não sente mais. “Ô, pastor, se eu não tomar um remédio eu não durmo direito”, então é sinal que você não foi curado. “Pastor, eu vou dormir a noite mais linda da minha vida”, opa, é um grande sinal. “Ih, rapaz, eu acordo pra baixo. Acordei amanhã, caraça, tô com vontade de lutar com leão, ouou, bom sinal. Eu creio que Jesus vai curar gente aqui. Estende a sua mão em direção a ele, coloque sua mão assim (mostra como fazer). Senhor, Senhor, teu nome é Jeová Rafah, o Senhor que cura. A tua palavra diz que em teu nome porão a mão sobre os enfermos e os curarão. O teu nome é maior do que qualquer enfermidade. Em nome de Jesus cristo, eu declaro toda essa depressão tá repreendida da tua vida, toda essa angústia que perdura tá cancelada da tua vida. O Senhor renova tuas forças, o Senhor renova teu ânimo, um novo tempo de Deus pra você, tempo de vontade de trabalhar, de servir a Deus, de fazer as coisas, de lutar por vitórias, eu declaro: receba saúde agora, em nome de Jesus! Amém! O Senhor te dê saúde, o Senhor te dê saúde, o Senhor renove teu ânimo, toda essa angústia, tudo isso de pensar coisa ruim saia da tua mente, seja liberado, seja liberto, seja curado, em nome de Jesus! Volte pro seu lugar, por favor, por favor, volte pro seu lugar, ainda de pé, mais três minutos, por favor. Aleluia, há cura aqui nesse lugar, há libertação de angústia aqui nesse lugar, você não foi feito pra viver de cabeça baixa, andando pra baixo. Agora vou fazer uma oração, psii, preste atenção, a minha segunda oração pra encerrar. Deus te trouxe aqui, Deus te trouxe aqui. Você pensa que foi o convite que viu na internet, porque me viu falando na TV, porque o irmão te convidou, porque um amigo te convidou, estes foram apenas instrumentos, o agente por trás do pano de fundo é Deus. Deus trouxe você aqui sabe por que? Porque Deus quer fazer uma coisa muito maior do que curar de uma depressão, ou de uma doença. Deus quer curar você de uma coisa, e vou usar a linguagem da cura, que médico, nem pastor, nem religião, nem ninguém pode fazer, perdoar teus pecados, transformar tua vida. Deus trouxe pessoas aqui que estão afastadas do evangelho, você está correndo perigo, tu sabe o que eu tô falando. Deus trouxe pessoas sinceras e honestas que têm fome de Deus, fome da verdade, a verdade não sou eu, nem o papa, nem a minha igreja, a verdade é Jesus. Se você entregar sua vida a ele, você vai ser uma nova pessoa, ele vai transformar sua vida em detalhes, e você vai viver uma outra dimensão que você não viu até aqui. E eu vou declarar pra alguns que estão aqui, a bíblia diz que a gente tem que considerar a bondade e a severidade de Deus, duas coisas, bondade e severidade. Deus é bom, incomparável. Deus é amor, incomparável. Deus é compaixão, incomparável. Deus é misericordioso, incomparável. Mas Deus é justiça. E Deus tem uma régua certa de medir justiça. “Ê pastor, eu vivo fora da igreja mas até agora não aconteceu nada”. Ah, é, e você pensa que isso é salvo conduto pra você pecar? Tô com pena de você. Deus te trouxe aqui pra você voltar pra Jesus, meu chapa. Se ele vai te dar uma outra oportunidade eu não sei. Eu só sei que ele está te dando agora e se eu fosse você não jogava ela fora. Você precisa voltar pra Jesus, um monte de coisa tá acontecendo na tua vida porque você tá longe, porque você tá brincando de igreja, vive em pecado, na maior cara lavada dentro da igreja, mas tá vivendo em pecado. Cê quer realmente ter compromisso com Deus? Cê quer voltar pra Jesus? Cê realmente quer entregar sua vida a ele, amigo? Cê quer ter uma experiência pessoal, nan, não sou eu não, é você com Deus. Deus quer se revelar a você. Deus é um Deus que se revela pessoalmente. Eu não vou obrigar ninguém, não vou puxar ninguém, ninguém vai te trazer pelo braço, aí não, porque isso não vale. O Deus todo poderoso diz assim “filho meu, dá-me o teu coração”, Deus não obriga ninguém a segui-lo, mas essa voz que tá aí dentro de você é o espírito santo dizendo pra você “é hoje o dia, esse é o dia, eu te trouxe aqui, volte, venha pra mim”. Se você quer ter um encontro com Cristo, não tô convidando crente pra receber oração, fique no seu lugar, por favor. Não estou convidando crente que precisa de renovação espiritual, fique no seu lugar. Não estou preocupado com número. Eu quero convidar pessoas que querem entregar sua vida a Cristo e pessoas que estão afastadas, não é fria, afastadas, gente até que já foi excluído do rol de membros de igreja evangélica. Sai do seu lugar, peça licença onde você está, vem aqui na frente que eu vou orar por você. Não vou demorar muito não, meu filho, se quer é agora, vamo, venha, não tenha medo, isso, venha, venha, vamos, eu quero orar por você. (APLAUSOS) Eu quero orar por você, venha. Volta pra Jesus, meu filho, volta pra Jesus, minha filha. Deus já levou sua mãe, né? Mas era uma intercessora, né? É por isso que o diabo não desgraçou sua vida, mas há um tempo de Deus pra você e esse é o tempo de você voltar, esse é o tempo de você voltar pra Jesus, volte volte, venha, volte, entregue sua vida a ele. Eu vou terminar esse culto, queridão. Eu vou terminar esse culto, querida. Ninguém sabe um minuto daqui pra frente. Deus sabe. Eu não sei, Deus sabe. Eu vou dar um minuto e vou orar, tá faltando você. Deus tá tratando com pessoas aqui, o espírito santo tá falando com pessoas aqui. Deus quer mudar sua história, mudar sua vida, Deus quer fazer um reboição na tua família através de você, Deus vai mudar a história da tua casa através de você, venha, venha, venha, venha. Peça licença, meu filho, a fila toda vai sair pra tu vim, mas venha. Pede licença, ninguém aqui te salva, ninguém aqui se transforma, ninguém aqui te liberta, ninguém aqui muda a sua vida, só Deus. Eu não posso perdoar ninguém, eu não posso mudar ninguém, só Deus. Nós vamos orar por essas pessoas aqui. Filho, filha, fale com Deus, peça pra Jesus entrar na sua vida, ele tem uma grande obra na sua vida, Deus vai mudar o rumo da tua vida, Deus vai mudar tua história. Estende a mão sobre essas pessoas. Senhor, eu entrego essas vidas nas tuas mãos, eu declaro um novo tempo, eu declaro uma nova vida, pelo poder da tua palavra e do nome de Jesus. Transforma liberta, muda, restaura, levanta, ó Senhor,

pelo teu poder, pelo teu poder, pelo teu poder, na autoridade do nome de Jesus seja liberto, seja transformado, ó Senhor estende as tuas mãos no nome de Jesus, eu declaro a bênção e a vitória, amém e amém!